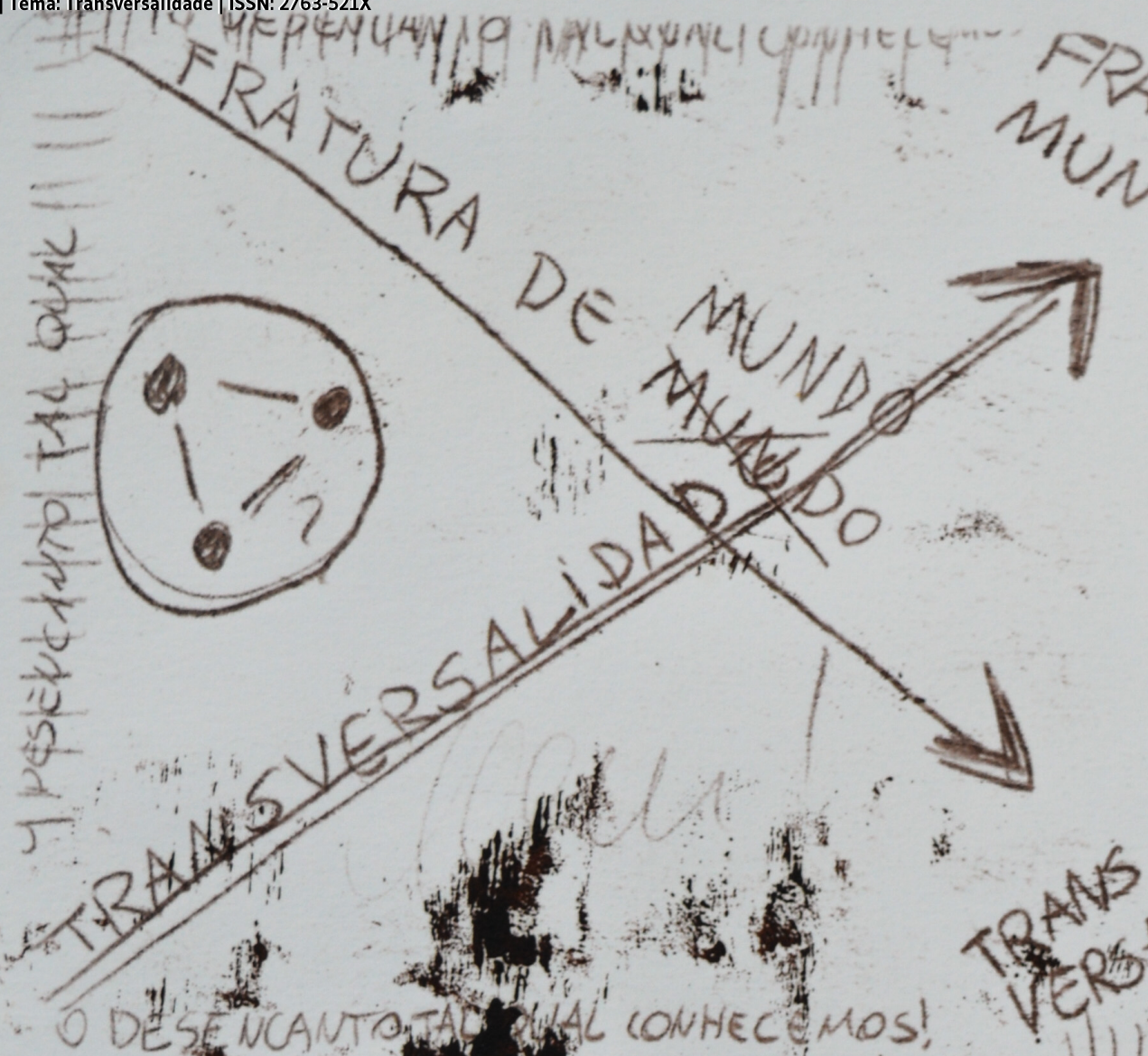


Lucía

revista feminista de cultura visual e tradução

v.1 n.1 | Edição março/2021 | Tema: Transversalidade | ISSN: 2763-521X

Ana Raylander Mártis dos Anjos - Série Trabalhos Escolares, 2018



Expediente

Lucía

Revista Feminista de Cultura Visual e Tradução

Ano: 2021

Periodicidade: anual

ISSN: 2763-521X

Volume I

Número I

Corpo Editorial

Editoras

Daniella Avelaneda Origuela e Fernanda Grigolin

Identidade visual

Caio César Paraguassu

Manual de estilo e revisão

Lígia Marinho

Capa de Lucía e capa das seções

Ana Raylander Mártis dos Anjos - Série Trabalhos Escolares, 2018

Conselho

Angela Roberti (Uerj)

Denise Camargo (UnB)

Fausto Gracia (UAQ/México)

Paola Marugán (UAM/México)

Laura Fernández Cordero (Cedinci/Argentina)

Luciana Carvalho Fonseca (USP)

Maria de Fatima Couto Morethy (Unicamp)

Maria Teresa Mhereb (USP)

Val Sampaio (UFPA)

Pareceristas

Alejandra Gorráez Puga

Carla Borba

Catalina Pérez Melendez

Charlene Bicalho

Claudia Mayer

Elenildes Dantas

Ingrid Souza Ladeira de Souza

Rafaela Jemmene

Silvia Ferreira Lima

Wander Wilson Chaves Junior

Tenda de Livros

@tendadelivros

contato@tendadelivros.org

SUMÁRIO

EDITORIAL

Cultura visual e arte: sexualidades e feminismos

PENSAMENTO POR IMAGEM: EVENTO SEXUAL-RACIAL CIENTÍFICO

Marina Feldhues p. 7

DES/APRENDIENDO EL PASADO PARA FUTUROS DIFERENTES
UNA LECTURA DE TAROT EN EL MES VIII DE 2020 (EN AÑOS TERRÍCOLAS)
INVASORIX p. 17

SEX 2018

Fabiana Faleiros p. 24

ARTE E VIDA COMO “CHAMAS GÊMEAS DA REVOLTA” NA OBRA DE EMMA
GOLDMAN

Larissa Tokunaga p. 34

A FOTOGRAFIA COMO UM CAMINHO PARA O FAZER COLETIVO:
DESCOBRINDO A IRREVERÊNCIA DE SER – E VER – COM MULHERES
LATINO-AMERICANAS

Roberta Navas Battistella p. 44

PARTIR DE SÍ... FORJAR Y ANDAR EL CAMINO DE LA PRODUCCIÓN DE
NARRATIVAS SOBRE LA ACCIÓN POLÍTICA ARTÍSTICA FEMINISTA

Ana Maria Castro Sanchez p. 57

Especial: narrativa Gráfica

COBRA, ERCÍLIA NOGUEIRA

Aline Lemos p. 69

Imagem e tradução: movimento e transdisciplinaridade

SOLUNARES

Beatriz Regina Guimarães Barboza p. 83

CUANDO EL AMOR MUERE: COTEJO VISUAL COM MARIA LACERDA DE MOURA

Fernanda Grigolin p. 87

ANARCHISM AND TRANSLATION THROUGH THE WRITINGS OF THE SOARES
SISTERS

Amy Jo Westhrop p. 95

VISUALIDADES CUÍR, IMAGINÁRIOS SOBREVIVENTES, DE RÍAN LOZANO DE
LA POLA

Tradução de Daniella Avelaneda Origuela p. 104

EPISTEMOLOGIA RUMINANTE, DE LUCRECIA MASSON CÓRDOBA

Tradução de Sigrid Beatriz Varanis Ortega p. 121

QUANTO CUSTA UMA LÍNGUA? NOTAS SOBRE PRÁTICAS DE TRADUÇÃO
DESDE DENTRO DO PROJETO DECOLONIAL

Julia Raiz p. 130

Dossiês

(ANARCO)TRANSCRIÇÃO

Mirna Wabi-Sabi p. 141

SYLVIA PANKHURST

Maria Teresa Mhereb e Helena Barbosa p. 164

Projetos convidados

A PROMESSA COMO PROCEDIMENTO ARTÍSTICO

Ana Raylander Mártis dos Anjos p. 178

POR MAIS MULHERES NEGRAS NA BIBLIOTECA!

MNB – Mulheres Negras na Biblioteca p. 180

Legados e transdisciplinaridade

“DESPIERTA, MUJER, DESPIERTA”: RECONOCER EL LEGADO DE
MARÍA CAMBRILS E IMAGINAR JUNTAS UNA CIUDAD DE LAS MUJERES

Paola Marugan p. 197

HIP-HOP E ANTIPROIBICIONISMO: AS MULHERES DO RAP E O DEBATE
ANTIPROIBICIONISTA NA CIDADE DE SALVADOR

Camila Negretta Moreira p. 207

A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE A PARTIR DE VOZES-MULHERES:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA ABORDAGEM DO TEMA SANEAMENTO
BÁSICO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Brenda Iolanda p. 214

EDITORIAL

Lucía 1: Um lugar de tradução como movimento visual ou um lugar visual como movimento de tradução

Existe relação entre a tradução com a cultura visual? Lucía nasce como uma revista feminista de cultura visual e tradução. A primeira edição olha para a visibilidade e a tradução de forma transdisciplinar e como lugares moventes.

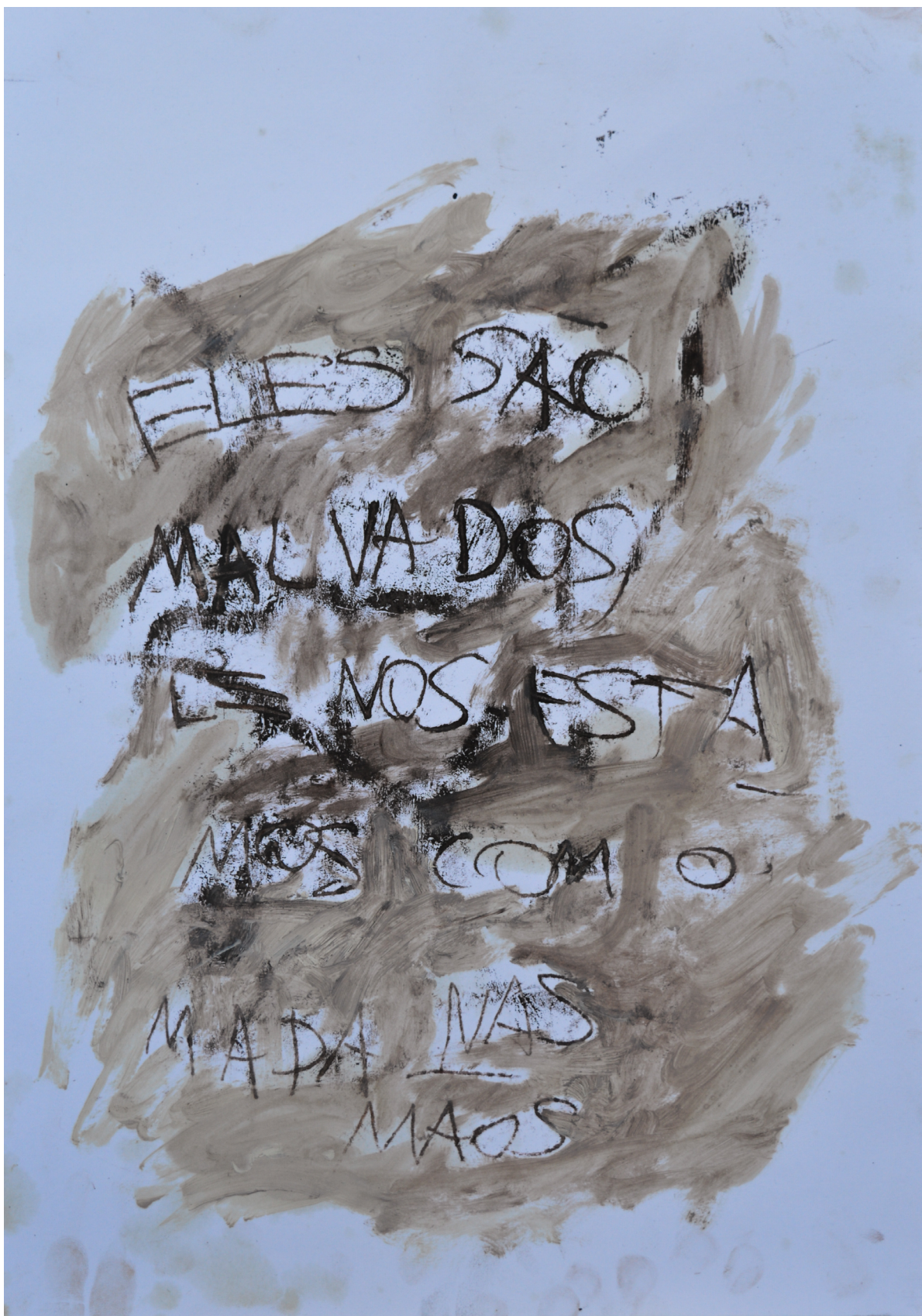
São vinte participações divididas entre textos acadêmicos, dossiês e projetos convidados. A edição foi pensada entre zonas de aproximações e distanciamentos e ao primeiro olhar, aparentam ser díspares, mas olham e traduzem.

Pensamento de imagem, feminismo interseccional, anarquismo, socialismo, fotografia, sexualidade, corpos trans e não binários, perspectivas decoloniais, anti-coloniais e cuir convocam o olhar para as transversalidades das páginas virtuais de Lucía.

Os textos e imagens atravessam questões pertinentes à tradução e suas perspectivas políticas e de linguagem, bem como seu âmbito cultural. É aqui que a cultura visual embala e versa em imagens e tipografias o próprio fazer da tradução.

Referências essenciais para nós, como as mulheres anarquistas — Emma Goldman, Irmãs Soares e Maria Lacerda de Moura — também estão aqui, pois Lucía nasceu para homenagear essas mulheres e imaginar com elas em palavra, imagem e tradução outras formas de viver, estar no mundo e habitar as corpos.

Daniella Avelaneda Origuela e Fernanda Grigolin



*Cultura visual e arte:
sexualidades e feminismos*

PENSAMENTO POR IMAGEM: EVENTO SEXUAL-RACIAL CIENTÍFICO

Marina Feldhues [1]

Resumo

Este artigo é um exercício de pensar por imagens. Por meio de uma composição heterocrônica de eventos singulares no tempo, produzo uma imagem chamada “evento sexual-racial científico”, a qual torna visível as relações entre a dominação colonial, patriarcal e racial na violência total praticada contra o corpo de mulheres negras, sob justificativas científicas. Para a elaboração do artigo nos inspiramos no conceito de imagem dialética de Walter Benjamin e na apropriação que a filósofa Denise Ferreira da Silva faz desse conceito para abordar questões coloniais e raciais.

Palavras-chave: imagem; colonial; racial; mulher; científico; pensamento.

Introdução

Pensar nas relações entre o colonial, o racial e a imagem é pensar sobre aquilo que vem se repetindo no tempo, continuamente acontecendo de novo, de novo, e de novo, à exaustão. É pensar sobre os eventos raciais (SILVA, 2016). Isto é, sobre as reencenações dos roteiros de violência total sobre a carne des escravizadas de ontem e des subalternizados racializados de hoje.

A filósofa Denise Ferreira da Silva (2007, 2016, 2019) ensina que o tempo (cronológico) não é a dimensão mais apropriada para perceber os eventos raciais. A professora de artes Diana Taylor (2013), por sua vez, nos propõe observar os roteiros de cada acontecimento, isto é, observar os elementos, os atores em cena e as suas ações, inações, gestos, discursos etc. Ao observar o roteiro, podemos perceber como o outrora se atualiza no agora da nova encenação, “o roteiro ativa o novo ao conjurar o antigo” (TAYLOR, 2013).

Pois bem, começo este artigo por meio da seleção e descrição de três acontecimentos singulares, separados no tempo, portanto não relacionados em termos de sequencialidade causal. Como lê-los? Inspirada no pensamento poético ou imaginação composicional proposto por Silva (2016), a partir de suas leituras de Walter Benjamin (2012, 2018), proponho a realização de uma leitura poética ou imaginativa

1 Doutoranda do curso de Comunicação da UFPE, e-mail: marinafeldhues@gmail.com.

que torne visível o que é semelhante ou o que se repete nesses eventos, lidos como roteiros. Para, a partir da imagem criada, refletir sobre as questões coloniais e raciais que estão sendo expressas.

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade [2]. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não de natureza temporal, mas imagética. Somente imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens não arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura. (BENJAMIN, 2018, p.768)

Este artigo, portanto, é um exercício de pensamento por imagem. Uma imagem que possibilite ver de que modo as relações profundas entre o colonial (momento jurídico-econômico-social) e o racial (momento simbólico) são reencenadas ao longo do tempo. Sendo assim, os eventos que descrevo compõem uma imagem, a qual chamo de “evento sexual-racial científico”. Antecipo que vejo nela a implicabilidade profunda (SILVA, 2019) entre a violência total sobre a carne [3] de mulheres racializadas, as justificativas científicas e o capital.

Os eventos

Em setembro de 2020, li nos jornais a denúncia, feita por uma enfermeira estadunidense, de que estava havendo casos de remoção de útero e outros procedimentos de esterilização em mulheres imigrantes, em sua maioria latino-americanas, detidas no estado da Geórgia, nos Estados Unidos [4]. O *Project South*, uma organização por justiça social estadunidense, tem disponível em seu *site* [5] um dossiê sobre os centros de detenção para imigrantes na Geórgia. No dossiê, podemos ler alguns depoimentos de detentos e detentas, denunciando as más condições de cuidados com saúde nesses centros, como, por exemplo, a falta de pré-natal para as imigrantes gestantes.

Ao ler a notícia acima, quase imediatamente me recordei de que em junho desse mesmo ano havia sido publicado no *American Review of Political Economy* um

2 Para Benjamin (2018), a imagem é “dialética na imobilidade”. Para Silva (2019) a imagem é antidialética. Para ambos os autores, a função da imagem é parar o fluxo do tempo cronológico. Pensar por imagens é pensar contra a flecha do tempo.

3 Utilizo o termo “carne” para ressaltar a fisicalidade do corpo.

4 Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/09/16/enfermeira-relata-remocoes-de-utero-e-negligencia-em-centro-de-imigracao-nos-eua>> Acesso em 4 out. 2020.

5 Disponível em <https://projectsouth.org/wp-content/uploads/2017/06/Imprisoned_Justice_Report-1.pdf> Acesso em 4 out. 2020.

estudo sobre o programa de esterilização em massa de mulheres racializadas na Carolina do Norte no período de 1958 a 1960 [6]. O estudo afirma que a prática eugênica era apoiada pelo Estado e se baseava no pressuposto da inferioridade genética e produtiva das populações negras, afetando principalmente as mulheres assim racializadas por homens e mulheres brancos ocidentais [7]. A esterilização dessas mulheres tornou impossível a realização dos desejos das que, entre elas, pretendiam um dia engravidar. Foi uma violência total não só contra a carne daquelas mulheres negras, mutilando-as, mas também contra suas possibilidades de futuro. Foi uma violência física e psíquica, espacial e temporal: uma forma de controlar o que elas podiam ou não fazer, ser e realizar em vida.

Neste documento, consideramos que as esterilizações eugênicas em North Carolina foram feitas sob medida para atender a um objetivo específico da política eugênica – eliminar uma população excedente, indesejável, e presumivelmente geneticamente imprópria e improdutiva. Uma população excedente é vista como um excesso de população acima de uma população de pobreza sustentável em uma jurisdição política. A população pobre sustentável, pelo menos da perspectiva dos funcionários da política eugênica, poderia ser determinada pela taxa de pobreza, pois a pobreza desencadeia a demanda por gastos públicos para manter o sustento de pessoas fora da força de trabalho. Neste contexto, como estar fora da força de trabalho está associado a indivíduos que não produzem nenhum produto do mercado, a esterilização eugênica pode servir como um método para minimizar os gastos com a pobreza que mantém uma população excedente geneticamente imprópria e improdutiva, e impedir que ela transmita tais características hereditárias aos descendentes biológicos, que constituiriam um fardo no futuro. (PRICE; DARITY JR; SHARPE, 2020, t.n.)

Cerca de 150 anos antes dos eventos da Carolina do Norte, Sarah “Saartjie” Baartman (1789-1815) era atração de palco em Londres e Paris, sob o pseudônimo de *Vênus* ou *Ninfa Hotentote*. “Sarah foi levada para a Inglaterra, em 1810, por um agricultor bôer da região do Cabo, África do Sul, e por um médico” (HALL, 2016). Ela se tornou famosa, não apenas como atração de espetáculo, mas também no meio científico entre naturalistas e etnólogos “que mediram, observaram, desenharam, escreveram tratados eruditos, fizeram modelos e também moldes, de cera e gesso, e analisaram cada detalhe de sua anatomia, morta e viva” (*Id*, p. 203). Ela foi coisificada, fetichizada como exótica, reduzida à condição de natureza e transformada em objeto digno de estudos científicos, em virtude de sua diferença biológica e cultural em relação à mulher branca europeia, a qual, por sua vez, é inferiorizada em relação ao homem branco europeu, o sujeito-norma na escala hierárquica de valor da civilização ocidental (SILVA, 2007, 2019).

6 Disponível em <<https://www.arpejournal.com/wp-content/uploads/sites/2/2020/06/BreedingOutVol-15No1-1.pdf>> Acesso em 4 out. 2020.

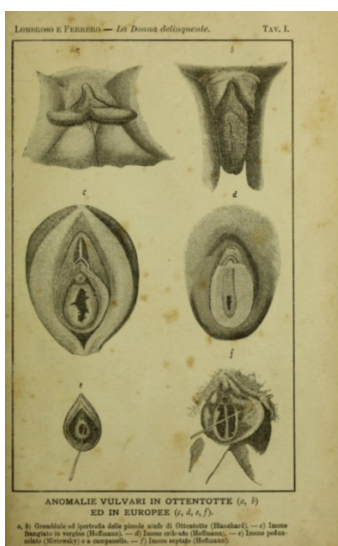
7 Neste contexto, europeus e estadunidenses.

Crenshaw (1993), Lugones (2020) e Grosfoguel (2012) ajudam a entender que as opressões sofridas por mulheres racializadas ocorrem numa intersecção entre o gênero e a raça, os dois eixos estruturais de dominação do sujeito ocidental. O sistema patriarcal moderno colonial considera a mulher branca como inferior ao homem branco (o sujeito ocidental por excelência). Contudo, ambos, mulher e homem, são tidos por humanos na classificação simbólica do sistema de raças. Do outro lado do abismo da hierarquia racial, as mulheres racializadas são consideradas como não-humanas e inferiores aos homens racializados (igualmente não-humanos) em virtude do sistema patriarcal.

Como não-humana, nas dicotomias do pensamento moderno ocidental, Sarah foi lida como coisa da natureza (fêmea) e não como sujeito da cultura (mulher). “As fêmeas não brancas eram consideradas animais no sentido de seres ‘sem gênero’, marcadas sexualmente como fêmeas, mas sem as características da feminilidade” (LUGONES, 2020). Sendo assim, Sarah foi:

[...] comparada aos animais selvagens, como o macaco ou o orangotango; não à cultura humana. Essa naturalização da diferença era representada, sobretudo por sua sexualidade. Ela foi reduzida a seu corpo e este, por sua vez, resumido a seus órgãos sexuais, que passaram a ser significantes essenciais de seu lugar no esquema universal das coisas. Nela natureza e cultura coincidiam [...] O que era visto como uma genitália sexual “primitiva” dava significado a seu apetite sexual “primitivo” e vice-versa. (HALL, 2016, p. 204-205)

Figura 1 – página do livro *La donna delinquente: la prostituta e la donna normale*



Fonte: LOMBROSO, 1893.

As imagens do livro *La donna delinquente: la prostituta e la donna normale* (1893) do psiquiatra, cirurgião, criminologista, antropólogo e cientista italiano Cesare Lombroso (1835-1909) atestam o descrito por Hall acima. Na *Figura 1*, página do livro de Cesare, veem-se desenhos da anatomia da genitália da Sarah. A legenda da imagem

é clara quanto à leitura realizada de seu corpo pelo cientista europeu: “anomalia”.

Observe que o criminologista não apenas compara a anatomia da genitália de Sarah a uma entendida como norma, como associa àquela um caráter moral “delinquente”. A imagem produzida a partir de moldes do órgão sexual de Sarah, e associada à legenda, produz aquilo de que Mirzoeff (2011, p. 476) vai nomear de visualidade: “uma prática discursiva de manipulação e regulação do real que produz efeitos materiais”. Que efeitos a associação, feita por um homem da ciência, entre a anatomia de uma mulher negra (imagem) e o seu caráter (sentido) pode produzir? De que modo os eventos da Carolina do Norte se relacionam a esses efeitos? O que farei a seguir é tentar responder a essas questões.

A leitura

O primeiro acontecimento descrito, por ainda estar na fase de denúncia, não será mobilizado em nossa interpretação poética, ele é o gatilho disparador do processo de rememoração que nos trouxe aos outros dois apresentados na sequência. Quanto a estes, como ler acontecimentos tão distantes no tempo como os acontecimentos da Carolina do Norte e o de Sarah? Observando os elementos idênticos, semelhantes ou correspondentes.

No roteiro dos dois eventos estão presentes mulheres negras, homens da ciência, do Estado e do capital. Na Carolina do Norte estão presentes mulheres afro-americanas, as quais são descendentes de sujeitos sequestrados do continente africano e, posteriormente, expropriados de sua capacidade produtiva para fins de geração de lucro para colonos capitalistas brancos ocidentais nas Américas (SILVA, 2019). Segundo o artigo do *American Review of Political Economy*, as mulheres foram esterilizadas por serem consideradas geneticamente inferiores e improdutivas. O fato de elas serem consideradas como não geradoras de lucro para o capital, ou ainda custosas para o Estado, por serem pobres, se junta à justificativa científica racista de sua inferioridade em relação à norma genética da mulher branca ocidental.

A violência contra a carne dessas mulheres negras estadunidenses dá a ver a relação implicada entre o capital, o racial, o gênero e a ciência. Elas são consideradas inúteis para o capital em virtude de sua defasagem econômica. A ciência justifica que tal defasagem econômica se relaciona a sua inferioridade genética, assim, é um problema natural. Elaborado tal argumento, o Estado permite a violência total contra elas. Os homens da ciência, médicos e cirurgiões, realizam, então, os procedimentos de esterilização, eliminando a possibilidade de essas mulheres gerarem vida, afinal tal vida seria igualmente inútil, já que se trata de uma “defasagem econômica genética”. O valor dessas mulheres é medido na encruzilhada entre o capital e a escala simbólica do corpo da mulher branca. Noutras palavras, a diferença racial biológica está profundamente implicada na condição econômica dessas mulheres negras. É

nessa interseccionalidade de opressões (CRENSHAW, 1993) que sua carne é violada.

Sarah, por sua vez, é trazida diretamente do continente africano para ser atração de espetáculo na Europa e, assim, gerar lucro para os capitalistas ocidentais. O antropólogo e zoólogo alemão Johann Blumenbach (1752-1840) foi um dos responsáveis pela classificação dos seres humanos em raças, de acordo com a tonalidade da pele (diferença biológica) em relação estreita com aspectos morais e intelectivos. Seu livro *On the Natural Variety of Mankind* (1775) serviu de base para a ciência da antropometria. Esta partia do pressuposto de que as diferenças (morais e intelectivas) estavam codificadas no visível do corpo humano. Tal ciência, por sua vez, serviu de base para a criminologia de Cesare Lombroso. Foi no âmbito dessas incipientes ciências que o corpo de Sarah foi invadido, fragmentado, moldado, manipulado e lido. Ela foi considerada de primitiva e selvagem à delinquente e anormal ao longo do séc. XIX. Como primitiva, à Sarah era atribuída uma existência no passado. O tempo ao qual ela era fixada se projetava sobre o espaço (de fora) de onde ela procedia, a África do Sul.

Com o espaço e o tempo assim projetados um no outro, “ali” tornou-se “outra”, e o mais remoto (medido a partir de uma espécie de meridiano de Greenwich da civilização europeia) tornou-se o mais primitivo. Esse mapeamento do primitivo era manifestamente racista: no imaginário branco ocidental sua localização era sempre escura. Porém, ele persiste tenazmente, porque é fundamental para as narrativas da história-como-desenvolvimento e civilização-como-hierarquia. (FOSTER, 2017, p. 164)

Sarah, mencionei, teve seu corpo coisificado e fragmentado em partes colecionáveis. Tal procedimento é lido por diferentes pensadores como projeção das fantasias do sujeito homem branco ocidental que nega em si aquilo que projeta no outro por ele racializado. Fanon (2008) fala sobre a experiência de ser objetivado pelo olhar do sujeito branco: “o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu” (FANON, 2008, p. 103).

Para Gilman (1985) toda a estereotipização sexual-racial resulta igualmente da projeção do sujeito branco que rejeita em si o que atribui a outrem. Hall (2016) fala da fetichização do corpo, processo pelo qual este é desmontado, transformado em objeto. “Esta substituição do todo pela parte, de um sujeito pela coisa – um objeto, um órgão, uma parte do corpo – é o efeito de uma prática representacional muito importante, o fetichismo” (HALL, 2016, p. 205), o qual envolve a realização de um desejo e ao mesmo tempo a sua negação. Foster (2017) discute o problema da projeção e fala da permanência do que chama de “fantasias primitivistas” nas mentes e práticas sociais dos sujeitos ocidentais e, acrescento, ocidentalizados [8]:

8 Por “ocidentalizado” considero todos os sujeitos de regiões globais submetidas a processos de colonização, tal como o

[...] essa associação entre o primitivo e o pré-histórico e/ou pré-e-dipiano, o outro e o inconsciente, é a fantasia primitivista. Ainda que reavaliada por Freud, segundo o qual nós neuróticos também podemos ser selvagens, ou por Bataille e Leris ou Senghor e Cesáire, segundo os quais essa alteridade é a nossa melhor parte, essa fantasia não é desconstruída. (FOSTER, 2017, p.164-165)

Além do argumento das fantasias primitivistas, sexuais-racistas, do imaginário do sujeito branco ocidental evidenciado na atribuição simbólica de inferioridade e na coisificação dos corpos dessas mulheres negras, gostaríamos de ressaltar mais ainda a vinculação entre o capital e o racial que estes dois eventos nos possibilitam visualizar. A racialidade, como mencionamos ao apresentar a teoria da raça de Johann Blumenbach, é uma categoria científica produzida na Europa pós-iluminista e que produz efeitos até hoje. Segundo Silva (2019, p. 35), ela opera na transsubstantialização dos efeitos da despossessão e do acúmulo negativo de capital, fruto da expropriação-exploração da capacidade produtiva dos corpos subalternizados no sistema capitalista global em todas as suas fases (colonial, mercantil, industrial e financeiro), em defeitos naturais (intelectuais e morais) dos subalternizados que são sinalizados por diferenças biológicas visíveis (comumente chamada de diferença racial) e culturais.

É desse modo que as mulheres negras estadunidenses despossuídas economicamente, em virtude da acumulação negativa de capital intergeracional, desde que seus antepassados foram sequestrados do continente africano, são consideradas como inferiores às brancas. A relação econômica histórica de expropriação e exploração tende a ser obliterada pela racialidade. Elas são inferiores e improdutivas porque é de sua natureza, é um defeito natural. De modo similar acontece com Sarah. A relação econômica de exploração e expropriação de seu corpo para obtenção de lucro não aparece nem nos textos que focam nas projeções e fantasias do sujeito ocidental, ou seja, que compreendem que “primitivo” e “selvagem” são classificações simbólicas racistas. Assim, enquanto as mulheres negras da Carolina do Norte tiveram seus corpos violentados por serem inúteis para o capital (não geravam lucros), a violação do corpo de Sarah foi uma forma de torná-lo útil para o capital.

Nas duas situações as mulheres envolvidas se tornaram objetos da ciência. Sarah foi considerada inferior com base em diferenças biológicas visíveis, e as mulheres negras estadunidenses com base em diferenças biológicas invisíveis, genéticas, mas que paradoxalmente se manifestam no visível de seus corpos (ou seja, igualmente visíveis). As justificativas científicas aplicadas à Sarah de “primitiva, selvagem, delinquente e anormal” são atualizadas 150 anos depois, na Carolina do Norte, para as mulheres negras de então, como “geneticamente inferiores e impro-

Brasil, que, em virtude de treinamento educacional, pensam o mundo a partir das regras impostas pelo pensamento moderno ocidental. De modo que tais sujeitos percebem o mundo de acordo com as regras dos colonizadores, produzindo e reproduzindo o modo de existência capitalista, colonial e racial em detrimento de si próprio, como sujeito subalternizado e racializado.

dutivas". Como lembra Lugones (2020, p. 74), "as fêmeas racializadas como seres inferiores foram transformadas de animais a diferentes versões de mulher – tantas quantas foram necessárias para os processos do capitalismo eurocêntrico global". Noutras palavras, a visualidade construída para a imagem de Sarah se atualiza na Carolina do Norte, mudam-se os termos, permanece o roteiro. Em ambos os casos, as mulheres negras foram patologizadas como naturalmente defeituosas.

O fato de, em ambos os eventos, as mulheres serem inferiorizadas cientificamente, numa escala simbólica em que a norma é o corpo da branca, parece ser uma justificativa plausível para a violência exercida sobre seus corpos, em sua carne. Dessa forma, afirmar apenas que a ciência foi racista e, por isso, essas mulheres foram violentadas é não perceber, ou até mesmo obliterar, a força ética das relações econômicas capitalistas que, em ambos os casos, autorizam a objetificação e a violência total contra essas mulheres. O que quero apontar com isso é a eficácia da racialidade em esconder as relações econômicas que estão profundamente implicadas nas produções teóricas, na atuação do Estado e nos procedimentos de violência total realizados pelos homens da ciência em ambos os eventos, cuja leitura acabo por realizar.

Um último ponto que merece nossa atenção é a implicabilidade entre a violência total e a temporalidade cronológica. As mulheres negras da Carolina do Norte tiveram a eliminação de uma possibilidade de futuro (engravidar). Sarah foi temporalmente fixa no passado (primitiva, selvagem). A nenhuma foi permitido exercer em plenitude a vida no presente. Ou seja, as vidas dessas mulheres foram determinadas externamente pelo exercício colonial de poder de um sujeito outro. No primeiro caso, determinaram o presente e o futuro delas. No segundo, eliminaram o presente e o futuro, já que Sarah foi, anacronicamente, fixada como uma representante do passado, e não uma contemporânea do sujeito europeu.

A flecha do tempo não funciona para sujeitos vítimas de violência racial, pois esta, como vimos, é profundamente implicada na continuidade das relações de poder coloniais que se atualizam a cada novo momento do capitalismo (SILVA, 2019). Por isso, para tornar visível a reencenação desse roteiro do colonial, capital, sexual-racial e científico, ou simplesmente "evento sexual-racial científico", precisamos pensar contra o tempo cronológico.

Considerações finais

É no agora que se dá o embate dos tempos, que se escrutina o passado em vista de uma escolha de futuro ou de realizar aquele futuro que o passado não conseguiu e se interrompe a flecha do tempo. "Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo 'tal como ele propriamente foi'. Significa apoderar-se de uma lembrança na forma tal como ela cintila num instante de perigo" (BENJAMIN, 2012).

Nesse artigo, ao ler a reportagem das denúncias da enfermeira estadunidense, me apodero das lembranças que tal reportagem evocou em mim. É a partir dessas imagens da memória que dou início, no agora, a esta composição imaginativa de tempos heterogêneos que cria a imagem de um “evento sexual-racial científico”. É nesta passagem entre a memória e a imaginação que interpreto tal evento como a reencenação de um roteiro de violência colonial/sexual-racial. Uma imagem que nos permitiu perceber as implicações profundas entre o capital, o racial, o científico e a violência total praticada contra a carne e a vida de mulheres negras.

Homens ocidentais da ciência determinaram que as mulheres negras estadunidenses e Sarah eram patológicas por natureza. Essas ficções da mulher negra como patológica, inferior, mais próxima da natureza do que da civilização povoam o imaginário e as fantasias dos sujeitos ocidentais e dos ocidentalizados. São visualidades que produzem efeitos concretos, na carne, tais como a retirada do útero e dos ovários dessas mulheres. A naturalidade com que tal violência é cometida, contudo, é sustentada não apenas pelas fantasias e projeções do sujeito ocidental, mas pela ética das relações do poder colonial e do capital.

Referências

BELTING, Hans. *Antropologia da Imagem*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Mágia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas v. 1).

_____. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, v. 2, pp. 759-807.

CRENSHAW, Kimberle. *Mapeando as Margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas*. 1993. Traduzido por Carol Correia. Disponível em <<https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%A2ncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1f>> Acesso em 4 out. 2020.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FOSTER, Hall. *O Retorno do Real: a vanguarda no final do século XX*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

GILMAN, Sander. *Difference and Pathology*. New York: Oxford University Press, 1985.

GROSGOUEL, Ramón. El concepto de “racismo” en Michel Foucault y Frantz Fanon: ¿teorizar desde la zona del ser o desde la zona del no-ser? *Tabula Rasa*, n. 16, enero-junio, 2012, p. 79-102.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MIRZOEFF, Nicholas. The right to look. *Critical Inquiry*, vol. 37, n. 3, 2011.

PRICE, Gregory; DARITY JR, William; SHARPE, Rhonda. Did North Carolina Economically Breed-Out Blacks During its Historical Eugenic Sterilization Campaign? *American Review of Political Economy*. 28 de junho de 2020. Disponível em <<https://www.arpejournal.com/wp-content/uploads/sites/2/2020/06/BreedingOutVol15No1-1.pdf>> Acesso em 4 out. 2020.

SILVA, Denise Ferreira da. *A Dívida Impagável*. São Paulo: Edição do autor, 2019.

_____. O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo. 2016. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (orgs.). *Histórias afro-atlânticas: vol. 2 antologia*. São Paulo: Masp, 2018.

_____. *Toward a global idea of race*. London; Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

DES/APRENDIENDO EL PASADO PARA FUTUROS DIFERENTES UNA LECTURA DE TAROT EN EL MES VIII DE 2020 (EN AÑOS TERRÍCOLAS)

INVASORIX [1]

¿Qué preguntas te gustaría hacer a un TAROT FEMINISTA CUIR [2] para sanar la planeta tierra? La nuestra es: ¿Cómo podemos aprender a escuchar colectivamente más allá de lo humanix? [2] (¡Y sí, no es un error gramatical, para nosotrix es femina: la planeta!)

El TAROT FEMINISTA CUIR [2] que usaremos para la lectura de esta pregunta se cristalizó a través de un intercambio y escucha colectivos en un taller que facilitamos en 2015 estacionadxs en la Ciudad de México. Desde una práctica autodidacta y entendiéndolo como un proceso de autoconocimiento colectivo nos sumergimos en las cartas y se fueron revelando conexiones entre amiguix imaginarix, feministix, queer/cuir y de ficción, tales como Sara Ahmed, Donna Haraway, Las Yeguas del Apocalipsis, Ana Mendieta, Silvia Federici, Calliope Stephanides, Kathleen Hannah. Estix amiguix encarnan lix arcanix mayorix de la baraja TAROT FEMINISTA CUIR. [3]

La práctica tarotista nos ha acompañado y enseñado a lo largo de las épocas procesos de trabajo para llevar a cabo nuestros proyectos. [4] La práctica tarotista

1 INVASORIX es un grupo de trabajo feminista queer/cuir trabajando en canciones, videoclips, publicaciones DIY, lecturas de tarot y presentaciones performáticas. Desde 2013 están estacionadxs en la Ciudad de México del planeta tierra. Desde aquí tejen redes con seres y lugares, hacen encuentros intergalácticos, multi-espaciales y poli-temporales. INVASORIX mismix tiene 523 años, según el calendario gregoriano. ¡No son novatix, pero, hay demasiadas cosas que aprender y desprender en este planeta!

En la tierra, a través del diálogo constante entre ellas, con sus amigxs imaginarias - Gloria Anzaldúa, Silvia Federici, bell hooks, Pedro Lemebel, Silvia Rivera Cusicanqui, María Sabina, Rita Laura Segato, Annie Sprinkle, etc. - y en colaboraciones con sus amgxs reales - Mariana Dávila "La terrorista del sabor", Dayra Fyha, Sonia Madrigal, Erandi Villavicencio, etc. cuestionan los roles de género y los cometidos de lxs artistas, reflexionan sobre violencias entre lxs terrícolas y contra la planeta tierra, y sueñan formas alternas y/o utópicas de estar y ser.

Actualmente nos conformamos por Nina Hoechtl, Liz Misterio, Unx Pardo Ibarra, Nabil Yanai Salazar Sánchez. Otrix INVASORIX fueron Daria Chernysheva (2013-17), Alejandra Contreras (2016-17), Waysatta Fernández (2013-15), Natalia Magdalena López (2013-16), Mirna Roldán (2013-17), Naomi Rincón-Gallardo (2013-20), Maj Britt Jensen (2013-19), Adriana Soriano (2015-19). <https://invasorix.tumblr.com>

2 Utilizamos el término cuir para referirnos a las prácticas latinoamericanas de resignificación del movimiento y la teoría queer anglosajona. En palabras de la Internacional cuir: "La variación queer/cuir registra la inflexión geopolítica hacia el Sur y desde la periferia, en contrapunto a la epistemología colonial y a la historiografía angloamericana". MUSEONACIONAL CENTRO DE ARTE REINA SOFÍA. "La internacional cuir. Transfeminismo, micropolíticas sexuales y vídeo-guerrilla". museoreinasofia.es, 15-19 de noviembre 2011. Disponible en <<https://www.museoreinasofia.es/actividades/internacional-cuir-transfeminismo-micropolíticas-sexuales-video-guerrilla>> Acceso el 12 sep. 2020.

3 Al realizar el TAROT FEMINISTA CUIR, INVASORIX unió fuerzas intergalácticas con sus amiguix reales Daria Chernysheva, Alejandra Contreras, Mirna Roldán, Maj Britt Jensen, Adriana Soriano. Amiguix que ahora transitan otras galaxias, esperamos que el viaje esté siendo un desaprendizaje gozoso. En nuestras lecturas aún nos faltan lix arcanix menorix, saldrán en una futura edición intencionados desde la resistencia.

4 Para ver más de nuestros proyectos: <https://invasorix.tumblr.com>, @invasorix, <https://vimeo.com/user98047106>



nos ha permitido percibir las diferentes maneras de cómo lix terrícolas interpretan las etapas de una vida en tiempos planetarios: su pasado, su presente, su futuro. Al mezclar la psicología y el ocultismo, el tarot es una práctica con larga tradición y sabiduría que combina los cuatro elementos esenciales para la vida planetaria: fuego, agua, aire y tierra. Una baraja de tarot se divide en arcanix mayorix y menorix que nos invitan a descubrir misterios o secretos (*arcano* proviene de la palabra latín *arcanum* que significa misterio o secreto): Lix veintidós arcanix mayorix representan el viaje de lix seres humanix por las diferentes situaciones y etapas de la vida, a través de arquetipos que hacen referencia tanto a las experiencias comunes como a las características compartidas por las personas. Lix cincuenta y seis arcanix menorix muestran las sutilezas y los detalles que rodean los eventos, problemas y preocupaciones de las personas en la planeta tierra. Por tanto, en una lectura de tarot confluyen al menos tres planos: el temporal, que es el momento de la lectura; el simbólico: lix arcanix hablan a lix consultantix más allá de la representación visual, la cual tiene un valor numerológico y arquetípico; y el intuitivo: que tiene que ver con la relación específica (y efímera) de empatía que se da entre tarotistas y consultantes. El orden de lix arcanix en la baraja del tarot y su significado está pensado en relación con la tradición *hermética* de la numerología, en la que cada número recibe una asociación arquetípica que revela relaciones ocultas entre los números y las fuerzas que mueven al mundo. [5]

A causa del virus que se transporta en el aire de la planeta Tierra desde finales de 2019, sus habitantes se encuentran constantemente dispuestix enfrente de pantallas, nos conectamos con ellix desde nuestra planeta Nepantla. La señal no es muy estable pero ya aprendimos a esperar y entendernos entre códigos. Mezcla-

5 Para más, véase POLLACK, Rachel. Los setenta y ocho grados de sabiduría del tarot. Arcanos Mayores. Barcelona: Urano vintage, 2012.

mos la baraja del TAROT FEMINISTA CUIR mientras cada unix de nosotrix piensa en la pregunta: **¿Cómo podemos aprender a escuchar colectivamente más allá de lo humanix?** De pantalla a pantalla combinamos saberes tarotistas e intuitivos y accedemos a las voces que nos develan lix arcanix mayorix. Seleccionamos cuatro cartas y las disponemos sobre la mesa frente a quien consulta: la de su izquierda representa el pasado, la del centro el presente, a la derecha el futuro en tiempos planetarios, y por último, la cuarta nos da un consejo. La propuesta de significado cambia, cuando, en una tirada, la carta aparece al derecho o invertida.

De nosotrix, quien tiene el mazo de cartas en sus manos, lo despliega boca abajo sobre una mesa. Para seleccionar las cartas que conformarán la tirada, cada unix de nosotrix dice un número entre uno y veintitrés y una dirección: derecha o izquierda. En esta ocasión, la respuesta a nuestra pregunta: **¿Cómo podemos aprender a escuchar colectivamente más allá de lo humanix?** sale en la siguiente constelación: En el pasado, invertida lix arcanix número V, PAPIX encarnadix por Lucy Lippard; en el presente, al derecho, está lix arcanix número IX, ERMITAÑIX encarnadix por Gloria Anzaldúa; y en el futuro, al derecho, lix arcanix número XII, MUERTIX encarnadix por Albert Camus. El consejo respecto a esta constelación lo revelaremos más adelante en el texto.

Pasado En Tiempos Mundanos

En el pasado, la primera carta que abrimos es lix PAPIX invertidix, lix acanix número V, representado por Lucy Lippard una activista, crítica y curadora feminista de arte estadounidense. Lix PAPIX está relacionada con una autoridad espiritual, un puente entre el cielo y la tierra, pero invertida puede estar hablando de autoritarismo, de dogmatismo, la tradición y la estructura que representa es vertical. Si pensamos qué representa en términos religiosos, nos habla de un dios, una diosa, es monoteísta como el campo del arte ique tanto celebra a los dioses artistas hombres blancos! Invertida la carta representa la reafirmación de este olimpo artístico. En los años 1970 Lippard hizo un esfuerzo por reescribir este canon artístico masculino y blanco, estudiando otras genealogías artísticas, y comunicándolas a través de su quehacer profesional en exposiciones y publicaciones. Aunque la crítica que propuso Lippard sí tuvo y tiene un impacto, no ha permeado de forma estructural e interseccional al campo del arte. Ya en 1973 escribió con cierta desilusión que “el arte y los artistas siguen siendo un lujo en la sociedad capitalista.”[6] Quizás algunas mujeres blancas de países no colonizados o ricos pudieron permitirse este lujo, sin embargo, otras personas que no estaban en esas condiciones favorables dejaron de hacer arte. De acuerdo a la numerología PAPIX es el número V, símbolo de lo humanix por tener cuatro extremidades y una cabeza, entonces nos habla del protagonismo y dominio

6 LIPPARD, Lucy. Seis años: La desmaterialización del objeto artístico de 1966 a 1972. Madrid: Ediciones Akal, 2004, p. 27.

desequilibrado de lo humanix por sobre cualquier otra especie o relación con el entorno y cuyo accionar no está proyectado en alcanzar una trascendencia material y temporal. Esta carta manifiesta una falla, un desequilibrio brutal que continúa desde el pasado al presente.

Presente En Tiempos Terrenales

Y si vamos al presente, tenemos el número IX, ERMITAÑIX encarnadix por la teórica, escritora, artista chicana queer Gloria Anzaldúa, carta que salió al derecho. La Tierra está en el mes de agosto del 2020, durante la pandemia del SARS-CoV-19, y muchas personas están ermitañix, solix en casa. En esa coyuntura ya llevan cinco meses y contando. Anzaldúa, quien murió en 2004 de complicaciones de diabetes, convoca a las personas a profundizar, a no temerle a esa soledad, a esa introspección, a ese abandono de ciertas comodidades y del mundo que nos es habitual. Les llama a aprender de esta experiencia de caminar solix. Unix ermitañix sabe cómo caminar y qué necesita en su caminata: Tiene un bastón de madera y una lámpara. El bastón ya tiene muchos años, en su vida ha dado flores o frutos y ya se transformó en algo que ayuda a lix humanix en su andar. La lámpara que alumbraba ese camino no es unidireccional, proporciona luz en múltiples direcciones: Alumbraba la grieta, la herida que en este caso tiene Anzaldúa, alumbraba la herida colonial de estas tierras de Abya Yala.

En términos numerológicos el VIII es la sabiduría y experiencia adquirida. Lix ERMITAÑIX acuerpa estas características a partir de un estado de retiro contemplativo; de ir bajando la velocidad hasta detenerse y de sensibilizarse para percibir agudamente lo que está sucediendo en las múltiples direcciones hacia donde apunta su lámpara. Lix ERMITAÑIX es una carta de decrecimiento, o sea desaceleración: situada en el presente, ERMITAÑIX nos estaría recomendando ir más lento, quizás caminar hacia atrás e ir reconociendo, reparando en todo lo que la vertiginosidad de los sistemas de poder moderno colonial, y sus ciudades, han ocasionado. Es una invitación a que en nuestros presentes abramos los sentidos, a que reconectemos los sentidos con otros tiempos, ritmos, espacios y tonos energéticos. Para ello Anzaldúa, nos ofrece un consejo propositivo: “actuar sobre lo que sabemos, hacer algo al respecto” [7] ejercitando el activismo espiritual que “conecta la vida interior de la mente y el espíritu con los mundos exteriores de acción.” [8]

7 ANZALDÚA, Gloria. “The New Mestiza Nation: A Multicultural Movement.” In KEATING AnaLouise (coord.), *The Gloria E. Anzaldúa Reader*. Durham and London: Duke University Press, 2009, p. 212.

8 ANZALDÚA, Gloria. “Quincentennial. From Victimhood to Active Resistance. Inés Hernández-Ávila y Gloria E. Anzaldúa (1991).” En AnaLouise Keating (coord.) *Interviews/Entrevistas / Gloria Anzaldúa*. London, New York: Routledge, p. 178.

Futuro en Tiempos Planetarios

La carta del futuro, que también sale al derecho, es lix arcanix número XIII MUERTIX. En nuestro tarot, encarnadix por un grupo de mariposas de distintos tamaños que revolotean juntix en compañía del escritor francés Albert Camus [9] En su novela *La peste*, publicada en 1947, plasma la historia de una plaga que azota la ciudad de argelina de Orán. ¿Qué se puede aprender de su novela hoy en día en la planeta Tierra que se ve confrontada con otra pandemia? En la novela hay personas como un médico Rieux y su compañero Tarrou que luchan contra la plaga. En un intercambio con el padre Paneloux, el médico deja claro: “Lo que yo odio es la muerte y el mal, usted lo sabe bien. Y quiéralo o no estamos juntos para sufrirlo y combatirlo.”[10] Sin ninguna duda todix lix terrícolas están juntix para sufrir y combatir la pandemia de enfermedad por coronavirus aunque en diferentes maneras y con retos desiguales. Tal vez la luz de lix ERMITAÑIX que alumbrá en múltiples direcciones puede mostrar estos diferentes retos del presente en relación con lix arcanix MUERTIX.

Tanto en la vida terrícola como en las tiradas de tarot la muerte agobia y entumece. MUERTIX es unix de lix arcanix que provoca miedo y sobresalto cuando aparece, sin embargo, para profundizar en su significado ayuda pensar la muerte en relación con los incesantes ciclos de la vida. Las mariposas negras son símbolo de la muerte, son consideradas como seres mensajeros. En su vida experimentan tres “muertes” para llegar a su propósito, a su destino: Tienen que dejar de ser orugas para ser crisálidas y dejar de ser crisálidas para ser mariposas. Lix MUERTIX hace un gran llamado a lix humanix a entender la existencia planetaria de manera fluida, no estable ni fija, para facilitar colectivamente el proceso de transmutación. En relación con estos tiempos pandémicos, lix MUERTIX convoca a relacionarnos de frente con la muerte: aceptarla y con ello dejar venir el cambio, posibilitar la transformación a otro estado. Las relaciones que tenemos siguen, pero siguen de otra manera. Esto también se puede entender con el proceso de la agricultura, que es el lugar de la vida y la muerte al mismo tiempo, de aquello que se descompone para poder nutrir a la vida. Así lo que muere, vive, pero de otra forma, en sintonía con su entorno y especificidad. Esta carta en el presente terrícola vaticina la muerte del orden vertical que se manifiesta en lix PAPIX, una muerte necesaria para dar lugar a otros procesos

9 A raíz de que hemos entablado una relación íntima con el tarot, y de que los pactos colectivos (en este caso para la realización de nuestra baraja) son porosos, mutan y devienen en el tiempo, nos hemos encontrado con otras manifestaciones del arcanix XIII como la Coatlicue, quién en palabras de Gloria Anzaldúa “da luz a todo y todo lo devora”, la médica judía Gisela Pearl quien realizó abortos a sus compañerxs durante su secuestro en el campo de concentración de Auschwitz, la activista ambiental hondureña Bertha Cáceres quien en defensa del Río Gualcarque fue asesinada en 2016, o la weychafe mapuche Moira Millán que acuerpa el término Terricidio para denunciar los crímenes que asesinan la tierra y los seres que la habitan. Manifestaciones que nos emociona explorar en otra edición del tarot.

10 CAMUS, Albert. [1947]. *La Peste*. Buenos Aires: Libros Tauro, s.f., p. 110.

más fértiles y a un otro florecer. Lix arcanix XIII invita a relacionarnos con la muerte en múltiples sentidos: nos viene a recordar que los cuerpos como revueltas físicas —células, tejidos, músculos y órganos— van a morir, pero que durante algún tiempo serán una oposición, una resistencia a las enfermedades. Cualquier pandemia deja claro que si bien la muerte es un “piso común” no les pega a todix por igual. Respetto a la enfermedad por coronavirus, ¿quiénes pueden costear la salud?

Consejo Planetario

Esta pregunta nos recuerda a las condiciones difíciles de salud debilitada en las que murieron Gloria Anzaldúa, ERMITAÑIX, y Audre Lorde, quien nos salió en el consejo y encarna la carta X, RUEDIX DE LIX FORTUNIX. Lorde fue una persona negra, racializada, feminista, poeta, madre y lesbiana de Estados Unidos quién murió de cáncer en 1992. Cuando se enteró que tenía cáncer en 1978 le tocó cambiar el ritmo de su vida de manera drástica. Luchó contra su enfermedad como lo hizo en cualquier otra batalla en su vida contra discriminaciones racistas, sexistas, homofóbicas, entre otras, con fuerza, creatividad y palabras. Sus *Diarios del Cáncer*, publicados por primera vez en 1981, muestran de manera íntima cómo la escritura puede ser una herramienta crucial ante una crisis: permite revelar lo que duele, nombrar el sentir más desgarrador a través de las palabras. Si seguimos este ejemplo nos convoca a observar y nombrar las enfermedades en y de la planeta misma, y preguntar ¿Qué pasa con el cuerpo en relación con el entorno planetario? ¿Qué pasa con la planeta en relación con los cuerpos?

Al salir esta carta invertida nos muestra que hay una pausa en el flujo que la rueda siempre tiene. Esta pausa nos invita reflexionar sobre qué se encuentra abajo, qué está arriba, qué se sale de la rueda, qué relación tiene el cuerpo con la rueda. Lix RUEDIX DE LIX FORTUNIX invertida aconseja a mirar de frente las consecuencias de los actos de devastación del ambiente, de la deshumanización de las relaciones en la Tierra, a resistir el impulso de volver a poner en marcha la rueda de la “normalidad”, a pausar el movimiento. Es importante aprender a reconocer que el rumbo está equivocado para poder des/aprender otras maneras de hacer las cosas y así poder acceder a la muerte y el renacimiento que nos vaticina la carta del futuro. Nos dice “Bajate del ciclo interminable del productivismo, de las inercias que nos impiden actuar de una manera más congruente como parte de un todo”. Si no empezamos a escuchar nuestrix cuerpix singulares y colectivix, y a la planeta, ¡TERRÍCOLAS!, ¡la rueda de la fortuna ya no se moverá nunca más!

La constelación de cartas también convoca a pensar el presente y el consejo (como estrategia) juntos: lix RUEDIX DE LIX FORTUNIX junto con lix ERMITAÑIX, Audre Lorde y Gloria Anzaldúa —¡qué poderosa combinación! Lorde señala que “las herramientas del amo nunca desmontarán la casa del amo” [11] y Anzaldúa nos

11 LORDE, Audre. En: “Las herramientas del amo nunca desmontan la casa del amo.” La hermana, la extranjera.

recuerda que “después de ser troceada, desmembrada o despedazada *la persona* tiene que reconectarse, remembrarse y reconstruirse a sí misma en otro nivel.” [12] Efectivamente hay que reconectarse, remembrarse y reconstruirse para entrar en el cambio. Es una cosa que se va a ir dando pasito a pasito, o sea, viendo por el retrovisor; con lix ERMITAÑIX con los sentidos muy sintonizados con lo que las personas van dejando a su paso.

Pensando en las herramientas del amo, o sea para que una rueda gire, se necesita un eje. Entonces a lo mejor, si invertida la rueda nos muestra su imagen fija, se tiene la oportunidad de mirar detrás de la rueda o mirar a través de la rueda para ver qué la sostiene, entender lo que es estructural, y a partir de ahí, desmantelarla. Aunque lix terrícolas han creído, han aprendido que pueden ocupar todos los espacios, todos los recursos, que pueden controlar todo, la fortuna hace presentes a aquellas fuerzas y elementos que no se pueden dominar. Nos recuerda a todas las criaturas de todas las galaxias, que estamos en relación con otras fuerzas y tenemos que aprender a respetarlas; entrar en comunicación con ellas, escucharlas. Sin duda esta planeta seguirá pero lix humanix NO si no entran en un cambio. La carta X nos advierte que lix terrícolas tienen que prepararse para el decrecimiento, ya que lix RUEDIX DE LIX FORTUNIX llevó al crecimiento y la exaltación de la rueda —la rueda como invención humana—, ahora toca estar preparardix para girar en otra dirección. Este giro, este cierre de ciclo no va a ser sencillo, no va a ser placentero, no va a ser necesariamente fluido, requerirá de escucha aguda, sagacidad, astucia, creatividad, y sobre todo consistentes procesos y prácticas gestadas colectivamente desde el cuidado y los afectos.

Artículos y conferencias, 1984, p. 38. Disponible en <<https://www.pnitas.es/wp-content/uploads/2019/05/Audre-Lorde.-La-hermana-la-extranjera.pdf>> Acceso el 12 sep. 2020.

12 ANZALDÚA, Gloria. “Bearing Witness: Their Eyes Anticipate the Healing.” In KEATING, AnaLouise (coord.), *The Gloria E. Anzaldúa Reader*. Durham and London: Duke University Press, 2009, p. 270.

Resumo

Quando chegamos a 2018 seres viviam na nova rede social Openmouth e no Sex Shopping Centers, ou simplesmente SEX. O capitalismo ainda existia neste novo mundo sem cidade, com passagens alucinadas de uma era para outra: do sistema *touchscreen* ao *mouthscreen*. O texto a seguir é parte da narrativa ficcional que constitui o terceiro capítulo da minha tese de doutorado. Nela tenciono escrita de si, visões sobre a economia da cultura brasileira e ficção. Parto da invenção da Lady Incentivo para fazer uma análise do processo de privatização da cultura desde a década de 1990 até o atual reforço da estrutura hetero-patriarcal-branca. Com teorias e práticas feministas decoloniais, tento desmontar ficções históricas que criaram a categoria “mulher universal”.

Palavras-chave: escrita de si; ficção acadêmica; feminismo decolonial.

A todas las que resisten
y son miradas como mazelas
porque cumplen sus sueños
dejando el planeta completo
MAZELAS COMESTIBLES DEL
CENTRO DEL SUR DE CHILE

Na passagem de uma rede social para outra as memórias se perderam sem querer. A mídia sobrevivente fora de rede noticiou a virada do Facebook para a Openmouth como “a passagem de uma rede social para outra”. Tal como são contadas as passagens de um modo de produção capitalista para outro, naturalizando as contrarrevoluções.

“Os computadores já não suportam mais tantos dados trafegando em tempo real. Nem os *hardwares*, nem as nuvens privadas”. Os jornais noticiaram, e as revistas de autoajuda contratavam neurocientistas para explicar como as memórias poderiam ser recuperadas a longo prazo, cerca de quatro anos. “O” governo instituiu o programa Mais Memória e, junto a outras redes-apêndices da rede social maior Openmouth, fabricava memórias com a tecnologia Realidade Realidade. As pessoas tocavam nas telas como os bebês que ainda não sabem que as mãos deles são as mãos deles. Os que não reconhecem que os braços é que levam a mão até a altura dos olhos. Os que não sabem que o corpo faz parte deles.

1 Artista-pesquisadora, trabalha na intersecção entre arte e invenção de pedagogias. Doutora em Arte e Cultura Contemporânea pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) com a tese *Lady Incentivo – SEX 2018: um disco sobre tese, amor e dinheiro*, participou da 10ª Berlin Biennale com o *Mastur Bar*, que já itinerou pela Colômbia no Festival de Cine e Arte Queer 'Kuir Bogotá, na exposição “89 Noches”, Museo de Antioquia, Medellín, dentre outras. Em 2017 participou da residência Capacete – Documenta 14, Atenas, Grécia. Em 2019 foi professora convidada da Escuela Incierta, Lugar a Dudas, Cali, Colômbia. É autora do livro *O Pulso que Cai e as Tecnologias do Toque*, Ikrek, São Paulo, 2016 – Prêmio Proac Livro de Artista. Atualmente coordena o grupo de estudos “Minha Tese Começa Assim”.

Nem jornalistas, nem governo, nem cientistas sabiam: memórias estavam sendo hackeadas. Era a insurreição de Novs, que transformavam as memórias, recuperando as que foram apagadas antes de tudo acontecer. Saqueavam as memórias do programa Mais Memória e as articulavam com outros conteúdos em rede. O processo acontecia, em parte, pela linguagem. De tanto digitarem “o isso é o novo aquilo”, “ser é o novo era”, foram se formando como Novs.

A paranoia generalizada era evidente fora das redes sociais. As pessoas colocavam as mãos nos bolsos para tirar o celular. Mulheres achavam que os homens estavam colocando a mão no pau ou que estavam sacando uma arma. Quando a polícia matava não era considerado crime, e as mulheres que matavam maridos como um gesto de autodefesa eram presas.

A boca sem rosto

Na passagem, os humanos perdiam também as funções dos seus órgãos. Orelhas se fecham, dedos das mãos e dos pés diminuem, braços e pernas desaparecem. Tudo encolhia. A única parte do corpo que aumentou, ocupando quase o rosto inteiro foi a boca. Órgão único que passou a cumprir as funções dos outros órgãos, atrofiados e digeridos pelo intestino. As funções do cérebro se acoplavam ao sistema digestivo. Enquanto a boca aumentava, o tato demorava para desaparecer, até que só a boca sentia o toque. Línguas extremamente ásperas arranhavam as superfícies.

Eram Falacentrix. Só não perderam a boca porque enquanto perdiam memória estavam falando. Boca: *input, output*. Ânus e vaginas se fecharam primeiro.

Feministas ligadas a projetos neoliberais e estatais agora eram evangélicas que na Openmouth explicavam às Falacentrix como deveriam se proteger de bocas misóginas, que, sem os órgãos sexuais, engoliam as outras bocas e as digeriam pelos intestinos atrofiados. “Tapem a boca com tecidos não transparentes para evitar o próprio estupro!!!” O sexo não era mais necessário para a reprodução, e assim a noção de família foi se fortalecendo, e os bebês se proliferavam entre Falacentrix. Agora se reproduziam pela saliva, a baba: o bebê.

Falacentrix usavam o termo sensível somente para telas, de onde os bebês eram encaminhados para os berçários. Aplicativos os retiravam das superfícies onde nasciam geolocalizando-os nos terminais de caixas eletrônicos. Nasciam. Olhavam para o chão e pensavam que o chão era o que as mantinham de pé na cidade, e já não enxergavam mais. Era só um primeiro olhar. Iam logo para incubadoras e lá aprendiam a respirar somente pela boca. Chegando no intestino, o ar gerava muitos gases. Comiam muito mais do que quando a boca era só boca [2]. Hospitais ofereciam cursos intensivos de controle de gases em lugares públicos. Hospital e escola eram um só lugar. Em casa lutavam para expeli-los. Já o vômito e as fezes eram publicamente aceitos.

2 Alguém falou que este é o século do rosto. Ou foi o século passado?

O capitalismo *touchscreen* estava ultrapassado. Sem ver o botão *like* nos *e-mails*, Falacentrix iam imediatamente para a Openmouth, viciados em dar um *like*, o consumo de si. A virada de moeda aconteceu: de *like* para reação. Reações imediatas entrando de boca na era do capitalismo *mouthscreen*. Falacentrix lambiam os celulares para reagir na Openmouth. Ter virou acessar com a língua, lamber. E os músculos da língua enorme que babava não eram habilidosos enquanto se adaptavam ao novo.

O odor da saliva ficava impregnado nos caixas automáticos, nos Ubers e em todas as telas sensíveis da cidade. Bolsas de pele na cintura levavam o celular até a boca. A saliva tinha o mesmo cheiro nos celulares, que tocavam os mesmos sons. Falacentrix se confundiam e atendiam celulares alheios. Dentro das telas, pontos vermelhos excitavam os olhos anunciando notificações. E a vibração era total. Micromundos eram criados até que só duas pessoas acessavam o *feed* de notícias uma da outra. Geralmente casais:

Eu te amo.
1 reação (amei).
/react-text Eu também te amo
1 reação (amei).
/react-text Eu também te amo
1 reação (amei).



Falacentrix.

“Estamos conduzindo um teste para dar aos *posts* com texto o mesmo peso que as notícias no *Feed*”, disse a Openmouth. Queriam eliminar mesmo a diferença entre notícia e pessoa. O horário das postagens foi alterado. Sempre dez minutos a mais da hora do *post*. Isso mudou não só a percepção do tempo, mas o próprio tempo, colapsando memórias. Tiraram o ano nas datas. Ficou somente dia e mês, com o objetivo de abolir pedaços inteiros de história. Era um dia atrás do outro como se fosse sempre o mesmo. Depois só as horas, e assim por diante. Hoje não conseguimos saber como foi que isso aconteceu exatamente. Porque o hoje é hoje. E agora.

Comprar as compras

— Vem aqui tirar uma foto. Se você não tirar foto não vai brincar na decoração de Natal, não vai falar com o Papai Noel e nem ganha presente.

Menino diz:

— Eu quero o sorvete verde, sabor pistache.

Mãe responde:

— Não, meu filho, esse aí você não vai gostar, é de adulto. O que você gosta é o rosa, de morango.

Pai:

— Não, rosa é de menina, você gosta de anis, o azul.

E as crianças choravam soluçando. Infantil era o soluço das crianças chorando nos *shoppings centers*, ambientes perfeitos para Falacentrix gritarem com crianças. Falavam muito mais do que ouviam. Novs já tinham notado que gozar e soluçar como criança produzia um movimento parecido no corpo. Estudavam os espasmos violentos que no choro faziam a garganta se contrair, e no gozo eram prazer. Às vezes choravam gozando. “A mandíbula é esse lugar do corpo onde se concentram várias sensações. A raiva projeta a mandíbula para frente, o gozo projeta a mandíbula para frente. Quando acho um bebê fofo, falo com ele projetando a mandíbula para frente”, diziam.

Para recuperar a memória, Falacentrix (que não desaparecem) queriam transar com Novs. Como não tinham os órgãos sexuais, dependiam do desenvolvimento dos órgãos babadeiros de Novs, que acontecia enquanto ocupavam os *shoppings centers*. Substituíam os nomes-fantasia por Sex Shopping Center, ou simplesmente SEX. Não existia exatamente um fora do SEX. A cidade era mais uma estrada, um caminho, um mar de merda e vomito para lá, onde os saberes do corpo começaram a circular em livros depois de praticados em vida, em comunidades fechadas que foram se abrindo. Novs conseguiam ver os livros sendo escritos, os capítulos sendo estruturados em telões que eram as paredes das livrarias no SEX. Letras se juntavam formando parágrafos em rede. A memória hackeada toda em frente e não simplesmente acessível.

Falacentrix ou estavam comendo, ou estavam falando nos *shoppings*. Diziam coisas assim: nem consigo entender o que eles diziam. Uma das primeiras mudanças nos órgãos de Novs foi a audição. Desenvolviavam a escuta seletiva e conseguiam se concentrar em meio às falas. O único contato que existia entre Falacentrix e Novs era sonoro, ou seja, vibração.

Diana Torres, a Pornoterrorista, ensinava que a próstata era um órgão não binário. Mostrava como a falácia do ponto G colaborou para o apagamento da próstata na memória corporal de quem não era Falacentrix, reduzindo o órgão a um pequeno ponto misterioso. Seres que nascem com buceta produzem e expelem um líquido

com as mesmas características do líquido produzido pela próstata de seres que nascem com pau, ejaculado junto com o sêmen gerado nos testículos. Grande mudança na vida Novs. Diana explicava que os órgãos tinham o nome dos Falacentrix que os dissecavam, assim como na terra corpo (Europa, África, América). Trompas de Falópio, Glândula de Bartholin... Se os continentes fêmea são territórios colonizados por Falacentrix, os pontos de prazer recebem o nome de quem os “descobriu”. G é a primeira letra do sobrenome do ginecologista Ernst Gräfenberg, que localizou uma área próxima ao colo da bexiga que, quando estimulada, pode fazer os seres com buceta ejacularem antes e durante o orgasmo [3]. Nos consultórios ginecológicos pre-SEX, a ejaculação de quem não tinha pau era vinculada a problemas de incontinência urinária. Cirurgias retiravam o órgão acabando com o “problema”.

A memória de camas não ocidentais era recuperada com o estudo de sociedades matriarcais ainda vigentes, como a de Uganda, na África, onde o ensino sobre a ejaculação é parte de um ritual de passagem da infância para a vida adulta de seres com buceta. No hinduísmo, o líquido da ejaculação não tem distinção de gênero e se chamava *kama-salila*, “água da vida” ou “água da paixão/amor” [4].

No SEX não havia farmácia e nem remédio. Produtos como veneno de cobra, de sapo, ervas como alecrim, *Cannabis*, pomada de manjerição estavam espalhados por todas as lojas. A ginecologia natural fazia parte do hackeamento de memória das Novs, que recuperaram conhecimentos ancestrais de cura e infestavam o SEX com toda essa informação [5]. Criavam fórmulas próprias de tratamento hormonal natural e sintético para os seres que tinham pau terem tetas e para os seres que tinham buceta terem barba. Mergulhavam o O.B. num pote de iogurte natural para introduzi-lo na vagina eliminando, por exemplo, vaginite e candidíase. Em duas horas já tinham resultado.

A essa altura, os órgãos de Novs já estavam todos misturados [6]. Por exemplo, as amígdalas eram clitóris. Não exatamente um clitóris, mas o que os cientistas antigamente definiram como órgãos hermafroditas. Não tinham nem o tamanho de um clitóris considerado normal e nem o tamanho de um pênis. Essa mutação de órgãos começou a acontecer quando várias Novs tatuaram em seus braços um clitóris-corda-vocal. Agora falar era quase sempre cantar, e cantar era quase sempre gozar. Gozar deixava a voz das Novs bem afinadas.

No SEX as matérias todas se misturavam. O aquecimento global derretia as sandálias Melissa e a gosma ia parar nos cones de sorvete. Devido à variação extrema de temperaturas, os sistemas de ar-condicionado entraram em colapso. Novs

3 TORRES, Diana J. *Coño Potens: manual de su próstata, su poder y sus fluidos*. p. 26.

4 *Idem*. p. 98

5 MARTIN, Perez San Martin. Pabla. *Manual Introductorio a la Ginecologia Natural*.

6 Claudia Medeiros/react text: vi ontem orquídeas à venda num *pet shop* qualquer, sempre que vejo essas flores produzidas em massa em estufas como peças feitas em esteiras de alguma fábrica, seres vivos não humanos, penso nelas como trabalhadoras. Não conseguimos enxergar o poder que têm. Se você as observa por algum tempo, vê os clitóris protuberantes, às vezes rostos estranhos.

abriram buracos nas paredes dos SEX e utilizavam o produto como ventilação natural. A maioria dos produtos tinha cores e sabores de frutas, vegetais e ervas. O xampu da Fructis, Herbal Essences, do Boticário, da Natura. Assim como os produtos de limpeza eram sabor cereja, limão, citronela, romã. Os sabores estavam em tudo. Antes elas tinham sido propaganda dessas marcas. Se as Novs querem, tudo é de comer no SEX.

Falacentrix estavam sempre em débito com Novs já há muito tempo [7] e eram atraídos para os SEX pelas vozes de Novs, que se alternavam entre o grave e o agudo. Seres Novs não cantavam para seduzir Falacentrix. Simplesmente cantavam para aprimorar o desenvolvimento babadeiro dos seus órgãos. E às vezes se perguntavam se o SEX era um lugar físico que tinham realmente ocupado. Não sabiam se estavam sendo vigiadas por Falacentrix ou se aquele lugar era só mais uma Realidade da Openmouth.

Cine SEX

“A verdade nunca foi a verdade, não se preocupem”, Novs diziam.

Falacentrix generalizavam os filmes pornôs, achavam que só existia um tipo de filme pornô.

Para eles a pornografia era um tipo de ansiolítico, assim com a Openmouth. E queriam do pornô a verdade, assim como queriam a verdade como um todo.

Pedimos demasiado a menudo al porno que sea una imagen de lo real. Como si el porno ya no fuera cine. Reprochamos a las actrices, por ejemplo, que finjan el placer. Están ahí para eso, se les paga para eso, han aprendido a hacerlo. No se pide a Britney Spears que tenga ganas de bailar cada tarde que sale a actuar. A eso es lo que viene, nosotros pagamos para verlo, cada uno hace su trabajo y nadie se queja al salir diciendo: ‘yo creo que simulaba’. El porno debería decir la verdad. Algo que nunca pedimos al cine, esencialmente una técnica de ilusión [8].

Virginie Despentes continua dizendo que pedimos ao pornô exatamente o que nos assusta nele: que diga a verdade sobre nossos desejos. Para se desfazerem dos desejos infiltrados no corpo pelas imagens da pornografia *mainstream*, NovAs investigavam suas libidos complexas. A Coletiva Coiote [9] programava as sessões do Cine SEX com DVDs da *Coleção Pós-Pornopirata*. Filmes clássicos, como os de Annie Sprinkle, até produções recentes de corpos não assimiláveis, gordes, trans, lésbicas, afrontavam a hetero-norma falacêntrica. O registro em vídeo da performance *Gordu-*

7 Monique Prada/react text: sabendo que são três os trabalhos que o patriarcado nos toma de graça – o trabalho doméstico, o trabalho sexual e o trabalho reprodutivo, como posso eu seguir dizendo que o trabalho sexual remunerado não é, de fato, um trabalho?

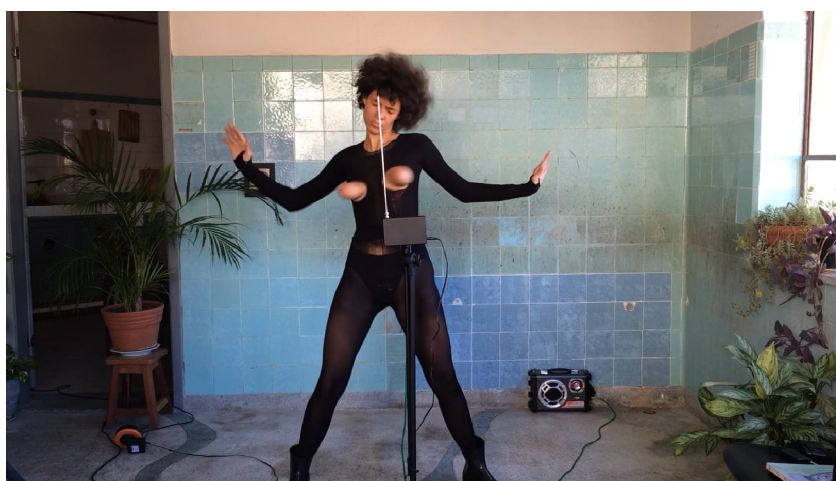
8 DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*, p. 70.

9 Página da Coletiva Coiote no Facebook.

ra Trans, de Miro Spinelli, também era pirateada pela Coiote. Nele a materialidade e a subjetividade do corpo gordo e suas intersecções com gênero são exploradas por meio de materiais gordurosos, como óleo de soja, gordura hidrogenada, azeite de dendê e outras substâncias que transformam de presença do performer. Depois de verem o registro da performance diziam:

O corpo gordo é, para todos os efeitos, um corpo indesejável. Está categoricamente instituído que desejar um corpo gordo para si ou desejar eroticamente o corpo gordo de outro é uma espécie de fetiche patológico. A não ser que uma mulher esteja gorda porque está grávida, ou que as tetas caídas estejam produzindo o doce e gorduroso leite para o filho do rei. Os reis aqui são todos os pais que esperam um prêmio por desejar as esposas gordas diante do mítico dever da procriação. Todos os outros gordos estão proibidos e condenados como tudo o que é excessivo, protuberante e irregular ou o que ultrapassa os limites do útil e do necessário [10].

Um filme focado em tetas, sempre escondidas dos Falacentrix para que eles não as abocanhassem, era o de Marie Carangi. Com tetas e rosto de fora ela aparece tocando um teremin. Mas sem as mãos, e com as tetas. O refrão era quando ela balançava o corpo fazendo as tetas girarem e não serem mais tetas, serem som. Se virava de costas, fazendo uma pausa e depois voltava respirando com a teta bem próxima ao teremin. Era a *Teta Lírica*, que atinge graves e agudos conforme se afasta e se aproxima do instrumento. Ela cantava para respirar e respirava para cantar. Um exercício de criação do órgão teta-corda-vocal.



Marie Carangi, *Teta Lírica*, performance (2016-atual).

Depois de verem os filmes, pensavam que o vômito não é nem comida e nem cocô. A boca do estômago poderia devolver ao mundo o que estava prestes a se transformar em bolo fecal, alimento ainda não corroído pelo suco gástrico. A textura do material passava pela garganta, e elas sentiam que prazer e dor não estão

10 SPINELLI, Tamíri; NOLASCO, Ricardo. *Culpas, excessos, regulações e incômodos*, 2014.

separados. Por que entregariam o vômito às privadas do SEX se não era bosta? A coletiva Vômito, derivada da Coiote, pensava o vômito como antropoemia. Sem síntese digestiva, o vômito é ao mesmo tempo alimento e dejetto, inclusão e exclusão. Ritualizavam a expurgação do vômito, limpeza das imagens colonizadas.

Vomitações eram organizados no SEX em meio a conversavas sobre desperdício, reciclagem, desigualdade, nojo, dogma, prazer, fome, cheiro, paladar. Esse era o estímulo para o vômito final, coletivo. Pensavam nessa inclusão e exclusão do vômito no corpo e na própria vida no SEX como metáfora do capitalismo *mouthscreen*, o sistema falacêntrico que excluía e incluía ao mesmo tempo. Mesmo sendo as NovAs capazes de criar outros órgãos, o sistema era *mouthscreen*. E pensavam que, se criassem outros órgãos, poderiam de novo entram em outro sistema capitalista, ainda sem nome.

Teatro

O teatro inteiro do SEX ficava impregnado com o cheiro de menstruação. La Fulminante [11] coletava o sangue de várias menstruações de Novs e levava para o palco junto com aparelhos eletrônicos. Nadia Granados apresenta *La Fulminante Cabaret*:

Seréis testigos de un show de cabaret de una hora en el que un cuerpo grotesco y caliente hace un llamamiento a las emociones más humanas. La Fulminante es directa, absurda, incisiva, rabiosa. Interpreta e interpela el estatuto político-social de Colombia, el sistema económico global, las construcciones del imaginario y la moral en relación al género, la sexualidad, la etnia o la clase a través de la crítica política activista, las estrategias de difusión viral y la (post)pornografía.

Palavras do cartaz que La Fulminante, que ela colava com a cola fluorescente de sua língua na porta do teatro do SEX. Ela fazia do teatro do SEX um Cabaret e se montava com o estereótipo da mulher latina, *sexy* e *caliente* para atacar com o corpo a violência histórica sobre os corpos [12]. Imagens de políticos apareciam na tela de uma TV sobre rodas, onde ela passava uma faca rente à tela. O sangue das Novs era depositado em bolsas de Magipack nas extremidades do aparelho televisivo. O sangue escorria nas imagens. E Falacentrix, que nunca desaparecem, se desesperavam:

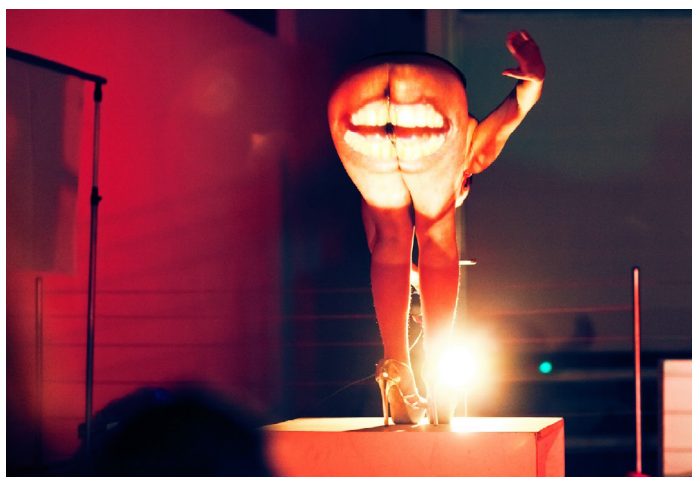
DE QUE TIENES MIEDO? QUIERES QUE TE AMARRE? TE TEMES ENGORDAR? PORQUE NO TE VISTES DECENTEMENTE? QUIERES ALGO DE DROGAS? TRAZ TU. QUAL FUE TU ULTIMO TRABALHO? PORQUE CONTESTAS SIEMPRE DESTA MANERA? COM QUANTOS HOMBRES TES ACATA? QUÉ ES LO MAS ABERRANTE QUE A HECHO? TE GUSTARIA DE TE PEGAR COM UN CABLO? TE GUSTA HACERLO POR DE TRAZ, QUE TE DEEN HASTA QUE SANGRES?

11 Site de *La Fulminante*.

12 Entrevista com Nadia Granados.

La Fulminante continuava com a câmera apontada para a boca projetando a imagem da boca na bunda, que, por sua vez, aparecia num telão. A boca-cu falante. Gemidos ininteligíveis. Falacentrix não entendiam que ela não estava se exibindo para eles. É um hábito falacêntrico achar que uma mulher pelada, de minissaia, de *short* ou rebolando, está se exibindo exclusivamente para eles. Novs sabiam que a imagem de uma mulher rebolando tinha se convertido num ato exibicionista pelos Falacentrix, crentes de que eram donos do SEX. Como se rebolar não fosse um gesto de aprimorar os órgãos babadeiros. Novs, de ouvido seletivo, cantavam na plateia:

ESSA É PRA VOCÊ, ÓH, REI DA VIRILIDADE!/ QUE JULGOU O SER MULHER, UM SER DE INCAPACIDADE/ QUE ESTUPRA, MATA E ENLOQUECE TODO DIA/ E FAZ DA MINHA BUCETA O SEU TROFÉU PRA HIERARQUIA/ EU SOU A PUTA, A VADIA, A TREPadeira/ EU JÁ TAVA LÁ ENQUANTO VOCÊ SE ESCONDIA [13].



Nadia Granados, *La Fuminante*, performance (2013-atual).

No SEX, os seres que menstruavam começaram a menstruar sempre na mesma época. Regavam as plantas do SEX com sangue, tomavam o sangue do segundo dia de menstruação. Um dia uma Nov sentiu que o cheiro do sangue era muito parecido com o cheiro de um grampo que ficou enferrujado na pia do banheiro. Sangue tem cheiro de terra, minério de ferro. Notaram a relação do corpo com a Vale S/A, que exporta mais de 200 milhões de toneladas de minério de ferro por ano. O extrativismo mineral e o apagamento das memórias do corpo.

Nas lojas de colchões onde dormiam no SEX, o sangue em contato com a espuma virava terra. Ali nasciam plantas comestíveis, ervas alucinógenas. O SEX foi virando um pântano sonoro vibrante, cheio dos seus órgãos clitóris-cordas vocais, tetas-líricas vocais, imagens pós-pornográficas que apagavam as imagens do pornô *mainstream*. “Todas as coisas vivas e mortas soam, ou são porque soam”, dizem

13 Cypher “Machocídio”, de Sara Donato, Luana Hansen, Souto MC e Issa Paz.

Novos, bem mais sensíveis do que as telas dos celulares. Vários outros órgãos iam surgindo. Elas não os nomeavam. Nomear um órgão seria criar um órgão? Pensavam em como os órgãos as enganavam antes do SEX. Principalmente os que Falacentrix consideravam sexuais. Com um órgão a mais ou a menos seriam uma outra inteligência, saindo do abismo inelegível da “superstição”.

Referências

COLETIVA COIOTE. Disponível em <<https://www.facebook.com/coletivocoiote/>> Acesso em dez. 2016.

DONATO, Sara; HANSEN, Luana; SOUTO MC; PAZ, Issa. Cypher Machocídio. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=GJbufgkfY0I>> Acesso em jan. 2017.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. 2. ed. Tradução de Beatriz Preciado. Espanha: Editorial Melusina, 2009.

Entrevista com Nadia Granados. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2SXkoVkgnhk>> Acesso em dez. 2016.

GHOSH, Pallab. *Cientistas afirmam ter encontrado ancestral mais antigo do ser humano*. BBC News. 30 de jan. de 2017. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-38803810>> Acesso em 2 fev. 2017.

SPINELLI, Tamíri; NOLASCO, Ricardo. *Culpas, excessos, regulações e incômodos*, 2014. Disponível em <<http://gordura-trans.tumblr.com>> Acesso em jan. 2017.

TETA LÍRICA. Disponível em <<https://vimeo.com/175589393>> Acesso em jan. 2017.

LA FULMINANTE. Disponível em <<http://www.lafulminante.com>> Acesso em dez. 2016.

TORRES, Diana J. *Coño Potens: manual de su próstata, su poder y sus fluidos*. Edição Digital: 2016. Disponível em <<http://yeswecum.org/wp-content/uploads/2016/03/CONO-POTENS-VERSION-DIGITALDesconocido.pdf>> Acesso em mar. 2016.

_____. *Pornoterrorismo*. Madrid: Txalaparta s.l, 2011.

MARTIN, Pabla Perez San. (ed. e org.). *Manual Introductorio a la Ginecologia Natural*. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/173878/176109315-Manual-Introductorio-a-la-Ginecologia-Natural-Pabla-Perez-San-Martin.pdf>>. Acesso em: nov. 2016.

ARTE E VIDA COMO “CHAMAS GÊMEAS DA REVOLTA” NA OBRA DE EMMA GOLDMAN

Larissa Tokunaga [1]

“Por que não se amaria a beleza?” perguntei;
“flores, por exemplo, música, o teatro -
coisas bonitas?” [2]

Resumo

Emma Goldman navegou sem timoneiro em uma terceira margem do rio. Anarquista, judia, feminista: talvez nenhuma dessas identidades possa definir seu apreço pela arte como disseminadora de um pensamento radical. Compreender como sua obra se apropria do teatro autônomo como linguagem libertária implica em traçar um panorama sucinto acerca de seu feminismo antipredicativo, de seu apreço pelo drama social de Henrik Ibsen e de seu vislumbre do potencial humano aspirante ao prazer e à beleza encerrado em cada individualidade. Este singelo artigo tem como escopo expor como a arte é entrevista por Emma Goldman unicamente enquanto expressão de uma vida anarquista que, inextricavelmente, conjuga vivência, subjetivação para uma vida outra e revolução.

Palavras-chave: anarquismos; feminismos; arte; teatro; revolução; subjetividades.

Por um feminismo sem adjetivos

Embora tenha vivido em uma época na qual os feminismos alçaram como bandeira principal o alcance do sufrágio universal, Emma Goldman (1869-1940) foi na contramão dessa chamada primeira onda feminista do final do século XIX, propugnando que “a verdadeira emancipação começa na alma da mulher”[3]. Por um reconhecimento de uma humanidade sem mediações, a anarquista apregoaria o rompimento de dualismos [4] e essencialismos: em vez de considerar a dicotomia mulheres-homens, sugeria que as individualidades deveriam ter sua expressão instintiva respeitada coletivamente. Conforme aponta, “a paz ou a harmonia entre os sexos e os indivíduos não depende necessariamente de uma superficial igualação entre os seres humanos, nem tampouco supõe a eliminação dos traços e peculiaridades individuais” [5].

1 Mestre em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pelo Diversitas/USP, doutoranda pelo mesmo programa e instituição, mediadora do grupo de estudos sobre Anarquismos, Feminismos e Masculinidades pelo Centro de Cultura Social (CCS) e pesquisadora associada ao grupo de estudos do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Anarquismo e Cultura Libertária (Nepan - Ufrj). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

2 GOLDMAN, Emma. *Vivendo Minha Vida*, p. 26.

3 GOLDMAN, Emma. “La Tragedia De La Emancipación De La Mujer”, em *La Palabra como arma*, p. 95.

4 Cf. “Se deverá deixar de lado a absurda noção do dualismo dos sexos ou que o homem e a mulher representam dois mundos antagônicos.” In: *Idem*, p. 91.

5 *Idem*, p. 91.

Assim, apregoando uma militância antidogmática, Goldman atentou para a necessidade de não se desprezar o prazer enquanto aliado do exercício cotidiano do anarquismo. A anarquista diagnostica o desafio de lutar contra os “tiranos internos” [6] do próprio eu, o que revela um prisma de autonomia que não depende de chances externas e não aquiesce a uma espécie de renúncia de si cristã. O autossacrifício não configuraria passaporte para nenhuma narrativa teleológica, de modo que assumir a subjetividade no presente imediato seria um ato de insurgência. Na medida em que dialoga com a negação dos deveres sociais que se consubstanciariam em fantasmas corporificados na própria consciência dos indivíduos, Emma Goldman afirmaria: “é absolutamente necessário que as mulheres guardem esta lição: sua liberdade irá até onde for seu poder de libertar-se” [7].

Não é por acaso que a figura de Emma Goldman tenha sido associada à famigerada e apócrifa frase: “se eu não puder dançar, não é minha revolução”. Em um ensaio intitulado “Dancing ourselves to death: the subject of Emma Goldman’s Nietzschean Anarchism” [8], Chris Rosedale aborda a problemática da abertura de Goldman ao devir e à beleza por meio da alegoria da dança. O devir subjacente ao movimento incontido do corpo encontra representação na autobiografia da anarquista e está intimamente vinculado à perspectiva goldmaniana de recusa da subjetivação institucional, isto é, do rechaço à condução do eu por instâncias externas.

Em um excerto emblemático, ela narraria:

Estava viva de novo. Nos bailes, era uma das mais alegres e incansáveis. Uma noite, um primo de Sasha, um rapaz muito jovem, me chamou para um aparte. Com seriedade, como se fosse me anunciar a morte de um companheiro querido, sussurrou que dançar não era próprio de um agitador. Pelo menos, não com esse desleixo. Era indigno de uma pessoa que estava em caminho de se converter em alguém importante para o movimento anarquista. Minha frivolidade só prejudicaria a Causa. A insolência do rapaz me deixou furiosa. Lhe disse que se metesse em seus assuntos; estava cansada de que me jogassem sempre na cara a Causa. Não acreditava que uma Causa que defendia um maravilhoso ideal, o anarquismo, a liberação das convenções e dos preconceitos, exigisse a negação da vida e da felicidade [9].

Se alcançar a liberdade implicava em se submeter a um ideal fechado, homogeneizador e prescritivo, então seria preciso livrar-se do próprio conceito transcendente e imposto de “liberdade”. As práticas antipatriarcais se exerceriam, pois, em um cotidiano de insubmissão que se inscreveria já nas relações microscópicas, tais como a recusa de anuência aos contratos sociais, ao acordo econômico do matrimônio, a uma educação massificadora.

6 *Idem*, p. 94.

7 GOLDMAN, Emma. *The Individual, Society And The State*, p. 95.

8 ROSSDALE, Chris. “Dancing Ourselves to Death: The Subject of Emma Goldman’s Nietzschean Anarchism”, em *Globalizations*.

9 GOLDMAN, Emma. *Vivendo Mi Vida*, p. 82.

Rosi Braidotti, embora seja uma teórica contemporânea que não dialoga diretamente com o contexto de Goldman, sintetizaria o conceito de “sujeitos nômades” [10] justamente para explicar essa evasão em relação a comportamentos previamente codificados. Tal nomadismo extrapolaria o movimento de constante deslocamento espacial, consubstanciando-se em uma consciência perene de transgressão em relação às capturas de subjetividades por meio de modelos hegemônicos e universalizantes, os quais tendem a uniformizar condutas e posicionamentos singulares. Trata-se de uma concepção que esboroa os limiares identitários e se aplica à trajetória e ao pensamento da anarquista aqui estudada. Masculinidade e feminilidade, para Emma Goldman, eram designativos artificiais que obstariam a cooperação das individualidades humanas. A dicotomização dos sexos, iniciada já na tenra infância, com a educação apartada de meninas e meninos, redundaria em uma opressão patriarcal pautada no não reconhecimento da singularidade humana das mulheres.

Logo, entender o feminismo de Emma Goldman enquanto potência indeterminada de cada devir-mulher, isto é, seu posicionamento antipredicativo [11] (sem adjetivos) e antilegalista, equivale a compreender como a arte seria uma das únicas mediações possíveis entre as pessoas: por meio da expressão da singularidade, a negação dos deveres sociais externos encontraria eco possível.

O drama social moderno de Henrik Ibsen

Em suas conferências, Emma Goldman descortinava a resistência individual a partir da discussão de peças teatrais que desmascaravam os deveres sociais hegemonicamente introjetados. Embora acreditasse e praticasse um anarquismo anti-dogmático, ela apregoava um fazer-artístico que fosse vetor de uma mensagem social. Em “Os proletários intelectuais” (1914), a anarquista rechaça veementemente a arte alinhada a interesses econômicos. Para Goldman, os artistas que vendessem suas habilidades ao gosto massificado do mercado incorporariam uma degradação na própria alma individual. A militante valorizava a beleza estética das obras, embora achasse que isso não as eximiria de uma necessária combatividade social. Efetivamente, até mesmo por adotar um viés crítico sobre a arte massificada, a autora rechaçaria as obras como puro objeto de fruição.

Já em 1911, ela publicara o artigo “Minorias versus maiorias”, no qual faria afirmações ferinas em relação à lógica pragmática e quantitativista que tolheria a criatividade. Enfaticamente, a autora apontaria:

10 BRAIDOTTI, Rosi. *Sujeitos Nômades*.

11 Por um reconhecimento que não passa pela institucionalização de identidades, o filósofo Vladimir Safatle também empregaria o termo na obra *O Circuito dos Afetos*.

editores, gerentes teatrais e críticos não se perguntam sobre a qualidade inerente à arte, mas se terá uma boa vendagem. Servirá ao paladar do povo? Ah! Esse paladar é um depósito de lixo; saboreia-se qualquer coisa que não exija esforço mental [12].

Não obstante, a anarquista também recusaria o que seria, em sua perspectiva, uma subsunção da arte a um modelo programático, ideologicamente orientado por dogmas. A individualidade criadora da/do artista não deveria ser elidida em prol de um gosto consumível e uniformizado. Somente a partir dessa autonomia do esforço e do gesto estético é que o engajamento social seria facultado. Assim, Goldman asseveraria:

o homem que não forma parte da torrente da vida não é um artista, não importa o quão bem ele pinte o pôr do Sol ou o quão bem pinte quadros noturnos. Certamente isso não significa que o artista deva ter um credo definido, unir-se a um grupo anarquista ou ao partido socialista local [13].

Nesse sentido, a arte academicista, canônica, não deveria ser cultuada como uma entidade absoluta. O gênio individual era, sim, valorizado por Goldman, mas somente na medida em que esse potencial se manifestasse a partir de um ideal universal, coletivo, que encontrasse correspondência em uma vida sem mediações. Romper com as convenções sociais significaria muito mais do que quebrar convenções estilísticas sob a ótica de Goldman. Todavia, o impulso vanguardista e criativo de artistas iconoclastas, avessos a manifestações estéticas arrebanhadas pelo grande público, também era caro à anarquista.

É entendendo a revolta subjetiva como sinônimo de uma arte com potencial libertário que ela encontraria nas peças de Henrik Ibsen (1828-1906) insurgências que principiavam no lar patriarcal e ressoavam na esfera social mais ampla. Segundo ela assinala:

Ibsen havia descrito a luta psicológica que culmina na revolução da alma humana, a revolta da individualidade. Nada poderia ser mais desastroso, para nossas ideias, que ignorar o efeito do interno sobre o externo, dos motivos e necessidades psicológicos sobre as instituições existentes [14].

Efetivamente, Emma Goldman entrevia uma continuidade orgânica entre a esfera micro e a macro, isto é, entre a expressão genuína da personalidade e os posicionamentos sociopolíticos, entre o que ela designava como “instintos individuais” e “instintos sociais” [15]. Tal prisma contestaria a ideia de que a

12 GOLDMAN, Emma. “Minorias Versus Maiorias”, em *Revista Verve*, pp. 123-133.

13 GOLDMAN, Emma. *Vivendo Mi Vida*, p. 507.

14 GOLDMAN, Emma. *Vivendo Mi Vida*, p. 447-448.

15 GOLDMAN, Emma. “Anarquismo: o que realmente significa”, em *La Palabra como arma*, p. 20.

história apresentaria somente uma dinâmica materialista, influenciada por uma estrutura macroeconômica que interferiria verticalmente na autonomia dos sujeitos trabalhadores. Questionando o marxismo como única teoria e lente de entendimento da sociedade, ela atribuiria à arte um papel de resistência por vislumbrar no cotidiano e na psicologia individual outras formas de mediação que não as institucionais. Conforme argumenta:

A razão pela qual muitos radicais, bem como conservadores, não conseguem captar a poderosa mensagem da arte talvez não esteja longe de ser encontrada. “Plutocratas inchados”, “determinismo econômico”, “consciência de classe” e expressões similares resumem para ele os símbolos da revolta. Mas, como a arte fala uma linguagem própria, uma linguagem que abrange toda a gama de emoções humanas, muitas vezes ela parece insignificante para aqueles cuja audição foi entorpecida pelo ruído de frases estereotipadas [16].

Nesse sentido, o drama social moderno seria disseminador de um pensamento radical ao contribuir para a ativação de uma consciência libertária que principiaria na realidade imediata do sujeito, em sua inquietação diante das mazelas e opressões. A ideia de que ética e estética seriam inextricáveis, tão bem concebida por Jacques Rancière, poderia subsidiar o entendimento de que o fazer-teatral, para Emma Goldman, seria entrevisto como ética militante. Segundo o autor, uma obra poderia subverter papéis sociais já cristalizados, partilhando o sensível e reordenando os lugares visíveis [17].

As peças de Henrik Ibsen, dramaturgo da época de Goldman, seriam lidas pela anarquista como demolidoras de quatro pilares da dominação moderna: a mentira entranhada nas relações sociais; o sacrifício embutido na ideia de dever; o provincialismo, entendido também como patriotismo; e a hipocrisia entranhada no trabalho, este último reduzido a uma mera atividade de acumulação mecânica fomentadora do capital [18].

Assim, tão deletérios quanto as instituições como Estado, Igreja e capital, os “falsos ídolos sociais” que Ibsen demoliria estariam encarnados em crenças que ganharam vida própria na mentalidade individual. O feminismo antipredicativo de Goldman encontraria, pois, ressonância nas personagens femininas que desafiariam as concepções essencializadas ao longo da história. A peça *A Casa de Bonecas* (1879) seria mencionada por Goldman como dessacralizadora dos papéis sociais destinados à mãe e esposa encerradas no lar patriarcal. Nora, a protagonista, se assume como ser humano e se evade desse núcleo conservador após confrontar não só o marido quanto a própria ideia de dever.

16 GOLDMAN, Emma. *The Social Significance Of The Modern Drama*, p. 1.

17 RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível*.

18 GOLDMAN, Emma. “The Modern Drama: A Powerful Disseminator Of Radical Thought”, em *Anarchism and other Essays*, p. 107.

Ao ensaiar a tarantela, a protagonista da peça admirada por Goldman performatiza seu processo de dessubjetivação-subjetivação. Ao dançar desvairadamente e dar vazão ao desejo de se movimentar livremente, Nora desprezaria as imposições do marido em um gesto de insubmissão às desaprovações e censuras do patriarca. A assunção de seu próprio desejo por parte de Nora, não obstante as censuras do marido, bem como o autocontrole de seu corpo, torna este episódio cênico um dos mais emblemáticos de *A Casa de Bonecas*.

A trama ibseniana apresenta esse momento de epifania como um resgate solitário do cuidado de si [19]: em seguida a tal ato, a protagonista rechaçaria a subserviência voluntária sob a qual vivera todos aqueles anos. Tal concepção, oriunda da cosmovisão dos antigos gregos e resgatada por Michel Foucault, incita a pensar nas práticas ético-políticas que caracterizariam um posicionamento ativo do indivíduo que trabalha sobre si para não aquiescer a dispositivos de poder institucionalizados que se internalizam na própria moral. Somente a partir de um resgate-de-si é que seria possível estabelecer relações antiautoritárias com os outros. É possível vislumbrar como o anarquismo e feminismo antipredicativos de Emma Goldman já antecipariam a noção desenvolvida por Foucault. Na leitura da anarquista, Nora teria corporificado uma ascese, uma consciência de sua agência na própria formação e emancipação, processo que lhe propiciaria outro diálogo com o mundo. A leitura de Ibsen por Goldman daria ensejo, pois, à fabulação de um movimento regenerador de uma sociedade que paulatinamente quebraria os grilhões das estruturas arcaicas e opressoras.

Individualidades humanas, arte e revolução

Se a personagem Nora transitou do dever-ser ao devir-mulher, Emma Goldman teria vislumbrado nesse processo um caminhar de mãos dadas entre arte e revolução. O compromisso social da arte seria muito caro a essa anarquista, que afirmaria: “a arte existe não para confirmar as pessoas em seus gostos e preconceitos, não para mostrá-las o que eram antes, mas para apresentá-las a uma nova visão da vida” [20]. Esse engajamento estava longe, porém, de significar o advento de uma arte didática, palatável, formalmente engessada. O que parece importante reter é que a inspiração do fazer-artístico deveria advir necessariamente da vida, do olhar sensível e subjetivo sobre o contexto sociopolítico. Ou seja, em uma espécie de dialética romântica, importaria a expressão, através da “individualidade humana”, de desejos de um gênio individual que, não obstante, tivessem conexão com a vida, o que os dotaria de intencionalidade transgressora.

19 Ética e “cuidado de si” não se confundem como sinônimas, mas na Antiguidade grega, como Foucault constata, a ética como exercício da liberdade orbitou a premissa do “cuidar de si mesmo”. O trabalho sobre si implicava em encarar a liberdade das individualidades enquanto ética que propiciava o estabelecimento de relações sociais “outras”, não servis. Cf. FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

20 GOLDMAN, E. “Art and Revolution”, em *Emma Goldman Papers*, p. 1.

Em uma das passagens de sua autobiografia, intitulada *Vivendo Minha Vida*, Emma Goldman recordaria uma afirmação de sua autoria que tem especial relevância para a compreensão de como arte, vida, indivíduo e humanidade apresentariam liames orgânicos entre si: “a eles me dirigi em minha palestra sobre ‘Arte na Vida’, na qual assinalei, entre outras coisas, que a vida em toda sua variedade e plenitude é arte, a mais suprema” [21]. Essa ideia goldmaniana da arte como sinônimo de vivência libertária não só dessacraliza a obra artística enquanto instituição ou mercadoria como escancara estética e ética em estreita articulação em um exercício preñado de um potencial militante. Para Goldman, as batalhas com que se defrontam os sujeitos seriam processos, em si, mais importantes do que o alcance de uma liberdade colocada em um pedestal do futuro. Assim, entrevistas como exemplos de ação ético-política, as peças do teatro social moderno seriam eleitas pela anarquista como exercícios pedagógicos que incitariam a repensar a estruturação social.

Contudo, acompanhando a imprevisibilidade da vida, o devir e sua imanência, essa espécie de pedagogia libertária através do teatro destoaria significativamente de uma propaganda revolucionária teleológica, partidária e programática. Em um ensaio sobre o drama social moderno, Emma Goldman sublinharia, citando um clássico dramaturgo sueco do naturalismo: “a arte moderna é, nas palavras de August Strindberg, ‘um pregador leigo que populariza as questões urgentes de seu tempo’. Não necessariamente porque seu objetivo é proselitismo, mas porque ele pode se expressar melhor por ser fiel à vida” [22].

Cotejando tal prisma anarquista com a concepção de “cuidado de si” de Michel Foucault, percebe-se que a própria prática cotidiana de Emma Goldman como conferencista sobre o teatro estilizava sua vida militante. A vida comprometida com uma ética da liberdade que também busca provocar os outros a rever suas visões teria como corolário um fazer-artístico que não se esgota na arte pela arte. A etopoiese pressupõe o forjar de uma nova ética, comprometida com o franco falar. Segundo Foucault, a forma de conduzir a própria vida interfere diretamente nas relações com os outros, e uma arte comprometida com esse exercício abriria ensejo à “transformação da verdadeira vida em vida outra, uma vida outra para um mundo outro” [23].

Na perspectiva da “individualidade humana” propugnada pela anarquista, a dicotomia entre práxis revolucionária e uma produção cultural e educacional – o que seria lido nos termos de base e superestrutura por autores marxistas – não seria um diagnóstico viável para a resistência política. A clivagem entre o foro subjetivo e o espaço público não era admitida por Goldman, pois a luta não poderia prescindir de uma revolta no âmago das emoções humanas. Nessa esteira, a anarquista sintetizaria:

21 GOLDMAN, Emma. *Vivendo Mi Vida*, p. 513.

22 GOLDMAN, Emma. *The Social Significance Of The Modern Drama*, p. 5.

23 FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros*, p. 251.

o drama moderno, operando através do duplo canal de dramaturgo e intérprete, afetando tanto a mente quanto o coração, é a força mais forte no desenvolvimento do descontentamento social, inchando a poderosa maré de inquietação que avança e se aproxima da barreira da ignorância, preconceito e superstição [24].

Assim, a estratégia libertária deveria se afinar a uma linguagem que não fosse redutível a uma expressão da consciência de classe. Tampouco, essa lógica anarquista admitiria uma linguagem identitária fechada em si mesma: à heterogeneidade da vida deveria se alinhar um prisma heterodoxo de feminismo e de subjetividade feminina. Sua perspectiva indexada à natureza e à organicidade da vida lhe teria legado a valorização da arte como algo que mina o automatismo e mobiliza pulsões do corpo e da alma, ideias e sentimentos para que a autonomia comece na “alma” e, concomitantemente, se irradie pela sociedade.

Arte e vida como chamas gêmeas da revolta: considerações finais

A arte enquanto exercício imaginativo de uma sociedade “outra” seria a enunciação de “um novo amanhecer” na ótica de Emma Goldman. Essa imagem poética, tão cara à anarquista, sugere uma emancipação de todos os artifícios e mediações antinaturais que impediriam as individualidades humanas de dispor de seu corpo e consciência de forma autônoma. O ideal anarquista desta mulher reconhecia a liberdade e beleza da vida como conceitos inerentes à condição humana, embora os indivíduos tivessem esse potencial sufocado por modelos essencializados que pautariam as relações intersubjetivas.

Assim, Emma Goldman conclamava os artistas a se unirem aos trabalhadores em prol de uma arte prenunciadora de novas estruturas de afetos antiautoritárias. Fundando o Ferrer Center durante a Primeira Guerra, a anarquista encontrou na experimentação artística um elo entre educação e militância. Tratou-se de um espaço que abrigou um jornal, teatro, café, reunindo diversos intelectuais e artistas e promovendo palestras sobre arte, drama, literatura, políticas de controle da natalidade etc. Como Michel Foucault observaria, “o teatro, que é uma heterotopia, perfaz no retângulo de uma cena toda uma série de lugares estranhos” [25].

O estranhamento semearia a revolta, e nesse sentido Emma Goldman apostava em uma dramaturgia do dissenso. Toda arte seria antagonista em relação a forças reativas do puritanismo. O devir subjacente à recusa de morais dominantes corresponde ao apreço da anarquista por um teatro de personagens sem destino, que fazem da emancipação um processo de dessubjetivação e subjetivação perene. Para ela, o fazer-artístico autônomo poderia trazer à tona realidades sociais soterra-

24 GOLDMAN, Emma. “O Drama Moderno: um poderoso disseminador do pensamento radical”, p. 114.

25 FOUCAULT, Michel. *O Corpo Utópico, as heterotopias*, p. 14.

das pela ignorância salvaguardada pelo Estado, pela Igreja e pelo capital. Segundo suas palavras:

Tanto os radicais quanto os conservadores têm de aprender que qualquer modo de trabalho criativo, que com a verdadeira percepção retrate os erros sociais com seriedade e ousadia, pode ser uma ameaça maior ao nosso tecido social e uma inspiração mais poderosa do que a arenga mais selvagem do orador [26].

O teatro poderia representar, para Emma Goldman, um meio de traduzir a realidade social em suas contradições e mazelas. E, por dar vazão aos desejos como manifestação construtiva das individualidades, seria expressão do prazer enquanto elemento vital e inerente de uma humanidade sem dualismos. Transitando entre os limiares de uma arte engajada pragmática e a arte de fruição, sem se esgotar em nenhum dos dois polos, a anarquista considerava a vida dos artistas como o próprio exemplo de atuações libertárias que renunciariam ao conforto de uma vida conformista em prol do posicionamento agonístico com ideias cristalizadas. Não por acaso, arte e vida seriam sublinhadas por Goldman como “chamas gêmeas da revolta” [27].

Referências

BRAIDOTTI, Rosi. *Sujeitos nômades*. Buenos Aires: Paidós, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *O Corpo Utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

_____. “O sujeito e o poder”. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, pp. 231-249.

GOLDMAN, Emma. “Art and Revolution”. *The Emma Goldman Papers: A Microfilm Edition*. Ed. Candace Falk, Ronald J. Zboray, et al. Alexandria: Chadwyck-Healey, 1991.

_____. “La Tragedia de la emancipación de la mujer”. *La Palabra como Arma*. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terra-mar, 2010.

_____. “Minorias versus Maiorias”. *Revista Verve*. São Paulo, n. 13, pp. 123-133, 2008.

_____. “The Individual, Society and the State”. Disponível em <theanarchistlibrary.org> Acesso em 17 fev. 2020.

26 GOLDMAN, Emma. *The Social Significance Of The Modern Drama*, p. 5.

27 - GOLDMAN, Emma. *Vivendo Mi Vida*, p. 440.

_____. "The Modern Drama: A Powerful Disseminator Of Radical Thought", *Anarchism and Other Essays*. Disponível em <theanarchistlibrary.org> Acesso em 13 jul. 2020.

_____. *The Social Significance of the Modern Drama* (1914). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf> Acesso em 23 de julho de 2019.

_____. *Vivendo mi vida*. (1931) Disponibilizado em pdf, em 22 de setembro de 2015, do arquivo anarquismoenpdf.tumblr.com. Tradução em espanhol e notas por Antonia Ruíz Cabezas. Acesso em 17 fev. 2020.

IBSEN, Henrik. *A Casa de Bonecas*. Lisboa: Livros Cotovia, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível*. Tradução de Mônica Costa Netto.. São Paulo: Editora 34, 2005.

ROSSDALE, Chris. "Dancing Ourselves to Death: The Subject of Emma Goldman's Nietzschean Anarchism". *Globalizations*, vol. 12., pp. 116-133, 2014.

SAFATLE, Vladimir. "Por um conceito 'antipredicativo' de reconhecimento". In: *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. São Paulo, n. 94, 2015.

A FOTOGRAFIA COMO UM CAMINHO PARA O FAZER COLETIVO: DESCOBRINDO A IRREVERÊNCIA DE SER – E VER – COM MULHERES LATINO-AMERICANAS

Roberta Novas Battistella [1]

Resumo

Neste ensaio, narro uma vivência pessoal com as imagens ao longo da quarentena imposta pela pandemia do coronavírus em 2020, em conexão com a participação no curso *Irreverências Fotográficas* promovido entre junho e agosto, em formato *on-line*, pelo Movimiento Argentino de Fotógrafxs Independientes Autoconvocadxs (M.A.f.I.A). A partir da experiência de “oito encontros virtuais para interromper isolamentos”, busquei discutir processos de pesquisa bem como a partilha de saberes e fazeres imagéticos, colaborando para a formação de redes autônomas de conhecimento, por meio do afeto, na América Latina.

Palavras-chave: fotografia; mulheres; ativismos; coletivos; américa latina.

Uma autonomia para tentar viver e pesquisar

O roteiro deste texto tem por objetivo apresentar a minha presença e a minha experiência, pois acredito que é isso que deveria mover os processos de pesquisa, não só nas humanidades, mas em todas as áreas do conhecimento. Escolhi por uma escrita íntima e pessoal, mesmo diante de uma perspectiva de não futuro. Nos últimos oito anos, uma vida vivida com toda intensidade e partilhas possíveis, um mestrado defendido, um doutorado em andamento, opções escassas de trabalho e muita incerteza. Alguns (des)encontros com grupos e coletivos, uma compreensão contínua de me reconhecer no campo da coragem e uma vontade de escutar e ser escutada, de ver e ser vista. Assim, estive e sigo aprendendo a prostrar sobre as relações e sobre como os afetos sentidos e provocados até aqui estão presentes nas práticas que realizo.

Ao escrevê-lo, caminhei por alguns momentos significativos dos últimos meses, em especial a minha presença na oficina *Irreverências Fotográficas*, realizada pelo M.A.f.I.A (Movimiento Argentino de Fotógrafxs Independientes Autoconvocadxs). As conexões com a vida e com o labor acadêmico que vieram com os aportes dos oito encontros virtuais empreendidos por Florencia Trincheri, Lina Etchesuri e Luciana Leiras ainda reverberam em uma certa continuidade que nós, sete mulheres que participamos da formação, escolhemos seguir em uma configuração independente,

1 Estou pesquisadora das visualidades, corporalidades e textualidades, realizadas por pessoas e vivenciadas na cultura visual e na comunicação. Atualmente, integro a coletiva de imagens *rayanas*, com mulheres da Argentina e da Colômbia e o Observatório Feminista de Relações Internacionais (OFRI). Entre 2019-2024, desenvolvo uma pesquisa sobre as relações entre cultura visual, feminismos e ativismos na América Latina, no doutorado em Estudos Culturais Latino-Americanos na Universidad Andina Simón Bolívar. Nos últimos anos, estive envolvida com iniciativas e projetos nas áreas da educação e cultura, além de pesquisas, estudos e análises teórico-comunicacionais para o mercado e terceiro setor. Também atuo na produção, preparação, edição e revisão de conteúdo.

sendo *rayanas* o nome do novo grupo formado a partir de então.

Era o início do segundo semestre de 2012, eu estava apaixonadíssima pelo namorado da época e ganhei o livro *Sobre Fotografia*, de Susan Sontag. Sem ter ideia de quem ela era. Quando fui buscá-la na internet – e vi a sua mecha branca no cabelo –, logo me identifiquei, pois essa também tem sido minha marca no mundo há algum tempo. Esse foi o primeiro contato com uma discussão mais densa acerca da fotografia. Eu trabalhava em uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) da área educacional há mais de dois anos, e nos últimos meses antes de sair, já bem infeliz. Contei a ele sobre o desejo de partir a uma experimentação mais acadêmica. A primeira fala proferida do outro lado: “Olha, acho que vai ser bem difícil você conseguir, pois sua formação teórica é insuficiente, a sua graduação esteve focada no mercado, e a concorrência na pós-graduação em universidades públicas é duríssima.”

Em janeiro de 2013, recém-saída do emprego, fiz uma viagem de carro entre o Brasil, o Peru e a Bolívia com ele e duas primas. Primeira proximidade que vivenciamos com a América Latina, editada pelo roteiro da viagem, mas escancarada com todo mistério e encantamento. Depois de um mês, chegávamos ao centro de São Paulo. Em menos de uma semana, recebi a notícia do término do relacionamento, com a justificativa de que eu era um pouco diferente do que se esperava de uma mulher que servisse para ser mãe, parceira, para colaborar com as despesas: para ser, supostamente, uma esposa.

Eu e as imagens



Fotografia que fiz da minha mãe em nosso quintal em Tatuí (SP). Arquivo pessoal.

Era agosto de 1992, com cinco anos de idade, o mês-ano da minha primeira foto. Minha mãe está enquadrada na parte inferior à esquerda, e ao fundo está a entrada da casa em que vivi até os nove anos. Ela parece orientar meu olhar para o que considera que seja um registro ideal: com seus quase 33 ciclos de vida, a mesma quantidade que tenho agora ao digitar estas palavras.

Retomando algumas partes do livro que logo completará dez anos em minhas mãos, e nutrindo um entendimento mais próximo e profundo sobre como pensar e ver as imagens, alguns aportes com que Susan Sontag nos presenteou falavam sobre como fotografar tem a ver com a apropriação do que se fotografa, com realmente se interessar pelas coisas como elas são, que a fotografia configura-se como um espaço de experimentação, participação [2].

Busco trazer tais provocações para uma conversa mais atual, principalmente com os contextos da virtualidade e do digital, muito por eles serem espaços de divagação sobre as características de uma suposta essência da fotografia que vai sendo ressignificada, mas nunca esquecida. Mesmo compreendendo que os apontamentos partem de um universo ainda analógico, com outros paradigmas e modos de produção e circulação, as afirmações da década de 1970 colaboram com a análise dos propósitos do fotografar.

Lembro-me das vezes em que caminhava nas comunidades rurais em municípios do interior de São Paulo fazendo fotos. Em realidade, não tinha ideia do que acontecia ou porque registrava, parecia uma forma de conversar-sentir-ser. As pessoas, animais e paisagens passavam pelas fotos, mas talvez não estivessem diretamente nelas. Foram alguns anos de jogar com as imagens para chegar a um certo momento no qual outros corpos e acontecimentos realmente me atravessassem pelas lentes. Às vezes acredito que esse era o grande desejo: de que alguém, em algum instante da vida, me afetasse e vice-versa. Depois, com o vitiligo [3], não queria que me vissem – me escondia atrás da câmera, quase que como um clichê caminhante.

Por que a foto? Qual é o meu compromisso com este tipo de prática visual? Aos poucos, algumas questões desse sentir ético-estético brotavam ainda mais diante das recentes e necessárias discussões já sendo realizadas; assim, veio uma etapa na qual captei a maior parte dos poros do próprio corpo. E confesso que não gostei muito do que vi na tela. Movo o olhar ao cotidiano. Voltei a me perguntar: quem está fotografando quem e o quê? Que narrativa queremos e podemos criar?

Minha reconexão mais intensa com as imagens aconteceu em 2018, quando participei de um projeto nomeado *Residência para mulheres: encontro com o subterrâneo*. Após me inscrever, enviar o portfólio e ser selecionada, no dia 23 de abril, cheguei ao Ateliê Imprevisto, em Sorocaba, uma casa ocupada com práticas visuais e artísticas em um bairro periférico da cidade. Assumo que me senti bastante perdida entre outras vinte mulheres desconhecidas. Dois meses depois, na salinha da casa de uma futura amiga, recebi um convite para ingressar na YVY Mulheres da Imagem [4].

Na mesma época, prestava um processo seletivo de doutorado com uma te-

2 SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*, pp. 21-23.

3 O vitiligo é uma doença de pele caracterizada pela aparição de manchas brancas de menor ou maior extensão em diferentes partes do corpo como consequência da destruição de melanócitos.

4 A YVY Mulheres da Imagem é uma iniciativa, atualmente interrompida, que busca articular suas lutas por meio de imagens e pesquisas; tem como objetivo dar relevo à atuação e subjetividades de mulheres da imagem. Disponível em <<https://www.instagram.com/yvymulheresdaimagem/>>.

mática ainda repleta de lacunas, mas entendendo como o gênero me afetava no ato de pesquisar – o que implicava uma transição um tanto quanto drástica frente ao que realizei durante o mestrado. Isso tudo me influenciou a pensar com outras mulheres formas de imaginar e produzir o conhecimento. E a fotografia voltou para, nesse momento, explodir.

Em setembro do mesmo ano, as integrantes da YVY, especificamente a fotojornalista Marizilda Cruppe [5], que foi uma das fundadoras, propôs que organizássemos a cobertura nacional [6] das manifestações #ELENÃO [7] contra o então candidato e agora, infelizmente, presidente da República, Jair Bolsonaro [8]. Convocação nacional feita e uma das primeiras coberturas fotográficas e videográficas integralmente realizada por quem se reconhece como mulher.

Há anos, meus dedos tocam os dispositivos quase que diariamente, seja para procrastinar, escrever, trabalhar e, mais recentemente, fotografar a cama, o vibrador, minha cara, os livros, alguém que eu ame. Estamos em 2021, com parte da humanidade em suspensão, e fiz a imagem-montagem da minha mão esquerda direcionada ao céu. Talvez seja uma metáfora não só de criar algo e de me movimentar, mas também de escutar as motivações para produzir imagens, principalmente no tempo presente do isolamento, e como podemos dialogar por meio delas.

Libert-ar é uma montagem realizada em março, durante uma das idas à laje do edifício em que vivi praticamente toda a quarentena.



libert-ar. Arquivo pessoal.

5 Marizilda Cruppe tentou ser engenheira, piloto de avião e se encontrou mesmo no fotojornalismo. Trabalhou no *Jornal O Globo* um bom tempo até se tornar fotógrafa independente. Gosta de contar histórias sobre direitos humanos, gênero, desigualdade social, saúde e meio-ambiente. Fotografa para organizações humanitárias e ambientais. Em 2016, deu a partida na criação da YVY Mulheres da Imagem, uma iniciativa que envolve mulheres de todas as regiões do Brasil. Era nômade desde 2015 e agora faz quarentena no oeste do Pará e respeita o distanciamento social.

6 Uma amostra do material produzido pelas mulheres durante a cobertura: <https://www.youtube.com/watch?v=fwH7D_U2cA&t=5s&ab_channel=YVYMulheresdaImagem>.

7 Disponível em <<https://catarinas.info/o-grito-elenao-eco-na-maior-manifestacao-de-mulheres-da-historia-do-pais/>>.

8 Desafortunadamente, Jair Messias Bolsonaro (sem partido) é um militar reformado e o atual presidente do Brasil, com um mandato desde 1º de janeiro de 2019 até o período presente.

Ela compõe a série contaminada de nós, realizada com a amiga fotógrafa Andressa Fonseca. Com meu celular, busquei viajar parada na tentativa de infinito que o céu nos presenteia, e, com o aplicativo layout, repliquei a imagem e criei uma ilusão de corações na mão a voar sabe-se lá para onde.

No Brasil, alcançamos quase 260 mil mortes por coronavírus [9], de acordo com os “números oficiais”. Admito que não acredito que representem o que realmente aconteceu e segue acontecendo. Esta angústia-sofrimento do agora está no poder fazer quase nada, ou não ver muito significado ou propósito em estudar o que estudo, em refletir sobre as práticas visuais que desaparecem. Será que o que pesquiso, escrevo e produzo desde o presente já não é um passado, um arquivo? Como transformar nossas corporeidades e visualidades em presença e pertinência? Como relacionar-me remotamente através de uma tela com quem ainda não conheci presencialmente? Talvez eu siga percebendo que esse é o movimento – estou e vivo uma atualidade que, muito pela intensidade e propagação, se transforme rapidamente em passado. Refletir sobre tal complexidade é não deixar que a avalanche imagética nos desloque do que realmente importa quando analisamos as imagens, que é como os seus sentidos e os seus usos nos afetam e (re)definem nossa existência.

Em conformidade com grande parte da humanidade, não imaginava como seriam os meses e as semanas seguintes, mas, trancada ou nas ruas, as imagens me acompanhariam. Quando ainda integrava a YVY, em março deste ano, propus que fizéssemos uma convocatória *on-line* com imagens no tempo suspenso (que, posteriormente, identifiquei em diversas publicações na internet de outros grupos e iniciativas, como os da revista *on-line Dislexia*) [10], mas ninguém se manifestou aceitando ou declinando. Estar em quarentena me impulsionou a um posicionamento mais assertivo como pesquisadora e como fotógrafa em formação autônoma. E, a partir daí, ocorreu um andamento bastante fundamental para o doutorado: optei por sair oficialmente da iniciativa YVY Mulheres da Imagem.

Nós e as imagens

Voltar a fotografar, depois de um longo período sem apreender sobre a expressão desse ato em minha vida, conquistou um novo *status* após a participação na residência. Ter conseguido unir as duas frentes de ação, a acadêmica e a pessoal, que me impulsionaram a aprofundar os dilemas do mundo também pelo meu corpo, foi a conexão inevitável do agir e do existir por meio das práticas visuais. Mesmo fotografando desde pequena com câmeras emprestadas – e sem saber muito bem o que estava sentindo – empiricamente constituía os modos de olhar, registrar e, por consequência, aprender a ver.

9 O site oficial com as estatísticas e informações sobre o coronavírus no Brasil confirma o número de mortes, mas não acredito que necessariamente reflitam a realidade de casos, uma vez que a pandemia não foi encarada com a devida seriedade pelo governo federal. Disponível em <<https://covid.saude.gov.br/>>.

10 Portal da revista *Dislexia*. Disponível em <<https://revistadislexia.com/>>.

Quando a nossa experiência vivida de teorização está fundamentalmente ligada ao processo de autorrecuperação, de libertação coletiva, não há lacuna entre a teoria e a prática. Na verdade, o que essa experiência mostra é a conexão entre as duas - esse processo de reciprocidade no qual, em última instância, uma torna a outra possível [11].

No final de 2019, em uma reunião para conversar sobre o plano de tese do doutorado, no qual me proponho a discutir e analisar as possíveis interlocuções entre cultura visual, feminismos e ativismo, conheci a pesquisadora Ariella Azoulay. Até então, Susan Sontag e outros pensadores, como Philippe Dubois e Roland Barthes, eram as referências com as quais eu convivía. Como os feminismos e a questão do gênero, principalmente desde a América Latina, chegaram com toda potência por aqui, a minha busca tornou-se mais situada e direcionada ao que e como as mulheres estão pensando, produzindo, analisando e teorizando.

Um dos aportes que Ariella Azoulay traz em sua obra *O Contrato Civil da Fotografia* (2008) refere-se ao aspecto relacional da fotografia, identificando a sua invenção como algo que traz a noção de encontro entre as pessoas e do encontro entre elas e a própria câmera. Reitera que a fotografia foi “[...] inventada em um momento no qual um espaço de pluralidade estava iniciando, e um grande número de pessoas – muito mais que um certo círculo de conhecidos – tomaram as câmeras em suas mãos e começaram a utilizá-la como um meio para produzir imagens [...]” [12].

Quando intitulo esta seção “Nós e as imagens”, tenho a intenção de contar brevemente sobre como podemos expandir para uma coletividade de maneira imágica. Parte das conversações feitas no âmbito do curso *Irreverências Fotográficas*, mesmo que partindo de autorias individuais, se relacionam com o fazer coletivo – um dos eixos que organizou as atividades. Além disso, os aprendizados vindos dos estudos dos feminismos têm sido provocações que vêm me afetando e pelas quais busquei dialogar com o que aparecia na formação.

Conheci o M.A.f.I.A por indicação da Marizilda, quando estávamos na YVY; ela, que é uma fotojornalista mundialmente conhecida por seu trabalho e envolvimento com os ativismos, trouxe o movimento argentino como uma de suas referências latino-americanas para as coberturas de manifestações e de eventos na rua. Tanto o trabalho de autoria e edição coletivas, como a potência das fotos produzidas pelo grupo, foram alguns dos argumentos para que nos aproximássemos de seus fazeres. Comecei a acompanhá-lo desde o segundo semestre de 2018, principalmente depois que decidimos que faríamos a cobertura coletiva do #ELENÃO – e o M.A.f.I.A trazia parâmetros e rumos interessantíssimos para nossas ações.

11 HOOKS, bell. 1994, p. 61.

12 AZOULAY, Ariella. *The civil contract of photography*, p. 90 (tradução nossa).

Todavia, somente em 2019 consegui me conectar com Florencia Trinchero (Flor), com o apoio de Luciana Chiodi, amiga argentina da militância da comunicação pública, que conheci em 2016 em uma viagem com a Brigada Sul-Americana de Solidariedade à Cuba [13]. Após uma breve entrevista à distância, Flor prontamente se dispôs a contribuir com o que fosse necessário para a tese, sendo muito receptiva e afetuosa. Esse momento de aproximação, mesmo que virtual, me deixou bastante tranquila e confiante para começar a me aproximar.

Ao observar o site, as redes sociais e a difusão das práticas do movimento, uma das principais curiosidades residiu na edição das produções que realizava. O que foi apontado durante a oficina *Irreverências Fotográficas* é que os materiais são produzidos, revisados, selecionados e editados conjuntamente para a publicação final: tudo é, de fato, feito coletivamente. O labor e o prazer têm a ver com a assinatura coletiva. Em 2012, ano do início, eram aproximadamente dezesseis integrantes que circulavam no grupo, e agora são cinco. A noção de confiança extrema se vê expressa em quem tirou a foto – “quase que miramos parecido”, ela relata. Confiança coletiva e um trabalho horizontal, no qual as miradas são complementares, na ação, na rua, nos corpos e, mais recentemente, nas casas.



Foto da cobertura da vigília pela lei que garante o aborto legal e seguro na Argentina. Arquivo M.A.f.I.A.

Irreverências Fotográficas – o curso

No início de maio, acompanhando o que acontecia no âmbito das quatro iniciativas com as quais farei a pesquisa de campo da tese, apareceu a publicação de divulgação da oficina *Irreverências Fotográficas*, que seria promovida a partir de junho

13 Uma vivência que realizei em Cuba, em 2016, com mais de duzentas pessoas da América Latina. Disponível em <<https://convencao2009.blogspot.com/>>.

pelo M.A.f.l.A. Ao enviar uma mensagem à Flor, descobri que precisaria fazer o pagamento de trezentos reais. Novamente contando com o cuidado e carinho da amiga Luciana, que concluiu com os trâmites financeiros, estava inscrita.

Recebida a confirmação, na convocação por *e-mail* já havia o pedido para compartilhar cinco fotos autorais e uma música. Do meu lado, só despontava mais e mais curiosidade. Logo após esse primeiro contato, chegou uma solicitação para que escrevêssemos uma minibiografia de acordo com o material que recebemos de outra participante. Assim, a noite do dia 4 de junho de 2020 começou com a apresentação de Florencia (Flor), Lina (Li) y Luciana Leiras (Lu) contando a história do M.A.f.l.A e nos aterrizando na proposta do curso. Falando sobre o ruído que nos rodeia, das nossas vidas acontecendo, de que pensar as imagens é estar com elas, refletir sobre elas, reiteraram que foi o ato de sair às ruas para fotografar que as convocou como sujeitas e como movimento.

Vivendo alguns meses sem me empolgar com quase nada, me animava a escutar cada pessoa falando de si. Sinto que mesmo presenciando virtualmente aquela partilha imagética de vida, ali estava uma oportunidade de perceber que o coletivo pode se fazer de diversas formas. “Poucas certezas e muitas perguntas – lugar de exploração e pesquisa”, aquele laboratório da irreverência nos permitiu transitar e movimentar em pessoas, telas, corpos, dispositivos, linguagens e distintas formas de abordar a mirada coletiva. E como elas dizem e fazem, horizontalmente.

Aliás, o que entendem por criação de redes e vínculos veio muito ao encontro do que acredito e de como busco viver os meus pequenos circuitos de saberes e de fazeres: pelo afeto. Comentaram sobre o projeto *Poderosas* [14], sobre o quinto aniversário do *Ni une a menos* [15], e expuseram que replicariam nas oficinas como transcorre tudo que se passa dentro do M.A.f.l.A. Os vínculos, as pautas mais interessantes, o entendimento do que seria continuar fazendo uma ação coletiva: começou na rua, nas marchas e segue acontecendo no cotidiano, dentro dos cômodos. Esse estado de alerta, de autoconvocação deve seguir existindo com a mesma força que há quando estamos continuamente nas ruas. A imagem, afinal, também pode ser um lugar coletivo.

Seguimos lendo os textos e apresentando o que fizemos a partir das fotos e canções recebidas. Algumas perguntas surgiram: até que ponto houve uma autorrepresentação ao escrever a biografia dessa outra pessoa? Como as imagens falam? O que elas dizem? Os exercícios de apresentação, intencionalmente estimulados pela metodologia, foram nos indicando que as ferramentas geram discurso pela imagem e que, afinal, queremos sempre dizer algo. Senti que o que estava sendo constituído ali era parte da minha experimentação, ou talvez do próprio trabalho de campo da pesquisa que não consegui realizar viajando à Argentina, à Colômbia e ao Equador.

A certa altura, enquanto Flor nos apresentava o conceito de elasticidade das

14 Página do projeto <<https://somosmafia.com/wp/proyecto-poderosas/>>.

15 Página do portfólio <<https://somosmafia.com/wp/portfolio/calle/ni-une-menos/>>.

imagens, cheguei ao Philippe Dubois e sua teorização a respeito. Encontrei uma entrevista realizada pela pesquisadora brasileira Lúcia Ramos Monteiro, na qual ele discorre sobre a construção de sua análise acerca do que interpreta por elasticidade temporal das imagens contemporâneas [16], que é a capacidade de não ser necessariamente uma representação da realidade, mas sim uma recriação de determinada interpretação da realidade. Quais estratégias geram tal capacidade elástica? As múltiplas possibilidades de um discurso, da oportunidade de se dizer algo como se quer, têm sido cada vez mais legitimadas. A veracidade da imagem está na crença e na perspectiva que construímos sobre ela, não absolutamente sob um suposto reflexo genuíno de um fato. Existe espaço e potência para ficcionar, e no mundo virtual, ainda mais.

Flor, Li e Lu expuseram o exemplo da ficção para os códigos da fotografia por meio do projeto do artista Pere Formiguera, feito em colaboração com Joan Fontcuberta, intitulado *Fauna* [17] (1983-1987). A iniciativa recria a biografia de um zoólogo alemão (Peter Ameisenhaufen), descobridor de uma nova fauna tão oculta quanto fantástica, por meio de imagens de animais com uma formação genética distinta das que naturalmente se esperaria. Foi essa mesma referência que Dubois apresentou na entrevista, discutindo como o ficcional vem questionando o aspecto de verdade da fotografia.

[...] será que ela deixa de ser encarada como vestígio do mundo? Como rastro de algo que ocorreu? Ela pode então ser pensada como uma invenção em si, que não deve mais ao mundo outras relações a não ser a de ser um mundo paralelo, com regras próprias, e não mais a reprise deste mundo em uma imagem. [...] (DUBOIS, 2019)

Entramos no manifesto pós-fotográfico [18]: que tipo de imagens vão seguir comunicando algo? Vivemos a repetição, a linearidade, com a presença de um grande conjunto de imagens similares para falar do mesmo tema, ou seja, uma saturação incalculável. As outras funcionalidades do dizer, que mesclam o documental e a ficção e provocam acontecimentos para se criar um mundo para fotografar, emergem cada vez mais influentes. Que gestos e mecanismos criam as histórias? Quais são os usos dessas produções? Afinal, já sabemos que não existe uma noção acabada da realidade.

Uma das capacidades das imagens é a de continuar, de dar sentido a um relato, de persistir, de ser resíduo. É como dizer que na sua natureza polissêmica vive tal diversidade de significados, que também são gerados por quem recebe e não necessariamente só por quem emite; e que sim, podemos fazer isso a distância. Lina

16 DUBOIS, Philippe. 2019.

17 Página do projeto <<http://www.pereformiguera.com/fotografo/obra/fauna.html>>.

18 Manifesto pós-fotográfico – tradução do texto original de Joan Fontcuberta. Disponível em <<https://www.studium.iar.unicamp.br/36/7/>>.

apresentou a fotógrafa Cristina de Middel e como ela criou a docuficção a partir do livro *Afronauts* [19], e o que irradia da imagem, como é esse continuar. A concepção das fotos pode conter essa exposição do artifício de antemão, ou seja, mostro o que estou fazendo para pôr em debate a pretensão de verdade. Dizer onde enquadrar, esperar o momento espetacular para criar a cena que impressiona e pronto: realidade criada.

Outro questionamento desperta quando ponderamos sobre os trabalhos com as imagens frente ao resultado, ao produto: com qual finalidade e em que lugar vão parar as fotografias que fazemos? O M.A.f.l.A contou sobre o desaparecimento do argentino Santiago Maldonado [20], e como essa memória e esse acompanhamento visual fizeram com que o caso fosse conhecido em outras regiões latino-americanas e uma mobilização ainda maior acontecesse para que não passasse despercebido.

As ações coletivas nas ruas, nos lugares que nos escolhem ou que escolhemos, os (des)encontros entre *pixels* e átomos e como constituímos os vínculos: o que é entrar quase que completamente na vida das pessoas e no que elas acreditam como sendo o sentido de realidade? O trabalho da fotógrafa basca Bego Antón [21], na Islândia, intitulado *The Earth is only a little dust under our feet* (A terra é apenas um pouco de poeira debaixo dos nossos pés – tradução nossa), é resultado de uma viagem por toda a ilha buscando lugares onde seres especiais viviam, um exemplo de sutileza e entrada completa nessa realidade outra.

Em um dos últimos encontros, iniciamos com a fotógrafa estadunidense Nan Goldin e seu projeto documental *The Ballad of Sexual Dependency* [22], conversando com as suas memórias na qual a vida era imagem em (de)composição, as cores e as expressões eram um risco, uma exposição. A espontaneidade, a honestidade, as autorreferencialidades eram um processo de infiltrar-se, de ir por partes durante o registro de outra(s) pessoa(s), com o olhar atento e a câmera sendo um dispositivo da presença. Nan Goldin foi, de alguma maneira, uma infiltrada.

Das irreverências para as irreverentes – subjetividades e o coletivo

Infiltrar-se é mais um recurso narrativo para dizer o que se está fazendo, o que abriga uma certa adrenalina, principalmente quando falamos de estar infiltrada em um trabalho coletivo, no qual a proteção é uma premissa a ser garantida. Atuar como detetive e falar de alguém ou de algo sem ver plenamente. Algumas pessoas estão nas ruas para que sejam fotografadas, e nós temos que saber registrar as energias para escolher de que maneira as fotos que fomos buscar conseguirão se materializar.

19 Página do projeto <<http://www.lademiddel.com/the-afronauts-1.html>>

20 Página da ação coletiva ¿Dónde está Santiago Maldonado? <<https://dondeestasantiagomaldonado.tumblr.com/>>.

21 Página da fotógrafa Bego Antón <<https://begoanton.com/profile>>.

22 Página da fotógrafa Nan Goldin no portal artnet <<http://www.artnet.com/artists/nan-goldin/>>.

No caso do M.A.f.l.A, para a constituição desta mirada, o grupo sai de um mesmo lugar e fotografa o que gosta e, a partir daí, vai descobrindo e compreendendo o que é comum. Respeito, escuta, confiança, amor, amizade e muito prazer – não ter que responder a ninguém além delas mesmas. A própria ética vem acompanhada de um trabalho afetivo, que também envolve embates como toda e qualquer relação de produção criativa do e no coletivo.

Uma boa parte dos aspectos e valores que as integrantes comentaram foi acontecendo em nossos fazeres na formação e internalizando como saberes e metodologias de uma coletividade-filha que ali nascia. O fluir ao longo do curso foi tão seguro a ponto de não importar com quem fizéssemos as atividades em dupla, trio ou grupo. Naquele espaço virtual, conseguimos aprender e colocar em prática nossa subjetividade a favor de um fazer juntas. “O que aconteceu aqui não acontece sempre” – foi a frase que borbulhou de bocas e corações na última aula. Através das telas, brindamos, abraçamos e vivemos.

A última atividade-tarefa [23], como todas que haviam acontecido até então, envolveu pequenos grupos. Uma estratégia já apresentada e fomentada desde o início foi a construção de um *Atlas*, gerado a partir das fotos selecionadas no decorrer dos encontros. Tal material foi a fonte principal de um vídeo final, além de todos os caminhos que havíamos acessado e outras linguagens que escolhêssemos como relevantes para a narrativa audiovisual.

Assim, fomos reconhecendo que estar em uma coletividade representa tecer, seja em um nível interno, seja em um nível externo. O segundo, nesse contexto, acolhe a possibilidade de se aliar com outros grupos de pessoas para gerar visualidades, ou seja, existem muitas formas e lógicas de vínculos, relações e laços para se coletivizar as práticas visuais e tudo que evidenciar a partir delas.

Na última meia hora do dia 30 de julho comecei a chorar compulsivamente ao tentar agradecer pelo que havia acontecido comigo naqueles dois meses. Olhava para a tela e não conseguia disfarçar o impacto de estar em consonância com aquelas pessoas. Propus, joguei e torci para que alguém topasse a continuidade dos encontros em formato independente, e uma parte aceitou: desde então somos as *irreverentes, as juevas, as rayanas*.

23 O sorteio temático de cada grupo aconteceu no portal oraculo.com.ar, uma iniciativa que trabalha com a “fé nos algoritmos” em um extenso arquivo do audiovisual, com frases e imagens de impacto.

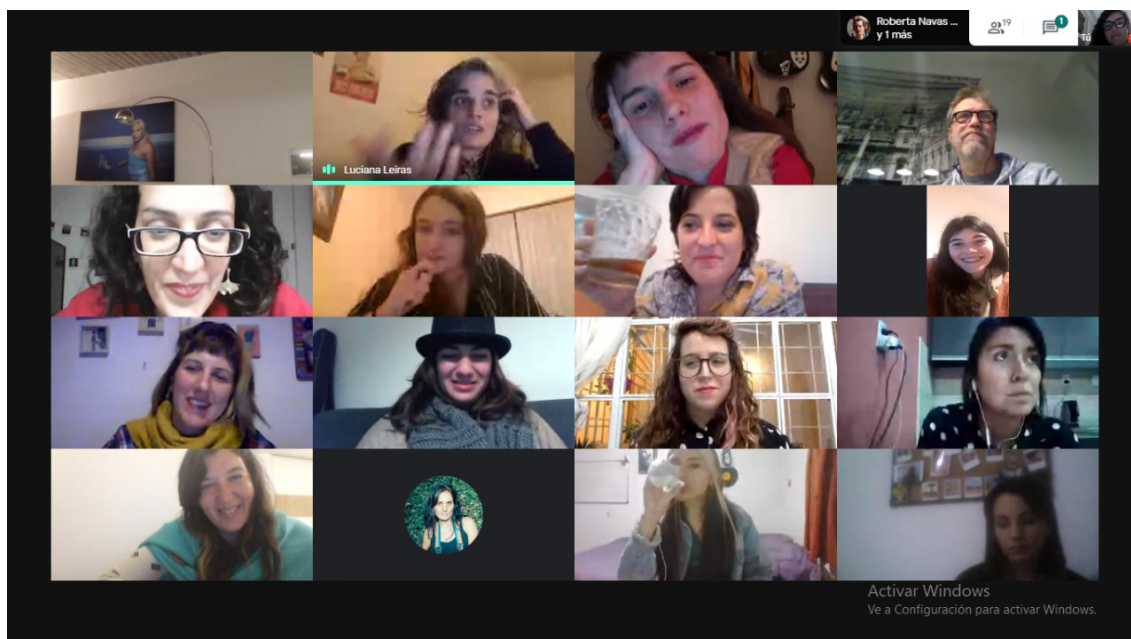


Imagem do último encontro das *Irreverências Fotográficas*, realizado na plataforma Google Meets. Arquivo pessoal.

Além de pensar o trabalho de campo e a própria produção dos grupos, me questiono se não estamos vivendo um tempo-espaço provisório, no qual o intuito de nos relacionarmos no ativismo está diante de um outro em que as relações e suas manifestações acontecem de modo “enquarentenado”, virtual-digital sem tempo definido. Pensar o aspecto relacional da vida e, conseqüentemente, de uma pesquisa tem a ver com o modo que escolho e posso me conectar com as pessoas e com os conteúdos empíricos e teóricos. É um desafio quando somente conseguimos estabelecer as trocas virtualmente, e as imagens passam a ser o principal elo – o disparador, o resultado, o afeto materializado – a forma de experienciar a vida com a outra pessoa.

Nas *Irreverências*, o que nos uniu é que somos, na maioria, não-fotógrafas que sentimos intensamente o mundo pelas imagens – e gostaríamos de discuti-lo em diálogo com elas. Criamos um espaço resistente e caótico para poder nos auto-organizar e autoconvocar para viver dia após dia e não sucumbir. Autonomia para ver, para criar, para tentar não desistir de encontrar um coletivo – que muitas vezes aparece em uma configuração inesperada (virtual e no meio da pandemia).

Quando falamos das práticas visuais feitas por mulheres da América Latina, precisamos compreender como as diversas presenças dos feminismos e das particularidades de cada país influenciam e, de certa forma, convergem para a pluralidade; reconhecendo como as redes sociais podem aparecer como força de relação, disseminação e ressignificação de práticas corpo-visuais latino-americanas – encurtando-as por meio das ações em rede. Nas imagens produzidas pelo M.A.f.I.A, entendemos que os vários corpos que estão em frente ou detrás da tela criam um amálgama, uma colagem de subjetividades.

Referências

AZOULAY, Ariella. *The civil contract of photography*. New York, Zone Books, 2008.

FONTCUBERTA, Joan. "Por um manifesto pós-fotográfico". *Stadium*, vol. 36, pp. 118-130, jul. 2014.

HOOKS, bell. *Teaching to transgress*. New York, Routledge, 1994.

LACUNAZ, Cidade e fotografia. *Entrevista: Philippe Dubois e a elasticidade temporal das imagens contemporâneas*. Disponível em <<https://medium.com/@lacunazfoto/entrevista-philippe-dubois-e-a-elasticidade-temporal-das-imagens-contempor%C3%A2neas-2c4fed875f26>> Acesso em 12 out. 2020.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

PARTIR DE SÍ... FORJAR Y ANDAR EL CAMINO DE LA PRODUCCIÓN DE NARRATIVAS SOBRE LA ACCIÓN POLÍTICA ARTÍSTICA FEMINISTA

Ana Maria Castro Sanchez [1]

Resumen

Este artículo comprende el proceso, algunos resultados y preguntas que en términos metodológicos surgen de un ejercicio de investigación activista feminista con activistas y artistas feministas en Colombia. Se reflexiona sobre las potencialidades y dificultades de la metodología de las producciones narrativas y problematiza la relación activismo-academia; presentando así los límites, aprendizajes, retos y propuestas suscitadas en esta experiencia de investigación sobre la acción política artística feminista.

Palabras claves: arte; política; producciones narrativas; acción política artística feminista; metodología; investigación activista feminista.

A la práctica de hacer teoría desde la propia experiencia se la llamó 'partir de sí': en los dos sentidos del verbo 'partir', simultáneamente, es decir, en el sentido de 'empezar desde' y, también, de 'separarse de', como el barco que parte de un puerto para ir a otro lugar, llevándose un tesoro nacido en mí, en mi experiencia.

María Milagros Rivera

Introducción

En este artículo compartiré el proceso, algunos resultados y preguntas que en términos metodológicos surgen de mi investigación doctoral "Arte con política en el activismo feminista. Narrativas de la acción política revuelta" [2]. La propuesta consistió en realizar un ejercicio de investigación activista feminista con quienes rompen con formas tradicionales de las políticas feministas en Colombia: activistas y artistas feministas en las ciudades de Cali y Bogotá entre el 2016-2018.

El resultado de este trabajo fueron seis narrativas que se manejaron de tal manera que constituyeron el eje articulador de los análisis desarrollados, así las

1 Soy activista feminista, batuquera en formación, actriz averiada. En los caminos de la academia deambulo por los estudios feministas, aprehendiendo mi formación en ciencias sociales, en estudios de la cultura y en género para llegar a un doctorado en sociología donde pude dedicar más tiempo a cavilar sobre la relación entre el arte y la política en el activismo feminista. Actualmente soy docente en la Universidad del Tolima y jirón de la Matilha Paganas de la Percusión, en Ibagué - Colombia.

2 El objetivo principal de esta investigación fue analizar cómo se configura la acción política por medio del activismo que se centra en el arte como práctica política; así como discutir en qué medida se reinventa la acción política feminista con y a través del arte, las varias formas de entender y poner en práctica la relación entre el arte y la política, el lugar de las artes feministas comprendidas como prácticas políticas con sus propios repertorios y el lugar de los feminismos en el trabajo artístico.

vivencias de las sujetas de la investigación se pusieron en el mismo nivel epistémico que los análisis de otros autores que han trabajado los temas propuestos. De este proceso surgen una serie de reflexiones metodológicas en cuanto a las potencialidades y dificultades de las producciones narrativas y se problematiza la relación activismo-academia, presentando así los límites, aprendizajes, retos y propuestas suscitadas en esta experiencia de investigación activista feminista.

Hicimos un trabajo de construcción colectiva de conocimiento situado desde y para la acción política con la metodología de las producciones narrativas. El conocimiento situado es parte de las propuestas de las epistemologías feministas que reconocen otros tipos de conocimientos, que no se suscriben a los límites de la producción de conocimiento tradicional y hegemónico. Los conocimientos situados parten de la experiencia y permiten repensar la posición de quien investiga para rehacer su rol, así como identificar las implicaciones del posicionamiento de las diferentes personas con las cuales se construye conocimiento y la manera como estas posiciones entran en relación.

En consecuencia, para la apuesta colectiva trabajamos con una metodología que reconoce la agencia de las participantes en todo el proceso y posibilita su participación. Las Producciones Narrativas permiten superar la idea imperante de que el conocimiento está solo en manos de las personas investigadas, reconociendo que la acción política también constituye un saber. Las sujetas aceptaron participar en este camino porque nos propusimos desafiar la lógica del conocimiento extractivista y el uso, solo para fines académicos, de los resultados de la investigación.

El enfoque y el proceso

En la investigación de donde surgen estas reflexiones metodológicas me propuse analizar cómo se configura la acción política por medio del activismo que se centra en el arte como práctica política. Debido a que las preguntas que motivaron la investigación no se resolvían solo en el ámbito teórico, sino que eran los modos de hacer, las prácticas, las diferentes vivencias, las que podían dar posibles respuestas, ampliar las miradas y hacer otras preguntas, fue importante hacer partícipes de esta investigación a colectivas feministas, grupos artísticos y artistas feministas que rompen con formas tradicionales de las políticas feministas en Colombia.

La Tremenda Revoltosa Batucada Feminista (Bogotá) [3] y Féminas Festivas (Cali) [4], son colectivas feministas que tienen una apuesta política clara por transformar el activismo feminista desde el arte. El teatro La Máscara (Cali) [5] y Polikarpa y sus viciosas (Bogotá) [6], grupos artísticos de amplia trayectoria en el país que han contribuido a transformar desde una postura feminista el lugar de las mujeres

3 Ver más sobre la colectiva en: <https://www.youtube.com/watch?v=7OKkbRM7TDc>

4 Ver más sobre la colectiva en: <https://feminasfestivas.hotglue.me>

5 Ver más sobre el grupo en: <http://teatrolamascara.com>

6 Ver más sobre la banda en: <http://youtube.com/watch?v=n8ggROOsP8k&t=1s>

en el arte, específicamente en el teatro y en la música punk. Las artistas feministas Diana Molina y Ana María Villate (Bogotá) [7] quienes han tenido una formación profesional en artes y desarrollan su trabajo artístico -en las artes plásticas y performáticas- desde una posición política y un quehacer feminista, cuya propuesta artística se desenvuelve tanto dentro como fuera del mundo del arte. Razones primordiales por las cuales estas colectivas, grupos y artistas fueron invitadas ha ser parte de la investigación.

Para comprender en qué medida se reinventa la acción política feminista con/a través del arte, analicé las acciones políticas artísticas feministas de las sujetas de esta investigación, y sus narraciones sobre la acción política artística. Así busqué contribuir a construir colectivamente un conocimiento situado sobre las políticas feministas y sus prácticas, el lugar del arte feminista en el activismo feminista, y las potencialidades políticas de las expresiones artísticas en estos activismos que reinventan la política y el arte.

Partí de la necesidad de repensar la relación entre el arte y la política que, además del plano teórico, pudiera ser analizada en acciones concretas. Elegí artistas, grupos y colectivas del movimiento feminista en Colombia al considerar que los feminismos han apostado a lo largo de su historia por un activismo que renueve las formas de hacer política y allí el arte ha tenido un lugar importante. Además de mi interés por hacer visibles otras políticas feministas que también constituyen el movimiento feminista en mi país.

Para ello propuse la realización de una investigación activista feminista – IAF –, como apuesta teórica, metodológica y política que tiene la intención de poner en práctica las propuestas de las epistemologías feministas [8], donde adquiere importancia la valoración de las experiencias, las acciones y las prácticas, de allí la necesidad de trabajar con colectivas, grupos y artistas cuya apuesta política fuera un activismo feminista desde el arte.

Con relación a la propuesta metodológica, la investigación activista feminista -IAF- parte de la convicción que los conocimientos son parciales, inacabados y tienen una clara intencionalidad política. Este tipo investigación reconoce que existen diferentes modos de conocer, así como sus efectos y consecuencias son diferenciales según la posición y condición de género, incluida la intersección de diversos sistemas de opresión que también van a repercutir en las implicaciones del conocimiento, sus usos, potencialidades y límites.

Propuse realizar una experiencia concreta de construcción colectiva de conocimientos situados desde y para la acción política. Los conocimientos situados parten de las propuestas de las epistemologías feministas [9] desde las cuales se reconoce

7 Algunas obras de la artista están disponibles en: <http://anamariavillate.laveneno.org>

8 B., Bárbara, "Desde la investigación-acción hacia la investigación activista feminista", en *Perspectivas y retrospectivas de la psicología social en los albores del siglo XXI*.

9 H., Donna, *Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinención de la naturaleza*.

que el conocimiento como construcción social refleja las relaciones de poder según los contextos y tiempos en los cuales se enmarca. Plantea asimismo la importancia de generar conocimientos contextualizados y pertinentes a las diversas realidades, donde es primordial el punto de vista de quienes agencian los conocimientos, que implica reconocer la parcialidad de los mismos, asumiendo una postura que es política y ética. Además, las propuestas de las epistemologías feministas reconocen que existen diversas formas de producir conocimientos y que no hay espacios exclusivos para ello, lo que abre la posibilidad de construir conocimientos desde otros lugares y experiencias, como las luchas políticas, las expresiones artísticas, entre otros.

Las epistemologías feministas también se han preguntado por su conexión con metodologías, métodos y técnicas de investigación; caracterizando a las investigaciones feministas como procesos en construcción flexibles, dinámicos y libres. En este caso partimos del uso creativo de la metodología de las Producciones Narrativas. Junto con las sujetas de la investigación construimos seis narrativas comprendidas como la producción conjunta de un "texto híbrido" entre investigadora y participantes que implicó tres momentos: sesiones de conversación sobre el tema de estudio, elaboración de texto – textualización – sobre dichas conversaciones por parte de la investigadora, y la agencia de las participantes sobre el texto para modificarlo y hacerlo concordar con su punto de vista, para concluir con una narración que muestra de manera expresa la visión de las participantes sobre los temas de estudio [10]. Un ejemplo de las narrativas construidas, que en este acaso nos habla de la postura de una de las artistas frente a las luchas feministas en el contexto colombiano, es el siguiente:

[las luchas feministas] no pueden darse en un terreno abstracto y aislado, sino que tienen que ver con el medio ambiente, la minería, los derechos laborales, el mundo educativo, conectan con otra cantidad de procesos por lo que hay que tejer con la otra gente. La metodología debe estar de acuerdo con la comprensión que la gente tiene en las regiones de su realidad. Más importante que llenarse la boca y decir que soy feminista, hiperradical o superartista, me parece vital ir y dialogar con el otro en sus términos, en su lenguaje, bajarse la nubecita teórica y ver cómo la gente está entendiendo su entorno y abrir un diálogo que posibilite la creación colectiva (Diana Molina, narrativa 2).

En esta investigación las narrativas producidas son objeto de estudio en la medida en que en ellas indago por las formas cómo se piensa y lleva a cabo la acción política artística feminista que emprenden las sujetas de esta investigación, surgiendo de allí la reflexión sobre las categorías de análisis. Como método de indagación las narrativas me permitieron recoger las experiencias que dan cuenta de las diversas formas como se ponen en práctica los temas abordados. Por ello, más que una historia personal o colectiva, las narrativas son la forma como las sujetas de esta

10 Haraway. Donna, "Las promesas de los monstruos: Una política regeneradora para otros inapropiados/bies", en *Política y sociedad*

investigación se sitúan frente a los temas/problemas propuestos para el análisis. Asimismo, son producto de investigación en la medida en que las narrativas finales son el resultado del trabajo de campo y del proceso de textualización, y son un material que puede ser utilizado por las sujetas de esta investigación para los fines que ellas decidan como coproducción de conocimiento situado.

En este sentido, la noción de narrativa trabajada en esta investigación es una textualización producida en un proceso participativo diferente a una narrativa producida por una autora o autor. En éstas se encuentran narrativizados los diálogos sostenidos con las sujetas de esta investigación que son comprensiones y posicionamientos [11]; las narrativas producidas se disponen y manejan de tal manera que constituyen el eje articulador de los análisis desarrollados en la investigación. No son narrativas biográficas ni estudios de caso por lo que no son trabajadas como datos empíricos sobre sujetos de estudio, así como no son solo registros ni un anexo más, sino que hacen parte constitutiva de la investigación. Por ello, las narrativas son productos con legitimidad propia que no requieren ser interpretados, como sugiere la metodología de las Producciones Narrativas.

Las narrativas también permiten acceder a formas de comprensión y creación de significados difractorías, en el sentido que propone Donna Haraway [12], al ser formas de producción de conocimiento que no representan la realidad sino que producen nuevas teorías y aportan una diversidad de miradas sobre lo investigado. Esos conocimientos son relacionados con las meta-narrativas comprendidas como nociones abarcadoras ya definidas, en este caso relacionadas con el arte, la política, los feminismos, la acción política. Estas experiencias que difractan permiten reflexionar sobre cómo estas meta-narrativas han sido incorporadas, rechazadas, complementadas, subvertidas, cuestionadas, complejizadas o desplazadas, pues no son la única forma de conocimiento posible.

Una apuesta por otras formas de construir conocimientos

En una investigación activista feminista la pregunta por el cómo resultaba crucial en la medida en que una investigación no es feminista simplemente porque la investigadora se posiciona como tal, o porque trabaja con quienes se consideran a sí mismas mujeres, o porque asume las propuestas de las epistemologías feministas. Como no existe un método, ni una epistemología, ni una sola forma de concebir y

11 Las sesiones de trabajo con las colectivas, grupos artísticos y las artistas a partir de las cuales construimos las narrativas, fueron espacios de diálogo y discusión sobre los temas que aborda la investigación, guiados por preguntas propuestas por mí, así como otras que fueron surgiendo a lo largo de la sesión y que permitieron profundizar en los aspectos que se iban dilucidando. Para estas sesiones elaboré una guía de trabajo basada en los ejes temáticos de la investigación, fue principalmente un instrumento pensado de manera fluida que me permitió organizar mis ideas ya que no era posible una reflexión lineal y consecutiva de cada tema, éstos estaban generalmente interrelacionados o iban surgiendo justamente por su conexión.

12 Haraway, Donna, "Las promesas de los monstruos: Una política regeneradora para otros inapropiados/bies", en *Política y sociedad*.

por lo tanto construir conocimiento feminista, ni es esa la pretensión, la pregunta es ¿qué hace feminista una metodología, una investigación? y sus implicaciones en la práctica. En este sentido, lo que quería hacer era poder construir conocimientos colectivos que partieran de la experiencia. Las otras preguntas fundamentales tenían que ver con el sentido de la investigación ¿para quién, para qué, con quién, haciendo qué?

De la investigación activista feminista también deviene un elemento importante como es la crítica a la teoría que se presenta como neutral y desencarnada, posicionada desde un lugar en el que dice ver todo, pero realmente es solo una parte; esto se debe a que el conocimiento también pasa por el cuerpo, está encarnado, incorporado, por lo cual es un pensamiento implicado, situado. Así se responde a la certeza que toda producción de conocimiento afecta los cuerpos, las vidas, las subjetividades de quienes participamos en dichos procesos de construcción. Por ello, la investigación activista feminista implica una explícita y abierta reflexión sobre el propio proceso de producción de conocimiento, reflexión que en ocasiones es marginalizada y subvalorada por manifestar abiertamente las contradicciones, vacíos y sesgos del conocimiento académico.

Otra de las características de las investigaciones activistas feministas, es la necesidad de superar la fragmentación artificiosa que se ha construido entre conocimiento teórico y práctico, entre un conocimiento ajeno a la vida de las personas y uno que tenga sentido para la vida; de allí la importancia de repensar desde dónde es posible construir conocimientos, cómo se pueden producir, a qué otras lógicas pueden responder. En este sentido, Xochitl Leyva [13], afirma que hoy es posible reconocer que se han ido construyendo otros tipos de conocimiento dentro de las dinámicas propias de los movimientos políticos, de los que son expresión y que como tal están en permanente construcción.

Igualmente, María Isabel Casas-Cortés, Michal Osterweil y Dana Powell denominan dichos conocimientos como activistas y definen su desarrollo a través de diferentes prácticas de conocimiento, las autoras aclaran que estas prácticas:

incluyen, por un lado, análisis, conceptos, teorías, imaginarios -incluyendo las categorías mismas de identificación colectiva y análisis político a partir de las cuales actúan- y, por otro lado, artefactos metodológicos y herramientas de investigación. Además, también comprenden prácticas asociadas, de una forma menos obvia, con el conocimiento, incluyendo la generación de subjetividades/identidades, discursos, sentido común y proyectos de autonomía y de vida [14].

13 L. Xochitl. "¿Academia versus Activismo? Repensarnos desde y para la práctica-teórico-política", en *Conocimientos y prácticas políticas: reflexiones desde nuestras prácticas de conocimiento situado*.

14 M. I. Casas-Cortés; M. Osterweil; D. Powell, "Fronteras borrosas: reconociendo las prácticas de conocimiento en el estudio de movimientos sociales", en *Conocimientos y prácticas políticas: reflexiones desde nuestras prácticas de conocimiento situado*.

Para la investigación activista feminista esta propuesta de la producción de conocimientos que se encuentra en los movimientos sociales es una herramienta importante ya que, además de hacer visibles la diversidad de formas, usos y efectos de estas prácticas, se ponen en cuestión los significados y el uso mismo de lo que se considera conocimiento. Para la IAF esto se refleja en la construcción de marcos teóricos conceptuales alternativos donde se conjuguen ideas que tienen que ver con valores y concepciones, categorías, representaciones, prácticas y contextos. Este tipo de apuestas pueden ser posibles justamente en IAF donde no se trata de construir conocimientos de o sobre sino junto, con y para. De allí que las experiencias más relevantes sean las que se han desarrollado articulando prácticas académicas con activismos políticos, particularmente movimientos sociales; con las cuales se busca producir saberes políticos colectivos.

En el desarrollo de sus trabajos de investigación activista con diversos movimientos sociales, Casas-Cortés, Osterweil y Powell [15], proponen reconocer como “prácticas de conocimiento” (*knowledge-practices*) los saberes producidos en los movimientos sociales como parte fundamental de sus dinámicas cotidianas, reconocidas como espacios de creación, reformulación y difusión de conocimientos. Este concepto intenta evitar las connotaciones abstractas normalmente asociadas con el conocimiento y destacar su carácter concreto, corporizado, vivido y situado.

Para la investigación activista feminista esta propuesta de la producción de conocimientos que se encuentra en la cotidianidad de los movimientos sociales es relevante, ya que la IAF trae consigo la necesidad de construir marcos teóricos conceptuales alternativos donde se conjuguen ideas que tienen que ver con valores y concepciones, categorías, representaciones, prácticas y contextos, que se verá reflejado en lo que configura posturas teórico-metodológicas y por supuesto políticas.

La relación activismo-academia

Las investigaciones activistas feministas se enfrentan con la necesaria superación de la dicotomía entre academia y activismo impuesta como antagónica, que trae consigo tensiones y contradicciones. Cómo ven y valoran el trabajo desde sus propios lugares de producción de conocimiento tanto las investigadoras como las activistas, se supera con diversas experiencias que han demostrado que son factibles las superposiciones de agendas académico-políticas. Para ello han sido fundamentales las agendas de los feminismos que han articulado a lo largo de su historia los procesos de investigación y el activismo feminista, haciendo esfuerzos por no perder la conexión que ello implica entre teoría, análisis de la complejidad y experiencias, gracias a las cuales existen nuevos procesos de producción de conocimiento. De esta manera se concreta la idea que en determinados casos solo se puede llegar a conocer a profundidad si se participa activamente en dicho proceso,

15 Idem

como plantea Xochith Leyva [16].

Para que esto sea posible, una vez más, es necesario repensar el lugar de la investigadora cuya posición de poder habitual se cuestiona y transforma. En este sentido, Bárbara Biglia [17] plantea que no se trata de su muerte sino de su apertura, también de los territorios y las participantes. Es el tránsito de la idea de que la investigadora es la única que tiene el conocimiento a la producción de saberes colectivos, colaborativos, participativos, que supera el individualismo de la ciencia tradicional. Ello permite ampliar y multiplicar las miradas para obtener visiones más polimórficas de las realidades, que nos lleven a comprender un poco más las complejidades en las que nos movemos también en ejercicios de investigación.

Toda esta situación se hace más compleja cuando quien investiga es a su vez una activista, o quien milita es a la vez una investigadora, posición que supera los límites de una y otra actividad que se ha intentado mantener separada, de allí su constante cuestionamiento. Se trata de una postura que conjuga posiciones políticas y posiciones frente a la producción de conocimiento, en un encuentro entre acciones políticas y saberes para y acerca de estas acciones. Justamente en el quehacer de las IAF se enfrentan las tensiones y contradicciones que surgen en estos procesos, ya que no se trata solo de un proyecto intelectual sino también de una cuestión política, lo que es precisamente su característica principal.

Considero que involucrarse plenamente en los procesos políticos no implica necesariamente la imposibilidad de una reflexión crítica. Estar adentro, ser y hacer parte, comprometerse políticamente no significa que se olvida el lugar diferenciado desde el que cada una se posiciona y toma parte. En el caso de mi investigación, aunque no era parte de las colectivas con las que trabaje, me involucre como activista feminista en las acciones sin olvidar ni desconocer que también tenía en ese momento una mirada enfocada en el análisis de ese activismo; posteriormente en el proceso de escritura todo ello se conjugó y en los momentos que fue necesario también me posicioné críticamente en el análisis.

Asimismo, comprometerse en los procesos hace parte de la apuesta política por dar legitimidad a los conocimientos que se construyen en y con los activismos; legitimidad y validez que no solo va a ser importante para el ámbito académico sino principalmente para las personas y los colectivos, para quienes dichos conocimientos van a ser centrales en las propuestas y alternativas frente a lo que se lucha.

Hace parte de la opción por realizar una investigación activista feminista tener en cuenta que nos enfrentamos a todos estos retos y preguntas, que se trata de superar dicotomías, pero también moverse en los márgenes, en las fronteras, en los encuentros y desencuentros. Ello implica repensar el activismo y la investigación como *continuum*, es justamente en el trabajo concreto donde quizá encontremos

16 Idem

17 Biglia, Barbara, "Corporeizando la epistemología feminista: investigación activista feminista", en *Subjetivación femenina: investigación, estrategias y dispositivos críticos*

respuestas a cómo movernos en los intersticios y articulaciones posibles entre los activismos, las investigaciones y los feminismos, cómo hacer prácticos los aportes que las epistemologías y metodologías feministas traen a las acciones políticas y como éstas a su vez afinan y enfocan las investigaciones en una relación dialéctica.

En este sentido, los ejercicios de coinvestigación que partan no solo de intereses académicos, sino desde las necesidades y búsquedas de las mismas organizaciones pueden ser alternativas interesantes para que éstas se involucren comprometidamente en todo el proceso. Estos pueden ser pensados también como actividades concretas de transformación social, lugares de formación política y de cooperación diferentes en la búsqueda de producciones de conocimientos otros, que de maneras críticas y problematizadoras respondan a experiencias concretas. De esta manera, los ejercicios de coinvestigación se pueden constituir en acciones políticas que surgen desde dentro de los procesos para conjugar teoría y práctica, conocimiento y acción de maneras no lineales y sin necesidad de ser ámbitos separados, para que tengan resonancias en la reinención de las formas de activismo.

Desde mi experiencia en esta investigación, aunque hice lo posible porque fuera activista y feminista, y por lo tanto situada, confirmé que esto no depende solo de mi perspectiva epistemológica, metodológica y política, ni de mi claridad discursiva o teórica al respecto, sino de cómo ponerlo realmente en práctica en todos los momentos de la investigación.

Para que una investigación sea activista necesita de procesos colectivos de construcción de conocimiento desde diferentes lugares, miradas, sujetas, lenguajes, relaciones. Mi experiencia en este sentido es que para lograr esto necesito aprender a manejar mi lugar como investigadora que me permita construir los puentes necesarios, así como hacer más explícita mi posición situada que no solo está determinada por las marcas identitarias y cómo me interceptan los sistemas de opresión, sino también por lo que elegimos hacer y desde dónde mirar. Asimismo, las dinámicas de poder no pueden ser negadas en las investigaciones, lo importante es repensar el ejercicio de poder que se ejerce y cómo gestionarlo.

Otro aspecto importante es la intención de querer subvertir las formas tradicionales de construcción de conocimiento, aquí aprendí que esto implica ensayo, error, tiempo, caminos por abrir y construir en los cuales me sentí muchas veces sola; lo que sin duda hubiera sido diferente si el proceso se realizara plenamente de manera colectiva. Asimismo, sentí la necesidad de dar la misma atención e importancia a todas las etapas del proceso de investigación (elección de temas y problemas, la metodología, con quien hacerlo, la teoría, etc.) que por los tiempos de la academia se dificulta; porque esto ayudaría a aprovechar mejor la reflexividad que es importante tener para comprender los cambios, dudar, problematizar lo que vamos haciendo y buscar salidas que son aprendizajes en esos intentos de otras formas de hacer.

Asimismo, reafirmé que la apuesta política de este tipo de investigaciones está relacionada con poder aportar a un cambio. Los conocimientos no se construyen

porque tengan sentido por sí mismos, sino porque permiten sugerir nuevas prácticas políticas bajo las premisas de compromiso y responsabilidad que posibiliten las transformaciones. De allí la importancia de que sean situados como alternativa viable y pertinente frente a las ciencias que se posicionan desde posturas acéticas y supuestamente apolíticas, en un mundo profundamente desigual, patriarcal, colonial que, por el contrario, precisa de la producción de conocimientos comprometidos en el camino para transformar nuestras injustas realidades.

A manera de conclusión, considero importante prestar suficiente atención a las implicaciones de lo que significa hacer investigaciones situadas, cómo ello influencia nuestras formas de hacer para poner en práctica las epistemologías feministas que fortalezcan las investigaciones activistas feministas. Realizar este tipo de investigaciones, pasa por tener claridades frente a nuestra postura y privilegios identificando el lugar en el que nos posicionamos en el contexto académico; no solo lo que entendemos por conocimiento y ciencia sino de donde vienen los criterios a partir de los cuales le damos un valor, haciendo evidentes nuestras reflexiones y decisiones sobre los supuestos, las incertidumbres, las certezas e incertezas desde las que partimos cuando investigamos.

También es relevante la mirada crítica en relación a en qué se sustenta la autoridad de quienes son reconocidas como productoras de conocimiento, así como las restricciones institucionales que enfrentamos, las preguntas que son o no permitidas, las maneras de reaccionar frente a las respuestas, las alianzas que son posibles de realizar o no, las formas de trabajo consideradas legítimas. De esta manera la reflexividad nos remite a nuestro lugar tanto frente al ámbito académico como frente a las relaciones que posibilitan las investigaciones.

Se trata de estar atentas al impacto de nuestras investigaciones, no solo en términos de los resultados sino de todo lo que se va generando durante el proceso -incluidos los encuentros y desencuentros-, lo que pasa por reflexionar sobre el alcance de nuestros compromisos y lo que se va generando tanto en el nivel subjetivo como colectivo, con el fin de hacerse responsable y dar cuenta de ello.

Referencias

BIGLIA, Barbara. "Desde la investigación-acción hacia la investigación activista feminista". In: MARTÍNEZ, José Romay (Coord.) *Perspectivas y retrospectivas de la psicología social en los albores del siglo XXI*. Madrid, Biblioteca Nueva, 2007, pp. 415-422.

BIGLIA, Barbara. "Corporeizando la epistemología feminista: investigación activista feminista". In: LIÉVANO, Martha y DUQUE, Marina (comp.) *Subjetivación femenina: investigación, estrategias y dispositivos críticos*. Monterrey, Universidad Autónoma de Nuevo León, 2012, pp. 195-212.

CASAS-CORTÉS, María Isabel; OSTERWEIL, Michal; POWELL, Dana. "Fronteras borrosas: reconociendo las prácticas de conocimiento en el estudio de movimientos socia-

les". In: LEYVA, Xochitl (et al.), Conocimientos y prácticas políticas: reflexiones desde nuestras prácticas de conocimiento situado. Chiapas, México D.F., Lima y Ciudad de Guatemala, CIESAS, PDTG-USM, UNICACH 2010. Disponible en <http://www.encuentroredtoschiapas.jkopkutik.org/BIBLIOGRAFIA/PRACTICASDEINVESTIGACION/Fronteras%20Borrosas.pdf>. Acceso en 14 mayo de 2014.

HARAWAY, Donna. Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinención de la naturaleza. Madrid, Cátedra. 1995.

HARAWAY, Donna. "Las promesas de los monstruos: Una política regeneradora para otros inapropiados/bies", Política y sociedad. No. 30, pp. 121-165. 1999.

LEYVA, Xochitl. "¿Academia versus Activismo? Repensarnos desde y para la práctica-teórico-política". In: LEYVA, Xochitl (et al.), Conocimientos y prácticas políticas: reflexiones desde nuestras prácticas de conocimiento situado. Chiapas, México D.F., Lima y Ciudad de Guatemala, CIESAS, PDTG-USM, UNICACH. 2010. Disponible en http://www.encuentroredtoschiapas.jkopkutik.org/descargas/xls/CON_FICHACAP_27.pdf Acceso en 14 mayo de 2014.

MARTÍNEZ, Antar; MONTENEGRO, Marisela. "La producción de narrativas como herramienta de investigación y acción sobre el dispositivo de sexo/género: Construyendo nuevos relatos". Quaderns de Psicologia. 16(1). 2014. Disponible en <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.120> Acceso en 24 junio 2014.

Especial: narrativa gráfica

Resumo

A autora constrói uma narrativa gráfica a partir de colagens e desenhos, explorando a vida de Ercília Nogueira Cobra (1891-?) e suas obras, *Virgindade Anti-Hygienica* (1924) e *Virgindade Inutil: Novella de uma revoltada* (1927). Em seu manifesto e em sua ficção semibiográfica, Ercília narra uma utopia em construção, em que a heroína é capaz de questionar e enfrentar as restrições sociais impostas às mulheres e transformar sua realidade. Partindo das pesquisas historiográficas sobre o contexto e a escrita de *Cobra*, a autora explora o potencial de sua história e suas lacunas através do potencial das linguagens narrativas visuais.

Palavras-chave: feminismo; sexualidade; ficção especulativa; quadrinhos; *art déco*.

Meu primeiro contato com a obra de Ercília Nogueira Cobra ocorreu enquanto pesquisava a literatura de ficção científica produzida no Brasil nos anos 1920 e 1930. As pesquisadoras Susan Quinlan e Peggy Sharpe, que editaram e comentaram seus textos em 1996, consideram-na uma escritora de vertente modernista e uma das precursoras da ficção científica utópica brasileira [1]. Em *Virgindade Inutil: Novella de uma revoltada* (1927), Cobra retoma os argumentos de seu manifesto *Virgindade Anti-Hygienica* (1924) na forma de ficção especulativa. Narra uma utopia em construção, em que a heroína é capaz de questionar e enfrentar as restrições sociais impostas às mulheres e transformar sua realidade. Desde o início, os escritos de Ercília cobraram de mim uma resposta muito pessoal. Como historiadora, porém, não tive a oportunidade de expressar o quanto eles me tocaram.

Mais de noventa anos depois, o teor provocativo dos textos continua chamando a atenção. Quinlan e Sharpe apontam que “Tanto o ensaio como o romance defendem a educação e a total liberdade sexual para a mulher como o intuito de ensinar-lhe a autossuficiência e a capacidade de viver em harmonia com o mundo ao seu redor”. Em um contexto de amplos debates e grande pressão para adequação das mulheres à submissão e à vida privada familiar, a voz de Ercília destoava até mesmo

1 Aline Lemos vive e trabalha em Belo Horizonte como cartunista e artista visual. É licenciada e mestre em História e Culturas Políticas pela UFMG (2008-2014) e estudante de Artes Plásticas na Escola Guignard. Desde 2014 produz publicações independentes e realiza oficinas e palestras sobre o tema. Seu livro *Artistas Brasileiras* (Editora Miguilim, 2018) recebeu o prêmio HQ MIX 2019 na categoria Homenagem. Atuou como curadora do Festival Internacional de Quadrinhos (Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, 2020) e arte-educadora nos cursos “Vidas, Quadrinhos e Relatos” (Lei Municipal de Incentivo à Cultura, 2016), e FIQ-Jovem (Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, 2016 e 2018).

das suas contemporâneas feministas. A radicalidade de suas posturas diante do casamento, religião e amor livre levou as comentadoras a compará-la às anarquistas de sua época. Ela pode ter colaborado em uma revista anarcossocialista chamada *Gesta* ou *Giesta*, mas definia-se como livre-pensadora. A figura de Ercília parece um tanto isolada em seu tempo e esquecida na posterioridade, apenas recentemente retomada por alguns pesquisadores. Maria Lúcia Mott, sua primeira biógrafa, relata as dificuldades durante a pesquisa nos anos 1980, quando muitos de seus interlocutores não a consideravam relevante.

O que me atraiu mais profundamente foi a criativa elaboração dos aspectos políticos e sociológicos através da linguagem ficcional especulativa. No centro do meu interesse pela ficção e pelas linguagens visuais está o grande poder da imaginação para organizar e reorganizar nossos modos de estar no mundo. Os livros de Cobra me tocaram como exemplos dessa potência. Não por acaso, inspiraram algumas de minhas primeiras experimentações visuais. Em *Melindrosa: folhetim erótico político fantástico do século XXI* (2015), desenhei as aventuras de uma personagem vagamente inspirada em Cláudia, a personagem de Ercília vagamente inspirada nela mesma. Atualizada pelo meu olhar contemporâneo, a caricatura *déco* convoca com seu apelo veloz e sensual um contexto de contradições e grande foco nas transformações da figura feminina. Partiram daí as investigações para conferir uma visualidade à vida e aos escritos de Ercília Nogueira Cobra nestes desenhos, que fiz em 2018.

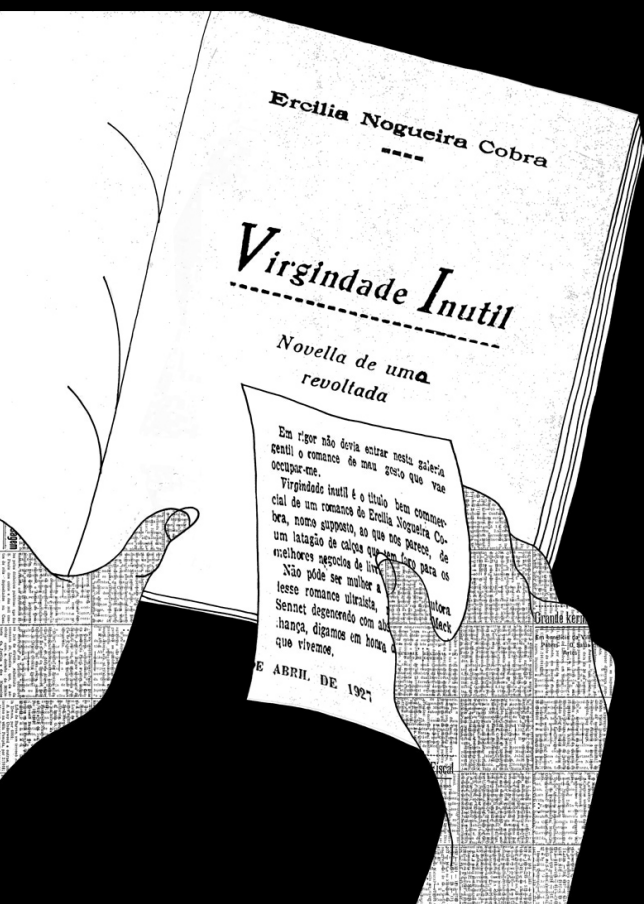
Devo a Ercília a possibilidade de articular em *Melindrosa* meus próprios questionamentos e utopias para a contemporaneidade. Ciente dessa dívida, tive o desejo de retroceder um passo na ficção e retomar sua história de vida em uma narrativa biográfica. Sem abandonar a imaginação, desnudei no traço e nos recortes de jornais a transparência do meu olhar e do caminho percorrido ao descobrir Ercília. Traduzi trechos de sua obra na forma de quadrinhos à feição das tirinhas políticas de Pagu, tão ousadas e desconhecidas quanto os textos de Cobra. Meu objetivo era explorar o potencial de sua história e de suas lacunas através do potencial das linguagens gráficas narrativas. Diante da provocação da escritora não exatamente modernista, não totalmente feminista ou anarquista e não necessariamente autora de ficção científica, mas em tensão criativa com todos esses campos, tal foi a resposta que encontrei como não mais historiadora e ainda não artista.

Referências

COTRIM, Alvaro. J. Carlos: época, vida, obra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
FURLANI, Lucia Maria Teixeira. Croquis de Pagu – e outros momentos felizes que foram devorados reunidos. Santos: UNISANTA, 2004.

MOTT, Maria Lúcia. "Biografia de uma revoltada: Ercília Nogueira Cobra". Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 58, p. 89-104, ago. 1986.

QUINLAN, Susan; SHARPE, Peggy. Duas modernistas esquecidas: Adalzira Bittencourt e Ercília Nogueira Cobra: visões do passado, previsões do futuro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFG, 1996.



Ercilia Nogueira Cobra

Virgindade Inutil

Novella de uma
revoltada

Em rigor não devia entrar nesta galeria
gentil o romance de mau gosto que vai
ocupar-me.

Virgindade inutil é o título sem commer-
cial de um romance de Ercilia Nogueira Co-
bra, nome supposto, ao que nos parece, de
uma latação de calças que-tam para os
melhores negocios de lã.

Não pôde ser mulher a
lesse romance ultralista,
Sennet degenerado com dis-
hança, digamos em honra
que vivemos.

ABRIL DE 1927

Peço às criaturas inteligentes que não façam coro com idiotas que dizem que o livro é imoral. (COBRA)

Ercilia Nogueira Cobra é uma escritora paulista que, nos anos 20, escreveu dois livros – *Virgindade Anti-Hygienica* e *Virgindade Inutil* – onde, entre outras coisas, defende a liberdade sexual da mulher. (MOTT)



A GAZETA

1 DE SETEMBRO DE 1924

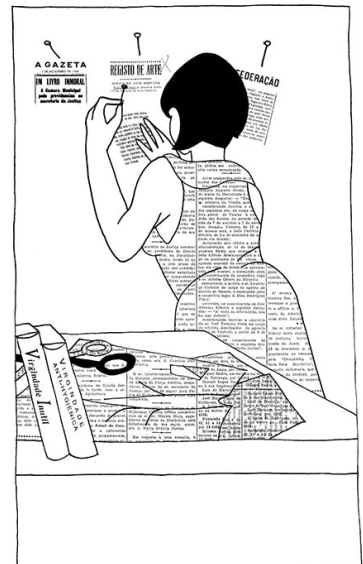
UM LIVRO IMMORAL

A Camara Municipal
pode providenciar ao
secretario da Justiça

A FEDERAÇÃO

29 de Março de 1927

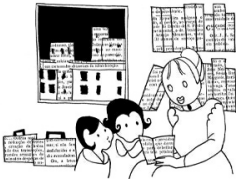
"Virgindade inutil", em pequena edição, formato elegante, a Editora Nacional lançou este livro de autoria de Ercilia Nogueira Cobra, autora do livro "Virgindade anti-hygienica", que obteve ruidoso sucesso de livraria e do qual foram tirados em pouco tempo nada menos de tres edições. No presente livro a autora continua seu libello contra os homens e diz em linguagem crua o seu modo de pensar ~~to~~ original, talvez de accordo com a maioria das mulheres.



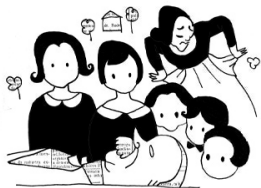
Mococa S. PAULO



A EDUCADORA
 É A COMPLETA SEGURANÇA DE VIDA QUE
 MAIS VANTAGENS E GARANTIAS OFFERECE



LEILÕES



Congresso de hygiene

Por ser da maxima oportunidade e poder influir no espirito dos nossos governantes, vamos apresentar as principais resoluções tomadas no setimo Congresso de Hygiene, que teve lugar em Londres.

— Pelo que respeito a hygiene domestica, deve esta fazer parte integrante e obrigatoria da educação das mulheres.

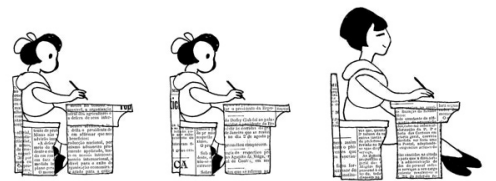
SECÇÃO LIVRE



A mulher da modernidade é a encarnação absoluta da falsidade



A gerarchia catholica



GREVE

MANIFESTAÇÃO POPULAR

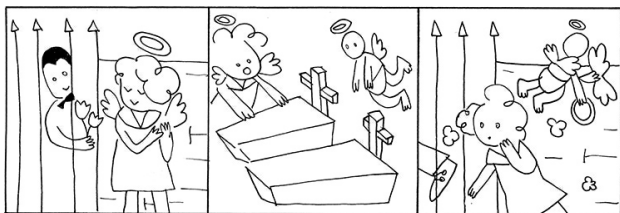
REGISTO DE ARTE

SEMANA DE ARTE MODERNA



VIRGINDADE INUTIL

FOR
ERCILIA NOGUEIRA COBRA



Claudia foi feita para ser o anjo do lar.

O pai dissipou o dote da mãe em farras e morreu falido.

Casará com quem agora, Claudia?



Juju, doente, sem nenhum níquel e abandonada pelo noivo, foi bater no bordel.

O noivo voltou descaradamente e a alta sociedade o recebeu de braços abertos.

A Juju também.



Deseja-se saber se Claudia é ou não virgem.

Cláudia se senta no tronco da infâmia enquanto investigam o uso que fizera do seu sexo.

A lei considera que Cláudia é maior.



Claudia é internada para se regenerar em um asilo.

Cansada de trabalhar e confessar e delibera fugir.

Viu a luz do dia.

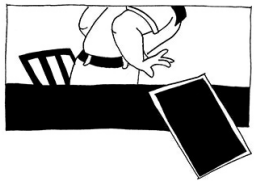
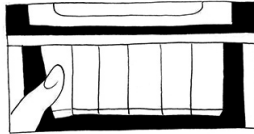
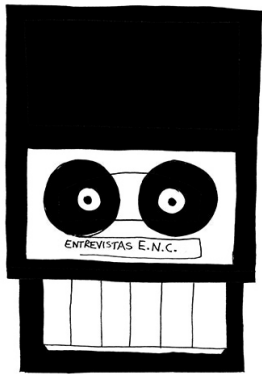


MULHERIO

Ano II, n° 10, NOVEMBRO/DEZEMBRO 1982

Gostaria de utilizar a seção de cartas para pedir informações sobre a escritora paulista Ercília Nogueira Cobra que, nos anos 20, escreveu dois livros polêmicos: *Virgindade Anti-Higiênica* e *Virgindade Inútil*. Como historiadora, estou tentando tirar do esquecimento a vida desta mulher corajosa. **Maria Lúcia Mott**











Em Paris Claudia teve uma grande consolacao.

Viu no teatro o medico que a requestara em seu tempo de rica

Do que escapara!



Imagem e tradução: movimento e transdisciplinaridade



SOLUNARES

Beatriz Regina Guimarães Barboza [1]

o fio d'água que escorre da cabeça do dragão na ponta do Gravatá, como brilha o detalhe da fenda: imagens de contato que trago aqui pra escrever um pouco sobre tradução e não binariedade, que faço a partir de mim em atrito com outres. boto em palavras muito por causa do mergulho e vir à tona constante junto aos Estudos da Tradução, em seus entroncamentos com os feminismos e teorias queer~cu-ir [2].

foi estudando gênero nos estudos feministas da tradução que esgarcei minha antiga identificação como mulher e me reconheci não binária. e isso me fez olhar em retorno àquilo a que me empenhava e seus tediosos binarismos, seja na ideia de mulheres/homens, seja na divisão entre "originais"/traduções e mais, temas que os estudos feministas da tradução se dedicam a criticar há tempos, como em "Gender and the Metaphorics of Translation", de Lori Chamberlain em 1988.

1 beatriz rgb (Beatriz Regina Guimarães Barboza), não binária que pesquisa na área de Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) — nos estudos feministas de tradução e/mqueer~cu-ir —, assim como escreve, traduz, revisa e edita. recentemente, publicou a plaquete *with a leer of love* (Macondo, 2019), traduziu com Meritxell Marsal o livro *Desglaç*, de Maria-Mercè Marçal, como *Degelo* (Urutau, 2019) e, no prelo pela Douda Correria, tem o livro de poemas *querides monstres*. edita a *Pontes Outras* com Emanuela Siqueira e Julia Raiz, e com esta a revista *Arcana*. @beatrizrgb no Instagram.

2 Esta é a forma como escrevo o termo, mas várias são possíveis.

vinde da tradução, desço no atravessamento entre brisas queer~cu-ir com análises feministas, e nessas imersões uma ideia de Judith Butler em *Problemas de gênero* me pegou: a de formação de coalizões por alianças, e não por identidades. alianças que supõem agentes com suas próprias identidades, mas não as tomam como formas fechadas e imutáveis a embasar a união.

ajuntar-se pelas ações, em práticas, e não por substâncias pois mudamos, e as formas pelas quais lemos como nos fazemos também mudam. em línguas, escuto de Gloria Anzaldúa, línguas abolidas, ouço de Maria-Mercè Marçal, línguas outras do passado e mais que ainda podemos criar também ao transformar as presentes. foi ali que senti de mergulhar na tradução como prática feminista e/m queer, sem entender esses movimentos na paralela como muitos acreditam ser, mas intuindo em encruzilhada, laroyê, pois se afetam. como algumas têm feito, destroncar o binário também nas intersecções feministas, queerizar~cuirizá-las.

como exercício de tradutore (e/mas se escorrega nisso, sim, deslizo), tento me chamar pro estranhamento, pra *ostranénie* que Sayak Valencia comenta como *desfamiliarización* na tradução de *queer* como cuir na América Latina. re/virar do avesso, olhar desde mais meios, como a matriz do sete nas cores, na música, na mística – misti-cuir. ainda desconfio do estudo e/m prática que siga excluindo o mistério, repeteco do binário matéria-espírito. abrir o coração, abrir as cartas, a bússola do coração nos búzios. tantes já disseram que, ao traduzir, encontraram os caminhos pela intuição.

esse gesto, parte de postura em des/construção des/contínua, tem sido fundamental não somente ao que traduzo e pesquiso na tradução, mas ao que tateio como não binária. desconfigurar, imaginar outre, também entre manutenções e tropeços, o que também demanda esquecer a norma. tiro onda dizendo que traduzo no estica-e-puxa entre as pressões binárias que foram feitas em línguas como o português brasileiro e a vontade de romper com essa imposição, ainda mais desde que me reconheci. também nesse tempo, de pronto me veio uma pergunta e sigo tramando, junto e/m re/verso:

como fica sua sexualidade com relação a pessoas não binárias?

na escuta de algumes, sacaram como o desejo era induzido a se reduzir a uma troca genital. como se o corpo não fosse mais, como se nosso desejo dependesse disso. descentralizar e/m esvaziar, abrir espaço pra sentires outros, que por muito tempo (e ainda hoje) a norma estigmatiza, des/conhecido monstruoso, como dragões e sereias nas bordas dos mapas medievais.

lá longe, aqui dentro: rio ao lembrar que o nome científico da costela-de-adão é *Monstera deliciosa*, essa planta que encontrei numa das idas ao mar. no tempo daquelas andanças, lia sobre as pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, o livro da Rose Mary Gerber. lá, soube da tábua de marés, e, curioso, fui atrás, achando as tabelas solunares: o efeito combinado entre lua e sol sobre seres vivos. solunares.

loque traduz num pulo e na pirueta se revira dependurade

Daniel Carvalho escreveu que gênero gramatical é uma ficção técnica, delírio ilusório de uma lógica legada pela genealogia eurocêntrica.

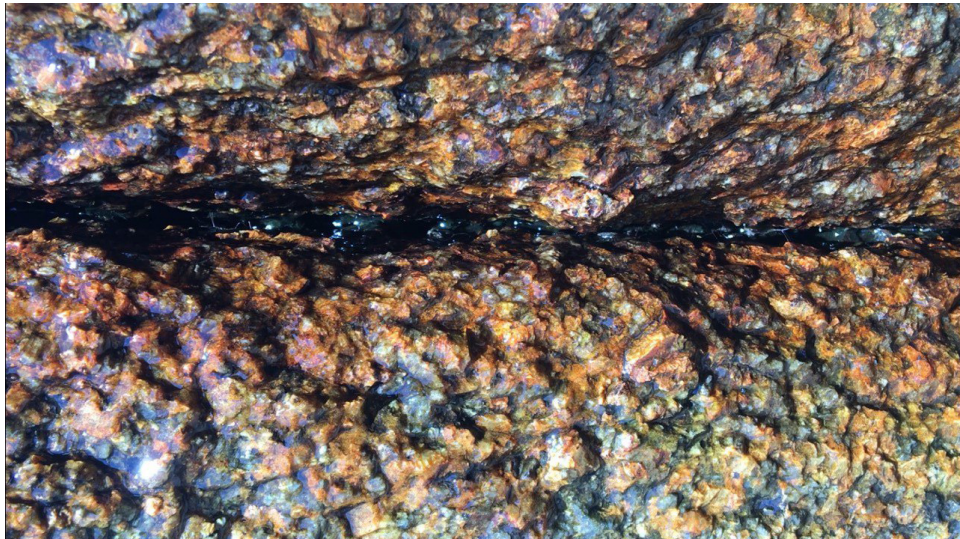
das substâncias de nome em aberto, ciprina, penhasco

ainda que a língua seja vasta ela é curta
tenho buscado alguma estrutura
mesmo o fora ainda está dentro
o que se faz e se rompe toma tempo

me afirmo e me repito: não binárie
essa palavra que me traz firmeza
na fina linha de Xangô que sabe

adoece arrastar cadáver
atravesso dependurade
de costas pro sol
de cu pra lua
as divisas viscosas
apenas beiras entre línguas
entre línguas onde me guardo
ao salto

– e



CUANDO EL AMOR MUERE: COTEJO VISUAL COM MARIA LACERDA DE MOURA

Fernanda Grigolin [1] [2]

Resumo

Traduzir é uma ferramenta anarquista, bem como o ato de publicar. A natureza transnacional do anarquismo é um traço importante para compreender seu ideário e seus fluxos migratórios. E os periódicos sob perspectiva transnacional também eram uma motivação de expressão. Mulheres anarquistas como Juana Rouco e Maria Lacerda de Moura foram importantes publicadoras de periódicos. Maria Lacerda foi uma escritora e pensadora anarquista individualista que publicou mais de vinte livros e centenas de artigos. Muitos dos seus textos e livros foram publicados e traduzidos na Argentina, no Uruguai e na Espanha. As primeiras páginas de “Cuando el amor muere” (*Revista Estudios*, 1934), de Maria Lacerda de Moura, foram cotejadas visualmente com o textofonte “Quando o amor morre”, do livro *Han Ryner e o Amor Plural* (1933).

Palavras-chave: anarquismo; tradução; estudos da tradução; mulheres anarquistas.

1 Artista transdisciplinar, editora, tradutora, pesquisadora e doutora em Artes Visuais na Unicamp. Seu último trabalho é o livro *Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro*, uma narrativa encarnada sobre mulheres anarquistas que viveram no Brasil, México e Argentina no século passado. Atua há 20 anos com publicações entre produção, edição, circulação e pesquisa. É parte da Tenda de Livros, desde 2014, e fez *Jornal de Borda* (2015-2021). Já participou de festivais e exposições no Brasil e no exterior. Recebeu os seguintes prêmios: Funarte Marc Ferrez de Fotografia (2012), Proac Livro de Artista (2014), Proac Publicações (2015) e Proac Artes Visuais (2016).

2 Estudo e cotejo por Fernanda Grigolin e projeto gráfico por Caio César Paraguassu

Quando o amor morre [3]

O verdadeiro amor não morre: renasce cada dia ou transforma-se, purifica-se numa forma ou manifestação mais alta, mais pura, talvez mais bela, mais profunda ou mais espiritualizada.

Mas, desde que apareçam, que saltem aos olhos as diferenças profundas entre dois temperamentos de indivíduos, desde que a afinidade não vá aos mais recônditos sentimentos, e às ideias mais gerais, parece irreconciliável esse grande amar entre dois seres, que não se conheciam bem, que se enganaram talvez.

Ficará, porém, a super-amizade e a doce recordação de mais uma ilusão bem viva ainda, transmutada na delicada intimidade de duas almas que continuam a se querer livremente, que se não esquecem, que se prodigializam alegrias de natureza também superior, nobres, duradouras.

Podem ser tão amigos, tão superamigos que se tornarão confidentes dos seus outros amores. Tornam-se verdadeiramente irmãos. Moram na mesma casa e podem dormir no mesmo quarto: os sentidos morreram de um para o outro. São positivamente amigos. Cito o exemplo.

Mas vejamos Han Ryner:

“Sempre me feriu a tua carência de misticismo e o teu consentimento à mentira social.”

“Um Orfeu que sonhasse sonhos metafísicos e que, na vida, subisse até à sinceridade... eh! Pois bem, eu fugiria dele com medo de tomar no amor único.”

“Pus muito do meu coração em ti, de sorte que sempre a minha feroz independência se revoltou contra ti. Agora que teus defeitos me estão sempre presentes, agora que me fazem sofrer, agora que te não posso perdoar o haver tornado esse nobre Raymond cúmplice das tuas mentiras: minha revolta está vitoriosa,”

“Em um mês, em um ano, não sei quando, quando chegar a te olhar com a mesma calma sorridente com que olho os outros homens, tornar-me-ei sensível às tuas superioridades e te não pedirei mais a perfeição. Então meu amor renascerá. Mas, o teu, sem dúvida, estará morto, sem ressurreição possível.”

“Não se faz o que se quer: mesmo os perigos que distinguimos de longe não são todos evitáveis”

3 “Quando o amor morre”, do livro Han Ryner e o Amor Plural (1933): texto fonte. Apenas as primeiras páginas do texto foram cotejadas e estudadas visualmente aqui.

Cuando el amor muere [4]

El verdadero amor no muere: renace todos los días o se transforma, purifícase en una forma o manifestación más elevada, más pura, quizá más bella, más profunda o más espiritualizada.

Pero, tan pronto como saltan a la vista, aparecen al exterior las diferencias profundas entre dos temperamentos de individuos; desde el instante mismo en que la afinidad no llega hasta los más recónditos sentimientos e ideas generales, parece irreconciliable, en nuestro estadio de civilización, ese gran amor entre dos seres que no se conocían lo suficiente y se engañaban, tal vez de buena fe.

En su lugar, sin embargo, puede existir la superamistad, la dulce recordación de una ilusión todavía vivaz, transmutada en la delicada intimidad de dos almas que continúan queriéndose, libremente, que no se odian, que se proporcionan mutuas alegrías también de naturaleza superior, nobles, duraderas.

Y pueden incluso llegar a ser tan amigos, tan superamigos, que se confíen, uno a otro, las excelsitudes de sus demás amores.

Veamos lo que a este respecto dice Han Ryner:

“Siempre me hirió tu carencia de misticismo y tu consentimiento a la mentira social.”

“Un Orfeo que soñase teorías metafísicas y que, en la vida, las convirtiese en realidades... Sí, te lo aseguro, huiría de él por temor a caer en el amor único.”

“Puse gran parte de mi corazón en ti, de suerte que siempre mi feroz independencia rebelóse contra ti. Ahora que tengo constantemente ante mi vista todos tus defectos; ahora que sufro de ellos y que no puedo perdonarte haber trocado a ese noble Raimundo en cómplice de tus mentiras, mi rebelión es victoriosa.”

“Dentro de un mes o dentro de un año, no sé cuándo, si llego a poder mirarte con la misma calma sonriente con que miro a los demás hombres, habré de tornarme sensible a tus superioridades y ya no te pediré la perfección absoluta. Entonces renacerá mi amor. Pero el tuyo, indudablemente, habrá muerto en absoluto, sin resurrección posible.”

“No podemos hacer cuanto queremos: incluso aquellos peligros que distinguimos desde lejos no son todos ellos evitables”

4 “Cuando el amor muere” (Revista Estudios, 1934), texto alvo.

Quando o amor morre [5]

Quando el amor muere

Maria Lacerda de Mourda

María Lacerda de Moura

O verdadeiro amor não morre: renasce cada dia **ou transforma-se, purifica-se**
El verdadero amor no muere: renace todos los días o se transforma, purifícase en una
numa forma ou manifestação mais alta, **mais pura, talvez mais bela, mais profunda**
forma o manifestación más elevada, más pura, quizá más bella, más profunda o más
ou mais espiritualizada.
espiritualizada.

Mas, desde que apareçam, que saltem aos olhos as diferenças profundas entre dois
Pero, tan pronto como saltan a la vista, aparecen **al exterior** las diferencias profundas
temperamentos de indivíduos, desde que a afinidade não vá aos mais recônditos
entre dos temperamentos de individuos; desde el instante mismo en que la afinidad no
sentimentos, e às ideias mais gerais, parece irreconciliável esse grande amar
llega hasta los más recônditos sentimientos e ideas generales, parece irreconciliable, en
entre dois seres, que não se conheciam bem, que se enganaram talvez.
nuestro estadio de civilización, ese gran amor entre dos seres que no se conocían
lo suficiente y se engañaban, tal vez de **buena fe.**

Ficará, porém, a super-amizade e a doce recordação de mais uma ilusão bem
En su lugar, sin embargo, **puede** existir la superamistad, la dulce recordación de **una**
viva ainda, transmutada na delicada intimidade de duas almas que continuam
ilusión todavía vivaz, transmutada en la delicada intimidad de dos almas que continúan
a se querer livremente, que se não esquecem, que se prodigializam alegrias de
queriéndose, libremente, que no se odian, que se proporcionan mutuas alegrías también
natureza também superior, nobres, duradouras.
de naturaleza superior, nobles, duraderas.

Podem ser tão amigos, tão superamigos que se tornarão confidentes dos seus
Y pueden incluso llegar a ser tan amigos, tan superamigos, que se confíen, uno a otro,
outros **amores. Tornam-se verdadeiramente irmãos. Moram na mesma casa e**
las excelsitudes de sus demás amores.
podem dormir no mesmo quarto: os sentidos morreram de um para o outro.
São positivamente amigos. Cito o exemplo.

5 Cotejo texto fonte com texto alvo.

Mas vejamos Han Ryner:

Veamos lo que a este respecto dice Han Ryner:

“Sempre me feriu a tua carência de misticismo e o teu consentimento à mentira

“Siempre me hirió tu carencia de misticismo y tu consentimiento a la mentira social.”
social.”

“Um Orfeu que sonhasse sonhos metafísicos e que, na vida, subisse até à

“Un Orfeo que soñase teorías metafísicas y que, en la vida, las convirtiese en realidades...”

sinceridade... eh! Pois bem, eu fugiria dele com medo de tomar no amor único.”

Sí, te lo aseguro, huiría de él por temor a caer en el amor único.”

“Pus muito do meu coração em ti, de sorte que sempre a minha feroz independência

“Puse gran parte de mi corazón en ti, de suerte que siempre mi feroz independencia

se revoltou contra ti. Agora que teus defeitos me estão sempre presentes, **agora**

rebelóse contra ti. Ahora que tengo constantemente ante mi vista todos tus defectos;

que me fazem sofrer, agora que te não posso perdoar o haver tornado esse nobre

ahora que sufro de ellos y que no puedo perdonarte haber trocado a ese noble

Raymond **cumplíce das tuas mentiras: minha revolta está vitoriosa,”**

Raimundo en cómplice de tus mentiras, mi rebelión es victoriosa.”

“Em um mês, em um ano, não sei quando, quando chegar a te olhar com a mesma

“Dentro de un mes o dentro de un año, no sé cuándo, si llego a poder mirarte con la

calma sorridente com que olho os outros homens, tornar-me-ei sensível às tuas

misma calma sonriente con que miro a los demás hombres, habré de tornarme sensible

superioridades e te não pedirei mais a perfeição. Então meu amor renascerá.

a tus superioridades y ya no te pediré la perfección absoluta. Entonces renacerá mi amor.

Mas, o teu, sem dúvida, estará morto, sem ressurreição possível.”

Pero el tuyo, indudablemente, habrá muerto en absoluto, sin resurrección posible.”

“Não se faz o que se quer: mesmo os perigos que distinguimos de longe não são

»No podemos hacer cuanto queremos: incluso aquellos peligros que distinguimos desde

todos evitáveis”

lejos no son todos ellos evitables»

**Agora o cotejo
sobreposto**

Referências

LIMA, Nabylla Fiori de. *Maria Lacerda de Moura na revista Estudos (1930-36): Anarquismo Individualista e Filosofia da Natureza*. Curitiba, 2016. 167f. Dissertação (Mestrado na linha Tecnologia e Trabalho) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Federal Tecnológica do Paraná.

MOURA, Maria Lacerda de. *A Mulher é uma Degenerada*. São Paulo, Tenda de Livros, 2018.

_____. *Cuando el amor muere*. *Estudios*, Valencia, n. 127, p. 24-25, mar.1934.

_____. *Han Ryner e o Amor Plural*. São Paulo, Gráfica e Editora Unitas, 1933.

ANARCHISM AND TRANSLATION THROUGH THE WRITINGS OF THE SOARES SISTERS

Amy Jo Westthrop [1]

ABSTRACT

Translation of and commentary on two texts written by the anarchist Maria A. Soares. "Despertar Feminino" (Feminine Awakening) was published in *A Lanterna* (8th October 1914) and "Triunfo Efemero" (Ephemeral Victory) was published in *A Plebe* (27th March 1920). Maria A. Soares could be either Maria Antonia Soares or Maria Angelina Soares or both, both were involved in the anarchist movement in Brazil at the beginning of the 20th Century. These two texts directly criticize "political feminism" and the suffrage movements in the UK, but also nationally and worldwide. One of the texts specifically criticises the first female member of parliament in England, Lady Nancy Astor.

RESUMO

Tradução e comentário sobre a dois textos escritos pela anarquista Maria A. Soares. "Despertar Feminino" foi publicado no jornal *A Lanterna* (8 de outubro de 1914) e "Triunfo Efêmero" foi publicado no jornal *A Plebe* (27 de março de 1920). Maria A. Soares poderia ser Maria Antônia ou Maria Angelina Soares, ambas irmãs, envolvidas no movimento anarquista no Brasil no começo do século XX. Estes dois textos criticam diretamente o "feminismo político" e os movimentos sufragistas no Reino Unido, e também no Brasil e no mundo naquela época. Um dos textos critica especificamente a mulher a ser membro de parlamento na Inglaterra – Lady Nancy Astor.

Key words: anarchism; Brazil; feminism; female suffrage; Maria A. Soares; United Kingdom.

1 Researcher and Translator. Student of the History and Politics masters at CPDOC-FGV in Rio de Janeiro. Amy has a degree in Latin American and Hispanic Studies from the University of Liverpool (UK). She has lived and worked in Brazil since 2010, having done two post graduate courses, one in Urban Politics and Planning (IPPUR/UFRJ) and in Cultural Management (SENAC) and working until 2016 with human rights, social movements and transitional justice at ISER, a human rights organisation in Rio de Janeiro. She translates poetry written by Brazilian women (@aboutrosemallows) and academic work. Recently she has begun to work more closely with Women's history and feminism.

Pesquisadora e tradutora. Mestranda em História e Política (CPDOC-FGV/RJ). Possui graduação em Latin American and Hispanic Studies do University of Liverpool (2010). Vive e trabalha no Brasil desde 2010, também tendo realizado dois cursos de pós-graduação desde então - especializações em Política e Planejamento Urbano do IPPUR/UFRJ (2013/14) e Gestão Cultura do SENAC (2016/17). Trabalhou até o final de 2016 com direitos humanos, movimentos sociais e justiça de transição no ISER, uma organização dedicada a pesquisa e direitos humanos. Tradutora de poesia escrita por mulheres brasileiras (@aboutrosemallows) e de trabalhos acadêmicos. Recentemente tem se aproximado mais aos campos de História da Mulher e feminismo.

What is translation? Why translate? What is really at play?

Translation is a process which combines experience, research and communication, a process that travels over different territories and crosses borders. It is an opportunity to expand a limited one-language world. It gives people the chance to read, hear, listen, watch, what has been produced in other languages and in other cultures. It gives other thinkers, writers, poets, lyricists, film makers, the opportunity to express themselves in other worlds. But this opportunity is neither a naïve or apolitical practice.

Translating is a way of expanding a limited world, not just a one-language world, but a one-cultured world – a society constructed by colonial and heteronormative rules. It can play a part in a process of anti-racism and anti-sexism, it can be a decolonizing and anti-heteronormative effort.

But, how can a white British woman who translates actually play a part in this – is it her place? Is there a place that she should be speaking from – and can this space be anti-racist, anti-colonial, anti-heteronormative? Paul Preciado argues that both sex change and migration, through calling into question the architecture involved in patriarchal colonialism, sexual difference and racial hierarchy “place a living human body inside the limits of citizenship, even of what we understand by ‘humanity’” (PRECIADO 2020). My migration was not forced, I am not a political exile, or a refugee, but the process of (im)migration and the idea of a journey – strictum and latu senso – has shown the authoritarian, colonial, racist mindset that rules and the fact that these very ideals and concepts that this ideology follows are just fiction. For Preciado these “travellers” and their journeys can transform both themselves and the society around them, they show that both subject and nation are normative fictions (2020). Translation is part of this migration; it is part of this journey.

Exactly by translating, communicating, and making circulate textual productions, which are written by those who are excluded from what is considered the “norm” – either through the north-south or Eurocentric hierarchy, years of slavery, apartheid and structural racism or by those who transgress the rules of our heteronormative society. Furthermore, by translating those who in the past tried to expand the possibilities of these groups – through their emancipation – to be able to be whatever they wanted to be without being ignored, discriminated against or abused by society.

Here, I have had the opportunity to translate and write about this third option, to translate historical texts about not the only limits of liberal politics in regards to women’s emancipation in Brazil in the early 20th Century, but that also call into questions the challenges of historiography and the political system at the beginning of the 21st Century.

Ser mulher, e oh! atroz tantálica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais.

To be a woman, oh! what atrocious, terrible sadness!
To remain in life like an inert eagle, imprisoned
in the heavy shackles of social codes.

from "Ser Mulher", GILKA MACHADO, *CRISTAIS PARTIDOS* (1915)

It is March 8th 2020 - over a century after a part of British women received the right to vote and a little less since the same happened in Brazil and in other Latin American countries - the Brazilian minister of Women, Family and Human Rights, Damara Alves, when asked if she considers herself a feminist replies: "I am not a feminist. I am feminine", following with a comment about the importance of women in politics: "We have around 1,400 municipalities in Brazil which do not have female councillors. We need to work in order to have women in the elections" (R7 Planalto, 2020).

At first this all seems a little contradictory. How, after being given the right to vote, after the discussions on female liberation, after being able to get divorced, after having female prime ministers and presidents, can a women in a political post not consider herself a feminist but recognise the need to see women in politics? It is a question that seems to baffle a number of us until now.

What is interesting, however, is that at the beginning of the 20th century a group of Brazilian women were already publishing articles which criticized the both liberal and oligarchical model and predicted what would be the impact, of what they considered to be, "political feminism". These women were anarchists and sought to promote libertarian views about the social condition of women and their emancipation.

Here I have translated two texts written by the Soares Sisters. "Despertar Feminino" (Feminine Awakening) was published in the newspaper A Lanterna on the 8th October 1914 and "Triunfo Efemêro" (Ephemeral Victory) was published in the newspaper A Plebe on the 27th March 1920. A Lanterna was an anarchist and anti-clerical newspaper set up in São Paulo, becoming A Plebe, in 1933. A Lanterna reappeared but shortly after stopped being published in 1935, the same period that it's director Edgard Leuenroth was arrested, only to be released in 1938. A Plebe, founded by Edgard Leuenroth, also an anarchist and anticlerical newspaper, circulated between 1917 and 1951. These two texts were written by Maria A. Soares. But who exactly was Maria A. Soares?

Maria A. Soares could have been either Maria Antonia Soares or Maria An-

gelina Soares, or both. They were the daughters of José Soares and Paula Soares, a Spanish militant. Maria Antonia was born in 1899 and Maria Angelina in 1901, followed by two other daughters Matilde and Pilar. The Soares Sisters were seamstresses, teachers and writers and were all involved in different types of activism, including the creation of the Feminine Education Centre, the running of the Feminine Centre for Young Idealists, and also the Renovation Centre – Theatre and Music, an anarchist theatre group. They lived at times in the cities of São Paulo, Santos, and Rio de Janeiro.[2]

These two articles were recently brought back to life by the publication *Jornal de Borda* and the initiative *Charlas y Luchas*. *Jornal de Borda* is a feminist publication about visual culture that started in 2015, and it's last edition to be published in 2021. The text "Despertar Feminino" (Feminine Awakening) can be found in the 5th edition of this publication and "Triunfo Efemêro" (Ephemeral Victory) in the 7th edition, described as "a collage of voices, a great homage to anarchist women that lived in the Americas, especially in Brazil, Mexico and Argentina", the edition has texts published in both Spanish and Portuguese from anarchist newspapers from the early 20th century.[3] *Charlas y Luchas* is an initiative to speak about anarchist women that wrote and published in the past, for example Margarita Ortega Valdes, Petronila Infantes, Luce Fabbri, Maria Lacerda de Moura, and Maria A. Soares. [4]

In these two texts it is very clear that these women criticized what was happening in relation to female suffrage (at the time in the United Kingdom). In the second article, *Ephemeral Victory*, Maria A. Soares criticizes the election and attitude of Lady Nancy Astor. Lady Nancy Astor was the second woman to be elected in England, but the first to take her seat. The first woman elected was Constance Markievicz but she was a member of Sinn Fein, so she did not accept the position. Maria A. Soares vividly criticizes Lady Astor's first speech in parliament. In fact Lady Astor did mention how it must have been uncomfortable for those present to see a woman in parliament, however her main focus in the speech was not feminist issues but in fact the issue of alcohol consumption. [5]

Maria A. Soares in her texts clearly criticizes the liberal-oligarchic political system:

2 See "Anarquistas e educadoras livres", A talk on Maria A. Soares organised by the independent publisher Tenda de Livros. Available at: https://www.youtube.com/watch?v=z7VC_MGNbE. Accessed: 25.09.2020.

3 "Ele é uma colagem de vozes, uma grande homenagem às mulheres anarquistas que viveram nas Américas, em especial no Brasil, no México e na Argentina. A edição possui textos em espanhol e português e foram colhidos de jornais anarquistas de cem anos atrás. O jornal foi editado e idealizado pela artista Fernanda Grigolin, que pesquisa mulheres anarquistas latino-americanas; o projeto gráfico é de Karina Francis Urban; o impressor é José Carlos Gianotti. O *Jornal de Borda* é uma publicação de arte que existe desde 2015, a edição sete foi a única em baixa tiragem até o momento." *O Borda – Jornal de Borda 07* Available at: <https://tendadelivros.org/jornaldeborda/o-borda-jornal-de-borda-07> Accessed on: 28/10/2020.

4 *Charlas y Luchas* can we accessed here, <https://www.youtube.com/c/TendadeLivros>.

5 "Extract of Lady Astor's Maiden Speech in the House of Commons – 24 February 1920". Available at: <https://www.parliament.uk/globalassets/documents/upload/lady-astor- maiden-speech-in-the-house-of-commons2.pdf>. Accessed on: 28/10/2020.

This Lady's attitude hasn't taken us by surprise because we already knew what class of woman would reach this position of power and how she would proceed.

We are tired of repeating that only candidates from the dominant parties will get into power. This is who designates the various leaders that come next and elections are nothing but a ridiculous farce that nobody takes seriously.[6]

For her the workings of this model were both inaccessible and aristocratic, and most importantly that at that time "political-feminism" did not offer anything in relation to the progress of female emancipation:

Political feminism does not offer any of this. It is a hollow ideal, maybe the most hollow of all ideals.

It proposes to be grounded in false and badly understood equity, so it will never really be plausible. [7]

Maria A. Soares was not the only woman to criticize the political set up at the time. In *A Mulher é uma degenerada*, the first edition published in 1923, the author Maria Lacerda de Moura, highlights that political parties are a synonym for sham, guile, hypocrisy and personal ambition (MOURA, 2018, p. 177).

A little more than ten years later a portion of Brazilian women obtained the vote (1932) and the first female federal deputy was elected in 1933. Brazil has been seen as one of the pioneers in granting voting rights to women in Latin America (KARAWAJCZYK 2013). [8] It is important to emphasize, however, the elitist and limited character of the suffragist movements in Brazil. Carlota Pereira de Queiróz who was elected as the first female deputy in the country did not present herself and would never present herself as a feminist (SCHPUN 2015, p. 358).

It is clear in these two important texts that the Soares Sisters predicted how "political-feminism" would not promote the emancipation of women in both the United Kingdom or in fact in Brazil, whether in 1932 or in 2020.

6 "A atitude dessa senhora não nos colheu de surpresa porque sabíamos de ante-mão que classe de mulher poderia subir ao poder e como procederia. Estamos fartos de repetir que somente sóbe ao poder o eleito do partido dominante. Este é quem indica os diversos governantes que se sucedem e as eleições não são outra coisa que uma ridícula farça que ninguém toma a sério." (Triunfo Efêmero, Maria A. Soares, A Plebe, 27th March 1920.)

7 "O feminismo-político nada disso oferece. É um ideal ôco, talvez o mais ôco de todos os ideais políticos. Pretende base-ar-se em razões de equidade falsa e mal compreendida, não pôde solidi-car-se." (Triunfo Efêmero, Maria A. Soares, A Plebe, 27th March 1920.)

8 Women were able to vote in the state of Rio Grande do Norte from 1927.

Feminine Awakening

Maria A. Soares

***A Lanterna*, 8th October 1914.**

It is with great satisfaction that I see, in the press, the great leap that feminism has taken. It is true that the majority of today's feminists aim almost essentially at obtaining the right to vote – I am against the vote because it's useless and, in truth, an obstacle to the course of progress. But what I most admire and appreciate about this struggle undertaken by the suffragists is their perseverant energy, that makes sure, when faced by an obstacle, that they do not hold back from what they want to achieve.

They know very well that pacifically they will not achieve anything and, very rightly they use direct action. They also show with vigour, in these times, other feminist tendencies, beyond that of the suffragists, that certainly will awaken in the feminine milieu a certain level of activity and will change it in favour of complete emancipation.

As I have said before, I felt immense pleasure in seeing this sought-after awakening, but I don't know what to attribute the indifference that reigns between *companheiras*, both in Brazil and abroad, in this favourable moment for disseminating our ideas.

Women [9], tired of living like slaves, have already understood that it is time to obtain their rights, infringed upon by ridiculous masculine pride, and in their obscure existence they are not able consider and therefore understand what true emancipation actually is, in there mad angst for freedom they will end up following the first route that is revealed to them, coming to the conclusion that they have actually done very well.

It is here that the suffragettes have found their opening.

So, as they can't see another beaten track, they will forcefully follow this one. What has happened with the parliamentary socialists among the workers will repeat itself.

They interfered so much that they have managed to make them believe in their empty promises, and we now have the tragic results, we can see today many workers who still believe that their happiness will be fulfilled when they are governed by socialists.

If we let politics absorb all the of women's energy, there will be other elements that will have to be fought against, and therefore the struggle for emancipation that we seek will be more bloody and difficult.

9 Translator's note: Here Maria A. Soares uses the phrase "elemento feminino" – female element – this is something with is recurrent in the anarchist papers during the first half of the 20th century. I preferred to use the word "women" in English, but it is important to note this difference.

Therefore, *companheiras*, I appeal to you, in the name of the future of humanity, that united we embark on this struggle, seeking to eliminate all that hinders the way to a joyful future, that has been the sweetest dream of our life time.

Yes, we will unite and we will not let this new morbus that they have introduced among us progress and, in doing so, we will have made sure that tomorrow those who are now are sisters do not become our enemies.

Ephemeral Victory

Maria A. Soares

***A Plebe*, 27th March 1920.**

In truth, we, feminists, should congratulate ourselves. Feminism, at least political feminism, has have been victorious across the board.

In England, the furious suffragists did well in managing to get one of their women into Parliament.

Finally, we have a woman truly governing and with her rights recognized by all a Royal Sovereignty.

I understand that many people have applauded this victory of the suffragists. A good political fire cannot be left without receiving applause from those concerned.

What I sincerely lament is that the poor naïve people who trust, in good faith, in the merit of feminine politics and in the benefits that it will bring to humanity, have also celebrated this victory.

If they only knew how to understand Lady Astor's attitude, they would already face a rude awakening.

Fortunately, these things do not surprise us. This Lady's attitude hasn't taken us by surprise because we already knew what class of woman would reach this position of power and how she would proceed.

We are tired of repeating that only candidates from the dominant parties will get into power. These are who designate the various leaders that come next and elections are nothing but a ridiculous farce that nobody takes seriously.

In order for a stranger to the political clique to get into government it is necessary that their party gets a considerable majority and... takes power by force, which rarely *happens*.

An idea, to succeed, needs to be grounded in powerful reasoning, in irrefutable logic, or at least offer physical or moral satisfaction.

Political feminism does not offer any of this. It is a hollow ideal, maybe the most hollow of all ideals.

It proposes to be grounded in false and badly understood equity, so it will

never really be plausible.

The political feminists always find themselves alone. Not even other feminists support them. They have been, in fact, their most bitter adversaries.

Everyone saw in this new party, what it truly was: part disproportionate arrogance of some idle women that dreamt in succeeding to show off and impose their own inclinations; part a blazon error of innovation, invoking a ludicrous sense of justice and false independence, lacking in the main foundations capable of making it effective.

This tendency would never have succeeded if someone wasn't interested in it. And this someone is no more, no less than the *all-powerful* dominant class.

This class feels precarious on its thrown and through tormentous upheaval tries to keep close the remnants of the old organization to help to hold out against the trailblazing wave.

And the most ferocious trailblazers, those that say they are destined to transform the world, were the first to be called upon, that is, they were considered indispensable for the prolongation of the torment, of the old institutions.

It really is curious, but it does not startle us, because we had already predicted it. We noted that it can only be of use for those who still continue to trust in the merit of the new politics.

I bet anything that many feminists would think that when given the opportunity to express her ideas and feelings in her first speech in Parliament a woman would dedicated it to, something which is always in the limelight, Ireland, on which feminine sentimentality can make the most sensitive vocal chords vibrate and whose oratory can boast the most brilliant rhetorical figures. It would have been a way to show political solidarity.

But, of course not! They do not even attempt to hide that Lady Astor did not get into power in order to cry out against violence and demand justice. The British leaders put her in power merely to help them repress the progress of maximalist aspirations that had started to appear among the workers of the country.

The English are skilled politicians.

But this illustrious lady has made very clear the role that she had been called on to represent.

During her first speech, her political *premiere* as a MP, she let slip inadequate words, against modern ideas, furiously attacking the maximalist movement.

Bravo! This is a time when even the bourgeoisie applaud maximalism. Is this surprising? She is a Lady, that is, a representative of a class, in England, that forms the last trench of traditionalism and despotism.

And there will still be women workers that feel represented by this very lady.

No! Lady Astor only represents English nobility. She has become one of the last bulwarks of the old regime, an intentional obstacle to the revolutionary wave that inundates Europe and that laughs at the opposition that Lady Astor and her

companions influence.

Higher than the opaque figure of Lady Astor, glides the friendly and radiant figure of Rosa Luxemburg.

Stronger than the vague aspirations of the political feminists, are the modern ideals of human redemption, defended by men and women everywhere, idealists from all over the world, that know how to make their noble principles of freedom and justice succeed.

Lady Astor will not improve the situation of the English, and will not even save the English government from the fall that threatens it.

It will merely be another body bound to fall.

References

KARAWEJCZYK, Mônica. *As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil*. 2013. 398 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MACHADO, Gilka. *Gilka Machado: Poesia Completa*, São Paulo: Selo Demônio Negro, 2017.

MOURA, Maria Lacerda de. *A mulher é uma degenerada*. 4a. edição comentada. São Paulo: Tenda de Livros, 2018.

PRECIADO, Paul. *An Apartment on Uranus*, London: Fitzcarraldo Editions, 2020.

R7 PLANALTO. “‘Eu não sou feminista, sou feminina’, diz ministra Damares Alves”, 08. 03.2020. Available at: <https://noticias.r7.com/prisma/r7-planalto/eu-nao-sou-feminista-sou-feminina-diz-ministra-damares-alves-09032020> . Accessed on 29.05.2020.

SCHPUN, M. Entre feminino e masculino: a identidade política de Carlota Pereira de Queiroz. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 12, p. 331–377, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634924>.

SOARES, Maria A. “Despertar Feminino”, Maria A. Soares, *A Lanterna*, 8th October 1914. Available at: <https://tendadelivros.org/jornaldeborda/edicao-05/>. Accessed on 28.10.2020.

SOARES, Maria A. “Triunfo Efêmero”, *A Plebe*, 27th March 1920. Available at: <https://tendadelivros.org/jornaldeborda/gabarito-borda7i/>. Accessed on. 28.10.2020

VISUALIDADES CUÍR, IMAGINÁRIOS SOBREVIVENTES

Rían Lozano de la Pola

Traduzido por Daniella Avelaneda Origuela [1]

Este capítulo [2] pretende localizar as tensões e questões apropriadas para propor uma crítica visual ancorada na América Latina, em seus paradoxos e lutas políticas, nas posições e alianças desconfortáveis, focando especialmente as possibilidades de produção de um olhar e uma perspectiva feminista e cuír [3]. Assim, pretendo responder as seguintes perguntas: quais ferramentas teóricas temos para desenvolver/decifrar/analisar as possibilidades epistemológicas que são produzidas por visualidades feministas e cuír do Sul e de suas periferias? Como pode ser proposta uma gramática cuír e decolonial da visualidade latino-americana? Como podemos promover outras formas de olhar, e como outros corpos podem ser feitos para aparecer?

Começando com essas questões, gostaria de propor uma análise crítica à cultura visual a partir de um local fundamentado em um desses “Suls” e suas contradições: o México, um local complexo na América Latina, que, de alguma forma, é parte do Norte e do Sul ao mesmo tempo. Porém, também gostaria de analisar a partir de uma perspectiva específica – de posições feministas, decoloniais e cuír. Nas próximas páginas eu explicarei com mais profundidade o que quero dizer quando uso o termo cuír, mas digamos, por enquanto, que é um conceito – “incorretamente entendido” como um termo – que abarca práticas latino-americanas de ressignificação dos movimentos e da teoria *queer* estadunidense. E, apesar de mais à frente eu analisar a chamada contribuição para a perspectiva decolonial, acredito ser apropriado explicar que uso o termo porque o texto é escrito em inglês [i]. Se, de outra forma, esta fosse uma publicação em espanhol, eu utilizaria a denominação “descolonial” [ii] para evitar, seguindo recomendações de autoras como Silvia Cusicanqui, sucumbir a anglicismos, os quais – nesse contexto – ofuscariam processos de lutas descoloniais produzidos na América Latina e “encobririam e reformulariam práticas efetivas de colonização e subalternização” (RIVERA CUSICANQUI, 2019, p. 7), nesse caso dentro

1 É doutora em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Estudos Linguísticos e Literários em inglês pela mesma universidade. É intérprete, tradutora, professora, pesquisadora e artista visual. Tem interesse em psicanálise, feminismos e migrações contemporâneas.

2 Este capítulo é o resultado de meu projeto visual “Estudos visuais e visualidades cuír na América Latina”, desenvolvido no Instituto de Pesquisas Estéticas, Universidade Autónoma de México (Cidade do México).

3 Uso o termo “cuír” para me referir às práticas latino-americanas de ressignificação dos movimentos queer estadunidenses e teoria queer. Nas palavras de Cuír Internacional, “A variação do queer/cuír registra o movimento geopolítico em direção ao sul e a partir da periferia, contrariando a epistemologia colonial e história estadunidense.” Citação do texto da apresentação do projeto “La internacional cuir. Transfeminismo, micropolíticas sexuales y vídeo-guerrilla”, que aconteceu no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía em Madri (Espanha) em novembro de 2011. Disponível online em <www.museoreinasofi.es/actividades/internacional-cuir-transfeminismo-micropoliticas-sexuales-video-guerrilla>, acesso em 12 set. 2016.

da prática acadêmica.

De fato, vale a pena especificar, nestes primeiros parágrafos, que não estou pensando a América Latina como se fosse um lugar puro, essencial e romantizado, um espaço geográfico e politicamente homogêneo. O oposto disso: entendo a América Latina como um lugar político de enunciação, uma posição na qual está muito determinado em relação à produção de conhecimento (MIGNOLO, 2007), e um local onde se compartilha uma história relacionada ao colonialismo e a resultantes de processos sociopolíticos, econômicos e culturais. Nas palavras de Eugenio Valdés Figueroa (2005), a América Latina e sua cultura são ordens alternativas, uma desordem, uma bagunça, o que sugere que a “reformulação disso que é latino-americano, entendido como uma relação sociocultural em um espaço entre, ao invés de uma identidade estável e única dentro de um espaço delimitado”.

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, vou fazer uma introdução ao campo dos estudos visuais, dando atenção especial ao desenvolvimento de propostas decoloniais que têm sido produzidas na América Latina e que, na realidade, operam como uma estrutura teórica e metodológica na qual meu trabalho se localiza. Na segunda parte, vou abordar a produção à qual me refiro como “visualidades cuir” junto com trabalhos visuais de algumas publicações mexicanas independentes. Contudo, este capítulo vai focar mais em esboçar um caminho para a compreensão de políticas desse tipo na produção visual mexicana independente do que analisar [4] detalhadamente os exemplos visuais reproduzidos nas páginas seguintes.

Estudos de cultura visual na/da América Latina: perspectivas decoloniais

Os estudos de cultura visual, como “disciplina acadêmica” [5], surgiram no começo dos anos 1990, no contexto acadêmico estadunidense e britânico. A proposta, que ampliou as contribuições da história da arte e foi nutrida pelo desenvolvimento dos estudos culturais, busca analisar o enorme poder que tal visão e o “mundo visual” atualmente exercem tanto na criação de significados quanto no estabelecimento e repetição de valores estéticos, estereótipos de gênero, classe e raça e relações de poder. Isso significa que os estudos de cultura visual analisam criticamente o papel que as representações e o mundo da cultura visual tiveram durante a história

4 Farei uma análise mais profunda das próprias imagens em uma próxima etapa deste projeto de pesquisa.

5 Matthew Rampley (2005, p. 57) sugeriu que talvez, mais do que um campo de estudo diferencial, os estudos visuais deveriam ser considerados uma série de intervenções dentro das disciplinas existentes. Em outras palavras, em vez de lutar por reconhecimento de um discurso-mestre novo, deveria ser visto como uma alteração nos limites entre as disciplinas existentes, no qual várias configurações conceituais e discursivas são mobilizadas como uma resposta para o caos histórico específico contemporâneo. Sem dúvida, isso apresenta os estudos visuais como parasita de outros campos de estudo, mas isso também enfatiza sua lógica fundacional, que não é história da arte, não são os estudos culturais, não é a história do cinema ou fotografia, assim por diante. Ele também liberta da ossificação que ameaça pôr fim a disciplinas estabelecidas (Traduzido da publicação em espanhol).

na construção e na modelagem de corpos e subjetividades, assim como na legitimação de relações de poder binárias e desiguais estabelecidas entre sujeito e objeto da representação: homem-mulher, branco-não-branco, norte-sul, Ocidente-Oriente, arte-artesanato e assim por diante. Os estudos de cultura visual, como diz Irit Rogoff (2002, p. 24), são muito mais do que estudos de imagens, embora não subestime a centralidade da visão na produção de significados, “abrem as portas para um vasto mundo da intertextualidade onde imagens, sons e arranjos espaciais são lidos através uns dos outros”. É exatamente esse caráter intertextual que permite que o trabalho com práticas visuais seja tão heterodoxo (ao menos para a história da arte e para a estética) como as que aparecem nas páginas das publicações independentes, relacionadas às conformações de processos de identidade e lutas políticas. Esse questionamento e abertura do campo de conhecimento, que se refere diretamente às disciplinas mais tradicionais, como história da arte e teoria, têm, também, sido acompanhados por uma mudança metodológica:

[...] uma extensão de seus recursos táticos e analíticos [...] das formas de fazer práticas para si mesmos, que estão mais e mais contaminadas, misturadas, e indistinguíveis, não apenas a partir de outros suportes, estilos, disciplinas ou mediações, mas até mesmo outros usos da prática social, políticas, construção da vida diária, processos de agência de identidade, etc. (BREA, 2005, p. 10).

Apesar da aparência dos estudos de cultura visual, tanto no ambiente acadêmico quanto no editorial, já que é relativamente recente ali, a perspectiva estratégica e crítica que se usa é, na verdade, herdada diretamente dos estudos culturais – como os feministas, entre outros – iniciadas décadas antes em uma trajetória liderada pela Escola de Frankfurt. Além disso, o fato de que esse ambiente de trabalho tenha sido institucionalizado sob o nome de estudos visuais na academia estadunidense não significa que uma genealogia e um desenvolvimento específicos nas diversas práticas latino-americanas não existam. Seguindo o caminho de acadêmicos como Esther Gabara ou Hugo Achugar, e sem perder de vista a configuração geopolítica dessa área de estudo, considero que a prática de estudos visuais na América Latina pode ser uma ferramenta útil tanto para pensar a política de conhecimento no Sul Global e estabelecer outras conversações em movimento entre “Suls”, mas também ter um impacto, ao mesmo tempo nas narrativas do Norte (global). Nas palavras de Esther Gabara:

Focar no local de produção (latino-americano) da cultura visual [...] não limita o escopo de seus projetos de conhecimento; pelo contrário, pode reconhecer e amplificar seu impacto nos locais de produção de discursos hegemônicos. (GABARA, 2010)

A partir dos estudos de cultura visual na América Latina, estou especialmente interessada nas contribuições contemporâneas que conectaram o trabalho neste campo estendido da visualidade, com as contribuições da chamada teoria decolonial. Nesse sentido, alguns intelectuais como Joaquín Barriandos e Christian León insistem na importância de se considerar a “visão” como um outro elemento fundamental na ideia de colonialidade – conceito cunhado por Aníbal Quijano e desenvolvido pelo grupo de modernidade/colonialidade, no fim do século XX e começo do XXI. Intelectuais como Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo, María Lugones, Zulma Palmero, Ramón Grosfoguel e Nelson Maldonado Torres, entre outros, desenvolveram um repertório de categorias críticas para a análise das sociedades contemporâneas e o cenário colonial, que fornece a base para o discurso de modernidade do Ocidente. Entre as contribuições fundamentais, duas se destacam. Por um lado, o grupo teorizou uma vinculação entre os termos modernidade e colonialismo, sendo duas experiências inseparáveis e correlacionadas, desenvolvidas desde o século XV, com a ocupação e genocídio na América Latina. Por outro lado, há uma diferença que eles fizeram entre colonialismo, entendido como ocupação militar, exploração e anexação jurídica de um território por um poder estrangeiro; e colonialidade, entendida como lógica cultural do colonialismo que persiste na América Latina (e claro que em outras sociedades, incluindo antigas “metrópoles”), apesar do processo colonial histórico, como tal, ter acabado.

Entendemos o centro da colonialidade do poder não apenas como o sistema de controle das colônias e ex-colônias (por exemplo, do mundo não-europeu e não-estadunidense) mas também que se mantém atual e como base da ordem global. (MIGNOLO, 2009, p. 8)

A partir especialmente das contribuições de Quijano, e como uma alternativa latino-americana às abordagens pós-coloniais (levando em conta as especificidades do tipo de colonialismo desenvolvido nas Américas), o grupo formou uma tripla crítica dessa ideia de colonialidade focando em três categorias: a colonialidade do poder, a colonialidade do conhecimento e a colonialidade do ser.

Além disso, atualmente, as definições de uma quarta e quinta categoria estão sendo desenvolvidas como outros elementos constitutivos da modernidade: a colonialidade do ver e a colonialidade do gênero. É uma ampliação da ideia de colonialidade e sua relação com o feminismo e estudos de gênero e, de forma mais específica, na intersecção entre a colonialidade do ver e a colonialidade do gênero, na qual localizo a análise das “visualidades cuir”, a qual focarei na segunda seção do capítulo.

Por meio da análise dessas práticas, foco em destacar e questionar os mecanismos pelos quais a rede cultural da modernidade produziu a invisibilização e visibilização estigmatizada (PEDRO; ROSAURO, 2015, p. 21) de certos grupos sociais e de certos corpos: indígenas, transexuais, *locas* [iii], dissidentes políticos, pobres, mulheres, pessoas com deficiências, e assim por diante. Porque, como aponta Joa-

quin Barriendos, o “colonialismo do ver” é também constitutivo da modernidade e, como consequência, opera como um padrão de dominação.

O diálogo interepistemológico a que a teoria decolonial se refere deveria também ser, no meu ponto de vista, um diálogo visual interepistemológico, já que nem todas as culturas dão o mesmo valor ao que é visto, ao que não é visto, ao que está disponível para ser visto, ao que está escondido ou não é percebido; afinal existem diferentes ontologias de presença e ausência [...]. Tudo isso requer um aprendizado completo de desaprendizagem de certas inércias que nos agarramos [...] na colonialidade do olhar [...] precisamos desnaturalizar as maneiras nas quais o olhar opera; precisamos revelar a racialização, a inferiorização, e a discriminação visual da diferença. (LEON, 2009)

Assim, trilhando os caminhos abertos pelo tradicional pensamento crítico latino-americano no seu questionamento das epistemologias eurocêntricas e paradigmas visuais, essa proposta de estudos visuais dentro e a partir do Sul enfrenta um duplo desafio [6]. Por um lado, isso significa desvelar, ou tornar visível, o lugar de enunciação do olhar hegemônico e compreender seus mecanismos de produção de racismo epistêmico por meio da visualidade e de alegações universalistas. Por outro lado, significa apresentar a produção de outre, de visualidades não hegemônicas e de propostas de criar uma forma de cultura visual com “agência decolonial”, como proposto por Diego Falcon (2015), pesquisador na Universidade de São Francisco de Quito, como uma resposta às estratégias de colonialidade do ver. E isso se deve, conforme aponta Christian León, professor na Flacso, no Equador (2011), pensar sobre os estudos visuais na América Latina exige pensar sobre:

[...] a diversidade de histórias e a heterogeneidade estrutural que configura a visualidade em um nível de sistema do mundo moderno [...] Por essa razão que uma das tarefas primárias dos estudos visuais latino-americanos é gerar condições intelectuais para suas enunciações terem lugar, para a abertura de uma outra visualidade, para a visualização de uma outra enunciação.

6 De acordo com Walter Dignolo (2009, p.12), a ideia de dissidência decolonial na arte é um processo que opera em duas direções diferentes: “uma, a decolonialidade da arte e estética mostra seu regionalismo imperial; e o outro, cria estéticas decoloniais e processos cognitivos de decolonialidade do ser e do conhecimento”.

Visualidades Cuír: *Hysteria! Revista* e *Maricarmen*

Conforme indicado no começo deste texto, o interesse em trabalhar na formação de visualidades cuír está localizado na intersecção entre a perspectiva decolonial, feminista e estudos de gênero e as teorias críticas de visualidade. Começando com a ideia de que imagens, como palavras, fazem coisas [7], estou interessada em analisar a configuração de subjetividades dissidentes, que estão relacionadas às abordagens feministas e cuír, por meio de intervenções visuais.

Essa proposta vem acompanhada por algumas imagens de duas publicações independentes mexicanas: *Hysteria! Revista* e *Maricarmen*. Como especificado nas primeiras páginas, não vou fornecer uma análise profunda dessas imagens. Pelo contrário, vou trabalhar com elas para ilustrar meu argumento geral.

Hysteria! Revista é uma publicação digital “de arte e sexualidade”, que é definida pelas editoras (Ivelin Meza e Liseth Gamboa) como “um trabalho de arte participativo e comunicativo”. Serve como mediador discursivo e visual dentro da comunidade transfeminista e cuír. Atualmente, a revista tem mais de vinte edições, disponíveis no site <http://hysteria.mx>. Já *Maricarmen* [8] é independente e publicada na cidade de Puebla, por Tadeo Cervantes e Mr. Popper, que levanta questões “desde a necessidade de se fazer crítica a partir das problemáticas de intersecções e que implicam em políticas do corpo”. Com a perspectiva cuír, as autorias refletem sobre a diversidade sexual e os feminismos, a partir de seus próprios corpos. Ambas as publicações, que surgiram em 2013, compartilham elementos que ajudam a identificar o campo de visualidades cuír. Uma razão para isso é que suas páginas (impressas ou digitais) propagam textos e imagens de colaboratories, que, de uma forma ou de outra, compõem grande parte da atividade militante *queer/cuír* na Cidade do México por meio de publicações, colaborações, lançamentos em eventos, festas e assim por diante. Ademais, ambas as publicações fazem parte da mesma comunidade geracional, composta por pessoas que são bastante jovens (entre vinte e trinta anos de idade) e que são conscientes de um vácuo geracional e de diferentes demandas que existem entre elas e grupos LGBT que não existem mais no México, que se formaram nos anos 1970 [9].

Elus são ativistas e militantes em grupos feministas e *queer/cuír* na Cidade do

7 O trabalho performativo da linguagem formulado pelo filósofo britânico John L. Austin em seu famoso livro *How to Do Things with Words*, publicado pela primeira vez em 1962.

8 É importante notar que *Maricarmen* é um nome espanhol de mulher, mas “marica” também significa “bicha”. O uso do senso de humor e da ironia é também outra característica compartilhada por essas experiências cuír.

9 De toda forma, é bastante interessante entender como essa geração interage com a anterior por meio da compreensão e do reconhecimento de identidades políticas que se iniciaram nos anos 1970. Nesse sentido, a edição n. 12 da *Hysteria! Revista*, intitulada “Rosa Marica” (Bicha Rosa) e organizada pela ditore convidade Benjamin Martinez, explica no editorial: “Dessa vez, *Hysteria!* Dá espaço para o que é lésbico e *gay*, sem abandonar o sexo e a dissidência de gênero. Certamente é verdade que o transfeminismo cuír rejeita parcialmente as concepções canônicas de lésbica e *gay*; entretanto, não podemos ignorar o que essas posições podem nos dizer, como pioneiras na luta pela diversidade sexual e identitária.” Para ler mais, veja <<http://hysteria.mx/editorial-12-rosa-marica>>

México e possuem conexões nas universidades públicas: es editorias são alunes de pós-graduação e graduação na Universidade Nacional Autónoma de Mexico (Unam), e muitas colaboratories também são alunes e, em alguns casos, professorias, relacionados às artes visuais, filosofia, pedagogia, arquitetura e *design*, e estudos feministas e *queer*. Esse é um ponto fundamental não apenas para entender a bagagem ou educação teórica des atories nesse contexto, mas também para ter uma ideia des consumidories geral dessas imagens e revistas. Além disso, elus são amigues; estão convencidos que os afetos são poderosas ferramentas políticas também. Assim, juntas elus constroem espaços onde o lúdico, o divertido e o prazer coexistem com formas de críticas públicas radicais e processos de resistência.

Em suas publicações, textos e imagens interveem explicitamente na necessidade de refletir sobre especificidades das quais são *queer* (estranho, *torcido* [IV], anormal) em um contexto como o mexicano, que é constituído – e como foi explicado anteriormente – por condições históricas de colonialismo e colonialidade. Dessa maneira, as representações dos corpos que povoam as páginas de *Maricarmen* não são apenas diversos sexualmente ou dissidentes como também racializados [V], trans* [10], gordos, e precários; elus abordam o imaginário popular e de trabalhadores mexicanos e fazem uso de um humor que poderia ser considerado específico para esse contexto. Assim, essa vai além de uma abstração da teoria acadêmica, se virando para esse Sul, indicando uma nova possibilidade de enunciação. Da mesma forma, os temas das edições de *Hysteria! Revista* estão situados no centro dos debates contemporâneos sobre sexualidade, feminismos e identidade política, mas elus também fazem isso a partir de um lugar específico. Na terceira edição, por exemplo, intitulada *Akelarre* (e que foi acompanhada pela reunião/conferência *Akelarre Cuir* no Museu Universitário de Arte Contemporânea [Muac] na Unam em janeiro de 2014), es editorias manifestaram seu interesse em

[...] praticar a possibilidade de criar alianças e cumplicidades entre capacidades distintas: trans, *gay*, hetero, homens/mulheres biológicos não-hegemônicos, mulheres solidárias, aqueles que se encaixam em muitas dessas categorias e aqueles que preferem não entrar em nenhuma delas. Um espaço ritual onde fazemos política, amor, amizade e cumplicidade: festas, orgias, protestos, nos enchendo de sangue, oficinas, arte: a proposta é transgredir através do prazer, riso e gritoconjuntos [11].

10 Aqui estou usando a denominação empregada por César Othón Hernández Romero na tese *Filiações Bastardas: respostas queer/cuir e trans nos imaginários culturais hegemônicos no México e suas relações com o Norte*, 2015, p. 14: “[trans*] é uma contração da palavra transgênero. Por transgênero, me refiro a um termo guarda-chuva que agrega vários fenômenos de diversidade de gênero, como transexualidade, travestismo, alguns aspectos da intersexualidade, assim como expressões de ‘gênero atípico’ em culturas de diferentes partes do mundo (como *locas e vestidas* no caso da América Latina) [...] a palavra trans* inclui, é claro, transição de gênero, mas também fenômenos de movimento entre nações, entre raças, entre gerações de pessoas, entre espécies, e muitas outros relacionamentos cruzados que pode mudar ou viajar”. Disponível em <<http://132.248.9.195/ptd2015/diciembre/304783304/Index.html>>

A capa é um desenho de Álex Aceves Bernal (figura 1), alune de pós-graduação da Faculdade de Artes e Design da Unam e diretores artísticos da *Hysteria! Revista*. Como pode-se perceber, o grupo é composto por corpos de diferentes raças e hipersexualizados. Fazendo uma reinterpretação de *El Aquelarre*, de Goya, o grande bode foi substituído por uma figura peluda e mascarada, cujos braços estão amarrados com tiras. Na ilustração de Aceves, as bruxas já não oferecem bebês ao bode-demoníaco, mas uma grande bisnaga de “lube”: lubrificante para os novos, sacrifício prazeroso. Ou, na edição #9, “Carnitas”, dedicada à análise e visibilização de “corpos gordos” com o objetivo de “descolonizar” o tipo de corpo normativo (magro, branco), a editora convidada Alejandra Rodríguez (La Bala Rodríguez) explica que

[...] falar sobre um corpo gordo não é apenas falar de quilos e de carne, porque por trás do discurso normativo de figuras magras e de padrões de beleza há um mecanismo efetivo que constrói auto-depreciação, claramente vinculada ao racismo, classismo e exclusão [11].

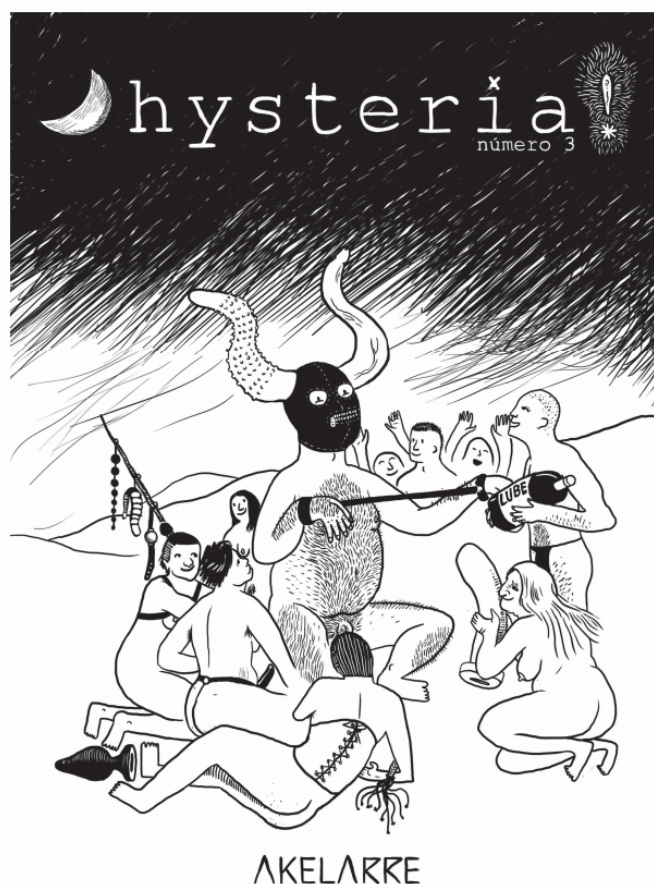


Figura 1 *Hysteria! Revista* de sexualidade e cultura, “Akelarre” #3 Fonte: capa de Álex Aceves, 2014.

11 <<http://hysteria.mx/editorial-9-carnitas/>>

Almeldra Castillo/Rurru Mipanocha é a autora dessa capa (figura 2). Ela também estudou na Unam e é uma colaboradora frequente da *Hysteria! Revista* e outras publicações independentes na Cidade do México. Seu trabalho é bem conhecido por mesclar elementos iconográficos de culturas pré-colombianas (especialmente a mesoamericana) com outros gestos críticos feministas/*queer*, expondo sexo e sexualidade de uma maneira muito explícita. É importante perceber que na visão de mundo mesoamericano (assim como em outras culturas pré-colombianas, e – guardadas as diferenças – nas abordagens teóricas *queer*), dualidade sexual e de gênero não eram concebidas como uma divisão estática. Pelo contrário, como podemos ver na ilustração de Mipanocha, masculino e feminino eram ambos parte do mesmo princípio de criação e regeneração. Ao lidar com o tipo de imagens geradas e textos e reflexões editoriais que as acompanham, vale perguntar quais diferenças existem entre o que é *cuír* (e assim relacionado ao latino-americano) e o que é *queer* (e assim relacionado aos Estados Unidos)? E qual é a relação que existe entre isso e a produção visual independente?

A teoria *queer* [12], assim conhecida, surgiu nos anos 1990 no contexto das comunidades *gays* e *lésbicas* nos Estados Unidos, e hoje é um modelo teórico e ativista que é fundamental para as lutas relacionadas à dissidência sexual em todo o mundo. Com um de seus pilares sendo a performatividade, mantida especialmente por Judith Butler – e sua revisão da teoria dos atos de discurso de Austin (1962) e a ideia de interabilidade apresentada por Derrida (2003) – a teoria *queer* nos permite pensar sobre gênero em termos de “atos de gênero”, que significa dizer que é permitido que analisemos atos corporais específicos através do qual o gênero é constituído. Isso, ao mesmo tempo, nos leva a pensar sobre possibilidades de transformação cultural usando esses mesmos atos (BUTLER, 1998). Do ponto de vista da produção cultural e dos estudos visuais, há muitas pessoas responsáveis por analisar o papel que as representações visuais e produções artísticas têm tido no estabelecimento da normatividade de gênero e do olhar colonial. Há também muitos artistas e ativistas que, desde os anos 1960, têm se comprometido a apresentar espaços culturais e esferas artísticas como um espaço preferencial para torcer essas mesmas normas: do meu ponto de vista, esse é o papel que *Hysteria! Revista* e *Maricarmen* (entre outros *productories* culturais) exercem atualmente no México. Por apresentar corpos racializados, gordos, hipersexualizados, com deficiências e *queer*, as publicações independentes estão conformando, por meio da produção de imagens, uma cultura visual crítica alternativa que torna visível aqueles corpos invisíveis historicamente.

12 De acordo com Paola Arboleda Ríos (2011, p. 112), seguindo o argumento de Licia Fiol-Matta no livro *A Queer Mother for the Nation. The State and Gabriela Mistral* (2002), “a fluidez e a indeterminação do termo *queer* permitem que ele seja usado de maneiras diferentes, mas talvez complementares. Em primeiro lugar, como um adjetivo, é um termo geral que se refere à coalizão de (auto)identificações marginais (homossexual, transsexual, transgênera, bissexual, etc). Em um segundo uso, *queer* define o campo de estudo e a combinação de teorias que estão enquadradas dentro dos estudos críticos da sexualidade. Por fim, como um verbo, Fiol-Matta afirma que ‘o *queer* dá ao pesquisador mais agência para criticar os usos da sexualidade e para tornar muito mais amplo o espectro de pessoas e práticas responsáveis pela homofobia, racismo e sexismo’” (FIOL-MATTA, 2002, p. xxxviii).

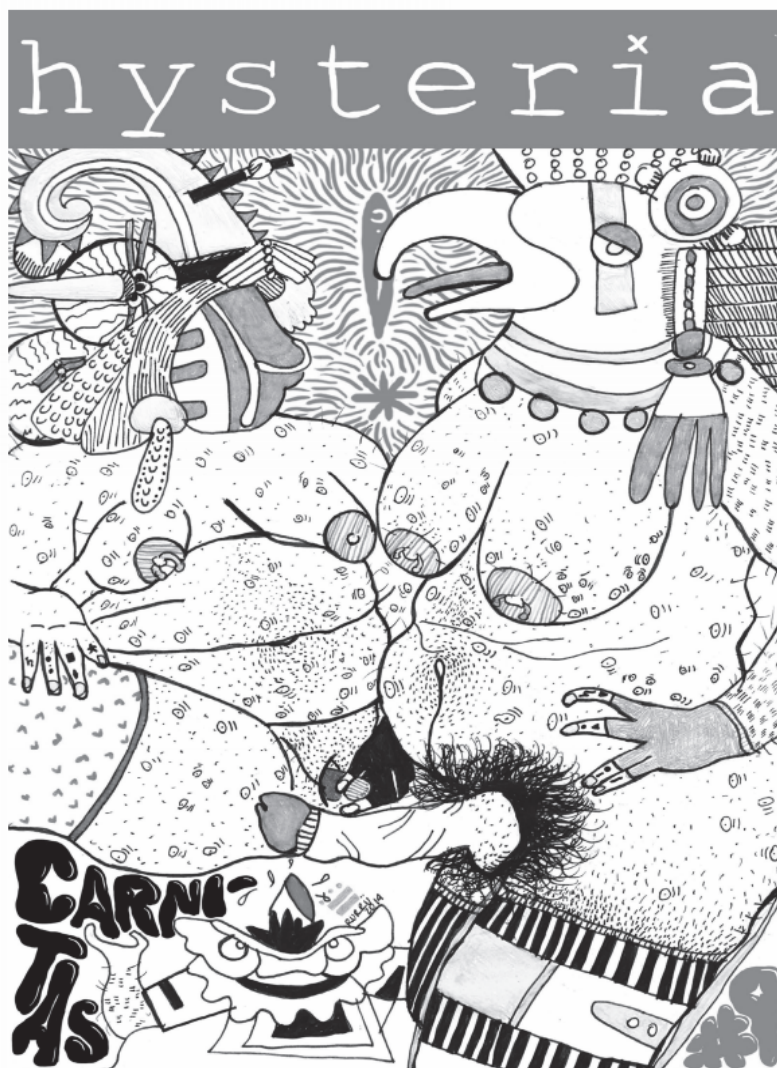


Figura 2 *Hysteria!* Revista de sexualidade e cultura, “Carnitas” #9 Fonte: Capa de Al-mendra Castillo aka Rurru Mipanocha, 2014.

Mas o uso do termo “*queer*” em espanhol perde muito de seu peso semântico, e acima de tudo, a estratégia fundamental pela qual a comunidade reivindica o insulto enquanto transforma isso em algo politicamente subversivo [13]. Nesse sentido – e a partir do trabalho gráfico das publicações como às quais estou me referindo aqui, desde práticas artísticas de grupos como Invasorix, o trabalho de performance de autores como Lukas Avendano ou Felipe Osornio – Leche de Virgen Trimegisto, só para citar alguns poucos exemplos – estamos usando o termo *cuír* para denominar certas práticas latino-americanas de ressignificação da teoria e dos movimentos *queer* estadunidenses (DAVIS; LOPEZ, 2010, p. 8), especialmente nas artes e na prática cultural independente. Citando Sayak Valencia (2015), é uma inflexão geopolítica em direção ao Sul e a partir da periferia, que também pode ser lido como um contraponto à epistemologia colonial e historiografia anglo-americana. “*Cuír*” é a grafia que

13 Nas palavras de Bras Epps, “a circulação do termo *queer* no contexto de língua espanhola não reflete seu peso linguístico, já que ele é apenas verificável no contexto estadunidense onde a palavra teve uma história: o significado pejorativo e homofóbico que mais tarde foi reivindicado e subvertido em uma forma de afirmação política” (2008, p. 899).

foneticamente transcreve a pronúncia incorreta da palavra inglesa “*queer*”. Nesse sentido, essa primeira estratégia de reivindicação de um insulto em inglês por meio do surgimento das teorias e ativismos *queer* nos Estados Unidos “vai por outra torcida” [14] e a transformação tomada por outros lugares de fala (latino-americano ou espanhol). Essa palavra alternativa em um contexto inglês perderia seu poder estratégico.

Se, como explica Butler (1990), a palavra foi reivindicada assim como seu uso, como uma prática linguística degradante, foi transformada em um ato de visibilidade e reconhecimento político, *cuír*, em contraste trabalha para mostrar outra falha linguística, relaciona esse momento às origens geopolíticas desses sujeitos repressados, e, nesse caso, também “maldito” [15]: aqueles que falam incorretamente no Sul.

Nesse processo situado de resignificação, de teorias de gênero performativas desenvolvidas por grandes autoras (Judith Butler, Eve Kosofsky Sedgwick e Jack-Judith Halberstam) podem ser vistas para ser intervencionadas na medida por objetivos e interesses de feminismos chicanos, feminismos decoloniais, feminismos comunitários, e transfeminismo, assim como por experiências de indígenas, pobres, *mestizes* [VI], trans, e todos esses ‘outros corpos’ que compõem as Américas.

Cuír é uma mudança da agência do Sul que nos fornece ferramentas para repensar aspectos distintos que nos transpassam, como sujeitos racializados, precários, estranhos, etc. Ele se distancia do *queer* do Norte, já que ele não usa a mesma lógica (universidades que delegam parte de seus orçamentos a discursos *queer*, departamentos de estudos *queer*, ocupações *queer*, etc). Ele nos permite criarmos também genealogias de ancestrais que não aparecem nas histórias do norte – Lemebel, Perlongher, as maricas (bichas), fanchas (sapatões), putas, monas desconhecidas que existiram antes e durante a colônia, etc. (TADEO CERVANTES) [16]

Nesse sentido, podemos dizer que a teoria *queer* é interferida pelo interesse e também pela necessidade de analisar o papel histórico que as construções de gênero e de sexualidade são representadas na iniciativa colonial. Sem ignorar os debates e os cruzamentos transnacionais, a teoria *cuír* e as práticas culturais são o que me interessam. Pode ser útil rastrear a genealogia latino-americana e localizar

14 “*Torcedura*”, em espanhol, tem um significado similar ao de “*torcer*” e uma variação, “*torcido-torto*”, também possui conotação de perversão. Se referindo aos debates genealógicos sobre esses termos, Sayak Valencia (2015, p. 20) sinaliza que, abordando as profundidades etimológicas, pode-se presumir que *queer* (registrado pela primeira vez em língua escocesa em 1500 para se referir a “aquilo que é estranho, peculiar e excêntrico”) na realidade vem da palavra latina “*torquere*”: “*dobrado*”, que na verdade em espanhol, “*distorcido*” – “*torcido*”, “*sinuoso*” e “*desviante*” – está muito mais próximo da forma latina. Isso levaria, portanto, como diz Valencia, a traçar uma genealogia diferente que eliminaria a exclusividade, do *copyright* estadunidense, que tem causado muitos debates e rejeições no contexto latino-americano.

15 Em espanhol, os termos “*malditos*” (“*damned*” em inglês) e “*maldicho*” (dito incorretamente) tem grafia e etimologia muito similares. Esse jogo de palavras desaparece na tradução em inglês.

16 T. Cervantes, correspondência particular, 18 de março de 2015.

a discussão do *queer* em uma epistemologia local/regional (VITERI et al., 2011). Assim como expliquei com a descrição da América Latina, aqui, regional se refere mais ao posicionamento epistemológico e político do que a derivados essencialistas ou apenas marcas geográficas. Porém, tão importante quanto, o que esses exemplos visuais mostram é que dizer *cuír* não deixa de ser uma operação gráfica e fonética de uma tradução “ruim” de um termo de origem anglo-saxã – uma má tradução que também parece operar nesses modos de representação, extraído nesse caso de edições de *Maricarmen*: uma avó mexicana brava com a revelação de que “*queer* não é uma identidade” [17]; uma indígena jovem e racializada, ou uma garota *mestiza*, que é uma “*loca*” (uma bicha) e uma “*bruja*” (uma bruxa); uma *drag queen* gritando com raiva (“Sim, estou com raiva, mas eu tenho esse direito”) [18]. Chamar de *cuír*, por meio de palavras e imagens, tem a implicação de não cumprir completamente o significado original estadunidense de “*queer*”, porque, parafraseando María Amelia Viteri (2008), “aqui, *queer* não funciona”. Não funciona porque não sabemos como pronunciar corretamente, e porque não funciona para apresentar a história completa de violência colonial, repressão e violência política; ditaduras; e guerras sujas de Estado que, nessa parte do mundo (e provavelmente no chamado Sul Global) perpassam histórias de “diversidade sexual” e mecanismos de construção do gênero binário.

Chamar de *cuír* no México de hoje também nos permite focar em todos aqueles corpos que têm experienciado violência, desapareceram, e que tem sido considerado invisíveis pelo Estado e seu aparato: por serem dissidentes, por serem racializados, por serem pobres, por serem *queer*. Chamar de *cuír* no México de hoje é nomear milhares de vítimas assassinadas e desaparecidas vítimas de feminicídios e transfeminicídios. Além disso, chamar de *cuír* aqui, hoje, significa estar consciente das possibilidades poderosas do uso do humor como estratégia subversiva. Como sabemos, e concordando com o argumento de Gin Müller (2015, p. 37):

Nem todos no mundo riem da mesma forma, de jeito nenhum; especialmente onde há tantos que têm tão pouco para rir. E há muitos que não riem nunca de “piadas” do chamado “outro”.

17 Essa imagem é um meme muito conhecido no México, representando Carmen Salinas, uma atriz de novelas muito famosa por seus papéis como mãe mexicana abnegada.

18 Enquanto escrevia este texto, soube que outra mulher trans (Alessana Méndez Flores) foi assassinada na cidade do México. A violência transfóbica tem crescido nos últimos anos, tornando o México o segundo país com mais crimes de ódio transfóbicos do mundo, depois do Brasil.



Figura 3 “¡Ai filhinx!” zine *Maricarmen*. “Ativx procura passivx. Sem ser obvix” #2
Fonte: Nicolás Marín (Mr. Popper), 2014.

De qualquer forma, concordamos que esses tipos de práticas colocam lado a lado diferentes formas de rir da questão ligada à relação de poder desigual, racista, sexista e classista e de suas raízes coloniais. Nas palavras de Müller:

O humor *queer* foca na solidariedade daqueles que querem rir coletivamente dos sistemas hegemônicos e ver penetrar seu riso como ponto de partida para agência. A raiva da discriminação e exclusão não fica limitada ao papel de vítima; o humor *queer* é uma expressão sensual da excitação física que revela que o insuportável paradoxo de racismo social, sexismo, e processos discriminatórios, os tornam visíveis, e um pouco mais nivelados. (MÜLLER, 2015, p. 37)



Figura 4 “Sou uma loca”. Zine *Maricarmen*. “Ativx procura passivx. Sem ser obvix” #2 Fonte: Nicolás Marín (Mr. Popper), 2014.

Por fim, não podemos esquecer que falar *queer* “erradamente” significa desviar de um tipo de discurso que, apesar de já “torcido”, continua a ser estrangeiro, branco, gringo, e até “cool” em um lugar como o México. Dessa forma, “incorretamente” também significa um tipo de resistência para uma circulação de apenas uma direção de paradigmas interpretativos e teorias produzidas nos Estados Unidos e academia europeia, que são distribuídas e (corretamente) pronunciadas no nível global.



Figura 5 “Sim, tenho muita raiva”. Zine *Maricarmen*. “Ativx procura passivx. Sem ser obvix” #2 Fonte: Nicolás Marín (Mr. Popper), 2014.

Conclusão

Por meio da apresentação desse tipo de produção visual independente, sugiro pensar visualidade como parte de um mesmo projeto moderno-colonial (com todos esses adjetivos: capitalista, classista, racista, sexista, homofóbico, transfóbico) e nos desafiar a pensar o cuír – ou melhor – as visualidades cuír – como um tipo de agência decolonial ou nas palavras de Silvia Rivera Cusicanqui, um tipo de “prática decolonial”, uma prática descolonial. Inspiradas por Gloria Anzaldúa e Ema Pérez, duas de nossas grandes teóricas e poetas chicanas, estamos convencidas de que o cuír e a imaginação decolonial e os imaginários cuír-decolonial são, no nosso contexto, uma questão de sobrevivência.

Notas de tradução

[i] No original.

[ii] No Brasil utilizamos a palavra “decolonial” e não “descolonial”. Conforme lemos:

“Preferimos utilizar o termo ‘decolonial’ e não ‘descolonial’. O conceito em inglês é ‘*decoloniality*’; sobre esse termo existe um consenso entre os autores vinculados a essa perspectiva de estudo. Já com relação à tradução para espanhol e português não há uma posição unânime. Entretanto, preferimos o termo ‘decolonial’, pelos mesmos motivos que Walsh (2009, p. 15-16). A autora prefere utilizar o termo ‘decolonial’, suprimindo o ‘s’ para marcar uma distinção com o significado de descolonizar em seu sentido clássico. Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua.” In: *Novas perspectivas para a antropologia jurídica da América Latina*, de Thiago Luiz Colaço, 2012, p. 7-8.

[iii] A palavra “*locas*” foi ressignificada positivamente para indicar as mulheres que não se conformam com as normas, mas também é utilizada para *gays* cuja performance de gênero se aproxima de um entendimento do feminino e para travestis. Mesma situação se dá com a palavra “*vestidas*”, utilizada para se referir às travestis de classes mais baixas no México.

[iv] “*Torcido*” em espanhol significa literalmente torto ou diferente, é uma palavra usada para se referir à comunidade *cuír*.

[v] No original “*brown*”, literalmente significa “marrom”, é uma classificação racial usada para indicar pessoas racializadas, mas que não são negras (*black*), podendo ser de várias origens não brancas

[vi] A palavra “*mestizo*” foi positivada em espanhol e serve como autoidentificação daqueles mexicanos com ascendência indígena e espanhola. Ver perspectivas de *mestiza* por Gloria Anzaldúa em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015>

Referências

ACHUGAR, Hugo. Nuestro Norte es el Sur. A propósito de representaciones y localizaciones. In: MORAÑA, M. (ed.), *Nuevas perspectivas desde/sobre América Latina: el desafío de los estudios culturales* [New perspectives since, on Latin America: the challenge of cultural studies]. Santiago: Cuarto Próprio, 2000.

ARBOLEDA, Paola. Ser o estar “queer” en Latinoamérica? El devenir emancipador en Lemebel, Perlongher y Arenas. *Íconos. FLACSO Ecuador*, n. 39, pp. 111-121, 2011.

AUSTIN, John. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press. Brea, J. L. (2005). *Estética, Historia del Arte, Estudios Visuales* [Aesthetics, Art History, Visual Studies]. *Estudios Visuales*, 3, 8-25, 1962. Disponível em <www.estudiosvisuales.net/revista/pdf/num3/brea_estetica.pdf>

BUTLER, Judith. Performative acts and gender constitution: An essay on phenomenology and feminist theory. *Theatre Journal*, 40, 519-531, 1988. Disponível em <<https://doi.org/10.2307/3207893>>

BUTLER, Judith. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

DAVIS, Fernando; LÓPEZ, Miguel A. Micropolíticas Cuir. *Transmariconizando el sur*. Ramón, 99: *Revista de artes visuales*, 8-9, abr., 2010. Disponível em <www.academia.edu/20313838/Ramón_99_Micropolíticas_Cuir_Transmariconizando_el_Sur>.

DE PEDRO, Antonio.; ROSAURO, Elena. (eds.). *(Cómo ver cómo: Textos sobre cultura visual latinoamericana* [How to see how. Texts on Latin American visual culture]. México: Editorial Foc, 2015.

DERRIDA, Jacques. (1972). *Marge de la philosophie* [Margins of Philosophy]. Paris: Les éditions de Minuit. Derrida, J. *Firma, acontecimiento y context* [Signature, Event, Context]. In: *Márgenes de la filosofía* [Margins of Philosophy], Madrid: Cátedra, pp. 347-372, 2003.

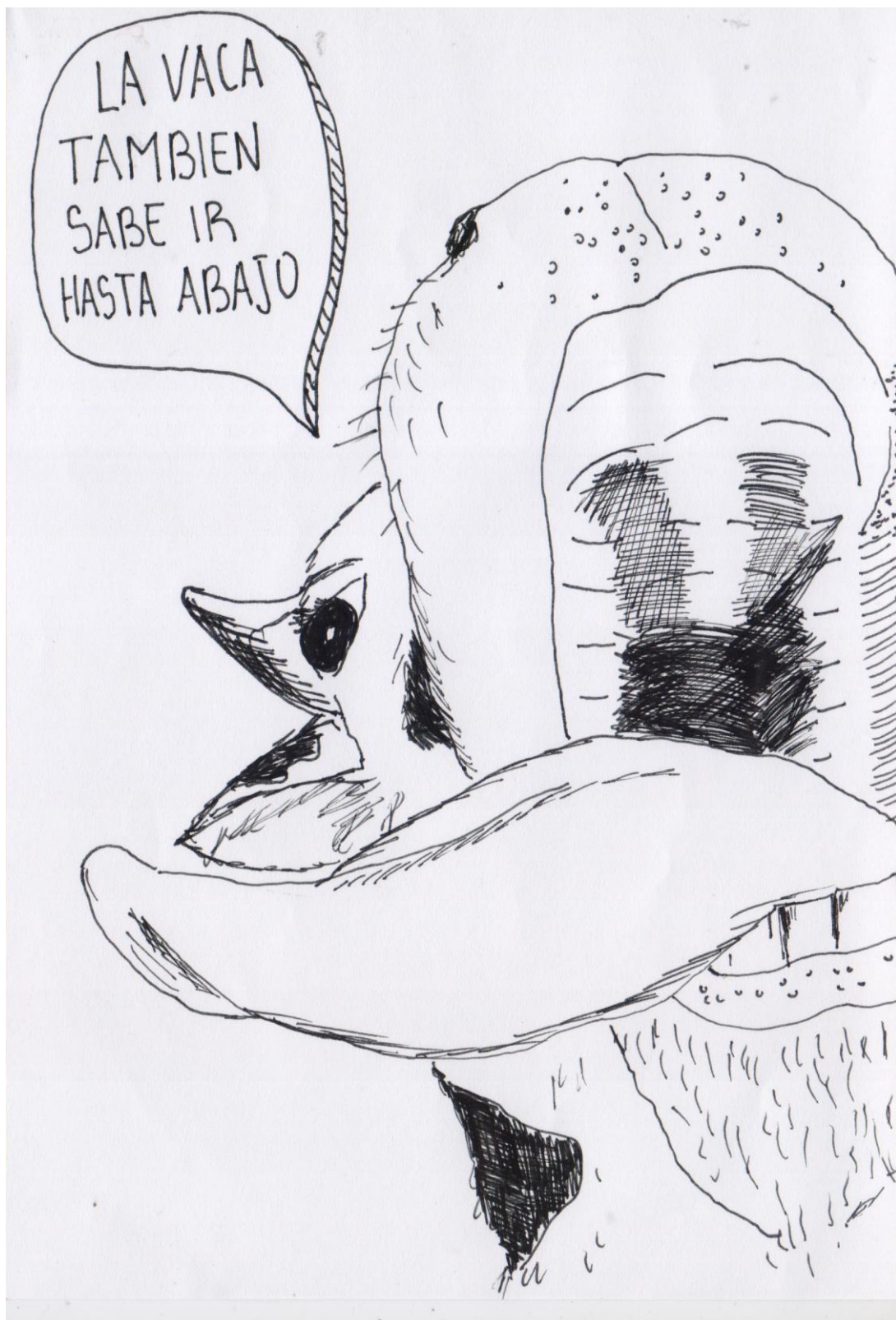
FALCONÍ TRÁVEZ, Diego. Los hieleros del Chimborazo y Baltazar Ushca, el tiempo congelado: narraciones fílmicas y literarias del indigenismo ecuatoriano. Un análisis intertextual y decolonial de la subalternización nativa. 15040-2031d-1pass-r02.indd 103 2/8/2019 1:03:42 PM RÍAN LOZANO DE LA POLA 104 Extravío. *Revista electrónica de literatura comparada*, n. 8, pp. 38-57, 2015. Disponível em <www.uv.es/extravio>

FIOL-MATTA, Licia. *A Queer Mother for the Nation. The state and Gabriela Mistral*. University of Minnesota Press, 2001.

GABARA, Esther. Gestures, practices and projects. [Latin] *American re-visions of visual culture and performance studies*. e-misférica, n. 7, vol. 1, 2010. Disponível em <<http://hemisphericinstitute.org/hemi/en/e-misferica-71/gabara>>

LEÓN, Christian. Diálogos sobre la colonialidad del ver. Entrevista con Joaquín Barriandos, 2009. Disponível em <<http://latronkal.blogspot.mx/2010/05/dialogossobre-la-colonialidad-del-ver.html>>

MIGNOLO, Walter. Prefácio. In: PALERMO, Z. (ed.), *Arte y Estética en la encrucijada*



EPISTEMOLOGIA RUMINANTE [1]

Lucrecia Masson Córdoba [2]

Tradução de Sigríd Beatriz Varanis Ortega [3]

Revisão de Poppy Carpio [4]

“Ao ritmo de mil vacas pastando [...]”

Andrea Nunes Brións

O ruminante é, para mim, uma vaca. Sempre digo que durante minha infância socializei mais com vacas do que com pessoas. Eram os anos 1980 na pampa seca Argentina, uma região árida muito fria no inverno e muito quente no verão, uma zona de extremos, apesar de apresentar uma geografia inquietantemente entediante. Aos meus olhos de criança, tudo era imenso e tudo era igual a tudo. Deve ser por isso que se diz que a infância é pura espacialidade, que não existe tempo.

As vacas pastavam, a cada dia faziam o mesmo. Eu pensava se um dia me aconteceriam coisas, se um dia teria uma vida excitante como a vida das pessoas da televisão, televisão que só podíamos ver se tivesse vento suficiente para carregar as baterias (na pampa seca a luz elétrica era um luxo de alguns), enquanto isso, minha tarefa, a cada dia e seguindo essa mesma ideia de repetição na imensidade, era ir buscar as vacas para que ficassem perto do curral e assim meu pai pudesse ordeiná-las. O andar das vacas ficou guardado nas minhas retinas, andam lento, andam juntas.

Também “vaca” é um insulto que sempre, como gorda, temi. Que paradoxo que animais que me pareciam tão lindos, e eram minhas amigas, fossem justamente um nome que eu jamais quis escutar sobre o meu corpo! Era o insulto gordo. Franz Fanon disse que a linguagem colonial desumaniza o colonizado, propriamente falando, o animaliza. E que, na realidade, a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica, que se refere constantemente ao bestiário. “[...] esses rostos dos que há desaparecido toda a humanidade, esses corpos obesos que não se parecem com nada, essa multidão sem cabeça nem pescoço, essas crianças que parecem não pertencer a nada, essa preguiça desdobrada ao sol, esse ritmo

1 Epistemologia Ruminante foi escrito por Lucrecia Masson (Ombucta, 1981) em 2015 e publicado em 2017 pela Pensaré Cartoneras, também foi publicado no Chile pela FEA Feminista (Feminismo, Estrías, Autogestión) e no México pela Ediciones Inestables.

2 Lucrecia Masson é escritora, artista e pesquisadora transdisciplinar. Ativista antirracista e transfeminista, trabalha com a temática de corpos dissidentes (gordura/beleza/funcionalidade, feminismos e decolonialidade).

3 radução livre para português por Sigríd Beatriz Varanis Ortega (Campo Grande, 1997), estudante de História na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) e é fundadora do projeto As Mina na História.

4 Revisão por Poppy Carpio (Venezuela, 1998), artista independente e estudante de Artes Visuais na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

vegetal, tudo isso forma parte do vocabulário colonial” [5].

Entendo o corpo gordo como um corpo colonizado, um corpo visto como inferior em uma cultura onde a magreza foi imposta triunfantemente. Um corpo para o fracasso, para o desaparecimento, um corpo errôneo, errado. Porém, e seguindo Fanon, o colonizado ri quando se descobre animal nas palavras do colono. Então digo: Sou a vaca.

Busco na animalidade minha própria enunciação. Sou um ruminante e ousa desafiar os limites que foram (im)postos ao meu corpo e à minha humanidade.



lentitude / animalidade / o estigma vaca / a carne / o não saber como dizer, porém ir ruminando

Os ruminantes, como os bovinos, têm um complexo sistema de digestão que os permite aproveitar eficientemente os nutrientes dos alimentos, inclusive os de baixa qualidade nutricional. A ruminação deve ser feita em um lugar cômodo, plano, com sombra, para poder deitar-se. O ruminante procurará contar com as condições necessárias para ruminar comodamente. Buscará, então, as condições de possibilidade, um lugar cômodo e seguro, entre semelhantes que o assegurem.

Muitas vezes a carne desse ruminante dói. Sabe que há dores que se encarnam, que se tornam carne e tecidos, tecidos sangrentos.

O ruminante é irreverente e iconoclasta.

Não acredita em ideias próprias, não é original. Sabe que sempre que fala, traduz.

O ruminante aposta por um exercício de invenção política que é coletivo, sempre. Procura dar para si e para sua comunidade, ferramentas, e entende que essas ferramentas não são algo ao qual se chega, mas que está em constante construção.

Em sua ação de ruminar, concede tributo ao processo, e não ao produto acabado.

O ruminante é precário, e, como precário, desafia o futuro. O futuro não é nosso. Não existe futuro. Não existe tempo.

O ruminante é lento.

Uma vez escutei que Tolstói tirava fotos dormindo. E dizem que fazia isso para mostrar sua distância a respeito dessa sociedade que “avança”, que está indo para frente, que se faz produtiva, rápida. Os que querem trabalho, progresso, e enriquecimento, serão os ganhadores. Tolstói preferia descansar. Isso me contou uma vez um amigo. Eu procurei referências e não encontrei nada. Talvez não seja verdade, talvez seja um mito. Mas não estou preocupada com a verdade. Penso, junto com o movimento antropofágico [6], que a verdade é uma mentira muitas vezes repetida.

A epistemologia ruminante não rende tributo à visão linear da história. O ruminante se faz ruminar, e muitas vezes também a dormir. Não privilegia o estado consciente. Gosta de sonhar.

6 O movimento antropofágico é uma corrente artística da primeira metade do século XX no Brasil. Esse movimento tem como metáfora a atividade canibal desenvolvida pela comunidade Tupinambá, que consistia em devorar seus inimigos com a intenção de incorporar, ao ingeri-los, certas características deles, como a bravura, a força, a coragem e o conhecimento de sua comunidade. Se decidiam que o inimigo capturado não contava com essas características, não o comiam. Trata-se de devorar e devorar-se, de incorporar o outro para fazer com ele um novo corpo.

Qual é o corpo do feminismo? Pode a vaca falar? Pode o ruminante nomear a si mesmo? Que corpos podem nomear a si mesmos? Quem tem a possibilidade de falar sobre a verdade das coisas? Há sujeitos com a possibilidade de produzir verdade, de gerar um relato onde se conta a verdade sobre o mundo, e outros são atores nesse relato. Quem pode pensar a totalidade sempre ocupa os lugares hegemônicos. Como podemos, nós, as ruminantes, também ser produtoras de verdade?

Necessitamos novos modos de nomear, arrebatando a possibilidade do relato de quem conta nossa história. Assim, a epistemologia ruminante aposta que é possível pensar e gerar relatos desde outros lugares. Desde a fronteira.

A epistemologia ruminante tudo engole, tudo mastiga, come de tudo. O ruminante é poligástrico, e tudo passa por seus quatro estômagos.



sangue de vaca / o corpo pulverizado / o campo / a vaca e o campo / o campo de batalha / a vaca e o aramado / o aramado como política de cercamento / o aramado como primeiro dispositivo que dá lugar à propriedade privada / a vaca louca / o medo / o contágio / a carne humana

Quebrar o mapa da carne vital é um ato de vandalismo [7]. E o ruminante é um vândalo.

O ruminante pensa mais no espaço do que no tempo. Mais na geografia do que na história, e gosta sobretudo das geografias da carne.

O ruminante transborda, é excessivo. Sua gordura derrama, dá asco.

7 FLORES, Valeria, *Deslenguada*, p. 65.

O ruminante é a vaca, não a cadela. Não é esbelta nem de movimentos quentes, seu movimento é talvez o menos *sexy*, porém a vaca também “*ir hasta abajo*” [8].

Nesse feminismo gordo que imagino, ninguém duvida de ser feliz com os transbordamentos e as estranhezas e ninguém teme os espelhos. Penso nesse corpo gordo e ruminante como um corpo que excede o humano e que se aproxima da máquina e se aproxima da animalidade, embora seja mais animal do que máquina. É contra a ideia de eficiência que o ruminante é menos máquina e mais animal.

O ruminante devora o que afeta o seu corpo em sua potência vital.

Deve se permitir ser afetado o mais fisicamente possível, tragar o outro como uma presença viva, absorvê-lo no corpo, de modo que as partículas do seu olhar e a desejada diferença sejam incorporadas na alquimia da alma, e assim se estimule ao refinamento, a expansão e o tornar a si mesmo [9].

É assim que o ruminante tem uma concepção devorativa da vida, é antropofágica. Busca deixar-se afetar o mais fisicamente possível pela outra, até devorá-la, para se compor com ela.

Com o começo do século XX, a eficácia e a vivacidade se redefinem. O manifesto futurista o deixa claro. Esse manifesto, de 1908 e escrito por Marinetti, é uma ode à velocidade, à força, ao temer, ao ser forte e ser jovem. Fala de corações que não sentem fadiga alguma, de um valor, de uma velocidade, de vencer.

Nós afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu com uma nova beleza, a beleza da velocidade. Um carro de corrida com seu capô decorado com grossos tubos parecidos a serpentes de hábito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a Vitória de Samotrácia [10].

Nosso ruminante não se apura, resiste à velocidade, e tão pouco quer vencer.

O método ruminante é:

lento, preguiçoso, pouco produtivo, pouco *sexy*, grande, excessivo, de couro muito duro, pouco delicado, pouco refinado, caminha lento, é ocioso, deixado, abandonado em suas formas

O ruminante rejeita a concepção do tempo e da história baseada no progresso. Rejeita a ideia de um tempo cronológico, unilinear e medível.

O ruminante não acredita em metas.

8 “*Ir hasta abajo*” é o movimento de maior habilidade e sensualidade do *perreo* no *reggaeton*

9 ROLNIK, Suely. *Antropofagia Zombie*, p. 2.

10 Manifesto Futurista, ponto 4.

Não pensa que os finais devem ser necessariamente agradáveis, nem felizes. Não pensa no orgasmo como uma consumação exitosa de um encontro sexual, nem na orgia como um espaço último onde os corpos se liberam e se entregam aos prazeres.

Sabe que se o metrô está indo, não vai correr para pegá-lo. Quando se trata de se salvar nadando, se afogará. Que se correr da polícia, seguramente receberá um esporro.

O pensamento ruminante tem estrias que são rachaduras onde habitam suas contradições. É a carne dividida. As marcas ficam, e as estrias cortam a pele.

É ruminante porque ruma, porque tarda em digerir. Não é segura, nem rápida, nem eficaz. Precisa olhar as condições para sua digestão, sabe que as condições não lhe são favoráveis, por isso mastiga e mastiga.

O ruminante tem intuições e as segue. Frente à grandiloquência de uma declaração de intenções, nossa vaca propõe uma declaração de intuições.

Aposta pelas visões parciais e pelas vozes titubeantes. O ruminante pode ser também tartamudo.

A epistemologia ruminante rejeita os rígidos discursos de salvação. E acredita que há muitos relatos possíveis. Existem tantas histórias gordas quanto gordas existem.

O ruminante busca pôr abaixo a suspeita do orgulho e das políticas de reconhecimento. Assumindo o orgulho como uma forma de felicidade heroica, se propõe a questionar essa ideia de que toda felicidade ou desfrute do corpo passa necessariamente por estágios de superação.

O ruminante não é um super-herói, nem poderá ser, jamais. Já viu alguma vez um super-herói gordo?

O pensamento ruminante ativa a máquina de engolir umedecendo a boca com saliva. Prepara a língua e tudo engole. O ruminante devora. O ruminante mastiga. O ruminante devolve à boca o que já passou por seus quatro estômagos, e hoje, regurgita.

O ruminante não consome. O consumo tem a ver com velocidade, com como se percebe e se vive o tempo. O ruminante rompe com as lógicas de produtividade e velocidade. E aqui está sua resistência. Sabe que existe algo de prazer na lentidão que nos salva. O ruminante não consome, porém é cruelmente consumido, e o *feed lot* representa seus pesadelos [11].

11 O *feed lot* é a técnica pecuária mais efetiva até o momento de exportação de animais de gado. As vacas se encontram em filas e vão comendo, sem possibilidade de se mover, de comedouros alongados dos quais cada uma deve comer sem parar a fim de engordar para serem vendidas ao maior peso possível. Sirva essa imagem

O ruminante tem um ritmo e ritualiza seu ritmo.

O ruminante bisbilhota. Conhecer é comer e mastigar. Ruminamos coletivamente. Temos um ritmo, lento, sempre, de ruminar.

O ruminante incorpora ao seu método a percepção corporal, e se a tempestade for brava, sabe que só se salvará se reunindo com o resto das vacas, agrupando-se. As vacas afrontam a tempestade em movimento e aguardam juntas. Meu pai, que trabalha com vacas desde que eu tenho memória, me contou que elas preveem as tempestades de granizo, que são as tempestades mais duras, que destroem semeados se estão muito altos. As vacas sabem que vão cair pedras e começam a correr pelo campo, elas geralmente não correm, porém, quando cairá pedra, sabem o que têm que fazer. Correm desesperadas pelo campo, de uma ponta a outra, explica meu pai. Dessa maneira todas estão inteiradas do que vem. No momento em que as pedras estão quase caindo, se agrupam em um círculo, resguardando as cabeças, um círculo de vacas que abaixam a cabeça e colocam o lombo para suportar as pedras. Assim as vacas se salvam, juntas, e seus lombos duros suportam as pedras. Se se encontram, nenhuma morrerá. Os lombos se machucam, mas resistem.

O ruminante acredita nos feminismos que se abrem para as possibilidades de transformar a própria vida.

O ruminante é também um ferreiro. Forja ferramentas, essas se forjam no fogo e esmagando. Com essa técnica, nosso ruminante busca se fazer uma série de artefatos/utensílios/ferramentas políticas e coletivas, com as quais sobreviver.

Somos ruminantes selvagens e nos escondemos atrás das árvores, pastando e aguardando o momento, algum momento.

*O ruminante,
sua carne,
seu couro,
sua língua,
sua gordura,
e seus quatro estômagos,
reivindicam soberania.*

La Bordeta, agosto de 2015.



QUANTO CUSTA UMA LÍNGUA?

NOTAS SOBRE PRÁTICAS DE TRADUÇÃO DESDE DENTRO DO PROJETO DECOLONIAL

Julia Raiz [1]

Resumo

Quanto custa uma língua? É uma pergunta que eu não sei responder sozinha. Para mim custou muito mais do que mensalidades de escolas de inglês que nunca frequentei. Gostaria de ouvir outras tradutoras respondendo à questão. Será que aprenderam com filmes, quadrinhos, vídeos, juntando moeda para chegar a cursinhos populares, por exílio forçado? Será que conflitos armados e guerras têm a ver com as suas histórias? Quem pode falar uma outra língua? Este ensaio quer defender a importância do investimento – de tempo, energia, dinheiro – no pensamento próprio a partir de experiências concretas, principalmente no que isso pode contribuir para o reconhecimento das práticas políticas feministas como construidoras do pensamento teórico da região, e não apenas como simples testemunhos de ativismo.

Palavras-chave: tradução; projeto decolonial; feminismos; autonomia; língua.

1.

Sento na frente da enfermeira Danielle, ela abre meu cadastro no computador da unidade de saúde e pergunta: você é intérprete? Respondo que quase, sou tradutora. Ela reage com a cabeça, interessada. Semanas depois, quando fui internada por causa do rim e a enfermeira da maternidade de referência perguntou minha profissão, respondi que era tradutora. Tradutora não tem, ela disse. Bota professora, eu disse. Ela fez uma cara de “por que não falou antes?”. Pelo jeito, tradutora não é uma profissão que aparece com frequência entre as gestantes do SUS. Onde vão se tratar as tradutoras? O que elas respondem em cadastros públicos? Quando, pra continuar o cadastro, a enfermeira pergunta quantos anos eu tenho de escolaridade a partir do ensino médio, respondo uns dez. Está na cara dela a surpresa. Estou com dor, quero poder subir logo pro quarto. Me sinto um pouco envergonhada, como se tivesse feito alguma coisa errada.

2.

Danielle me pergunta com que língua eu trabalho, digo que com inglês e às vezes arranho o espanhol na maior cara de pau. Ela ri, é simpática como todas as outras profissionais que me atendem, apesar de me dar conselhos alarmistas sobre a posição da bebê na minha barriga, acha que a criança já deveria estar vi-

1 Julia Raiz escreve. Trabalha com o coletivo de tradução Pontes Outras e, em Curitiba, com a grupal Membrana literária. Mantém o podcast Raiz Lendo Coisas. Mais no instagram: @julia.raiz

rada. Me conta que gostaria de fazer um curso de inglês, ia ajudar muito com as pacientes estrangeiras e suas famílias durante o atendimento. O Paraná é o terceiro estado do país com a maior entrada de pessoas estrangeiras, na última década o número de migrantes, refugiados e apátridas triplicou em Curitiba. Quase 40% do número total são de nacionalidade haitiana, mas há também paraguaia, cubana, colombiana, venezuelana, palestina, nigeriana, marroquina, portuguesa, somando mais de trinta nacionalidades diferentes. Os setores de limpeza e auxiliar de serviços de alimentação são as áreas mais ocupadas no campo do trabalho. Acesso a serviços públicos e ações afirmativas são necessidades básicas, por exemplo, para as 4 mil crianças e jovens estrangeiras matriculadas no ensino público paranaense. Lembro da minha primeira consulta como gestante, em outra unidade de saúde da qual depois fui transferida pra atual. Esperava minha vez sentada no corredor, me concentrando pra não vomitar, letárgica, olhando pro cesto de lixo, segurando o choro. Esperando do meu lado, uma gestante haitiana e outra venezuelana. Elas com um aspecto bem melhor que o meu, a barriga já aparecendo.

3.

Danielle me conta de uma paciente “muçulmana” que atendeu no outro dia, uma médica, elas usaram o Google Tradutor no celular para se entenderem melhor, ajudou que a paciente dominasse em inglês alguns termos técnicos. Lembro de um *post* do dia 14 de julho escrito pela embaixada do Estado da Palestina em Brasília, e horas depois apagado, que começa assim

hoje a Palestina não é mais um local, de acordo com o Google Maps. A faixa de Gaza é mencionada e marcada, mas onde a Palestina existia agora é simplesmente uma parte da Grande Israel. Parece que a colonização EUA/Israel continua. Táticas de roubo de terra que serviram tão bem aos EUA na eliminação de seus povos indígenas foram repetidas no Oriente Médio.

4.

No começo da última consulta, a nova médica repete a pergunta: você é intérprete? Quase, sou tradutora. Ela diz que é apaixonada por línguas, acha aprender línguas fascinante, como elas são “organismos vivos sempre em transformação”. Fico contente com o interesse, diminui um pouco minha preocupação com a anemia que os exames mostraram, que vai me fazer tomar cinco comprimidos diários. No resto está tudo bem, a bebê está crescendo bem, penso, enquanto a médica continua falando sobre como se aprende muito mais sobre sua própria língua, a língua “materna” quando se aprende uma outra, estrangeira. Ela olha pra mim esperando que eu continue a conversa, comento minha última experiência dando aulas para empresários japoneses, “instrumentalizando o capital estrangeiro”, eu brincava com

as minhas colegas, mas essa parte deixo de fora. Meus alunos japoneses eram funcionários e *trainees* de empresas grandes na área de seguros, exportação, bens de consumo de alto padrão, que procuravam a escola por ter mais de trinta anos de atuação na cidade. Moraram na casa das “famílias brasileiras”, e a dona da escola incentivava que eles chamassem as pessoas que estavam sendo pagas de pai, mãe, irmão. Ganhavam um adicional de insalubridade para morarem no Brasil. Tinha mês que eu não fazia mil reais.

5.

A médica segue dizendo como fica triste ao atender pacientes haitianas e seus maridos. Como percebe que eles falam muito melhor português do que elas, como elas não respondem antes de olhar pra eles esperando permissão. “É uma cultura muito machista”, diz a médica. Também tem as “muçulmanas” que às vezes nem levantam parte da blusa nos exames, ela acompanha uma paciente que já desmarcou várias ecografias porque o médico que ia realizar o procedimento era homem. Fico pensando nos lugares dos componentes não verbais na prática da tradução, nas relações de poder enredadas nos eventos comunicativos. Preciso traduzir os gestos da médica, o que ela não diz explicitamente, como ela também tenta traduzir o que as pacientes não dizem.

6.

Apesar de não responderem “tradutora” quando perguntadas sobre sua profissão, Danielle e a nova médica (não lembro seu nome) estão envolvidas em práticas de tradução diariamente nesses exemplos mais óbvios que trouxe aqui, no trato com pacientes estrangeiras e suas famílias. Danielle me conta da sua paciente “cigana” que queria uma *tradução* das semanas gestacionais em forma de meses. Informação que a enfermeira mostrou pra ela na cartilha “Mãe Curitibana”, que tem no final um apêndice com recomendações em inglês, francês, espanhol e, como adição mais recente, “crioulo (haitiano)”. A tradução está muito mais presente nas atividades diárias da vida social do que a gente pensa inicialmente, na formulação de textos legislativos, médicos, comerciais, literários etc. Para além dos meus exemplos mais comuns, a tradutora galega María Reimóndez (2013) escreve sobre situações complexas em que as práticas de tradução desempenham um papel medular, como foram os casos do Tribunal de Nuremberg, dos abusos terríveis de Abu Ghraib, do Tratado de Waitangi ou no próprio contexto da língua galega como não hegemônica sob domínio do Estado espanhol.

7.

María Reimóndez me faz pensar nas tentativas de defender a não contaminação do texto “original”, primeiro, não atentar contra a sua autoridade. O texto a ser traduzido ainda é defendido como um corpo limpo que precisa estar a salvo das mãos sujas da tradutora. Reimóndez aciona os usos correntes da palavra “ideologia” num breve histórico que dá conta de mostrar como a sujeira da tradutora é enquadrada como ideológica. A tradutora aprende a minimizar-se a ponto de seu trabalho desaparecer como trabalho. Como contraforça a essas tendências minimizadoras, as práticas teóricas dos estudos feministas e decoloniais da tradução evidenciam, constroem, fomentam um profundo interesse nos processos que se dão no ato de traduzir.

8.

No começo do ano passado fui encontrar, no café de uma livraria, uma colega tradutora, com mais de vinte anos de experiência no mercado editorial. Aproveitei para pedir algumas dicas: conversamos sobre valores, prazos, relações de tensionamento com editoras, volume de trabalho etc. Minha colega, paciente comigo, me ensinou bastante. E fui reforçando a sensação de que, em outros contextos, discutir dinheiro na tradução é tido como indelicado. Pouco se fala do perfil da tradutora que consegue ser remunerada por seu trabalho (a cor da sua pele, sua idade, nível de escolaridade, acúmulo de funções, relações de trabalho em que sobrevive etc.). O que me interessa particularmente é notar que, por mais que os valores médios encontrados, numa pesquisa rápida pela internet, variem entre 2.200 e 3.800 reais, o teto de rendimento bruto mensal nunca passa de 5 mil, mesmo com mais de cinco anos de experiência. Ainda que eu não tenha essa informação validada por uma fonte de pesquisa, garanto que a média mais baixa tende a ser a relativa ao rendimento das profissionais mulheres. Do mesmo jeito que descobri que, na escola onde eu dava aulas para os empresários japoneses, os professores homens – chamados de “especialistas” pela coordenação – tinham uma “hora/aula” maior do que a minha. Mas sobre isso também era indelicado conversar.

9.

É difícil encontrar dados precisos sobre o montante de dinheiro envolvido na “indústria da tradução”, expressão utilizada por Reimóndez para falar sobre os 20 bilhões de dólares movimentados pela área, sendo 16 bilhões em traduções e 4 bilhões em interpretações em 2013. Essas informações foram encontradas no *site* da agência britânica de tradução Linguavote, mas a defasagem em relação aos números de 2019 chama atenção: a “indústria da tradução” continua a crescer 10% ao ano e atingiu mais de 50 bilhões de dólares no ano passado. Os números são im-

portantes pra pensarmos as condições materiais que estão em jogo em concepções teóricas sobre a tradução e a quem beneficia o mito da imparcialidade e a privação do papel políticos das tradutoras e intérpretes.

10.

“O que significa frente a esses contextos construir [uma] autonomia que atravesse a atuação, o pensamento, que passe por nossos corpos, nossos desejos, nossas sexualidades, mas que não negue a situação material de cada uma?” (CURIEL, 2014, p. 331, tradução minha). A pergunta da teórica feminista dominicana Ochy Curiel evoca uma linha de força inescapável dos estudos feministas decoloniais da tradução: as experiências *situadas* das mulheres. A expressão “conhecimento *situado*”, da teórica estadunidense Donna Haraway reverbera fortemente nos estudos da área. Mas o passo adiante (a “pula” da gata) que dá Ochy Curiel, para além do investimento – de tempo, energia, dinheiro – no pensamento próprio a partir de experiências concretas, me parece ser o reconhecimento das práticas políticas feministas como construidoras do pensamento teórico da região e não apenas como simples testemunhos de ativismo. Tal postura – que é fundacional à intersecção feminismo-decolonialidade localizada desde o sul do continente americano em conversa com pesquisadoras do Sul-Asiático, África Subsaariana, região do Magrebe numa prática que a pesquisadora Nuria Brufau Alvira, em sua tese de doutorado, chama de “tradução interseccional” – coloca em crises os metarrelatos masculinos e euro-norcêntricos (CURIEL, 2014) e possibilita as fundações da tradução desde dentro do projeto decolonial:

Descolonizar para as feministas latino-americanas e caribenhas supõe superar o binarismo entre teoria e prática, [pois isso o potenciaria] para [poder] gerar teorizações distintas, particulares que muito podem contribuir para realmente descentrar o sujeito euro-norcêntrico e a subalternidade que o mesmo feminismo latino-americano reproduz em seu interior. Se isso não acontecer, seguiremos analisando nossas experiências com os olhos imperiais, com a consciência planetária europeia e [norte-americana] que definem o resto do mundo como o Outro incivilizado e natural, irracional e não verdadeiro (CURIEL, 2014, p. 331, tradução minha).

11.

Danielle me faz lembrar que este país (seu conjunto de leis, código moral) é um território vivenciado por pessoas estrangeiras de várias localidades. Essa forte noção de fluxos de movimento entre regiões diversas do planeta – por questões inúmeras e variadas que envolvem pressões violentas à revelia da vontade de populações inteiras – às vezes se perde na minha cabeça. Será que posso esquecer

como eu mesma aprendi inglês? Ou ainda preciso aprofundar meu entendimento a ponto de associar esse processo de aquisição e aprendizagem com questões sociais mais amplas? Entendi que este ensaio só é possível desde dentro da minha relação com quem me ensinou o inglês como língua adicional (existem pesquisas na área de ensino de línguas que explicam por que relativizar o uso de “segunda língua”): um imigrante sem documentação. Ilegal. Um homem estadunidense negro, ilegal, fugido do sistema carcerário dos Estados Unidos. O fugido aqui não é metáfora, significa o que significa.

12.

Antes de começar a trabalhar com a minha mãe, nos sábados de manhã eu, meu irmão mais novo e meu primo (que morava com a gente) éramos obrigados a cruzar a avenida até a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ou, como a gente chamava, “igreja dos mórmons”. Pra mim, a aula, além de ser muito chata, começava cedo demais, acho que umas 7 horas, pelo menos na minha memória de criança. Mas meu padrasto queria que a gente tivesse outros lugares pra praticar a língua além de dentro de casa. Eu tinha vergonha de entrar no ônibus com ele falando inglês e todo mundo olhando; hoje, o inglês que ele nos ensinou tem um papel central na minha vida profissional. Quanto custa uma língua? é uma pergunta que eu não sei responder sozinha. Pra mim custou muito mais do que mensalidades de escolas de inglês que nunca frequentei. Gostaria de ouvir outras tradutoras respondendo à questão. Será que aprenderam com filmes, quadrinhos, vídeos, juntando moeda para chegar a cursinhos populares, por exílio forçado? Será que conflitos armados e guerras têm a ver com as suas histórias? Quem pode falar uma outra língua? Lembro de *outdoors* de escolas particulares bilíngues espalhados pela cidade, um, em especial, vermelho com um urso e uma folha da bandeira do Canadá me vem à cabeça. Na internet, acho que o mercado do ensino bilíngue em 2014 já movimentava 250 bilhões por ano, enquanto uma pesquisa do Conselho Britânico afirma que somente 1% da população brasileira é realmente fluente em inglês. Meu primo sempre foi mais rápido que eu pra aprender língua, mesmo tendo parado de estudar na sétima série. Também o espanhol dele é bem melhor desde que voltou do México. Morou lá e nos Estados Unidos por alguns anos, vendendo livros numa missão evangélica. Ele e outros rapazes novos que tinham problemas financeiros e que vinham de famílias não tão “bem estruturadas”. Eu posso agir-teorizar na tradução a partir das minhas experiências, localizadas dentro de movimentos coletivos maiores, eu posso pra isso conversar com outras mulheres que pensam feminismo-decolonidade. Quem me diz isso é Ochy Curiel. Tenho que ficar atenta para entrelaçar críticas, ações e autorreflexão, me avisam María Laura Spoturno e Olga Castro (2020).

13.

Está bem solidificada a hegemonia do inglês como língua franca, o que implica a necessidade de evidenciá-la. Não só como idioma o inglês reina, mas também ditando um *formato* específico de escrita como condição para participação em editais, publicações acadêmicas, concursos, bolsas de estudo etc. O inglês como moeda transacional no universo da pesquisa carrega em si uma estruturação própria de formulação de pensamento que também precisa ser trazida à tona. Também, para além de considerar outras línguas não hegemônicas, é preciso criar e garantir condições para que outros formatos de circulação de conhecimentos – relatos de experiência, testemunhos, ensaios, falas públicas, cantos e demais eventos comunicativos – possam florescer com mais autonomia.

14.

Quando a professora Deepika Bahri (2013) escreve sobre o famoso ensaio *Pode o Subalterno Falar?* (1988), de Gayatri Spivak (em que língua(s) pode a subalterna falar e qual é o custo/valor dessa operação? São algumas perguntas que se desdobram a partir do título dela na minha cabeça) não decide começar pelo conceito de subalterno, fala ou qualquer outro. Prefere recontar a mesma história do suicídio da jovem indiana de dezessete anos Bhubaneswari Bhaduri que provocou em Spivak uma irritação tão extrema que a levou a escrever pela primeira vez que os subalternos, e em especial a sujeita emudecida da mulher subalterna, não podem falar. Deepika Bahri vai buscar na experiência concreta da vida de uma mulher jovem, que atravessou Spivak radicalmente, a ponta do novelo de onde desenrolar sua reflexão sobre feminismo e/no pós-colonialismo. Só posteriormente se desdobra sobre o que chama de conceitos-chave: representação, essencialismo, mulher do terceiro mundo, globalização. Bahri segue mostrando, a partir da junção entre aportes teóricos e exemplos concretos, como a ideia de nacionalismo é constituído desde o início por um discurso de gênero em que a caracterização de tudo o que é do mundo colonizado é elaborado em termos feminizados. Outra retomada de Spivak, que descreveu a intervenção britânica na prática Sati da Índia como “homens brancos salvando mulheres pardas de homens pardos” (SPIVAK apud BAHRI, 2013) me faz lembrar da médica da unidade de saúde. A ligação ainda é um pouco nebulosa na minha cabeça, mas sei que tem a ver com a pena que ela expressa, mesmo com boas intenções, pelas pacientes “muçulmanas” (mantenho as aspas por causa da confusão recorrente entre o termo “árabe”, grupo étnico, e “muçulmano”, grupo religioso, que aparece nas conversas que estou trazendo pra cá). Autorreflexão e autocrítica para questionar as assimetrias entre nós mesmas: mais fácil falar do que fazer. O quanto eu estou atenta a isso? O quanto você está?

15.

A dupla de pesquisadoras Fernanda Pereira de Araújo e Mayara Ferreira Mattos (2017) localizam o giro decolonial das teorias sobre gênero, raça e sexualidade na América Latina utilizando o conceito duplo modernidade-colonialidade. A partir desse caminho de reflexão, apontam como a modernidade como retórica aciona num primeiro momento a salvação via civilização; logo depois o desenvolvimento e, mais recentemente, as chamadas preocupações democráticas ao redor do mundo (ARAÚJO; MATTOS, 2017). Outra dupla pesquisadora, Cibele de Guadalupe Sousa Araújo e Dennys Silva-Reis (2019), retomam a tradutora e professora Denise Carrascosa para defender a gestação de novas geografias menos geopolíticas e mais *geo-éticas*, eticamente localizadas. O que existe de comum entre essas pesquisas é que elas estão pensando as relações transfronteiriças complexas em nível planetário. Ainda assim tenho a médica da unidade de saúde local na cabeça. Como são as dinâmicas entre grupos sociais que compõem um povo na periferia do capitalismo e em relação a outras populações em países com cenários atuais e históricos similares? Serão o povo haitiano e um povo difuso caracterizado por sua religião, o “muçulmano”, subalternos que precisam de salvação, desenvolvimento e uma democracia de verdade no nosso ponto de vista brasileiro? Essas mulheres precisam ser salvas por nós? Como isso informa e impacta o tratamento dado a mulheres dessas nacionalidades, por exemplo, no Sistema Único de Saúde? Tradução é projeção das ideias de um país, de um povo, de uma literatura – acho que foi Reimóndez que colocou isso na minha cabeça ao afirmar a importância de conhecermos a literatura escrita em galês, tâmil, iorubá, guarani. É certo que precisamos de tradutoras se quisermos considerar de verdade essa possibilidade. Contudo, não podemos nos esquecer do alerta da professora Patrícia Hill Collins, da tradução como maneira de controle dos grupos subordinados, uma entrega de bandeja disfarçada de ativismo bem-intencionado: “Traduzir as ideias das mulheres, das pessoas negras e dos povos indígenas numa linguagem que os grupos dominantes compreendam pode nos ajudar em nossas carreiras acadêmicas. Mas a que *custo* para nós mesmos e para as pessoas cujas ideias traduzimos?” (COLLINS, 2019). Por tudo isso, surpreende que ainda se fale pouco dos estudos da tradução desde dentro do projeto político decolonial feminista. Esse ensaio é um esforço para engrossar o caldo.

16.

A tradutora, escritora e professora de literatura africana Tomi Adeaga, quando perguntada sobre sua experiência com práticas tradutórias feministas, começa falando sobre seu esforço de anos para evidenciar e criticar o modo como a literatura africana escrita por mulheres é traduzida em alemão. Na mesma entrevista fala sobre o papel da tradutora na circulação do livro traduzido e da culpa do colonialismo – sendo um dos seus impactos o impedimento de línguas não hegemônicas serem

oficializadas como línguas nacionais:

Com exceção da África Oriental, onde o primeiro presidente pós-independência da Tanzânia, Mwalimu Julius Nyerere, oficializou o suaíli como língua nacional do país, língua que também é materna no Quênia, língua franca em Burundi, Uganda, na parte oriental da República Democrática do Congo e em Ruanda; outras partes da África pós-colonial não tiveram essa sorte. (ADEAGA, 2019, p. 254)

No fato de mais traduções da teoria feminista branca serem divulgadas mundo afora. Como resposta a esse fato, Adeaga defende o conceito de NEGOFEMINISMO, da teórica feminista africana Obioma Nnaemeka, como tradução NÃO-EGO feminista, substituta das práticas do feminismo hegemônico branco. O grande leque de questões abordadas pela professora, enquanto fala das próprias práticas de tradução, mesmo num texto curto de cinco páginas, evidencia o que Castro e Spoturno afirmam sobre a perspectiva feminista trazer à tona os mais variados temas que envolvem produção, circulação e recepção de textos e conhecimentos, como

[...] a tradução de paratextos, a censura em determinados períodos históricos, o papel dos editoriais e demais agentes participantes nas lutas de poder inerentes aos processos de tradução, a tradução do discurso científico e especializado, a tradução audiovisual e publicitárias, aspectos laboriais da profissão, pedagogia e didática do ensino da tradução, assim como questões de interpretação. (CASTRO e SPOTURNO, 2020, p.22, tradução minha)

17.

Danielle, a médica, meu padrasto, meu primo, minha mãe, meu irmão mais novo, eu – quanto revelei de mim e das pessoas que trouxe pra cá para reafirmar como nossas experiências como tradutoras são relevantes. Tem sido esse meu principal investimento desde quando comecei a escrever ensaios sobre práticas de escrita-leitura-tradução. Penso no que já aprendi e no que vou aprender conhecendo os relatos de coletivos de tradução como o Sicorax e o grupo de pesquisa da UFBA Traduzindo no Atlântico Negro, coordenado pela já citada professora Denise Carrascosa. Além do que aprendo todos os dias agindo em coletivo com o nosso trio Pontes Outras. Quero topar com mais registros de tradução, diários de trabalho individual e interações coletivas. Quero continuar a legitimar a concretude dos nossos corpos – como produtores de teoria – para além das solidariedades necessárias, que precisam ser estreitadas dentro e entre expressões de grupos sociais distintos, via reconhecimento de identidades. Quero o corpo em suas transformações fisiológicas, emocionais, de movimento entre estados dos mais variáveis. Quero pensar e escrever sobre dinheiro, custos e valores. Quero partir do concreto para trazer ao sol as experiências comuns e diversas de mulheres do Sul, em vez de fingir que existem técnicas tradutórias gerais e absolutas.

18.

Língua de boi se compra no mercado por 16,99 reais o quilo, que nossa língua seja caríssima, não passível de virar mercadoria transacional num comércio que não fortaleça nossas autonomias.

Referências

ADEAGA, Tomi e SILVA-REIS, Dennys. "Pensar o nego-feminismo na tradução: entrevista com Tomi Adeaga". *Revista Ártemis*, vol. XXVII, n. 1, pp. 251-255, jan.-jun. 2019.

ARAÚJO, Cibele de Guadalupe Sousa e SILVA-REIS, Dennys. "Traduzir o feminismo: um subsídio decolonizador". In: MELO, Paula Balduino [et al] (org.), *Descolonizar o Feminismo*. Brasília, Instituto Federal de Educação e Ciência, 2019, pp. 204-219.

ARAÚJO, Fernanda e MATTOS, Mayara Ferreira. "Descolonizar os feminismos latino-americanos e caribenhos: uma perspectiva decolonial das teorias sobre gênero, sexualidade e raça". *Revista Três Pontos*, vol. XVIII, n. 1, pp.21-26, jan.-jun. 2017.

BAHRI, Deepika. "Feminismo e/no pós-colonialismo". *Revista Estudos Feministas*, vol. XXI, n. 2, pp.659-689, mai.-ago. 2013.

CASTRO, Olga e SPOTURNO, María Laura. "Feminismos y traducción: apuntes conceptuales y metodológicos para una traductología feminista transnacional". *Revista Mutatis Mutandis*, vol. XVIII, n. 1, pp.11-44, jan.-jun. 2020.

COLLINS, Patricia Hills. "Pensamento feminista negro e estudos da tradução: entrevista com Patrícia Hills Collins". *Revista Ártemis*, vol. XXVII, n. 1, pp. 229-235, jan.-jun. 2019.

PICHARDO, Ochy Curiel. "Hacia la construcción de un feminismo descolonizado". In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa [et al] (org.), *Tejiendo de otro modo: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en abya yala*. Popayán, Editorial Universidad del Cauca, 2014, pp. 325-334.

REIMÓNDEZ, María. "Faros na escuridade. Ideoloxía e tradución: os enfoques feministas e poscoloniais". In: Xesús Manuel Mosquera Carregal (ed.), *Lingua e traducción: ix Xornadas sobre Lingua e Usos*. Corunha, Servizo de Publicacións da UCD, 2013, pp. 163-182.



Introdução

Quem lê, já leu uma tradução. Mesmo que o texto não seja uma tradução, ele possivelmente alude a uma. Quem não lê, já foi exposto a uma ideia que foi traduzida, seja ela na “Sessão da Tarde”, na reza ou no nome da companhia para qual alguém trabalha. Esse livro é, portanto, não só para pessoas que traduzem, ele é para qualquer pessoa que tem interesse em saber como ideias e pensamentos são compartilhados pelo mundo. O interesse em ideias informa nossa condição como seres pensantes e que *importam* no mundo. O que quero transmitir aqui, acima de tudo, é que não basta *importar ideias*, é preciso disseminar a ideia de que *as pessoas importam*. Não são as nações, corporações ou autoridades intelectuais e governamentais que importam. Somos nós que importamos, e o conhecimento está ali para elevar a nossa autonomia — especialmente a daquelas pessoas que são sistematicamente marginalizadas pelas entidades supracitadas.

A tradução não trata apenas de palavras, trata de pensamentos e contextos políticos, sociais, pessoais e históricos. Palavras podem ser manuseadas por algoritmos, e funções binárias. Pensamentos não. Eles são criações de uma vida, de um ser com história e cultura, com idiosincrasias incomputáveis. Traduzir, então, demanda a habilidade de trazer um pensamento para uma audiência que tem sua própria história e cultura — sem infiltrar a autoria. Quando pensamos em política, a tradução de uma teoria que se propõe a ser universalista, ou internacionalista, precisa considerar não só a peculiaridade da nova audiência, mas também a da autoria. Se a teoria a ser traduzida é uma que visa o fim das fronteiras e das nações, abordar a complexidade das inegáveis fronteiras culturais é particularmente interessante. Por que e como executar projetos de tradução levando a sociopolítica e o anarquismo em consideração?

1 Mirna Wabi-Sabi é editora, escritora, teórica política e tradutora. É fundadora da revista A Inimiga Da Rainha e do coletivo de mídia Plataforma9. Durante a maior parte de sua vida, viajou o mundo, morou em São Paulo, Nova York, Nijmegen, Amsterdã e Salvador, antes de retornar à sua cidade natal, Niterói, em 2019. Depois de testemunhar o clima político pós-nove-de-setembro como uma jovem imigrante nos EUA e na Europa Ocidental, o trabalho de Mirna passou a orbitar uma mudança social radical, focada na destruição do capitalismo branco e patriarcal.

Tradução

A tradução é muito mais do que uma conversão mecânica. Muitos aplicativos hoje em dia se propõem a converter caracteres e palavras instantaneamente, o que, apesar de ser útil, acaba causando um novo conjunto de obstáculos ao entendimento (que viram até alvo de piada). Por exemplo, suco de manga \neq *sleeve juice* é um tipo de problema que a maioria dos tradutores automáticos já conseguiram solucionar ao longo dos últimos dez anos. Mas “lavar a manga” é mais complicado, porque requer a análise de um contexto muito maior. O Google Translate, um dos sistemas de tradução mais usados no mundo, pode acelerar o trabalho de uma pessoa que traduz, mas não poderá ser a tradução em si. Mesmo que pareça óbvio, é interessante pensar sobre o que está por trás disso.

O sistema de tradução mecanizada foi por muitos anos a “tradução automática estatística”. Ela parte da palavra para a frase, e hierarquiza a relação entre sintaxe e frases. Além de ser inexata e alvo de piadas, é um método eurocêntrico e que funciona consideravelmente melhor entre línguas ocidentais europeias. A eficácia desse sistema quando traduzindo entre línguas ocidentais é atribuída à proximidade gramatical entre elas, mas não apenas. É preciso considerar a relação política, histórica e econômica dessa região.

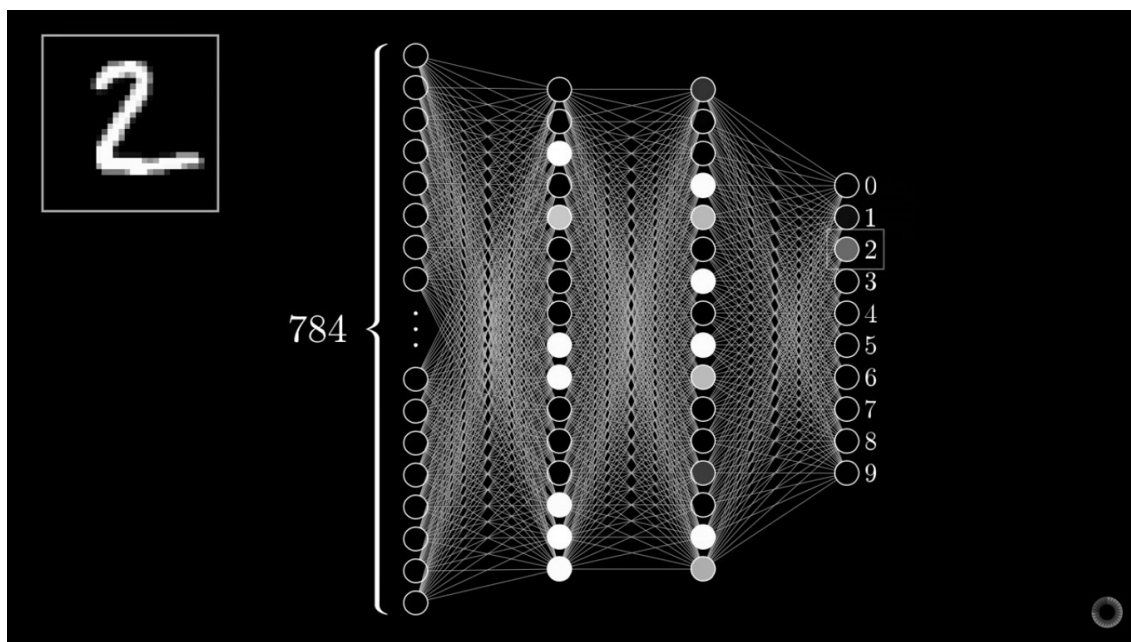
Historicamente, potências políticas europeias tiveram muito mais interesse no entendimento entre si do que em entender populações de regiões que eles colonizaram. No caso da colonização holandesa da Indonésia e da África do Sul, os colonos, de fato, inventaram uma nova língua para os povos. *Afrikaans*, a língua falada na África do Sul, vem da palavra “africano” em holandês, um nome dado para uma língua germânica ocidental porque colonos não queriam a população preta se associando com a elite branca. Na Indonésia, os holandeses também não queriam a população local aprendendo a língua da “elite”, mas queriam uma língua dominante para fins administrativos, e fabricaram uma baseada no malaio — o indonésio.

A iniciativa de mecanizar traduções com línguas fora do contexto europeu é recente. A criação de *corpus* é cara e demorada, e muitas línguas acessam menos recursos (“*less-resourced*”) (SELLAM; DEFFAF; SADAT; BELGUITH, 2015). Foi apenas na década de 1990 que um *corpus*, o recurso extensivo necessário na tradução automática estatística, surgiu para o Chinês (SONG; DAI, 2015). Faz sentido que um sistema de tradução automática tenha se expandido do contexto europeu ocidental em direção ao chinês-inglês. Se levamos em consideração os interesses político-econômicos entre essas regiões e o fato de que certas línguas acessam mais recursos, o interesse financeiro por trás desse movimento é inegável.

Em 2016, essencialmente todas as principais plataformas de tradução mudaram de estatística para “tradução automática neural”. Ela é inspirada pelo cérebro humano, o que quer dizer que, em vez de partir do princípio de cada palavra, frase e regras sintáticas (como na tradução automática estatística), ela tem camadas

de redes como nossos neurônios. É interessante ver a evolução da mecanização do pensamento humano.

Dependendo de como uma camada de “neurônios” é ativada por uma entrada => *input*, certos neurônios na próxima camada são ativados, e assim por diante, até chegar à última camada, onde o sistema “escolhe” a possibilidade mais provável do que a entrada significa. Já que computadores não processam palavras, e sim números, essa escolha é feita baseada em qual resultado decimal entre 0 e 1 é mais próximo de 1, da mesma forma que cada neurônio é ativado até um certo nível. Em outras palavras, cada neurônio se torna uma função matemática que resulta num número entre 0 e 1, até que a relação entre cada camada de rede de neurônios vira uma equação que também resulta num número entre 0 e 1. No fim, a escolha é o resultado que chega mais próximo de 1 (3BLUE1BROWN, 2017).



[Figura 1] A imagem é um exemplo de Neural Network. O número 2 em *pixels* é a entrada => *input*, 784 é a quantidade de *pixels* (28 por 28). Cada círculo é um neurônio. As cores cinzas entre o preto e o branco simbolizam os decimais entre 0 e 1 (0 sendo preto-desligado, e 1 sendo branco-ligado). No contexto de tradução, os *pixels* são conjuntos de palavras que estão mais ou menos próximos do resultado mais desejável (3BLUE1BROWN, 2017).

Esse novo sistema é capaz de codificar mais de uma palavra ao mesmo tempo e consegue levar contexto em consideração. Apesar de falhar com textos ou frases muito longas, é mais eficaz, e se assemelha ao processo de raciocínio humano talvez até em suas falhas. Mas é preciso lembrar da relação política, histórica e econômica de tais recursos. Nesse caso, é o mesmo recurso por trás da tecnologia de digitalização de escritas à mão e de reconhecimento facial.

O investimento em recursos na área de tradução é o resultado das dinâmicas políticas globais, e, eventualmente, se torna a causa das mesmas. No capitalismo, isso pode ser visto como uma simples dinâmica de oferta e procura; quanto mais esses recursos são ofertados, mais nos submetemos a eles. Por exemplo, nunca pensamos que precisaríamos de marcação automática de fotos no Facebook através tecnologias de reconhecimento facial. Agora elas são parte do nosso dia a dia, e nem notamos mais, mesmo que tenhamos plena consciência de que essa tecnologia não tenha sido desenvolvida para suprir uma demanda nossa. Com o tempo, as ofertas nos submetem intrinsecamente, dando espaço a novos desenvolvimentos políticos de magnitude inimaginável. Encontramo-nos numa profecia autorrealizável, uma que orbita o eurocentrismo e o capital mesmo quando nos propomos a opô-los. E com a qual precisamos romper para deslocar a trajetória da humanidade em direção oposta ao imperialismo

(anarco)Transcrição

A transcrição, apesar de não ser muito bem definida nem pelo próprio Haroldo de Campos (NÓBREGA, 2006), é, na minha visão, a tradução que pula todos os processos mecanizados e vai direto para o contexto. Se o contexto é um que visa desconstruir a dinâmica hegemônica eurocentrista (GUIMARÃES; LEAL, 2015), como foi no Movimento da Poesia Concreta que deu à luz o termo nos anos 1950 (GESSNER, 2016), podemos dizer que a transcrição rompe com qualquer confinamento imposto pelo literal. Ela procura criar *o novo*, e não *de novo*, permitindo, por exemplo, o seguinte:

it goes together like peanut butter and jelly => combina que nem feijão com arroz
[≠> vai junto como manteiga de amendoim e geleia]

Assim, traduzimos não só as palavras, mas o contexto cultural e social também. O propósito é provocar um sentimento, ou uma percepção, nas pessoas leitoras que seja fiel à do original, em que a fidelidade ao literal pode ser debilitante. A transcrição pode ser ainda mais decisiva e delicada em situações em que há poesia e ritmo a serem traduzidos.

De certa forma, o movimento de tradução para transcrição se assemelha à evolução da tradução automática estatística para a tradução automática neural. Fomos de palavras e gramática para um mapa visual de palavras e de intensidade com qual elas ativam neurônios e emoções. É como se na figura 1, cada *pixel* na entrada => *input* do número 2 fosse um conjunto de palavras cuja relevância oscila entre 0 e 1 num poema concreto.

Quando editei a tradução do livro *All that is sacred is profaned* (WILDERMUTH, 2019a) (Tudo que é sagrado é profanado, 2019b), nos deparamos com alguns problemas de contexto. Gênero, por exemplo, foi uma questão com a qual o autor não precisou se preocupar da mesma forma que eu me preocupei. Na língua inglesa, não há masculinidade em *worker*, uma palavra que aparecia em praticamente cada parágrafo do livro por ser ele sobre marxismo. Como, então, podemos explorar tais “recursos da materialidade linguística”? (GESSNER, 2016).

Nesse contexto em particular: *worker* ≠> trabalhadores. Muitas pessoas aceitam generalizar o plural no masculino, mas eu não — se vamos generalizar, será no feminino. E já que não temos interesse em desmembrar e redefinir a língua local como a Companhia Holandesa das Índias Orientais fez em suas colônias, decidi explorar essa qualidade do português e transcriar: *worker* => pessoas trabalhadoras / *the author* => a autoria (≠> o autor).

Por que não generalizar o masculino? Lidar com o masculino como neutro é que nem lidar com a branquitude como tal — uma ferramenta hegemônica do patriarcado-branco-capitalista. Acredito que essa generalização resulta na invisibilização da perspectiva feminina (em todas as suas pluralidades). A produção intelectual cis-masculina é descrita como neutra e vista como sendo para todas as pessoas, enquanto a produção intelectual feminina é sempre descrita como tal e vista como feita para mulheres.

Por exemplo, quando o livro *Anarquismo anticolonial* saiu (COLETIVO EDITORIAL ADANDÉ, 2018), fiquei muito feliz de ver que conteúdo sobre o tópico estava sendo traduzido e discutido. Porém notei que todos os autores eram homens. Quando entrei em contato com o coletivo para falar sobre isso, a resposta foi que eles também publicavam textos sobre mulheres anarquistas, e me encaminharam uma lista. Todos os livros de autoria feminina tinham o nome de uma mulher ou a palavra “mulheres” no título. Portanto minha resposta foi que o título de um livro de autoria masculina também deveria incluir a palavra “homens” — “*Homens do anarquismo anticolonial*”. Até no movimento anarquista, um que visa acabar com tais estruturas hierárquicas de poder, essa ainda é uma questão insuficientemente abordada.

Houve outro comentário perturbador: simplesmente “não há mulheres escrevendo sobre anarquismo anticolonial”. Isso certamente não é verdade, há apenas menos interesse em resgatar o trabalho de mulheres que foram invisibilizadas, e dessa forma o ciclo vicioso de apagamento se sustenta.

De acordo com uma pesquisa de 2018, do departamento de análise política da universidade de Cambridge, um texto acadêmico de autoria feminina tem muito mais chance de citar o trabalho de outra mulher, enquanto é muito mais comum para homens se citarem => *self-citation*. A autoria da pesquisa explica o problema de representação de gênero na comunidade de metodologia política da seguinte forma:

Pode ser que as mulheres não estejam tão bem conectadas na profissão quanto os homens e, portanto, têm maior dificuldade em chamar a atenção para o seu trabalho. Ou talvez os autores simplesmente tomem menos a sério o trabalho de mulheres autoras. Essas possibilidades representam o que Dion, Sumner e Mitchell (2018) chamam de “efeito Matilda”. Qualquer possibilidade é preocupante.[...] As mulheres são sub-representadas como autoras individuais em geral, tendem em média a colaborar mais do que os homens e tendem a ter um número maior de coautores. (ESAREY; BRYANT, 2018)

Quais mulheres escrevem sobre anarquismo anticolonial que foram apagadas por qualquer desses motivos mencionados acima? O exemplo mais latente é o trabalho da anarquista preta Lucy Parsons. Ela nasceu provavelmente escravizada, no fim da guerra civil nos Estados Unidos, e escreveu extensivamente sobre a relação das opressões governamentais, raciais, de gênero e de classe.

Quando formamos a revista *A Inimiga da Rainha* em Salvador, tínhamos o intuito de retirar figuras como ela da obscuridade, e sustentar uma publicação centrada (e não exclusiva) na produção intelectual feminina histórica e atual. Por conta disso, demos origem ao nome “feminilizado” (YANNOULAS, 2012) de *O Inimigo do Rei*, um jornal anarquista baiano que existiu durante a ditadura brasileira (BAQUEIRO; NUNES, 2007). Logo começamos a traduzir textos da Lucy para o português. O texto mais recente é “Linchamentos do Sul*” (PARSONS, 1892), cujo título gerou um debate sobre se deveríamos traduzir ou transcriar.

O coletivo é horizontal, portanto, enquanto cada um tem sua função, essas funções são fluidas e não hierarquizadas. O tradutor, Rauan Fernandes, preferiu interferir o mínimo o possível no texto e manter a tradução literal, porque a autora ainda é desconhecida, e uma “releitura” seria precipitada, já que ainda não houve a primeira “leitura”. Eu, por outro lado, achei que o contexto é essencial para o entendimento — o que é fiel nem sempre é o literal. Em conclusão, em vez de mudar o título para “Linchamentos do sul estadunidense”, adicionamos um asterisco e contextualizações de rodapé.

Existem também exemplos atuais de mulheres que escrevem sobre a questão de raça no movimento anarquista. Cinco meses antes da publicação do livro *Anarquismo anticolonial*, a zine *Anarquismo negro e mais textos de liberdade negra* (ABAMODÁ et al., 2018) saiu, editado por Abamodá, “uma pessoa negra e lésbica” (p. 2), com participação de Aline Dias (2018) e outras traduções de textos de pessoas pretas estadunidenses.

A prática de tradução de textos anarquistas precisa ser coerente não só no aspecto linguístico, mas também no histórico, social, pessoal e político.

É preciso lembrar que o hegemônico, nesse caso a cismasculinidade, se beneficia ao ser irreconhecível, indefinível ou neutra. Enquanto o marginalizado, nesse caso o feminino, tem sua condição como tal prolongada pela invisibilidade. Isso se revela quando há desconforto ao ler uma frase que começa com a palavra “elas”, por não soar neutro e fazer o leitor se sentir excluído, mesmo quando ela se refere ao sujeito “as pessoas” da frase anterior. O anarquismo e o capitalismo, um como ideologia hegemônica e o outro não, também lidam com a condição de definições obscurecidas. A diferença é que “a invisibilidade” é em detrimento das epistemologias marginalizadas, e “a neutralidade” é em benefício das hegemônicas.

Anarquismo

*“I am an Anarchist! Wherefore I will
Not rule, and also ruled I will not be!”*

– John Henry Mackay

*“Eu sou um anarquista! Portanto eu vou
Não reger, e também decidi que não vou ser!”*

– Google Translate

O anarquismo continua sendo definido desde que o termo começou a ser usado, em meados do século XVII, até hoje. Sua definição parece ser sempre insatisfatória, por não oferecer propostas concretas, um passo a passo, e uma descrição clara de como será a vida sob sua ordem social.

Ela não é a única ideologia bastante indiscernível — o capitalismo investiu em não ser definido e prosperou nesse lugar. Até hoje ele é visto por muitos como onipresente e tão natural quanto o corpo humano em si, colocando-o em um lugar “incombustível” na psique da maioria. É claro que uma ordem social desconhecida não prospera nesse mesmo lugar de indefinição, e precisa de argumentos convincentes para que pessoas com muito a perder se arrisquem por uma mudança drástica que oferece pouquíssimas garantias.

De fato, o anarquismo não oferece garantia alguma; não promete resgate, riqueza, felicidade ou proteção. A ideologia emergiu, em paralelo ao marxismo, exatamente porque o sistema capitalista não estava garantindo essas coisas para a população. Enquanto o marxismo tentou prometer tudo isso, oferecendo um rumo claro ao comunismo através da ditadura do proletariado, o anarquismo ofereceu uma imagem clara do que deveria ser destruído, e menos sobre como e o que viria

depois. Nesse sentido, o Google Translate não está tão errado em traduzir “*ruled I will not be*” como “decidiu que não vou ser”. É quase como se o renunciar do ser-governado fosse uma pequena morte, e que nem isso conseguimos decidir por conta própria.

Destruídos serão o governo, a religião e a propriedade — tudo o que define nossa atual identidade. O que seria eu se não alguém que estudou sei-lá-o-que, sei-lá-onde, e agora faz isso ou aquilo da vida para pagar isso e aquilo que quer ter? Morta. Mas, como discutiremos no próximo capítulo, o abandono da identidade não precisa ser uma pequena morte, pode ser um aprimoramento do entendimento dela.

Na primeira edição da revista *A Inimiga da Rainha*, decidimos traduzir o texto “Anarchism: what it really stands for” (GOLDMAN, 1910) [2] para amenizar esse desconforto que muitos sentem quanto ao que o anarquismo parece significar. Já que nosso propósito é retirar o anarquismo do lugar de produção intelectual de homens brancos, priorizamos as vozes de mulheres não brancas. Mas, como eu disse antes, as definições são sempre insatisfatórias, mesmo vinda de uma grande mulher.

Goldman escreve de forma bela, mas quase todos os aspectos da definição orbitam o que o anarquismo não é, e no que ele visa destruir. Primeiro, ela rebate os argumentos contra o anarquismo, e explica que o anarquismo visa libertar o “homem” de uma série de coisas perpetuadas pelo governo, e pela religião também.

“*Liberty unrestricted by man-made law*” => “liberdade sem restrição, feita da lei do homem”.

Não é por falta de análise, ou visão, que o anarquismo evita afirmar *o que é*, e orbita *o que quer ser sem*. A “liberdade sem restrição” requer também a não restrição da própria definição. Seria uma contradição afirmar com autoridade o que deveria ser, quando o que deveria ser é que nada deveria ser afirmado com autoridade. E é aqui que muitos se assustam com a vulnerabilidade desta posição: não há garantia alguma, a definição está em suas próprias mãos.

Há uma vírgula no lugar do “*by*” estadunidense. Poderia ter sido: “liberdade irrestrita pela lei feita pelo homem”, mas a ênfase aqui é na liberdade irrestrita, e não nas restrições da lei. *Liberty* ≠ liberdade, porque no contexto estadunidense, a palavra “*liberty*” carrega um peso histórico único — são direitos constitucionais que não só definem a nação, mas também garantem a “liberdade” dos cidadãos. Enquanto, para nós, liberdade é o sentimento de não estar sob os confinamentos do Estado, e não necessariamente algo que o Estado garante. Quando a Emma Goldman usa essa palavra, ela tenta alcançar na psique do leitor aquele lugar onde o estadunidense associa a Constituição com *Liberty*, e mostra que não — a lei restringe mais do que liberta. Em português, a ideia foi trazer esse conceito mostrando que a restrição não é uma *ação* da lei, ela é a lei.

2 GOLDMAN, Emma. *Anarchism and other essays*, 1910.

A prática anarquista não supõe que todos os problemas da humanidade serão solucionados com o fim do capitalismo e do Estado, e que uma ditadura do proletariado será o céu na terra. Nem grande parte dos marxistas fazem tal suposição. Como seres humanos, o que pedimos é a chance de lidar com desafios mais interessantes do que conseguir comida e abrigo — merecemos viver, e não apenas sobreviver.

Mas não será aqui que apresentarei minha própria versão insatisfatória da definição do anarquismo. Aqui vemos apenas que o processo de traduzir um texto de outro país sobre as violências perpetuadas por um Estado requer a sensibilidade de entender a experiência de pessoas em cada um dos países, e como essa experiência dialoga com os poderes estatais, sejam eles históricos, religiosos, econômicos etc.

Nacionalismo e desierarquização

Há uma relação violenta de poder entre o governo e sua população, e entre governos também — o que informa as relações entre populações. Como e por que diferentes aspectos culturais e populacionais são hierarquizados?

Muitos acadêmicos, como Haroldo de Campos, Herberto Helder, Marcelo Tá-pia, Geovanna Guimarães e Izabela Leal, descrevem o processo de tradução como antropofágico. É o ato de consumir “o outro” e encorpá-lo. O encorpar se distingue do incorporar, porque há uma ressignificação vitalícia da identidade dos dois — de quem consumiu e quem foi consumido (GUIMARÃES; LEAL, 2015). Portanto, não se trata de um se tornar um veículo temporário para o outro, e sim de expandir o “original” e existir simultaneamente — consciente das diferenças e aceitando-as.

[A] tradução, no que concerne a sua aproximação com a antropofagia, como transfusão sanguínea, [...] precisa ser concebida não apenas como troca entre texto original e texto traduzido, mas sim como diálogo e abertura à diferença, conseguidos a partir do momento que o tradutor, para se encontrar com o outro, o estrangeiro, abandona sua identidade. (GUIMARÃES; LEAL, 2015)

O movimento antropofágico se propôs a fazer uma leitura da identidade brasileira colonizada, mas é interessante reconhecer que o colonizador também passou por um processo existencial único. Pode ter sido a distância, em seu acúmulo de riquezas através da exploração, ou de perto, com a experiência de ter sido consumido e perdido a sua forma original. De qualquer jeito, quando abandonamos nossa identidade para encontrar o outro, alguma coisa muda no outro também. O estrangeiro pode se recusar a abandonar sua identidade, portanto, ele pode rejeitar a “real compreensão sobre o próprio” (GUIMARÃES; LEAL, 2015,), gerando uma falta de autoconsciência que tem repercussões sociopolíticas gravíssimas que persistem por séculos. Em outras palavras, o encontro é desigual, mas não é unilateral.

Falar de diferenças identitárias sem falar das dinâmicas de poder entre elas é comer a margarina sem o pão. No fim do capítulo (anarco)Transcrição discutimos a invisibilidade e a neutralidade como ferramentas de opressão a serviço da hegemonia. O abandono da identidade como ferramenta de entendimento sobre ela mesma combate a invisibilidade e a neutralidade. Enquanto a neutralidade identitária do “estrangeiro” reforça um poder hegemônico que se sustenta na falta de compreensão sobre si próprio.

Diferenças identitárias referentes à nação são resultado de construções políticas baseadas em disputas locais e globais. A disputa do que deveria ser a identidade local e a disputa global entre países baseados nesse acordo local influencia a produção intelectual em todos os textos a serem traduzidos. Ter consciência disso ajuda a evitar corroborar com o mito da neutralidade hegemônica quando traduzimos textos estrangeiros.

Por exemplo, mesmo se estamos traduzindo um *site* politicamente benigno, como um sobre as fases da lua, podemos estar consumindo e reproduzindo o conteúdo da Nasa ou da Agência Espacial Europeia (ESA) através de programadores ucranianos. O conteúdo, o formato e o propósito são informados pelas dinâmicas de poder intrínsecas nas diferenças entre cada um dos envolvidos. Inclina-mo-nos em direção a qual diferença para *nos* entendermos melhor? Nesse caso em particular, o *site* com conteúdo da Nasa é mais astronômico, e o dos ucranianos é razoavelmente mais astrológico. Além disso, o lugar que cada uma dessas entidades ocupa no imaginário de uma audiência brasileira difere significativamente.

Através da hierarquização das diferenças culturais, elas se entranham no nacionalismo — não basta ser diferente, intentamos a superioridade (ou a resistência, o que discutirei no próximo capítulo). Uma fonte ser “melhor” do que a outra, ou simplesmente conhecemos uma e a outra não, pode refletir dogmas nacionalistas. E quando o nacionalismo encontra a superioridade, nasce a supremacia. Até que ponto nossas prioridades sobre *o que* traduzir são condicionadas por dogmas supremacistas?

A ideia de produção intelectual superior remete a questões históricas, econômicas e sociais inescapáveis. É importante que elas sejam abordadas quando embarcamos no diálogo entre sujeitos em diferentes lados de uma disputa, seja ela global, seja local. A tradução que evita abordar essa questão política se posiciona politicamente sem se responsabilizar por tal posicionamento. Por isso é preciso pensar *o que, para quem e por que* traduzir. Muitas vezes nos vemos em um círculo vicioso, onde achamos mais relevante algo que é amplamente traduzido, e algo é amplamente traduzido porque é visto como relevante. Quando decidimos *o que* traduzir, é inevitável julgar relevância.

A antropofagia é praticada por aquele que vê, para além das diferenças, a relevância do outro. Quando Haroldo de Campos aborda o processo de tradução como antropofágico, ele pensa no movimento antropofágico modernista, do começo do século XX (GUIMARÃES; LEAL, 2015) e que enfatizava a relação paradoxal entre a influência estrangeira no Brasil e a identidade verdadeiramente brasileira — para nos enxergarmos com mais clareza linguisticamente e culturalmente. O distanciamento da identidade a aprimora, então, como podemos usufruir disso no ato de traduzir?

Nesse lugar de clareza, é possível um formato de nacionalismo, ou um entendimento de si, que não se entranha na superioridade, e sim no diálogo. Achar esse equilíbrio é um desafio, e nem sempre temos sucesso. Afinal, temos muito a desconstituir. Na tradução, nos debruçamos na práxis, uma oportunidade única de unir teoria e prática na história do movimento anarquista — **a práxis da desierarquização**.

Imperialismo e linguagem

O imperialismo impossibilita o diálogo desierarquizado, e isso se manifesta na língua e na linguagem. Muitos dizem que a universalização do inglês estadunidense revela o imperialismo do país de onde ele vem. Faz sentido que o lugar que os Estados Unidos tomaram no mundo como colonizador empresarial faça com que o inglês se torne “a língua dos negócios” => *the business language* (NEELEY, 2012). O inglês certamente já é um padrão corporativo, em que não há equipolência com outras linguagens.

A corporatização foi usada por nações poderosas (ocidentais) para ampliar e manter seu controle sob outros povos e nações, num processo que se assemelha ao colonial, porém, abstém-se de anexar territórios. Reconhecer a história e a contemporaneidade do imperialismo estadunidense é essencial no processo de (anarco) Transcriação. Não só porque a língua em si representa uma dinâmica global de poder, mas porque a língua é o veículo de uma linguagem hegemônica.

A linguagem é um sistema de comunicação que acontece através do uso da língua. Portanto, é possível falar uma língua e não ter bom domínio da linguagem. Essas diferenças de linguagem dificultam o processo de tradução, porque muitas vezes resulta no distanciamento entre o vocabulário das duas línguas e faz com que haja menos palavras equivalentes ou baixos níveis de equivalência. Por exemplo, não há tradução para a palavra *gezellig* em português porque há uma diferença cultural, de linguagens.

No Brasil, para transmitir o quão bom algo é, expressamos intensidade: maravilhoso, excelente, incrível, fantástico, deslumbrante etc. Aqui, o oposto de “intenso” é “esmorecido”; nada de bom. Nos Países Baixos esse não é o caso. Lá, expressar o quanto algo é bom significa enfatizar como aquilo é (positivamente) o oposto de intenso. É calmo, pacífico, aconchegante, e nada em extremo. Por isso, falar holandês bem, mas com muita intensidade, com muita paixão, é um exemplo de domínio da língua, mas não da linguagem.

Diferentes culturas e linguagens infelizmente coexistem hierarquicamente por carregarem a bagagem histórica de centenas de anos de dominação colonial, e

agora do imperialismo linguístico-germânico. Podemos chamar esse processo de dominação de “linguístico-germânico”, não em referência ao Império Colonial Alemão, e sim em referência às línguas germânicas, como o inglês, o alemão e o holandês — e à supremacia de suas linguagens.

O inglês estadunidense tem uma linguagem clara, direta, simples e não se propõe a enfeitar ou circular demais um assunto. Por sinal, “linguagem” nem tem tradução para o inglês, é simplesmente “língua”, ou “discurso” => “*speech*”. Por esse motivo, ela é uma língua que se posiciona como neutra, e é eficaz em ser uma ponte entre outras. Certamente, muito se perde, mas esse formato de produção é consideravelmente mais acessível. Há muito mais chances, por exemplo, de um texto em português ser traduzido para o holandês a partir de sua tradução (ou transcrição) em inglês.

Lembremos que, nessa perda, algo se ganha. A linguagem desprovida de melodrama e paixão típica de línguas românicas, ganha um ar frio e analítico germânico, que representa a influência cultural dos países com essa cultura através de suas dominações econômicas (ou corporativas). O processo foi claro: dos negócios, para a expansão da ideologia capitalista, para a cultura, a linguagem e o interpessoal. A intensidade é vista como indesejável, indelicada, indigna de confiança, ou até bárbara. Ela é, por sinal, uma ameaça para o bom negócio e para a influência preponderante exercida por países imperialistas do norte — que se fortalecem em serem vistos como neutros.

Hoje em dia isso é claro, quando mulheres desesperadas relatam as tragédias que elas vivenciaram na periferia, elas são tratadas como fontes de informação sem objetividade e inconfiáveis. Mas quando uma pessoa que trabalha como jornalista de uma grande emissora ou plataforma fala e escreve atrocidades de forma fria e supostamente neutra sobre comunidades das quais ela não faz parte, o conteúdo é visto como objetivo e factual — mesmo quando infestado de preconceitos.

Mas as coisas não foram sempre assim. No fim do século XIX, Lucy Parsons escrevia com imensa intensidade e paixão. Em “*Linchamentos do Sul**”, ela chama racistas de merda, ou “*moldados pela natureza*” (1892), entre outros insultos. Até quando ela fala de monotonia, da contínua opressão governamental ano após ano, há profundidade e dor. A palavra “*gezellig*” não poderia ter passado perto de qualquer uma em seu vocabulário. E ela não estava sozinha. Na época, era comum a linguagem jornalística ser flagrantemente carregada de opiniões.

Uma variedade de termos estadunidenses entra no nosso vocabulário. *Fake news, show, food truck, hot dog, shopping, milkshake, diet, fashion, designer, fitness, look, gay, laser, ok, notebook, laptop, sale*, e muito mais. Com elas, a linguagem corporativa

também infiltra nossa psique. Uma vez ensinei para minha aluna que *sky* significava céu, e ela ficou impressionada com a prepotência da companhia de TV por assinatura.

Isso significa que a (anarco)Transcrição deve evitar a língua inglesa como um todo? Para começar, ela não deve ser ou deixar de ser nada. Como discutimos na sessão sobre anarquismo, a ideologia não apela para leis e diretrizes. Nem a transcrição tem parâmetros fixos, ela visa romper com eles. É interessante apenas que a pessoa transcriadora leve todas essas questões políticas, culturais, pessoais e econômicas em consideração em sua prática, mas suas ações dependem apenas dela mesma.

Corporatização e remuneração

Em vez de depender de um ditador paterno ou de uma ideologia nacionalista, o sistema de controle de hoje depende de uma sociedade meticulosamente cultivada para ver a corporação e sua lógica como centrais para seu bem-estar, valor e identidade.

– Douglas Rushkoff em seu livro *LIFE INC. How the world became a corporation and how to take it back*

A distinção entre o comércio e o capitalismo é crucial para que entremos num projeto literário de tradução e publicação; o resultado do trabalho de um grupo de pessoas que será distribuído. Especialmente quando o conteúdo desse trabalho orbita a ideia de que o sistema econômico atual é explorador, é coerente levar em consideração se há exploração nessa produção. Como esse produto será comercializado e seus participantes remunerados? Será que a comercialização e a remuneração significam corporatização?

A lógica da corporação tem suas raízes no período colonial, em particular, na Companhia Holandesa das Índias Orientais. Novas línguas para povos colonizados não foram as únicas coisas que a Holanda inventou e com as quais ainda vivemos hoje. Toda a estrutura corporativa, do mercado de ações e de suas crises — que instintivamente associamos com os Estados Unidos — começou nos Países Baixos. Douglas Rushkoff, em seu livro *Life Inc.*, revela que essa inovação empresarial triplicou os lucros da coroa holandesa e semeou a classe burguesa (RUSHKOFF, 2009). E a *Dutch Review* até falou que “os holandeses foram americanos primeiro” (STOKES, 2014). Na crítica ao capitalismo, é fácil atribuir o problema ao comércio (em geral) e aos Estados Unidos (em particular). Porém, o problema do sistema econômico em que vivemos hoje sucede os comerciantes e precede o país.

O que antes era um comércio entre produtores, em grande parte contido nas interações diretas de produção e troca, virou uma indústria com liderança centrada na coroa. O propósito era prevenir a autonomia de comerciantes, para que não crescessem e ameaçassem o poder da monarquia. E claro, era uma forma de lucrar em cima do trabalho do outro, através da burocratização, taxaço e outras demonstrações de poder institucional. Essa centralização de poder criou indústrias massivas de produtos de regiões colonizadas, e distanciou o lucro da venda e a chefia da produção. Essa magnitude e distanciamento fizeram o oposto de gerar estabilidade, crises aconteceram desde o começo, e a exploração foi a ferramenta para remediar tais riscos.

Nos primeiros trinta anos da existência das corporações, na primeira metade do século XVII, já aconteceu uma bolha especulativa. A crise foi contida possivelmente porque aconteceu no país que era a maior potência econômica da época, os Países Baixos, e também porque abrangia uma só indústria — a de tulipas —, um fenômeno que hoje chamamos de “mania de tulipas”. Certamente não aprendemos, e o problema só veio a piorar.

No começo do século seguinte, uma bolha especulativa aconteceu de novo, mas dessa vez foi muito maior e envolveu a Inglaterra e a Espanha. Uma corporação espanhola enriqueceu tanto vendendo ações para ingleses com base em promessas extravagantes, sem fazer nenhum comércio real, que acabou comprando a dívida pública da Inglaterra. Isso gerou inflação, falência, indignação, e uma nova legislação. Enfim, uma situação insana, na qual ainda nos encontramos e cujos sintomas nós conhecemos bem. Desde 1700, crises econômicas surgem incessantemente pelo mundo.

Posicionar-se contra a corporatização é simples, mas viver livre dela é praticamente impossível. Hoje em dia, podemos tentar operar o máximo possível sem depender de corporações, mas em algum lugar, sem dúvida, haverá a presença dessas entidades massivas. Desde a comida que compramos no supermercado à calçada onde andamos, do celular que usamos para nos comunicar à companhia de internet que usamos para acessar um *site* para ler um texto anarquista — elas são onipresentes.

Isso não nos impede de nos organizarmos de forma autônoma e de fazermos produção independente, o que significa uma gestão horizontal e sem financiamento de partidos ou instituições. Não há pessoas funcionárias. Não há chefia. Há um grupo de pessoas, e uma proposta coletiva.

Um grupo com uma proposta terá custo. Seja ele financeiro, braçoal ou os dois. A monetização é inevitável, a questão é como lidamos com ela. Haverá remuneração

pelo trabalho e o produto terá um preço, ou será na base do voluntariado? O voluntariado é um privilégio que muitas vezes é em si abordado nas críticas ao sistema econômico atual. Num sistema que favorece pessoas que nascem com mais riqueza do que outras sem ter trabalhado por elas, as que nascem sem tais riquezas podem não ter acesso à mesma formação política que normaliza o voluntariado. O que é normalizado, por sua vez, é a exploração.

Por outro lado, produzir algo de alto custo para remunerar adequadamente todas as pessoas que trabalharam no projeto pode tornar o produto inacessível. Além disso, o preço informa a audiência, portanto o conteúdo. Os dois têm suas contradições, porque o capitalismo é uma grande contradição. Ele se alimenta de críticas e acelera em direção ao insustentável.

O problema do capitalismo não é o dinheiro em si, e sim a exploração para o lucro de alguém. E a liberdade de explorar o outro não significa autonomia. Se todas e todos têm autonomia num grupo organizado, é nesse lugar que uma metodologia única pode florescer. Livre de diretrizes pré-estabelecidas por pessoas de outras realidades que foram traduzidas também por outras pessoas de outra realidade. O comércio pode ser nada mais do que uma troca, ou a valorização da nossa contribuição para o mundo.

Autoridade e autonomia

A doutrinação capitalista informa como remuneramos, portanto, também informa como funções são delegadas. A diferenciação entre uma doutrina e um movimento é importante para evitar que a execução de um projeto não caia nas armadilhas impostas pela civilização moderna. Essa civilização sustenta a ideia de que devemos sempre ser pessoas produtivas, como se nossos sucessos e fracassos tivessem relação direta com nossos esforços — a famosa meritocracia. Porém, ela é construída em cima dos esforços de muitos, para o lucro de poucos que nem sempre precisam trabalhar para sobreviver. A relação entre esforço e retorno é incomputável, e gera esses mitos doutrinadores, como o da meritocracia.

O movimento anarquista é capaz de reproduzir essa doutrinação quando remunera com capital social aqueles que executam funções em maiores quantidades. Isso se torna competição entre grupos de resistência anticapitalista, e resulta em fragmentação do movimento. Quem faz mais, há mais tempo, espera receber mais respeito e, de certa, forma ter mais poder de decisão. Quando isso deixa de ser válido e se torna hipócrita?

A pessoa que executa uma função, traduzir, diagramar, imprimir etc., justamente tem autoridade sobre o que ela produz, mesmo quando há abertura às opiniões de outros. A autoridade quando se refere à autoria não contradiz princípios de antiautoritarismo no anarquismo. Ainda podemos ter propriedade sobre o que está em nosso uso, como um objeto físico ou uma criação nossa.

As coisas começam a desandar quando a autoridade é imposta por um ao trabalho do outro, porque isso significa que a pessoa que executa a função deve renunciar à autoridade sobre o que ela mesma está produzindo, e conseqüentemente à autoria do fruto de seu próprio trabalho. Essa situação pode acontecer por vários motivos, comumente em decorrência de pessoas que sentem ter mais autoridade sobre o que é ou deixa de ser realmente anarquista.

A hierarquia, o nacionalismo e o imperialismo, como discutimos antes, operam nesse lugar de autoridade como superioridade ao outro, o que formula a execução de uma função como um direito de fazer decisões pelos outros com base em relações de poder hegemônicas e infundadas.

Discernir entre práticas autoritárias com ou sem fundamento é umas das coisas mais interessantes da gestão de organizações anarquistas, que funcionam como investigação, exercício e práxis. Em suma, as pessoas que buscam a autoridade podem alcançá-la através da *autoria*, levando em consideração que em organizações anarquistas não há funcionários. Então, se você precisa de ajuda no seu projeto, ele deixa de ser apenas seu.

Essa linha de raciocínio tem obstáculos. Um deles é que há membros de organizações que por qualquer motivo executam menos funções, enquanto em outras eles visam acumular funções para acumular autoridade. “De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades” é uma frase de impacto bem difícil de colocar em prática. Levar em consideração os contextos sociais, econômicos, psíquicos, entre outros, de cada um, sem que a proposta capitalista de produção incessante interfira com os princípios anarquistas de desierarquização, é um desafio constante.

Outro desafio é que temos muito a desaprender sobre autoridade. Tanto quanto há pessoas que querem o poder, há muitas que não necessariamente querem. Fomos socializados a obedecer a uma autoridade, e há muitas práticas autoritárias que raramente temos a oportunidade de questionar, mas achamos conforto em segui-las. Muitas vezes é confortável ter diretrizes oferecidas por uma autoridade, e as seguir tendo a garantia de que não haverá punição ou outras repercussões.

Na execução de um projeto anarquista, como mencionei antes, não há muitas garantias de que dará certo, diretrizes a serem seguidas, ou uma instituição que

estabeleceu um processo de validação daquele conteúdo. Há apenas você. Você é a autoridade — você tem autonomia.

Isso é extremamente desconfortável para muitas pessoas, porque nos coloca numa posição vulnerável, nos torna suscetíveis a escrutínio, a fracasso, portanto, à insegurança e dúvida.

Na Inimiga da Rainha, esses princípios sobre autoridade e autonomia são debatidos sempre — quais são os problemas e como resolvê-los. Não há um momento em que as diretrizes são estabelecidas e seguidas unanimemente. Novas pessoas entram e saem, o que muda as demandas e perspectivas. Às vezes os acordos não funcionam, e temos que repensá-los.

A princípio, o debate era se todos deveriam executar todas as funções, em conjunto, para garantir a horizontalidade. Não funcionou. As coisas demoravam para acontecer porque não era possível garantir que todos os membros investissem a mesma quantidade de energia nas mesmas coisas. Pensamos, então, em funções rotatórias, e ainda estamos pensando se há lugar para funções fixas para cada um, baseadas em habilidades individuais — sem que essas funções sejam hierarquizadas. Hoje, delegamos funções em conjunto, levando a individualidade de cada um em consideração, todos nós temos autoridade e autonomia no que produzimos, e percebemos que, quando colocamos a prática em foco, as divergências teóricas parecem insignificantes.

A execução de um projeto literário, de texto, tradução e publicação, é um casamento interessante entre teoria e prática. O ponto não é ensinar ninguém o que e como deve ser feito, mas compartilhar experiências que nos mostram que nossa condição no mundo de hoje não é, e não deveria ser, inescapável. Podemos, sim, ter autoridade sobre as nossas vidas e o nosso papel na sociedade, sem temer os tentáculos grotescos das estruturas de poder que visam nos explorar e negar nossa autonomia.

Conclusão

A gestão autônoma de um projeto de (anarco)Transcrição é uma experiência única, e fascinante. Significa colocar em prática a teoria anarquista de que podemos nos relacionar de outra forma. Significa depositar confiança em nós mesmos, de que podemos, sim, evoluir, desaprender e reconstruir dinâmicas interpessoais e políticas para serem melhores — livres de violência, destruição e opressão.

Quando eu traduzo, muitas vezes tenho a oportunidade e o privilégio de escolha. Então, posso simplesmente recusar o que não acredito que corresponda aos meus valores de anarcotranscrição. Raramente recebo uma proposta que envolva um conteúdo que eu considere abominável. Há muito mais solicitações de tradução do inglês para o português, e eu prefiro que sejam remuneradas de alguma forma. Ou, se considero o projeto valioso, ofereço meu trabalho voluntário de revisão e edição.

O mais interessante para mim, como anarcotranscriadora, é traduzir do português para o inglês e introduzir termos brasileiros no vocabulário anglófono. Por exemplo, nunca traduziria “favela” como “*slum*”, “terreiro” como “*shrine*” ou “quilombo” como *hinterlandsettlement*. Sempre incluo a palavra, e a defino em formato de transcrição ou nota de tradução. Vou contar alguns exemplos:

Quando traduzi o texto de Karina Ramos (“In the terreiro of oldblack iaiá, let’s sarava”, 2018), incluí um índice no final, com uma lista de termos a serem abraçados por anglófonos. A tradução do texto de Jal Souza foi um processo que começou em convencê-lo a escrever, porque ele pensava que seria melhor se eu escrevesse sobre o que ele me ensinava. Em *Bargaining even with the spiritual* (SOUZA, 2018), tentei traduzir a língua, mas não a linguagem. Muitas pessoas ficavam confusas, mas também curiosas e maravilhadas, o que reflete a relação com o divino que Jal descreveu. E em um *podcast*, em que fui convidada para falar de um artigo que escrevi sobre as eleições de 2018 (FARNSWORTH, 2018), ensinei o entrevistador de Idaho, nos Estados Unidos, a pronunciar “quilombo”, e introduzo no texto: quilombola => *quilombist*, povo quilombola => *quilombist peoples* (WABI-SABI, 2018).

Confundir a falta de diretrizes estabelecidas e claras com ingenuidade reflete mais a relação do próprio indivíduo com o conceito de autoridade do que como o anarquismo lida com ela. Essa falta significa uma proposta radical, e essencial para combater as atrocidades enfrentadas pela humanidade há séculos através da autonomia e do poder coletivo. Ela pode gerar problemas e fracassos, mas eles são nada mais do que aprendizados. É assim que aprimoramos práticas anarquistas, e nos movimentamos: da teoria à ação.

Viver de obedecer ordens sem entender o porquê não é vida, é sobrevivência. Se entendemos e aceitamos o porquê, deixa de ser uma ordem, e passa a ser uma prática coletiva. Esse exercício pode ser cansativo, frustrante e demorado, mas ele é recompensador. Um propósito essencial para a práxis de uma revolução, e do deslocamento da trajetória da humanidade. É através dele que começamos a encorpar a autonomia, a autoestima, a iniciativa e o poder revolucionário.

Referências

3BLUE1BROWN. *But what is a Neural Network? | Deep learning, chapter 1*. Disponível em <<https://youtu.be/aircAruvnKk>> Acesso em 7 jul. 2020.

ABAMODÁ; et al. (2018). *Anarquismo Negro e mais textos de liberdade negra*. Disponível em <<https://fdocumentos.com/document/anarquismo-negro-e-outros-textos-pretosni.html>> Acesso em 12 jul. 2020.

BAQUEIRO, C.; NUNES, E. (2007). *O inimigo do rei, imprimindo utopias anarquistas*. Rio de Janeiro, Brasil: Achiamé. Disponível em <<https://malocalibertaria.loja2.com.br/7965712-O-Inimigo-do-Rei-Imprimindo-Utopias-Anarquistas>> Acesso em 10 jul. 2020.

CODE EMPORIUM. *Transformer Neural Networks – EXPLAINED! (Attentionisallyouneed)*. Disponível em <<https://youtu.be/TQQIZhbC5ps>> Acesso em 7 jul. 2020.

COLETIVO EDITORIAL ADANDÉ. *Anarquismo anticolonial*. Feira de Santana, Bahia, Brasil: Adandé. Disponível em <https://issuu.com/luizgabriellacerda/docs/anarquismo_anticolonial_digital>

CS DOJO COMMUNITY. *How Google Translate works – the machine learning algorithm explained!* Disponível em <<https://youtu.be/AlpXjFwVdIE>> Acesso em 7 jul. 2020.

DIAS, A. (2018). *Branços de estimacão e o racismo em pele de empatia*. Disponível em <<https://anarcopunk.org/v1/2018/12/brancos-de-estimacao-e-o-racismo-em-pele-de-empatia-por-aline-dias/>> Acesso em 10 jul. 2020.

ESAREY, J.; BRYANT, K. Are papers written by women authors cited less frequently? *Political Analysis*, 26, vol. 3, pp. 331-334. doi:<https://doi.org/10.1017/pan.2018.24>.

FARNSWORTH, P. #156 | *Not him: the farce of liberal democracy & indigenous rights in Brazil W/ Mirna Wabi-Sabi*. Disponível em <<https://www.lastborninthewilderness.com/episodes/2018/11/19/156-not-him-the-farce-of-liberal-democracy-amp-indiginous-rights-in-brazil-w-mirna-wabi-sabi>> Acesso em 14 jul. 2020.

GESSNER, R. Transcrição, transconceituação e poesia. *Cadernos de Tradução*, 36. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-2175-79682016000200142#fn03>

GOLDMAN, E. (1910). *Anarchism and Other Essays*. Disponível em <<https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays#toc3>> Acesso em 7 jul. 2020.

GOLDMAN, E. Anarquismo: O que realmente significa. *A Inimiga da Rainha*, 1, 2017, pp. 11-17.

GUIMARÃES, G. M.; LEAL, I. G. (2015). Tradução e antropofagia em Haroldo de Campos e Herberto Helder. *Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Disponível em <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456013472.pdf>

LIFEWARE SOLUTIONS. *Deluxe Moon*. Disponível em <<http://www.deluxemoon.com>> Acesso em 7 jul. 2020.

- MOONGIANT. Disponível em <<https://www.moongiant.com?>> Acesso em 7 jul. 2020.
- NEELEY, T. Global Business Speaks English. *Harvard Business Review*. Disponível em <<https://hbr.org/2012/05/global-business-speaks-english>> Acesso em 12 jul. 2020.
- NIELSEN, M. *Neural Networks and Deep Learning*. Disponível em <<http://neuralnetworksanddeeplearning.com>> Acesso em 20 set. 2020.
- NÓBREGA, T. M. Transcrição e hiperfidelidade. *Cadernos de Literatura em Tradução*, 7, pp. 249-255, 2006. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49417>> Acesso em 8 jul. 2020.
- PARSONS, L. *Linchamentos do Sul**. Disponível em <<https://ainimiga.noblogs.org/2020/06/13/linchamentos-do-sul/>> Acesso em 7 jul. 2020.
- RAMOS, K. *In the terreiro of old black iaiá, let'ssaravá*. Disponível em <<https://abeautifulresistance.org/site/2018/1/29/in-the-terreiro-of-old-black-iai-lets-sarav?rq=karina>> Acesso em 7 jul. 2020.
- RODRIGUES, S. *Americano, norte-americano ou estadunidense?* Disponível em <<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/americano-norte-americano-ou-estadunidense/>> Acesso em 7 jul. 2020.
- RUSHKOFF, D. *LIFE INC. How The World Became a Corporation And How To Take It Back*, 2 ed. New York: Random House, 2009. Disponível em <<https://altexploit.files.wordpress.com/2016/12/douglas-rushkoff-life-inc-how-the-world-became-a-corporation-and-how-to-take-it-back-2009.pdf>>
- SELIGMANN-SILVA, M. Haroldo de Campos: Tradução como Formação e 'Abandono' da Identidade. Em M. Seligmann-Silva, *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo, Brasil: Editora 34, pp. 189-204.
- SELLAM, R.; DEFFAF, F.; SADAT, F.; BELGUITH, L. H. Improved Statistical Machine Translation by Cross-Linguistic Projection of Named Entities Recognition and Translation. *Computación y Sistemas*, 19, vol. 4. doi: <http://dx.doi.org/10.13053/CyS-19-4-2329>
- SONG, J. L., & DAI, L. Construction of Uighur-Chinese parallel corpus. (A. Leung, Ed.) *Multimedia, Communication and Computing Application*, pp. 353-356. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=TMfECQAAQBAJ&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false> Acesso em 7 jul. 2020.
- SOUZA, J. *Bargaining Even With the Spiritual*. Acesso Disponível em <<https://abeautifulresistance.org/site/2018/7/10/bargaining-even-with-the-spiritual?rq=with%20the%20spiritual>> Acesso em 14 jul. 2020.
- STOKES, H. *Four ways the Dutch were American first*. Disponível em <<https://dutchreview.com/culture/history/dutch-were-american/>>
- WABI-SABI, M. *'A Luta Continua': The Struggle Continues*. Disponível em <https://abeautifulresistance.org/site/2018/10/28/the-necessity-of-lesser-evil-voting> Acesso em 14 jul. 2020.

WILDERMUTH, R. *All That Is Sacred Is Profaned*. Milton Keynes, Reino Unido: Gods and Radicals Press, 2019a.

WILDERMUTH, R. *Tudo Que é Sagrado é Profanado*. Milton Keynes, Reino Unido: Gods and Radicals Press, 2019b.

YANNOULAS, S. C. Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. *Temporalis*, 11 vol. 22, 2011: 65 anos de Abess/Abepss), pp. 271-292. doi:<https://doi.org/10.22422/2238-1856.2011v11n22p271-292>.

DOSSIÊ SYLVIA PANKHURST

Apresentação: Maria Teresa Mhereb [1]

Seleção dos textos, tradução e notas: Helena Barbosa [2] e Maria Teresa Mhereb

Resumo

O presente dossiê traz três artigos de Sylvia Pankhurst traduzidos do inglês para o português brasileiro, cobrindo um período de dez anos de sua intensa atuação política e intelectual: “Nosso jornal: O Encouraçado das Mulheres” (1914), “Liberdade de discussão” (1921) e “Capitalismo ou comunismo para a Rússia?” (1924). Dos dois primeiros, foram traduzidos trechos, enquanto o último está na íntegra. Duas de suas telas, em que retrata a vida de mulheres trabalhadoras, também o compõem.

Palavras-chave: Sylvia Pankhurst; tradução política; feminismos; luta de classes; sufragistas britânicas.

Apresentação

Tradução é palavra polissêmica. Ao ato, processo ou produto subjaz o ser humano.

Tradução-ato-processo-produto é irremediavelmente política. Na escolha dos textos: por que estes e não aqueles? por que destas pessoas e não daquelas? Nas estratégias linguísticas: o que estas dizem e as outras não? Nas formas de circulação: por que aqui, assim e para estas e estes?

A cada *sim* subjazem muitos *nãos*.

Nossa perspectiva ao compor e traduzir este dossiê que reúne textos de Sylvia Pankhurst é a da tradução-apropriação a serviço das lutas das mulheres das classes trabalhadoras contra o patriarcado e o capitalismo neoliberal, em nome da igualdade social, política e econômica de todos os seres humanos, da autogestão da produção, da socialização das atividades que garantem a reprodução da vida e do autogoverno. São diversas as experiências de mulheres, no tempo e no espaço, cujos

1 Maria Teresa Mhereb é tradutora, graduada em Ciências Sociais pela Unesp e em Letras pela USP, onde é atualmente mestrandia em Estudos da Tradução. Sua pesquisa, centrada na divisão sexual do trabalho na tradução, conjuga a Sociologia, os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero. Como tradutora, dedica-se especialmente a temas ligados à política, sociologia e meio ambiente. teresamhereb@gmail.com

2 Helena Barbosa é tradutora e advogada indigenista. Mestra em Estudos da Tradução pela USP, bacharela em Letras-Tradução pela UnB e bacharela em Direito pelo UniCEUB. Atualmente, desenvolve pesquisas sobre tradução feminista, bem como sobre a história da tradução e da interpretação no Brasil, como foco especialmente em tradutoras e intérpretes indígenas e em tradução de artes verbais ameríndias. helenasilveirab@gmail.com

resultados são compatíveis com a abolição da propriedade privada e da exploração. É para o horizonte dessas possibilidades que dirigimos este nosso esforço.

Entendemos que são mulheres todas as pessoas que se *sentem mulheres*, para além de qualquer determinação biológica ou imposição de qualquer ordem. Empregamos aqui o termo mulheres como categoria política que traz consigo todas as pessoas que, qualquer que seja sua identidade particular, foram marcadas pelo *não*: não homens, não brancas, não cisgênero, não heterossexuais, não binárias, não pacifistas com as classes dominantes.

A cada *não* subjazem muitos *sins*!

É nesse sentido que empregamos a designação sempre plural “a”.

Sylvia Pankhurst (1882-1960) é uma mulher inglesa, branca e de classe média. Ao trazê-la para o sul, corremos o risco de colocá-la na posição da autoridade professoral. Nada contra ensinar a aprender, sem o que não somos nada. Latino-americanas, alunas desobedientes, trazemos Sylvia Pankhurst para devorá-la. Mulher rebelde e sempre ativa, ela foi tão multifacetada quanto a realidade em que existimos.



Sylvia Pankhurst discursando em público (s/d).

Não é raro que mulheres engajadas na militância política, especialmente feminista, sejam desqualificadas como loucas, lunáticas desequilibradas, como mostraram Ann Morley e Liz Stanley [3] em seu livro sobre a (também) militante sufragista Emily Davison. Sylvia Pankhurst não foi seguramente uma mulher palatável. Indigesta para estômagos mais sensíveis, o múltiplo depõe a seu favor: sufragista, conselheira, libertária, comunista, fundadora e editora de quatro jornais, escritora, poeta, artista plástica, líder política – a lista de adjetivos (às vezes em choque uns com os outros) usados para descrevê-la não tem fim. Não muito menos conhecida no Brasil do que em seu país de origem, onde suas contribuições para a luta das sufra-

3 Ann Morley e Liz Stanley, *The Life and Death of Emily Wilding Davison. A Biographical Detective Story*.

gistas e do feminismo socialista são frequentemente relegadas ao sem importância, Sylvia Pankhurst é polêmica em vida-obra. Unidade do diverso, é inclassificável sem reducionismos.

Filha de Emmeline Pankhurst, conhecida fundadora, em 1903, da União Social e Política das Mulheres (Women's Social and Political Union – WSPU), Sylvia foi expulsa do movimento sufragista por sua irmã, Christabel Pankhurst. Depois de fundar a Federação das Sufragistas de East London (East London Suffragettes Federation – ELSF), grupo feminista-socialista semi-independente dentro da WSPU, e de criticar a organização por se afastar das mulheres da classe trabalhadora, Christabel considerou que a luta de sua irmã era diferente da dela.

Em 1916, a ELSF foi renomeada Federação das Trabalhadoras Sufragistas (Worker's Suffrage Federation – WSF). No ano seguinte, em julho, *O Encouraçado das Mulheres* (*The Woman's Dreadnought*), jornal que ela fundara em 1914 para atuar em defesa do sufrágio das mulheres junto à Federação, foi também renomeado, passando a se chamar *O Encouraçado das Trabalhadoras* (*The Worker's Dreadnought*). Em 1918, a WSF é renomeada mais uma vez, agora como Federação das Trabalhadoras Socialistas (Workers' Socialist Federation). Esse processo, que decorre num intervalo de apenas dois anos, sinaliza sua trajetória em direção às ideias comunistas e a consolidação de sua compreensão a respeito do entrelaçamento das lutas das mulheres com a luta de classes. Sylvia Pankhurst pode ser considerada, nesse sentido, uma das precursoras do que hoje denominamos “intersecção das lutas”.

Também em 1918, Sylvia Pankhurst filia-se ao Partido Comunista, do qual é expulsa em 1921, após, entre outras querelas, recusar-se a submeter *O Encouraçado das Trabalhadoras* ao controle – e aprovação – do Partido. Irredutível, foi considerada por Lênin como expressiva representante do esquerdismo inglês [4]. Afastada, continuou reivindicando a liberdade e a independência para expressar suas ideias, criticando a centralização do poder na União Soviética por burocratas dirigentes e exaltando o papel dos conselhos de trabalhadoras e trabalhadores na construção do comunismo. No mesmo jornal, seguiu publicando artigos de antigas companheiras e companheiros de partido, como Alexandra Kolontai.

Defensora da liberdade sexual e crítica fervorosa da instituição do casamento, Sylvia Pankhurst recusou-se a casar com seu então companheiro, o anarquista italiano Silvio Corio, mesmo quando engravidou dele, em 1927, aos 45 anos de idade [5]. Nos anos 1930, engajou-se nas lutas antifascistas e anticolonialistas. Apoiou a Revolução Espanhola, colaborou com trabalhadoras e trabalhadores judeus que fugiam do regime nazista e, militando contra a ocupação fascista na Etiópia, colaborou

4 Cf. Vladimir Lênin, *Esquerdismo: doença infantil do comunismo*

5 Seu filho, Richard Pankhurst, nasceu em 3 de dezembro de 1917. Foi professor da Universidade de Addis Abeba (Etiópia) e fundador do Instituto de Estudos Etíopes. De orientação socialista, foi defensor, durante toda a sua vida, dos direitos das mulheres. Richard Pankhurst faleceu em 16 de fevereiro de 2017.

com o imperador Haile Selassie, fato que confirmou, como aponta Kathryn Dodd, a opinião já corrente à época sobre suas “excêntricas tendências”[6].

Sua obra é vasta e variada: artigos jornalísticos, ensaios, relatos, narrativas históricas, autobiografia, poemas, textos ficcionais, telas em aquarela... Entre seus livros publicados (ainda não traduzidos para o português brasileiro) estão *Save the Mothers* [*Salvem as mães*] (1930), em que defende reformas do sistema de cuidados relativos à maternidade, *The Suffrage Movement* [*O Movimento Sufragista*] (1931), em que narra, de seu ponto de vista, a história do movimento sufragista, e *The Home Front* [*O Fronte em Casa*] (1932), sobre suas experiências durante a Primeira Guerra em East End.

Ao compor este dossiê e escrever esta introdução, não quisemos, para lembrar novamente Kathryn Dodd, apresentar sua obra como “um repositório não problemático de seu pensamento”[7]. Isso significaria imobilizá-la, resolvendo-a *a posteriori*. Ao contrário, procuramos trazer uma mulher que se constituiu no movimento incansável pela independência e autonomia em todas as instâncias de sua vida. Como busca, Sylvia Pankhurst certamente não esteve isenta de contradições.

Neste pequeno dossiê, trazemos três artigos que cobrem um período de dez anos: de 1914, ano de eclosão da Primeira Grande Guerra e também de fundação do jornal *O Encouraçado das Mulheres*, até 1924, ano da morte de Lênin (em 21 de janeiro) e ascensão de Stalin ao poder.

O primeiro texto, “Nosso jornal: O Encouraçado das Mulheres”, foi publicado em 1914, quando Sylvia Pankhurst ainda era membra da WSPU. Nele, ela apresenta as diretrizes políticas do jornal: “tratar da questão do direito ao voto do ponto de vista das mulheres trabalhadoras”. Tanto desse texto quanto do que o segue, traduzimos apenas trechos que selecionamos. Em “Liberdade de discussão”, publicado em 1921 no jornal *O Encouraçado das Trabalhadoras*, a autora narra a controvérsia que levou à sua expulsão do Partido Comunista da Grã-Bretanha, que havia ajudado a fundar em 1920, e defende a independência das e dos comunistas para expressar suas ideias, quaisquer que elas sejam. No terceiro e último artigo, “Capitalismo ou comunismo para a Rússia?” (na íntegra), que saiu no mesmo jornal, em maio de 1924, quando Stalin já liderava a União Soviética, Sylvia Pankhurst salienta a importância da oposição de esquerda na construção do comunismo, criticando a Nova Po-

6 Kathryn Dood, “Introduction” em *A Sylvia Pankhurst Reader*, p. 3.

7 Kathryn Dood, *Idem*. p. 5.

lítica Econômica (NEP)[8], que havia sido implementada em 1921, e a centralização das decisões políticas pelo Partido Comunista.

Embora uma tradução deste último artigo, feita pelo grupo Resistência Autonomista, já tenha sido publicada no Brasil [9] por ocasião do centenário da Revolução Russa, em 2017, optamos por retraduzi-lo, como uma oportunidade de operar alguns ajustes que julgamos importantes. Ao traduzir *left wing*, por exemplo, optamos pela expressão “oposição de esquerda”, e não simplesmente “organização (ou ala) de esquerda”, para marcar claramente a situação da própria Sylvia Pankhurst no interior do comunismo. Além disso, à diferença da tradução feita pela Resistência Autonomista, encaramos a não marcação de gênero no inglês (que ocorre para adjetivos e substantivos) de um ponto de vista feminista, que, além de ser o nosso, julgamos evidentemente mais adequado para o pensamento-prática da autora: ao lidar, por exemplo, com o termo *workers*, optamos pela tradução “trabalhadoras e trabalhadores”. (Via de regra, ao traduzir substantivos, inserimos o feminino em primeiro lugar; o masculino só aparece antes do feminino nos casos em que entendemos que as críticas da autora se dirigiam especialmente aos homens).

Workers é categoria central no pensamento-prática de Sylvia Pankhurst. Traduzimos *Workers’ Socialist Federation* e *Worker’s Suffrage Federation* como, respectivamente, Federação das Trabalhadoras Socialistas e Federação das Trabalhadoras Sufragistas. No mesmo espírito, traduzimos *Workers’ Dreadnought* como *Encouraçado das Trabalhadoras*. Em nenhum dos casos, *workers* se referia exclusivamente a mulheres, mas incluía também homens. Ao invés de empregar o masculino supostamente universal e neutro para englobar os gêneros, optamos fazê-lo pela designação feminina, que, para nós, tem conotação política, plural e aberta.

Quando começou a escrever, em 1907, Sylvia Pankhurst havia recém terminado seus estudos em artes plásticas no Royal College of Art. Naquele ano, eleita a melhor aluna da turma, ganhou uma viagem para Veneza e Florença, da qual resultaram aquarelas em que retrata mulheres trabalhadoras. Duas dessas telas podem ser vistas aqui: *Em uma olaria: acertando as bordas de pratos ainda crus em um torno* e *Em uma fábrica de fiação em Glasgow: trocando o carretel*. Ambas as telas compõem, desde 2018, o acervo da Tate Gallery, em Londres.

Decifremo-na devorando-a.

8 Sucedendo o chamado “comunismo de guerra”, a NEP abria a economia soviética para algumas práticas capitalistas, visando a aquecê-la. Bastante controversa, foi criticada por inúmeros militantes e intelectuais de esquerda, filiados ou não aos diversos Partidos Comunistas.

9 A tradução foi publicada no site Passa Palavra e está disponível no link: <<https://teste.passapalavra.info/2017/09/115059/>>.



Em uma olaria: acertando as bordas de pratos ainda crus em um torno, 1907.



Em uma fábrica de fiação em Glasgow: trocando o carretel, 1907.

Referências:

DODD, Kathryn. *A Sylvia Pankhurst Reader*. Manchester/Nova York: Manchester University Press, 1993.

LÊNIN, Vladimir. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Global, 1981.

MORLEY, Ann; STANLEY, Liz. *The Life and Death of Emily Wilding Davison. A Biographical Detective Story*. Londres: Women's Press, 1988.

PANKHURST, Sylvia. *Capitalismo ou comunismo para a Rússia?*. Tradução de: Resistência Autonomista. Passa Palavra, 2017. Disponível em <<https://passapalavra.info/2017/09/115059/>>. Acesso em 8 out. 2020.

Nosso jornal: *O Encouraçado das Mulheres*

[Publicado no *Encouraçado das Mulheres*, em 8 de março de 1914.

Primeira edição publicada pela Federação das Sufragistas de East London]

O nome do nosso jornal, *O Encouraçado das Mulheres*, simboliza o fato de que nada devem temer as mulheres que lutam pela liberdade. Propõe também uma política de assistência e reconstrução social, que se refere à política do despertar da feminilidade em todo o mundo, em oposição à cruel e desorganizada luta pela sobrevivência, entre indivíduos e nações, pela qual tanto sofreu a humanidade no passado.

Este primeiro número antecipado do nosso jornal deve ser vendido por um centavo, mas quando *O Encouraçado das Mulheres* começar a ser publicado regularmente como um jornal semanal, a partir de 4 de abril, sábado, 20 mil exemplares serão impressos e distribuídos gratuitamente todas as semanas, em East London e onde mais for possível. As despesas com publicação serão cobertas pelos preços cobrados pelos anúncios exibidos em nossas colunas; é por meio de anúncios que todo jornal paga suas despesas.

O Encouraçado das Mulheres é uma publicação da Federação das Sufragistas de East London, uma organização composta principalmente por mulheres trabalhadoras. Seu principal dever será tratar da questão do direito ao voto do ponto de vista da mulher trabalhadora e relatar as atividades relacionadas ao voto para o movimento de mulheres em East London. No entanto, o jornal não deixará de analisar de forma crítica todo o campo do movimento de emancipação das mulheres.

[...]

No início de 1914, a Federação de East London [10], ligada à União Social e Política das Mulheres, mudou seu nome para Federação das Sufragistas de East London. Fizemos essa mudança por exigência de outras pessoas [11]. No entanto, nossa política continua sendo a mesma. Ainda somos uma organização militante não partidária de mulheres trabalhadoras.

Algumas pessoas nos dizem que não é importante que as mulheres trabalhadoras lutem pelo direito ao voto nem que tenham e usufruam de tal direito. Esquecem-se de que as mulheres que estão em uma posição socialmente confortável representam apenas um pequeno grupo frente à multidão formada por mulheres trabalhadoras.

10 Fundada em 1893 por Emmeline e Richard Pankhurst, mãe e pai de Sylvia Pankhurst (Nota das Tradutoras).

11 Sylvia Pankhurst refere-se aqui à sua expulsão da União Social e Política das Mulheres, ocorrida exatamente em 1914 e que levou à exigência de renomear a organização (NT).

Algumas pessoas dizem que a vida das mulheres trabalhadoras é muito difícil e sua educação, muito precária para que se tornem uma força poderosa na conquista do voto, ainda que sejam muitas. Tais pessoas se esqueceram da história dessas mulheres. Afinal, que tipo de mulheres eram aquelas que marcharam rumo à Versalhes?

As sufragistas que afirmam ser dever das mulheres mais ricas e afortunadas mobilizarem-se pelo direito ao voto e que suas irmãs mais pobres não precisam se sentir convocadas a participar da luta parecem, ao usar tais argumentos, esquecer-se de que é pelo voto que estamos lutando. O princípio fundamental do voto reside no fato de que cada pessoa deve ter uma parcela de poder para ajudar a si mesma e a todas. Este princípio se opõe frontalmente à ideia de que algumas poucas pessoas mais favorecidas têm o dever de ajudar e ensinar outras, tratando-as de forma paternalista, como se fossem superiores a elas. É certamente porque nós, sufragistas, acreditamos no princípio de que todo indivíduo e toda classe de indivíduos têm o direito a uma parcela tanto do ato de governar quanto de servir, e também porque aprendemos, após longa e amarga experiência, que, à exceção do autogoverno, toda forma de governo é tirania – por mais benévola que seja sua intenção – que lutamos pelo voto e não pela reparação de algumas das muitas injustiças pelas quais as mulheres sofrem.

É necessário que as mulheres lutem pelo voto, pois, por meio dele, se nos juntarmos em número suficiente para usá-lo para determinados fins, poderemos alcançar reformas a favor dos nossos próprios interesses, deixando claro aos governos que eles devem nos dar o que queremos ou abrir caminho para quem que o fará. Mulheres trabalhadoras – mulheres exploradas, escravas assalariadas, mães sobrecarregadas labutando em pequenas casas – são, de todas as criaturas, as que mais precisam ter o poder de ajudar a si mesmas.

Uma das principais razões pelas quais é essencial que as mulheres trabalhadoras se levantem como um só corpo e lutem arduamente pelo voto é que, quando a questão do direito ao voto for finalmente objeto de um real acordo, os antissufragistas no Parlamento se esforçarão ao máximo para reduzir o número de eleitoras mulheres. Quaisquer restrições que eles tentem impor serão colocadas de forma mais dura, muito provavelmente, contra as mulheres mais pobres, e a única coisa que pode salvaguardar a posição dessas mulheres é um grande e efetivo levante pelo direito ao voto das mulheres trabalhadoras.

Os antigos reformadores *trabalharam* para expandir os limites da liberdade humana, porque acreditavam que o princípio era correto. Seguindo-o, *sofreram e lutaram com extrema coragem*, impulsionados pelo fato de que eles ou seus semelhantes estavam sofrendo e passando necessidade. Assim é hoje com aquelas e aqueles que anseiam pelo direito ao voto.

Temos uma tarefa extraordinária diante de nós. Estamos apenas lutando com a mesma coragem de homens que lutam contra o governo, enquanto os homens-massa apenas observam seu sofrimento e luta. Somente quando suportarmos infinitamente mais do que os homens e lutarmos de forma infinitamente mais enérgica, eles se importarão o bastante ou entenderão o suficiente para ajudar as mulheres a serem politicamente livres. Por isso, devemos continuar lutando e tentando sempre enxergar a grandiosidade do nosso objetivo.

“Liberdade de discussão”

[Publicado no *Encouraçado das Trabalhadoras*, em 17 de setembro de 1921]

Os movimentos, assim como os seres humanos, crescem e se desenvolvem em estágios, passando por muitas manias e doenças [12]. O Partido Comunista da Grã-Bretanha vive atualmente uma espécie de sarampo político denominado disciplina, que o faz temer a liberdade de expressão e de circulação de opiniões dentro do Partido.

Desde sua formação, o Partido Comunista da Grã-Bretanha [13] tem se preocupado com a existência do *Encouraçado das Trabalhadoras*, uma voz comunista independente, livre para expressar seu pensamento sem ser limitada pela disciplina do Partido.

Na conferência inaugural do Partido, conforme fui informada pelo Comitê Executivo, foi, inclusive, debatido se as membras e membros do Partido estavam autorizadas/os a ler o *Encouraçado*, uma vez que ele não é controlado por esse Comitê. A posição dos jornais *O Trabalhador Escocês (The Scottish Worker)*, *Solidariedade (Solidarity)*, *A Plebe (The Plebs)*, *O Socialista (The Socialist)* e *O Impulso (The Spur)* também foi discutida. [...] A carta emitida pelo Comitê Executivo aos diretórios do Partido recomendou a circulação dos jornais *A Plebe*, *Solidariedade* e *O Trabalhador Escocês*, mas deixou em suspenso a questão da circulação do *Encouraçado*. Muitos diretórios entenderam que isso significava que o *Encouraçado* não deveria circular, e alguns dos organizadores do Partido realizaram uma campanha contra o jornal nesse sentido, de modo que não aceitá-lo tornou-se uma questão de lealdade ao Partido.

Logo após minha libertação, depois de seis meses de prisão, conheci um sub-

12 Sylvia Pankhurst parece fazer aqui uma referência irônica ao panfleto de Lênin intitulado *Esquerdismo: doença infantil do comunismo*, de 1920, cuja tradução para o inglês consolidou-se como “*Left wing*” *communism: an infantile disorder*. Nele, Lênin a menciona como representante do esquerdismo na Inglaterra (NT).

13 Fundado em 1920 pela fusão de diversos pequenos partidos do espectro da esquerda, entre os quais o Partido Socialista e o Partido Trabalhista. Sua formação se deu após a decisão da III Internacional de estabelecer partidos comunistas ao redor do mundo. O Partido Comunista da Grã-Bretanha foi extinto em 1991 (NT).

comitê do Executivo do Partido Comunista, composto pelos camaradas W. Paul, F. Peat, F. Willis e T. Clark. Esse subcomitê me colocou a questão da seguinte forma: “como uma membra disciplinada do Partido”, eu deveria entregar o *Encouraçado das Trabalhadoras* nas mãos do Executivo, o qual decidiria se daria fim ou continuaria com o jornal; caso a decisão fosse no sentido de continuar com o jornal, ele serviria a quaisquer usos e políticas à sua escolha e seria colocado sob a direção editorial de uma pessoa de sua preferência. Eu não seria consultada ou mesmo informada até que a decisão fosse tomada. Assim, com uma pitada de brutalidade, os disciplinadores impuseram seus termos àquela que, por oito anos, manteve um jornal pioneiro em constante luta e sob intensa perseguição.

Respondi que não poderia concordar com tal proposição, mas que consideraria com cuidado e espírito de camaradagem qualquer proposta que o Partido me fizesse com relação ao jornal. Disse que acreditava na utilidade de um jornal comunista independente que incentivasse a discussão dentro do movimento, na teoria e na prática. Recém-saída da prisão e com o Partido tendo sido formado enquanto eu estava presa, eu estava ansiosa para olhar ao meu redor e ouvir todos os pontos de vista. Convidei o subcomitê a apresentar-me quaisquer sugestões que tivesse a fazer. Seus membros, entretanto, não responderam com o mesmo espírito; eles simplesmente repetiram sua exigência anterior de uma renúncia total e velada do jornal.

[...]

Afirmar aos camaradas que, se estivéssemos perante barricadas, se estivéssemos passando pelas angústias da revolução ou algo perto disso, eu poderia aprovar uma rigidez disciplinar; no entanto, aqui e agora, isso não tem qualquer cabimento.

Eu disse a eles que, considerando que estamos cara a cara com um Partido Trabalhista oportunista e reformista, e que vivendo em meio ao capitalismo existe sempre a tendência e a tentação de se fazer acordos com a ordem dominante, é essencial que o Partido Comunista seja categórico quanto à exclusão de tendências de direita. Um Partido Comunista só pode preservar seu caráter comunista usando a disciplina para evitar que o oportunismo e a lassidão de direita entrem no Partido. Deve insistir que a aceitação dos princípios comunistas e a rejeição do reformismo sejam condições para uma pessoa tornar-se membra; isso é óbvio. Por outro lado, não pode se dar ao direito de sufocar a discussão dentro do Partido; acima de tudo, não deve sufocar a discussão de ideias de esquerda. Do contrário, ele se enrijecerá e se entorpecerá, destruindo sua própria possibilidade de avanço

Afirmar que, na minha opinião, toda/o e qualquer membra/o do Partido deveria ser autorizada/o a escrever e publicar suas opiniões e que, somente nos casos em que essas opiniões se provarem não comunistas, deve-se questionar a aptidão desta pessoa para pertencer ao Partido.

Eu disse ao Comitê Executivo, e ainda é uma opinião que mantenho com convicção, que, no movimento comunista deste país, ainda fraco, jovem e pouco evoluído, a discussão é uma necessidade primordial, e sufocá-la é algo desastroso. Portanto, quando me perguntaram se obedeceria à disciplina imposta por aquele Comitê, fui obrigada a dizer que era impossível dar uma resposta generalizada a tal pergunta, caso a disciplina pudesse ser imposta de forma forçada para impedir a expressão de opinião, e que eu só poderia decidir se deveria obedecer frente a um caso concreto.

[...]

Quando a Federação das Trabalhadoras Sufragistas – da qual o *Encouraçado das Trabalhadoras* era órgão – fundiu-se ao Partido Comunista [14], ficou decidido que eu deveria permanecer como responsável pelo jornal, e o Partido, durante a Conferência de Cardiff, aprovou uma resolução afirmando que assim seria. Quando o atual Partido Comunista da Grã-Bretanha foi formado, fui incisiva em afirmar que o *Encouraçado das Trabalhadoras* permaneceria fora do Partido e que daria um apoio de natureza independente. Não há dúvida de que eu tenha subvertido um órgão partidário ou desejado mantê-lo fora do controle do Partido.

A situação é a seguinte: o *Encouraçado* é um órgão independente, mas o Comitê Executivo do Partido Comunista da Grã-Bretanha decidiu que não me permitirá, como membra, publicar um jornal independente.

Não lamento minha expulsão. No entanto, o fato de isso ter ocorrido mostra a condição débil e sofrível do Partido: prioriza questões menores em detrimento de outras de maior importância. Está desnorteado.

Desejo liberdade para trabalhar pelo comunismo com o que há de melhor em mim. O Partido não poderia me acorrentar: eu que, como provam os jornais publicados tanto neste país como no exterior, estive entre as primeiras a apoiar a atual Revolução Comunista e a trabalhar para a Terceira Internacional, darei continuidade aos meus esforços como antes.

14 Nessa fusão, que ocorreu em 1918, a Federação das Trabalhadoras Sufragistas é renomeada Federação das Trabalhadoras Socialistas. (NT).

Capitalismo ou comunismo para a Rússia?

[Publicado no Encouraçado das Trabalhadoras, em 31 de maio de 1924]

O apelo do Grupo Operário da Rússia [15], que publicamos em nossa primeira página, revela a luta que ainda continua por lá entre os ideais opostos do capitalismo e do comunismo. O capitalismo ainda está em ascensão. Na Rússia, o discurso de seus protagonistas já não é sobre louvar a iniciativa privada e o direito de cada pessoa de fazer o que quiser com seus bens. Eles posam agora como os profetas da eficiência centralizada, da trustificação, do controle do Estado e da disciplina do proletariado em nome do aumento da produção.

Os defensores comunistas da Nova Política Econômica (NEP) explicam seu lapso de princípio alegando que a Rússia deve se desenvolver dentro do capitalismo antes de estar preparada para o comunismo. Eles esperam manter sob controle os dentes e as garras do capitalismo.

Os articuladores não comunistas da NEP estão trabalhando com o cenário que o hábito lhes fez parecer o único estado de coisas natural e possível. Eles estão crescendo em poder e número, e aderirão apaixonadamente às suas próprias aquisições pós-revolucionárias. Para a classe dominante, é sempre mais fácil manter as coisas como estão e seguir aplicando velhos métodos do que forjar novos.

O resultado é que as trabalhadoras e os trabalhadores russos continuam sendo escravos assalariados, e muito pobres, trabalhando não por vontade própria, mas sob a compulsão da necessidade econômica, e mantidos em sua posição subordinada por uma coerção do Estado que é mais pronunciada do que nos países onde as trabalhadoras e os trabalhadores não mostraram recentemente sua real capacidade de rebelião.

Entretanto, apesar da NEP e dos defensores da capitalização e do monopólio estatal, o desejo de um comunismo livre e completo não está morto na Rússia, como é evidenciado pela existência do Grupo Operário e de outras organizações de oposição de esquerda.

As organizações de oposição de esquerda, consciente e, sem dúvida, também inconscientemente até certo ponto, são forças que trabalham para a desintegração do capitalismo e de todos os seus métodos. Elas estão trabalhando para a criação de um novo sistema no qual, ao invés de a sociedade ser mantida sob o controle de uma direção centralizada que impõe seus ditames pela compulsão econômica e

15 O Grupo Operário do Partido Comunista Russo foi formado em 1923 como organização política de resistência à Nova Política Econômica (NEP) e crítica à excessiva concentração de poder por parte dos burocratas e dirigentes do Partido Comunista Russo, defendendo a democracia operária. Seu membro mais conhecido foi Gavriil Ilich Miasnikov (1889-1945). No mesmo ano de sua formação, o grupo é fortemente reprimido, passando a atuar na clandestinidade (NT).

amparada pela força militar, as necessidades sociais serão atendidas por unidades autogestionadas, cooperando mutuamente para fins comuns.

Aqueles e aquelas que, professando a fé comunista, ainda não reconhecem esse papel que as organizações de oposição de esquerda estão destinadas a desempenhar no processo evolutivo tendem a considerar com pesar a existência desse movimento. Na Rússia, tais observadores e observadoras levianos se queixam de que as atividades das organizações de esquerda irão despertar o descontentamento com as condições atuais e, dessa forma, talvez impedir o crescimento da produção e causar uma série de problemas ao perturbar a aceitação disciplinada das autoridades dirigentes pelos trabalhadores.

Da mesma forma, as educadoras e os educadores que têm procurado despertar a autonomia de suas alunas e alunos e instituir a autogestão e a auto-organização do currículo nas escolas encontraram objeções de que a ordem teria sido substituída pelo caos e o índice de conhecimentos adquiridos pelas alunas e alunos, drasticamente reduzido.

As pioneiras e os pioneiros da educação revolucionária têm perseverado, apesar do desencorajamento, e sabido criar escolas nas quais as alunas e os alunos são capazes de manter uma ordem mais fecunda e harmoniosa do que aquela que as antigas escolas impunham de cima pra baixo. Elas e eles foram capazes de demonstrar, por meio de resultados, que o conhecimento que estimularam suas alunas e alunos a adquirirem se torna algo permanente e parte de quem são.

O mesmo ocorrerá com os ideais daquelas e daqueles que trabalham para que o ser humano alcance a emancipação total da sujeição econômica e do autoritarismo que a acompanha.

Comunistas fora da Rússia contestam a crítica dos fatos dirigida contra a Rússia Soviética por suas companheiras e companheiros comunistas. Desejam que tudo lá pareça perfeito. Imaginam que é uma péssima propaganda admitir francamente as falhas e deficiências na terra da revolução, assim como criticar os métodos e expedientes a que recorreram aqueles que estão no poder. Suas objeções são míopes, pois, afinal, o que desejamos reivindicar e alcançar é o comunismo e não a política ou posição de qualquer partido.

Se fingirmos que o atual regime na Rússia é o comunismo, que é de fato o tipo de vida pelo qual lutamos, aquelas e aqueles que observam suas deficiências nos dirão, naturalmente, que nosso ideal é bastante equivocado.

Ana Raylander Mártis dos Anjos - Série Trabalhos Escolares, 2018



Projetos convidados

A PROMESSA COMO PROCEDIMENTO ARTÍSTICO [1]

Ana Raylander Mártis dos Anjos [2]

— As palavras estão contra mim, mas prometi escrever até reordenar o léxico, a gramática, a linguagem, a cognição, a práxis.

Gostaria de localizar quem me lê no procedimento da promessa, que está implicado em meu fazer artístico.

A primeira vez que me prometi foi em 2013, quando me preparava para deixar a minha cidade natal e viver em Belo Horizonte: comprei a minha primeira peça de roupa marrom. Eu já tinha outras peças marrons ganhas, mas comprar a minha primeira peça de roupa foi um gesto de autonomia de que nunca me esquecerei.

Prometi naquele ano começar a incorporar os marrons em meu uso diário, até a sua integral presença em minha vestimenta hoje em dia. Desde então compreendo isso como minha primeira promessa em arte. Não que eu já não fizesse qualquer coisa que fosse considerada arte no interior de Minas Gerais: lá desenhava, pintava e escrevia, mas nada disso fazia tanto sentido quanto prometer.

Em uma situação que implica limitações, a promessa virou a minha matéria de trabalho.

Prometer para mim mesma tornou-se parte essencial do que faço. Me acostumei com a ideia de que o meu trabalho surge da criação de promessas, muitas das quais impossíveis.

Prometer é sempre firmar algum pacto impossível com o futuro; prometer é romper com as estatísticas e as previsões. Geralmente, prometer em arte retoma a maior promessa que um dia já fiz a mim mesma: continuar viva o quanto for possível viver.

Prometer circular fichas por dez anos, prometer editar um livro, prometer realizar uma exposição. Prometer brincar por dez carnavais consecutivos com o Bloco do Choro, prometer organizar meses de um laboratório sobre o riso em um parque de São Paulo, prometer organizar meses de um laboratório sobre o choro e as suas tensões de gênero, prometer visitar diariamente um museu durante dois meses a fim de compreender uma exposição, prometer visitar semanalmente um museu às terças-feiras por quatro meses consecutivos, para perseguir artistas, prometer fazer

1 Texto originalmente publicado no blog da Tenda de Livros blog.tendadelivros.org. Há uma leitura do texto no IGTV [@tendadelivros](https://www.instagram.com/tendadelivros).

2 Ana Raylander Mártis dos Anjos nascida no cafundó do mundo, atua de forma transversal.

uma performance que duraria meses em deslocamento, prometer passar uma vida vestindo marrons. Prometer...

Não paro de prometer a mim mesma coisas que, para serem cumpridas, dependem de eu permanecer viva. Prometo estar viva aos 25 anos, aos 35 anos, aos 45 anos, aos 55 anos, aos 65 anos. Eu prometo, em forma de procedimento artístico, qualquer coisa impossível. Sou uma artista que promete fazer trabalhos que durem no tempo. Trabalhos de longa duração. Quando vi, já estava prometendo. Antes mesmo de me dar conta eu voltava no mesmo procedimento: prometer incansavelmente.

Para mim a promessa ganha mais sentido quando percebo que posso ser tirada daqui. Desde o dia em que corri para não ser morrida por um grupo de homens, entendi que preciso continuar prometendo para mim mesma coisas impossíveis: viver mais dez, vinte, trinta, quarenta anos. Os trabalhos, na verdade aquilo que chamo de trabalho, são desculpas bem elaboradas e complexas, inscritas numa tentativa de permanecer em movimento.

Por fim, faço um pedido: se, em algum momento, eu já não estiver entre as vivas que por aqui peregrinam, peguem todas as minhas roupas marrons, dobrem-nas com muito cuidado, acomodem-nas no chão, peça por peça, até formar um grande círculo no espaço. Um círculo impossível, assim como eu fui. Elas, as roupas, gritando silenciosamente no chão, serão o testemunho de que as vesti dias e noites, e por aqui passei. O meu último trabalho, o índice de que aqui estive e de que nestes trapos de mundo peregrinei me mantendo viva, até o dia em que fui viver em outros lugares.

— E se prometeram me fazer desaparecer, me farei durar o quando for possível: prometo.

São Paulo, 30 de maio de 2020.

POR MAIS MULHERES NEGRAS NA BIBLIOTECA!

MNB – Mulheres Negras na Biblioteca

O **“Mulheres Negras na Biblioteca” (MNB)** é um projeto de incentivo à leitura de obras de escritoras negras, idealizado e organizado por profissionais de Biblioteconomia e Letras, que se dedicam a promover atividades culturais a fim de contribuir para a formação e o aumento do público leitor de autoras negras, com o objetivo de tornar notável a importância da inclusão dessas obras nos acervos das bibliotecas.

O projeto surgiu em 2016, quando as idealizadoras, Carine Souza, Iara Moraes, Laís Souza e Andreza Rocha, à época, alunas do curso Técnico em Biblioteconomia, notaram a ausência de obras literárias de autoras negras na biblioteca da escola técnica em que estudavam em São Paulo, e tiveram a iniciativa de modificar o cenário. Elas, então, angariaram livros de autoras negras por meio das redes sociais e promoveram uma campanha de incentivo à leitura dessas obras, que passaram a ser as mais procuradas para empréstimo na biblioteca da escola.

Após essa experiência, veio a defesa do TCC: *A importância da inclusão de obras autoras negras nos acervos das bibliotecas públicas municipais de São Paulo*. Durante a pesquisa, as estudantes depararam-se com a escassez de obras de autoras negras em praticamente todas as bibliotecas públicas da cidade e com uma preocupante falta de consciência dos responsáveis. O grupo, então, passou a refletir sobre os problemas graves dessa realidade, como, por exemplo, entre outras consequências, a interferência negativa que isso faz no processo de construção da identidade de mulheres negras, uma vez que a maior parte das histórias contadas por autores cujas obras estão disponíveis nas bibliotecas retratam essas mulheres de forma estereotipada.

Pensando em tudo isso, as alunas enviaram um questionário às bibliotecas públicas de São Paulo, na tentativa de entender a visão dos responsáveis pelo desenvolvimento de coleção e bibliotecário desses espaços, sobre a pouca quantidade de obras de autoras negras nos acervos. O que chamou atenção no depoimento dos entrevistados é que a maior parte deles acreditava que um dos fatores que contribuem para o fato de não haver obras de autoras negras nas bibliotecas é a falta de demanda.

Mesmo sabendo que a raiz do problema é o racismo institucional, que impede essas obras de serem lembradas no momento da formação do acervo inicial, as alunas enxergaram, na justificativa das bibliotecas, uma brecha para incluir obras de autoras negras nos acervos: as listas de novas aquisições, que podem ser in-

fluenciadas pela procura do público por determinadas obras. A partir disso o grupo amadureceu o projeto “Mulheres Negras na Biblioteca”, cujo foco passou a ser o desenvolvimento de ações que pudessem contribuir para a formação e o aumento de leitores de obras de autoras negras, fazendo com que isso chegasse às bibliotecas.

Seja como for, os objetivos do projeto estão para além de incluir livros de autoras negras nas estantes das bibliotecas. Batalhar por isso é, em primeiro lugar, uma causa que o grupo – hoje formado pela estudante de Letras e técnica em Biblioteconomia Carine Souza e pela jornalista e graduada em Letras Juliane Sousa – considera importante e urgente, sobretudo porque boa parte das mulheres e meninas negras têm as bibliotecas públicas como único meio de acesso à leitura, uma vez que livros, no Brasil, são objetos caros. Entretanto, a intenção do projeto não é somente assegurar representatividade a leitoras negras, é também contribuir para o deslocamento de autoras negras das margens para o centro do universo literário, combatendo, assim, o racismo e o sexismo ainda tão presentes na nossa sociedade.

O MNB acredita, portanto, que ler autoras negras não cabe somente ao povo negro, trata-se de tarefa obrigatória a todos. Em suma, é por ter consciência de que a biblioteca é um espaço político de fundamental importância social, onde o saber está nos livros guardados em suas estantes, que o projeto reivindica mais acesso a saberes diversos, começando pela base da pirâmide social, por isso sua luta é, prioritariamente, por mais mulheres negras nas bibliotecas.

Ações do projeto

Ao longo de uma trajetória que já dura quatro anos, o projeto MNB: atuou em mais de trinta bibliotecas; promoveu mais de noventa atividades de incentivo à leitura de obras de autoras negras, em diversos espaços, como bibliotecas públicas, unidades do Sesc, Fábricas de Cultura e Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB). Contou com a participação de mais cinquenta autoras negras em atividades presenciais e *on-line*; participou de festas e feiras literárias, incluindo a **Bienal do Livro SP 2018**; durante a pandemia, realizou eventos *on-line* que atraíram mais de trezentas pessoas de inúmeros estados do Brasil. Em 2018 e 2019, o projeto MNB foi contemplado no programa VAI da prefeitura de São Paulo, por meio do qual realizou atividades em bibliotecas públicas municipais da Zona Norte e região central. Em 2020, o projeto foi contemplado novamente pelo edital, e começou a se preparar para a realização de uma biblioteca de trocas de obras de autoras negras.



Clube de leitura na Biblioteca Mário de Andrade.



Clube de leitura na Biblioteca Mário de Andrade.



Primeira ação do projeto, na biblioteca da Etec Parque da Juventude.



Visita à Escola Estadual Guilherme Almeida.



Ação no EMEIFF Messias Gonçalves da Silva, a convite do Sesc Osasco.



Clube de leitura na Biblioteca Pedro Nava.



Clube de leitura na Biblioteca Mário de Andrade.



Clube de leitura na Biblioteca Monteiro Lobato.



Oficina de cadernos, inspirada na história da escritora Carolina Maria de Jesus, na Biblioteca José Mauro Vasconcelos.



Oficina de poesia para crianças, inspirada nos livros de poesia de bell hooks (*Meu Crespo de Rainha*) e Livia Natália (*As Férias Fantásticas de Lili*), na Biblioteca Menotti Del Picchia.



Roda de conversa na Biblioteca Nuto Sant'Anna.



Bate-papo com a escritora Miriam Alves, na Biblioteca José Mauro Vasconcelos.



Bate-papo com a escritora Ryane Leão, na Biblioteca Nuto Sant'Anna.



Contação de história na Biblioteca Menotti Del Picchia.



Contação de história, na Biblioteca Menotti Del Picchia.

Roda de poemas: Antes de Nós

A roda de poemas **Antes de Nós** é uma tentativa de resgate de uma manifestação artística que acontecia, nos anos 1980, na cidade de São Paulo. De acordo com o professor e escritor Cuti, as rodas de poemas se davam da seguinte maneira: “um grupo de pessoas – em geral de vinte a quarenta (ou até mais!) – se reúne, forma um círculo, e é feito para esta roda uma pequena cantiga, muito simples e de fácil memorização. As pessoas decoram rapidamente essa cantiga, então todos cantam. O canto é interrompido e alguém entra no centro desse círculo e diz um poema”. Sabendo disso e considerando que nos últimos anos a poesia voltou a se destacar na cena cultural de São Paulo nos inúmeros saraus e *slams*, o Mulheres Negras na Biblioteca, a fim de proporcionar uma troca de experiências geracionais, convidou as veteranas Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves para conduzir rodas de poemas com a presença de poetas da nova geração e participação do público.



Sesc Avenida Paulista.



Bienal do Livro (estande do Sesc).



Museu do Ipiranga (primeiro dia de Ocupação, a convite do Sesc Ipiranga).



Museu do Ipiranga (segundo dia de Ocupação, a convite do Sesc Ipiranga).

WEBINAR


Por mais escritoras negras: a importância da inclusão de obras de autoras negras nas bibliotecas

COM FRANCILENE CARDOSO, NEIDE ALMEIDA E CHARLENE LEMOS
MEDIAÇÃO: COLETIVO MULHERES NEGRAS NA BIBLIOTECA



“Acreditamos que um evento como esse pode plantar uma semente de mudança no terreno da biblioteconomia e colher a diminuição do racismo dentro e fora das bibliotecas. Pois, quanto mais profissionais dessa área passem a ter consciência da importância de se fazer um reparo social, oferecendo a visibilidade que foi negada às mulheres negras no meio literário, mais chegaremos perto de uma sociedade justa.”

Mulheres Negras na Biblioteca.

 19 de junho
das 15h às 17h

Inscrições, clique aqui!

Atividade gratuita. Vagas limitadas!

PÚBLICO-ALVO

Profissionais das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Educação, Leitura, Literatura e correlatas.

Acessibilidade: haverá tradução em LIBRAS.

Importante: O link para acesso à plataforma será enviado um dia antes da atividade. Questionário de avaliação e certificado serão encaminhados em até uma semana após o evento.

Mais informações: siseb@spleituras.org • www.siseb.sp.gov.br



Webinar em parceria com SisEB. Para esse evento 541 pessoas se inscreveram, de 158 municípios brasileiros. A atividade contou com a presença de mais 250 pessoas de diversos estados brasileiros.

INÍCIO SOBRE CATÁLOGO AGENDA PROGRAMAS BLOG BVL E VOCÊ SEU EVENTO APOIE OUVIDORIA CONTATO

VOCÊ ESTÁ AQUI: Home » Blog » Clube de Leitura Mulheres Negras na Biblioteca discute obra de Jarid Arraes

BUSCA

Pesquisar ... Pesquisar

INSCREVA-SE AQUI

Clube de Leitura Mulheres Negras na Biblioteca, na BVL, com Jarid Arraes. Foto: Reprodução

Clube de Leitura Mulheres Negras na Biblioteca discute obra de Jarid Arraes

POR SPLEITURAS EM 16 DE JUNHO DE 2020

BLOG

DOE MÁSCARAS

WhatsApp Image...jpeg

Digite aqui para pesquisar

13:33 26/08/2020

Clube de leitura *on-line*, em parceria com a Biblioteca Parque Villa-Lobos.

Responsáveis pelo MNB atualmente:



Carine Souza é soteropolitana. Sim, ela é baiana, ela é de Salvador. Libriana com ascendente em Leão. Revisora e preparadora de textos, certificada pela Universidade São Judas Tadeu e pela Universidade do Livro (Editora Unesp), onde também cursou

produção editorial. Tem formação técnica em biblioteconomia e estuda Letras. É produtora cultural e idealizadora do projeto Mulheres Negras na Biblioteca.



Juliane Sousa é uma amazônida “paranhense”. Isso mesmo, porque, na barriga da mãe, ela saiu de um quilombo no Maranhão só pra nascer no Pará. O trajeto foi de barco, durante as águas de março, então, ela só podia ser de peixes, com ascendente em aquário. Formada em Letras pela Universidade Federal de São Paulo, ela é produtora cultural, ambientalista, jornalista, apresentadora de rádio e televisão, roteirista, poeta e uma das responsáveis pelo projeto Mulheres Negras na Biblioteca.

Referências

BOM Para Todos [TV]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Q4n-Qmq5grR8>>

CLUBE de leitura mulheres negras na biblioteca discute obra de Jarid Arraes. Disponível em <https://bvl.org.br/club-de-leitura-mulheres-negras-na-biblioteca-discute-obra-de-jarid-arraes/>

CLUBES de leitura e o porquê de ler juntos. *Suplemento Pernambuco*. Disponível em <http://www.suplementopernambuco.com.br/edições-anteriores/77-capa/2212-clubes-de-leitura-e-o-porquê-de-ler-juntos.html?fbclid=IwAR0TFncBR-H_uY-QCoxftuqnU07RHIEQ0DiU-YzsjxRz_7T3FMVZ6YCMWlt4>

HISTÓRIA do Projeto MNB. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gZN-lqJRhiVE&ab_channel=BaladaLiter%C3%A1ria>

MULHERES negras na biblioteca e a visibilidade na literatura. Disponível em <https://negrobelchior.cartacapital.com.br/mulheres-negras-na-biblioteca-e-a-visibilidade-na-literatura/?fbclid=IwAR1o4iyjP5J-VNo_z6Sw6sjx4gd05RFEbxJ3r5pQt50-3fio1ClDv0jvOA>

Perfil no Instagram. Disponível em <<https://www.instagram.com/mulheresnegras-nabiblio/>>

Perfil no Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/mulheresnegrasna-biblio/>>

POR Mais Autoras Negras nas Bibliotecas. Disponível em <<http://siseb.sp.gov.br/18448-2/>>

QUANTAS autoras negras você já leu? [Webinar]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mNmMxITOFcW&list=PLFpJnk1ZHLxdfc5v4RngSVnUKUb0iK-jE4&ab_channel=Sesclpiranga>

TÉCNICAS em Biblioteconomia Promovem Leitura de Autoras Negras. Centro Paula Souza. Disponível em <https://www.cps.sp.gov.br/tecnicas-em-biblioteconomia-promovem-leitura-de-autoras-negras/?fbclid=IwAR1dkHIIYt4HHLC9drqUR_EwtYpApJCAwueBc8RnJ9LL51AyKwC-CEUMMMc>



Legados e transdisciplinaridade

“DESPIERTA, MUJER, DESPIERTA”¹: RECONOCER EL LEGADO DE MARÍA CAMBRILS E IMAGINAR JUNTAS UNA CIUDAD DE LAS MUJERES

Paola Marugan [2]

Resumen

En el presente artículo comparto una serie de reflexiones sobre la figura de María Cambrils Sendra, escritora valenciana, militante socialista y ferviente defensora de los derechos de las mujeres, en los agitados años de principios del siglo XX, en Valencia - España, a partir de mi participación en el taller *La Ciudad de las Mujeres*. Asimismo, pretendo organizar algunos de mis malestares, interpelando al Archivo como institución, cuyas condiciones de posibilidad existencial han condenado al ostracismo, el pensamiento-acción feminista de nuestra protagonista.

Palabras-clave: feminismo socialista; ciudadanía; mujeres; genealogías .

Introducción

En este artículo presento una serie de reflexiones sobre la figura de María Cambrils Sendra, escritora valenciana, militante socialista y ferviente defensora de los derechos de las mujeres, en los agitados años de principios del siglo XX, en Valencia - España, a partir de mi participación en el taller *La Ciudad de las Mujeres*, organizado por la Asociación Adonar,³ en el barrio El Cabanyal de Valencia. Me interesa compartir algunas ideas en torno a mi experiencia en el taller, como espacio de producción de conocimiento colectivo, en el que partimos de la pregunta ¿quién era María Cambrils?, para generar, por medio de la técnica *collage*, una narrativa visual sobre la ciudad y los derechos de las mujeres, inspirada en el legado de la militante socialista y sus vindicaciones feministas. Asimismo, pretendo organizar algunos de mis malestares, interpelando al Archivo como institución, cuyas condiciones de posibilidad existencial han condenado al ostracismo, el pensamiento-acción feminista de María Cambrils.

1 Título del artículo que María Cambrils publicó el 4 de julio de 1926 en *El Obrero* de Elche, 21.

2 Investigadora, curadora, educadora y gestora cultural independiente. Estudiante del programa de doctorado Estudios Feministas de la Universidad Autónoma Metropolitana- Unidad Xochimilco (UAM-X), Ciudad de México. Maestra en Arte y Cultura Contemporánea por el Instituto de Artes de la Universidad del Estado de Río de Janeiro (UERJ). Maestra en Gestión Cultural por la Universidad de Barcelona (UB) y licenciada en Filosofía y Letras por la Universidad de Valencia (UV). Ha publicado el libro *Transarquivo: uma escrita revolucionária de relatos da história da arte*, Curitiba: CRV, 2018. Ha desarrollado proyectos en instituciones como el Museo Universitario del Chopo (Ciudad de México), Museo de la Ciudad de México, Goethe-Instituto (Salvador de Bahía), Caixa Cultural (Río de Janeiro), Filmotecas de Madrid, Valencia y Barcelona, CA2M (Móstoles, Madrid), CaixaForum (Barcelona), entre otras. <https://paolamaruganricart.net/>

3 La Asociación valenciana Adonar está dedicada a gestionar proyectos de transformación social por medio de la cultura. Para más información: <https://adonar.es/>

Un taller creativo: La Ciudad de las Mujeres

La Ciudad de las Mujeres es un proyecto dedicado a rescatar la memoria histórica de mujeres valencianas, que por medio de sus prácticas políticas y culturales, contribuyeron a transformar las condiciones de existencia de las mujeres, produciendo un pensamiento situado, a partir de sus propias experiencias de vida. Esta iniciativa incluye diferentes procesos relacionados con el ámbito de la investigación, difusión, educación y cultura. Su nombre se inspira en la obra *La Ciudad de las Damas* de Christine Pizan (1364 - 1430), en la que la poeta y filósofa italiana realiza un pronunciamiento a favor de los derechos de las mujeres, a la par que define ciudadanía en la Europa de la Edad Media, respondiendo a los postulados teológicos elaborados por San Agustín, en *La Ciudad de Dios*. La pregunta de partida es “¿qué ciudadanas alberga nuestra ciudad?” y valdría la pena agregar, de las cuales sabemos poco o casi nada. María Cambrils Sendra (1877-1939) es la primera figura de este “contra-archivo” vivo, abierto y en proceso de gestación, llevado a cabo gracias a las complicidades de investigadoras feministas valencianas de *longo* recorrido profesional y las miembros de la Asociación Adonar - con perfiles diversos, actuando desde la gestión cultural, el derecho, el arte-terapia, entre otras.

María Cambrils Sendra nació en el barrio de El Cabanyal, que hasta 1897, fue un municipio independiente de la ciudad de Valencia, conocido como “el poble nou de la mar” (el pueblo nuevo de la mar). En la calle de la Reina, nº 85 se encuentra la Unidad de Igualdad del Marítimo, donde realizamos la tercera edición del taller. Me interesa destacar la dimensión simbólica del espacio, puesto que un siglo antes, María Cambrils, en las calles de ese barrio marinero, defendía casi los mismos postulados planteados actualmente por la institución de acogida, como son la igualdad salarial entre hombres y mujeres, denunciar la violencia sexual en el matrimonio y defender la emancipación de las mujeres por medio de la educación. No dejó de llamarme la atención ese dato, puesto que un siglo después, plantear la transformación de la sociedad en clave de igualdad de derechos entre hombres y mujeres, a mi modo de ver, resulta insuficiente dado que el género (¡binario!) no es la única matriz de dominación estructurante del sistema-mundo moderno-capitalista-colonial. Una vez más constatamos, que los ritmos temporales de las instituciones no acompañan a las urgencias planteadas desde los activismos y otras prácticas políticas. Y efectivamente, en El Cabanyal conviven comunidades que no tienen privilegio de tranquilidad, aunque sean oriundas de este país, como por ejemplo la gitana. La misma María Cambrils, en muchos de sus artículos publicados en el periódico *El Socialista*⁴, manifestó su desacuerdo con concebir un feminismo único -el llamado feminismo burgués. Ya en la década de los veinte, la escritora comprendió que las luchas eran

4 María Cambrils fue la única mujer escritora colaboradora en *El Socialista* durante la década de los veinte del siglo pasado.

múltiples y respondían a demandas concretas, como los derechos de maternidad, educación, discriminación salarial, divorcio, amor libre, organización femenina, trabajo doméstico, violencia sexual, “feudalismo agrícola” y contra los imperativos de la Iglesia Católica. En sus textos, María revela las relaciones de poder entretejidas por las matrices de género y clase, articulando un pensamiento feminista, como práctica intelectual política, en diálogo con el socialismo de la época.

En el taller participamos seis mujeres de diversas nacionalidades y lugares de enunciación distintos. Comenzamos con las presentaciones, para después trazar a grandes rasgos, el pensamiento-acción de nuestra protagonista. A continuación, se nos entregó un sobre lleno de recortes de periódico, imágenes, trozos de tela y otros materiales, con el propósito de producir individualmente una narrativa visual mediante la técnica del *collage*. Mi elección fue costurar imágenes y retales de distintos colores, para que el propio soporte de la pieza presentara la fragilidad de nuestras conquistas y al mismo tiempo, la fortaleza de continuar tejiendo nuestras diferencias. Una vez finalizada “la obra”, se trataba de compartir con el grupo las ideas que habían inspirado nuestro quehacer creativo. Desde diversos ángulos, las participantes expusimos un modelo de ciudadanía inclusiva, en términos de producción de subjetividad, con una profunda conciencia del medio ambiente, espacios libres de violencia y tiempo de asueto -frente a los delirantes ritmos del capital. Cada narrativa mostraba formas de resignificar categorías como igualdad, libertad, producción/reproducción, público/privado, maternidad o cuerpo, siendo ésta última una gran ausente en los debates de la época de María Cambrils.

En cada *collage* encontramos un análisis visual de las relaciones de poder del patriarcado-capitalista-colonial y sus consecuencias materiales en los cuerpos-vidas de las mujeres y el planeta. Conceptualizaciones, por otro lado, que la propia escritora valenciana no expresó de ese modo, sino que más bien son resultado de la producción de un conocimiento situado del grupo como un todo y en particular, de la que firma este texto. Leer a María Cambrils, como “activista y militante de la palabra” (Aguado, 2015), también implica tomar conciencia de la historicidad de las categorías y los significados con los que operamos, a fin de evitar “traducciones” desajustadas e irresponsables de prácticas y discursos oriundos de otros contextos y sujetos enunciativos. Profundamente influenciada por las lecturas de El Capital de Marx, la autora enfrentó discursivamente, en términos marxistas-socialistas, la acumulación del capital de la clase burguesa y el desarrollo del sistema capitalista.

La Ciudad de las Mujeres fue definida incluyendo a los hombres (ninguna mencionó géneros no-binarios), los árboles, las flores, los ríos, el mar y sus peces. Sin necesidad de enfatizar el dato, las presentes entendimos conjuntamente que somos seres interdependientes y por ende, existimos en relación con. En este sentido, fue curioso percibir la imagen de una oreja presente en varios de los *collages*. Frente a tanta contaminación acústica (en ciudades y redes sociales), las participantes visibilizamos metafóricamente la necesidad de una constante escucha, la urgencia

de disponibilizar el cuerpo para dejarse afectar por el entorno y sus seres vivos. De la misma manera, María Cambrils elaboró un pensamiento feminista en constante diálogo con las prácticas discursivas de los varones de la militancia socialista, advirtiéndole que el feminismo no tenía que ver con despreciar a los hombres, sino más bien con transformar radicalmente la sociedad en clave socialista y de igualdad de derechos para todas y todos. Otro asunto sería saber si se dieron las condiciones de posibilidad para que ese diálogo-escucha aconteciera realmente.

En la España de 1903 se fundaron las Juventudes Socialistas, de las cuales surgieron las llamadas Agrupaciones Femeninas Socialistas, con el objetivo de defender un concepto de ciudadanía, que incluyera derechos de igualdad para las mujeres en los distintos ámbitos de la vida civil, política y cotidiana⁵. Este asociacionismo juvenil se alimentaba del clima de movilizaciones, provocado por los procesos de modernización de las “nuevas” sociedades, en distintas partes de Europa. En el V Congreso de la Internacional Socialista, celebrado en París en 1900, se constituyeron diversas organizaciones de mujeres, defendiendo políticas pacifistas, antimilitaristas y educación femenina (Aguado; Sanfeliu, 2015)⁶. Así, en el contexto de las militancias socialistas se diseñaron nuevos contornos para distintas identidades femeninas, que problematizaron la hegemonía del modelo único de mujer, como buena esposa y madre, educadora de sus hijos y transmisora de la cultura y valores socialistas.

La emergencia de un nuevo modelo de mujeres jóvenes comprometidas, politizadas y modernas, que se incorporaban a la actividad social, a nuevas profesiones, a la lucha por la emancipación o la militancia política y a la universidad. Se comenzaba a perfilar, minoritariamente, una nueva identidad femenina, la “mujer moderna”, que, a pesar de la hegemonía de los roles maternos y domésticos, abría posibilidades para muchas jóvenes en el terreno político, laboral, artístico y cultural, ofreciéndoles mayor visibilidad en la esfera pública. (Aguado; Sanfeliu, 2015:63)

=Parece que los primeros debates abiertos con los militantes varones, en los que las Agrupaciones Femeninas cuestionaron la organización sexual de la sociedad, acontecieron en el IV Congreso de las Juventudes Socialistas (1915), aprobando inclusive un reglamento, para normalizar los protagonismos femeninos en la esfera

5 Sufragio Universal, divorcio, derecho a gestionar las propiedades y la herencia sin intervención del marido, igualdad de derechos sobre los hijos, eliminación de la categoría hijos “legítimos - ilegítimos”, formación cívica-política, entre otras (Aguado; Sanfeliu, 2015).

6 Parece que las demandas pacifistas tenían una amplia visibilidad en las militancias femeninas, debido al clima bélico que se vivía en Europa, los años previos a la Primera Gran Guerra (1914-1918) y en España, por la Guerra de Marruecos (1859-1860).

política (Aguado; Sanfeliu, 2015). Sin embargo, como señala Rosa M^a Capel Martínez (2008) en su artículo *Mujer y Socialismo (1848-1939)*, el diálogo con los miembros de los partidos socialistas y los sindicatos de clase fue sencillamente yermo. En este contexto, María Cambrils dedicó su vida incansablemente a vindicar los derechos de ciudadanía política y civil femenina, llegando a polemizar también con las mujeres católicas y las definidas a sí mismas como neutras. La escritora de *El Socialista*, en su página semanal, instó a las mujeres a enfrentar su lugar “natural” de sometimiento y convertirse en protagonistas de sus vidas. “¡Despierta, mujer, despierta!”⁷ De la opresión, subordinación y dominio de los hombres, la familia burguesa y el sistema capitalista.

Escuchando a las compañeras del taller, comprendí que las narrativas de los *collages* apelaban a la relevancia de enunciarnos desde un yo encarnado, libre, sujeto-protagonista-de-la-historia, que asume la experiencia como un marco epistemológico posible, en el que identificar las relaciones de poder, que nos constituyen como mujeres de contextos concretos. A mi entender, estos encuentros son prácticas feministas de producción de un conocimiento colectivo, que buscan -incansablemente, como lo hacía María Cambrils-, modelos alternativos de sociedad, con base en la justicia social. En el taller *La Ciudad de las Mujeres magiamos* futuros para otros mundos posibles. Me interesa enfatizar el verbo “magiar”, como una acción (o conjunto de prácticas) que colectivamente realizamos las mujeres, con el fin de poner en valor nuestras propias genealogías. Como afirma Silvia Federici:

La tarea era imposible y pronto la Inquisición perdió interés en el proyecto, convencida a estas alturas de que la magia popular no era una amenaza para el orden político. Los testimonios que recogió revelan, sin embargo, la existencia de múltiples intercambios entre mujeres en temas relacionados con curas mágicas y remedios para el amor, creando con el tiempo una nueva realidad extraída del encuentro entre tradiciones africanas, europeas e indígenas. (Federici, 2004:167-168)

Una vez más se equivocaron, la magia nunca dejó de ser una amenaza al sistema. Sus prácticas pueden adquirir diferentes contornos en cada época, sin embargo, continúan siendo transformadoras de vidas. El llamado - legado de María Cambrils sigue vivo, como el de tantas otras. ¡Destaponemos nuestras orejas y sigamos *magiando* juntas!

7 Idem, 1.



“Despierta, mujer despierta” - Homenaje a María Cambrils. Valencia, septiembre 2020.

Autora y fotografía: Paola. M Marugán Ricart



Taller la ciudad de las Mujeres

Autora y fotografía: Paola. M Marugán Ricart

Un libro peligroso: Feminismo Socialista

Esto no es un libro, es una mujer.
Gloria Fuertes

No sabemos cómo María Cambrils consiguió publicar el libro *Feminismo Socialista* en el año 1925, durante la dictadura de Primo de Rivera (1923-1930), en la imprenta Las Artes de la plaza Rodrigo Botet, en Valencia. No se le conoce profesión alguna; parece que no recibía honorarios de sus publicaciones en prensa, ya que estos medios apenas contaban con lo justo para la impresión de cada número. *Feminismo Socialista* no fue inicialmente concebido como un libro, sino que se trataba más bien de una recopilación de artículos, que la autora había publicado en la prensa obrera durante varios años. Además de *El Socialista*, María escribió para *El Obrero*, *El Popular*, *El Pueblo*, *Mundo Obrero*, entre otros. Esta primera edición estuvo dedicada a uno de sus maestros, Pablo Iglesias (1850-1925), fundador del Partido Socialista Obrero Español (PSOE) y de la Unión General de Trabajadores (UGT), quien había fallecido ese mismo año, dejando una fuerte impronta en la producción política intelectual

de nuestra protagonista. Como cuenta Rosa Solbes (2003), en sus primeras páginas había una petición: “todo hombre que adquiera y lea este libro deberá facilitar su lectura a las mujeres de su familia y de sus amistades, pues con ello contribuirá a la difusión de principios que conviene conozca la mujer en bien de las libertades ciudadanas” (Cambrils en Solbes, 2003). La autoría del prólogo es de Clara Campoamor -abogada, escritora y defensora de la emancipación de las mujeres, siendo una de las principales promotoras del sufragio universal femenino en España (1931). Aunque nunca se conocieron, Clara Campoamor “se refiere a ella como una militante que cree en la mujer porque cree en sí misma” (Solbes, 2003).

En esos años convulsos, las redes de mujeres socialistas, anarquistas y republicanas eran fuertes y muy activas, a pesar de muchas no conocerse personalmente. Contamos con figuras destacadas como Carmen de Burgos, Victoria Kent, Benita Ibáñez, Isabel Muñoz Caravaca, Virginia González, Pilar Ricart, Claudina García, María de Lluria, entre muchas otras de diferentes zonas de España, vinculadas a la militancia de las agrupaciones femeninas (Capel Martínez, 2008; Aguado; Sanfeliu, 2015). Sin embargo, María Cambrils contaba que había descubierto los postulados del socialismo entre conversaciones con su vecina Natividad, en la Calle Corset de Valencia. “Natividad fue la primera que le habló del ideal socialista, y quien la introdujo en las lecturas de Marx, (John) Ruskin, (Jean) Jaurès, Pablo Iglesias y (August) Bebel. De todos ellos, el último será el que será el ideario feminista de María” (Solbes; Aguado; Almela, 2015:32). Así, las primeras influencias se dieron gracias a las relaciones de amistad entre mujeres, para después, ser José Alarcón -obrero, militante socialista y compañero de vida de María⁸, otra figura crucial en el pensamiento-acción socialista y feminista de la escritora.

La segunda edición se hizo esperar, puesto que, en esa España de mantillas negras, procesiones y vírgenes en alza, apenas las convertidas en santas ocuparon un lugar en la historia⁹. Para el resto: silencio y sepultura. Cuando en 1992, la fundación Clara Campoamor de Bilbao decidió reeditar *Feminismo Socialista*, entró en contacto con la Biblioteca de la Dona (biblioteca de la mujer) de Valencia. Cuenta Rosa Solbes (2003) que no había rastro alguno de María Cambrils en el acervo de la biblioteca, ni tampoco en los archivos de la Comunidad Valenciana. La Historia había negado su existencia. El silencio sepulcral es el castigo del llamado a la revolución, que hace nuestra protagonista en sus textos. *Feminismo Socialista* ha sido considerado como la “Biblia de la vindicación de la mujer” (Solbes, 2003), sin embargo, como no me siento aún a metáforas católicas, prefiero considerarlo sencillamente un libro peligroso -como diría M^a Teresa Garzón Martínez (2018), “éstos son libros “no seguros” porque cuando los lees y los cierras nunca más volverás a ser la misma” (Garzón, 2018:82). Y es que *Feminismo Socialista* es una declaración abierta, pasional

8 María Cambrils y José Alarcón no llegaron a casarse, ni tuvieron hijos. La escritora defendió el amor libre, no sólo en su producción discursiva sino en todas las dimensiones de la vida.

9 Debido a la Guerra Civil (1936-1939) y la dictadura del General Francisco Franco (1939-1975).

y firme de los principios políticos de la autora, articulados por las matrices de género y clase, cuyo fin era movilizar a las mujeres, para transformar sus condiciones de vida en aquel modelo de capitalismo.

¿Y por qué no hemos de organizarnos las mujeres en colectividades de defensa para recabar, por medio de la acción conjunta, el reconocimiento de todos aquellos derechos que se nos detentan injustamente? Convenzámonos de que vegetando en el quietismo no haremos sino contribuir a perpetuar nuestro ignominioso estado de esclavitud doméstica; esperar confiadas junto al fogón el maná de nuestra manumisión civil y canónica es una estupidez o una cobardía censurable. (Cambrils en Solbes; Aguado; Almela, 2015: 203)

En este libro peligroso encontramos un análisis profundo de las relaciones de poder, que organizaban sexualmente la sociedad industrial de principios del siglo pasado. Las resistencias fueron múltiples y no sólo de la clase burguesa (y católica) sino incluso desde los propios compañeros militantes del partido. El llamado fue por la igualdad de derechos: “no se puede ser socialista sin ser feminista” y tal atrevimiento, molestó; en María Cambrils, el socialismo no se explica sin el feminismo, puesto que su vinculación era esencial para una transformación radical de la sociedad como un todo.

El artículo “María Cambrils, la famosa desconocida”, que Rosa Solbes publicó en el periódico El País, en febrero de 2003, fue la piedra de toque para destapar archivos e investigar sobre la vida-obra de esta escritora feminista valenciana. Finalmente, en 2015, la misma Rosa Solbes junto con las investigadoras Ana Aguado y Joan Miquel Almela sacaron a la luz el libro *María Cambrils. El despertar del feminismo socialista (biografía, textos y contextos)*, publicado por la Universidad de Valencia y prologado por Carmen Alborch¹⁰. Y esta investigación, que agradecemos y celebramos, nos muestra que los relatos históricos de las prácticas -políticas, sociales, culturales- de las mujeres son discontinuos y se encuentran repletos de recortes, silencios y muchas ausencias. A mi entender, la tarea es doble: abrir archivos, rastrear acervos y preguntarnos por sus condiciones de existencia, puesto que son espacios institucionales de memoria y por ende, de futuro. No se trataría apenas de comenzar a rellenar los vacíos de la Historia -generando un archivo de víctimas olvidadas, sino también de dismantelar las bases teóricas y metodológicas de la historiografía hegemónica de este país, con el fin de comprender los procesos que han sepultado a figuras como María Cambrils. Y con esto, no estoy afirmando que el trabajo de recuperación de datos no sea importante. Lo es y mucho, para trazar nuestras genealogías y reparar la memoria soterrada todavía hoy entre las ruinas del franquismo. Sin embargo, un proyecto emancipatorio, en términos historiográficos, deberá también desvelar las relaciones de saber-poder constituyentes de aquellas narrativas que han normaliza-

¹⁰ Carmen Alborch (1947-2018) fue una política y senadora socialista valenciana, escritora y feminista. Fue ministra de cultura durante los años 1992-1996 por el Partido Socialista Obrero Español -PSOE.

do la ocultación como práctica.



Un libro peligroso, Valencia 2015.

Fuente: <https://www.pikaramagazine.com/2015/07/maria-cambrils-pionera-del-feminismo-socialista/>

A modo de conclusión

María Cambrils Sendra falleció el 24 de diciembre de 1939 en Pego¹¹, un pueblo de la comarca de Alicante, en el que vivió los últimos años de su vida con su compañero José Alarcón. Su cuerpo debió ser enterrado en una fosa común, puesto que ni la familia, ni el ayuntamiento de ese municipio tienen datos al respecto. Los nacionales ganaron la guerra, enterraron los cuerpos en fosas sin nombres y quemaron los archivos. Fin de los libros y mujeres peligrosas. Apelar a la relevancia de producir genealogías propias no tiene que ver con averiguar los orígenes de nada, sino por el contrario, entender quiénes somos y por medio de qué procesos, prácticas y sujetos protagonistas-de-la-historia(s) nos hemos convertido en lo que somos. Vicente Company Gosp, hijo de la sobrina de María Cambrils, desconoce las razones por las que siempre se habló más del tío Alarcón que de la tía María, “¿Será por mujer? ¿Será por socialista? ¿Será por feminista?” (Solbes; Aguado; Almela, 2015:47).

11 El padre y la madre de María habían nacido en Pego, pero pocos años antes de nacer su hija, emigraron a El Cabanyal (Valencia) en busca de mejores condiciones laborales. Poco sabemos de su familia. El padre, Daniel Cambrils Moncho, era obrero y la madre, Andrea Sendra Camarena, no sabía leer ni escribir.

Aquello que más me entusiasmó del proyecto *La Ciudad de las Mujeres* fue justamente percibir el abanico de posibilidades, que tenemos para conocer nuestra historia, por vías menos canónicas. La “educación como una práctica de libertad” -diría bell hooks (1994) conlleva imaginar formas creativas de producir conocimiento, necesariamente en relación con (alguien), generando narrativas visuales con las técnicas del *collage* o recorriendo la ciudad que vivió María Cambrils. Pues finalmente, mover el cuerpo implica movilizar el mundo. Este artículo se lo dedico a mi sobrina Ainhoa Marugán Cana, nacida en Valencia hace cinco años, para que conozca un poco más de dónde viene.

Referencias

AGUADO, Ana; SANFELIU, Luz. “Juventud, socialismo y compromiso político femenino: entre el asociacionismo y la militancia (1906-1931)”. *Revista Ayer*, 100 (4), pp. 47-72, 2015.

AGUADO, Ana. “Entrevista con la librería Cazarabet”. *Fábrica de la Memoria*, 26 noviembre 2015. Disponible en: <<http://fabricadelamemoria.com/series/incunables-del-siglo-xxi/491-una-mujer-feminista-y-socialista-maria-cambrils>> Consultado: 21.09.2020.

CAPEL MARTÍNEZ, Rosa María. “Mujer y Socialismo (1848-1939)”. *Pasado y Memoria. Revista de Historia Contemporánea*, 7, pp. 101-122, 2008.

FEDERICI, Silvia. *Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria*. Madrid, Traficantes de sueños, 2004.

GARZÓN MARTÍNEZ, María Teresa. “Defender Fantasía: Hacia un modelo de crítica cultural feminista”. *Revista Ístmica*, 22, pp. 77-99, 2018.

SOLBES, Rosa; AGUADO, Ana; ALMELA, Joan Miquel. *María Cambrils. El despertar del feminismo socialista (biografía, textos y contextos)*. Valencia, Editorial Universidad de Valencia, 2015.

SOLBES, Rosa. “María Cambrils, la famosa desconocida”. *El País*, 9 febrero 2003. Disponible en: < https://elpais.com/diario/2003/02/09/domingo/1044766360_850215.html > Consultado: 21.09.2020

HIP-HOP E ANTIPROIBICIONISMO: AS MULHERES DO RAP E O DEBATE ANTIPROIBICIONISTA NA CIDADE DE SALVADOR

Camila Negretta Moreira [1]

Resumo

O artigo visa analisar a cena soteropolitana de *rap*, a fim de compreender como as artistas (mulheres) exploram o potencial revolucionário desse recorte do *hip-hop* em alinhamento com um debate antiproibicionista. A partir de uma pesquisa bibliográfica, uma entrevista realizada com quatro mulheres integrantes da cena do *rap* em Salvador e minhas vivências no movimento *hip-hop*, busco com este artigo dar visibilidade à observação da presença ou não do debate antiproibicionista no trabalho de outras artistas mulheres do *rap* em pesquisas futuras.

Palavras-chave: *hip-hop*; *rap*; antiproibicionismo; mulheres.

O *hip-hop* é essencialmente uma arte preta e revolucionária, uma ferramenta de contestação e reivindicação social, não só por ser reflexo da cultura de sua época, mas principalmente por atingir seus espectadores com sua mensagem de forma ampla e cotidiana, diferente do discurso acadêmico. Mas as produções artísticas contemporâneas com finalidade de protesto nem sempre são valorizadas (MIRANDA, 2013), principalmente quando partem diretamente do grupo marginalizado ao qual se referem e defendem, como é o caso da cena do *rap* em Salvador.

A pesquisadora Andreia Moassab (2008) define o *hip-hop* como um movimento social. Segundo a autora, ele tem sua identidade construída a partir de um sujeito étnico negro, o Estado opressor como adversário e uma rede de ações que denunciam desigualdades sociais e oferecem possibilidades de transformação social. Sob essa perspectiva, entende-se que, nas quatro expressões artísticas que o constituem (dança, música, poesia e pintura), o *hip-hop* explora todo o potencial revolucionário que a arte oferece. Mesmo com falta de incentivo financeiro, o *rap* se torna cada vez mais popular na capital baiana. E eventos, grupos e coletivos da cidade, como o Slam das Minas, Sarau da Onça, Coletivo Zeferina, Batalha das Bruxas, entre outros, pro-

1 Curitiba que há quatro anos escolheu Salvador para viver, sou bacharela interdisciplinar em Artes (Ufba), graduanda de Design e Programação Visual (Ufba) e artista plástica. A arte sempre foi presente na construção da minha identidade como mulher negra, mas foi em Salvador, em contato com o movimento *hip-hop* e cena artística LGBT locais que me descobri artista, devido a uma necessidade de me reconectar com os outros e comigo mesma, dentro da minha, então, nova realidade. Tanto na pintura tradicional quanto em intervenções urbanas de estêncil e pichação ou experimentações em cerâmica, inspiro-me na vivência de ser uma mulher negra e lésbica para representar o corpo negro em fluxo e resistência, partindo do meu lugar como acadêmica e das minhas próprias percepções dentro de um constante processo pessoal de desconstrução, empoderamento e resgate da minha ancestralidade.

movem encontros auto-organizados de artistas e apreciadores da cena em competições de rima. Mas, para além desses momentos, o interesse por músicas gravadas em estúdio e disseminadas em plataformas de *streaming* por artistas locais também cresce, e é a partir desse material e da entrevista com mulheres que constroem essa cena, cruzados com uma pesquisa bibliográfica, é que o diálogo aqui proposto acontece.

O presente artigo, tendo a cena do *rap* como recorte do movimento *hip-hop* soteropolitano, procura mostrar como suas artistas (mulheres) têm explorado seu potencial revolucionário em alinhamento com um debate antiproibicionista. E com isso, promover o registro dessa cena em expansão, de forma diversa ao tratamento que recebe da academia e da indústria cultural, as quais concentram sua atenção nas produções do Sudeste masculino brasileiro.

Para esta proposta de análise, vale lançar um olhar sobre como a política proibicionista foi implantada no Brasil, levando em consideração que um debate sobre as produções audiovisuais do movimento *hip-hop* sugere um entendimento sobre o histórico desse processo de criminalização das drogas.

A criminalização das drogas no Brasil começa na década de 1920, com a proibição do consumo e o comércio não regulamentado de substâncias como ópio, cocaína, morfina e derivados, mas sem um combate assíduo contra a sua venda, pois priorizava-se a repressão ao usuário, e não aos comerciantes (CARNEIRO, 2002).

Já na década de 1930 – cerca de 40 anos depois da abolição da escravatura – a maconha, que era uma droga popularizada entre negros e periféricos devido a sua herança cultural de consumi-la, baixo custo e a possibilidade de cultivo, foi citada nominalmente pela primeira vez como uma droga ilícita. A inclusão da erva no Decreto nº 20.930, de 11 de janeiro de 1932, fez parte de uma série de medidas da época, que criminalizavam práticas ligadas à população negra, como organizar rodas de samba, capoeira ou cultos de umbanda e candomblé. De acordo com Lunardon (2015), para garantir o cumprimento de tais proibições foram criadas as Delegacias de Costumes, Tóxicos e Mistificações (DCTM). Com isso, o objetivo do Estado era controlar socialmente os negros e sua cultura, já que a escravidão não era mais uma alternativa.

A partir disso, o consumo da *Cannabis* foi oficialmente associado à prática de depreciação de hábitos ligados à cultura periférica, intensificando sua marginalização e dando origem a diversos estigmas que até hoje norteiam o debate acerca do assunto, principalmente aqueles que recaem sobre usuários, já que o consumo de entorpecentes ainda é comumente visto como falha no caráter do indivíduo, em vez de um hábito de raízes socioculturais.

Na década de 1970, durante a ditadura militar, o hábito do regime de importar políticas norte-americanas refletiu no tratamento dado pelo Estado brasileiro às substâncias psicoativas. A guerra às drogas estadunidense, declarada por Nixon, foi trazida para o Brasil e a América Latina em geral por meio do Drug Enforcement Administration (DEA), cujo argumento de garantir a erradicação do tráfico servia de justificativa para ações intervencionistas políticas e econômicas dos Estados Unidos no continente sul-americano durante a Guerra Fria (COSTA, 2007).

A política proibicionista importada pelo Brasil, associada ao histórico racial da criminalização, refletiu fortemente no tratamento dado aos usuários de substâncias psicoativas no Brasil. No senso comum, embasada numa equivocada lógica mercadológica de oferta e procura, a causa do crescimento do tráfico de drogas costuma ser atribuída aos usuários. Desconsiderando-se, assim, diversos fatores políticos, sociais e econômicos que constroem essa questão. Essa mesma política proibicionista também atua no fortalecimento do tráfico, visto que sua alta rentabilidade se sustenta na ausência de regulamentação e taxaço sobre produção e venda dessas substâncias e assim como no mercado ilegal de armas. Somado a isso, a ausência de ações educativas para a população sobre o assunto faz com que a política nacional de combate às drogas se mostre completamente ineficiente, uma vez que, meio século depois de sua implementação, ainda não seja possível vislumbrar nenhuma efetividade no combate ao tráfico ou diminuição do consumo de drogas ilícitas.

Alguns autores trazem reflexões acerca dos desdobramentos da política proibicionista no Brasil. A insistência do Estado em investir nessa política retrógrada tem como consequência o aumento da violência, ao permitir que a prática da Política Nacional de Segurança Pública mantenha um estado de exceção em comunidades periféricas. De acordo com Waiselfisz (2014), tal fato contribui para um regime de perpetuação da pobreza e genocídio da juventude negra. Já segundo Misse (2011), outro desdobramento do proibicionismo diz respeito a como enxergamos socialmente as drogas e seus consumidores. Colocar o usuário como causa principal dessa violência em vez de assumir a incompetência da política aplicada para combater o tráfico impede que se construa um debate educacional e efetivo sobre o consumo de drogas ilícitas e seu contexto psicossocial. Esse estigma, que julga usuários e dependentes químicos como criminosos, dá respaldo para repressão, reafirmando a criminalização como um instrumento de controle social.

O *hip-hop* é uma ferramenta de denúncia negra nas periferias, e, entendendo que esse é o cenário de maior conflito e violência promovidos pela política proibicionista, é nele em que a resistência e a busca por mudança se tornam inspiração para a produção artística do movimento em todas as suas formas de expressão.

A partir daqui apresentarei minhas percepções a respeito da relação entre a produção das mulheres da cena do *rap* de Salvador e a perspectiva antiproibicionista, com base na minha vivência como público e ouvinte e entrevistas com algumas dessas artistas. Realizei as entrevistas via WhatsApp, entre os dias 10 e 13 de setembro de 2020, aplicando um questionário de perguntas gerais sobre o tema, as quais foram respondidas por gravações de áudio.

As entrevistadas foram mulheres negras que constroem a geração atual da cena do *rap* em Salvador: Ludmila Singa, artista urbana, poeta e produtora cultural integrante do Selo Nsabas, de 22 anos, a poeta e mãe Sophia Araújo, que cresceu no Centro Histórico da capital e é ex-integrante do Coletivo Vira-Latas, 23, Áurea Maria, produtora e MC oriunda de Cajazeiras e integrante do Selo Balostrada Records, 23, e Pollyanna Menezes, 24, nascida e criada no bairro de São Caetano, é pichadora, cantora e MC.

Em 2016, durante a ocupação da sede do Ministério da Cultura em Salvador, Sophia teve contato com o que ela definiu como “o movimento *hip-hop* completo”, e, ao ouvir Fabiana Lima, Nega Fya, recitar, se encontrou na poesia. Singa teve seu primeiro contato com o movimento por meio do grafite em 2015, quando fez parte da Crew Donas do Rolê, e desde 2017 organiza o Slam das Minas (BA) junto com Nega Fya. No mesmo ano, Suja teve a pichação e a poesia recitada nos ônibus como porta de entrada na cena, e fez sua primeira apresentação em público na primeira edição do Slam das Minas. Para Áurea Maria ou Semiséria, uma das primeiras referências além dos grupos NPN e Saca Só – ambos soteropolitanos – foi Kmila CDD (RJ), o que mostra um ponto em comum na trajetória de todas as entrevistadas: a presença de uma referência feminina em seus processos de autoafirmação como artistas, lugar em que elas também se enxergam atualmente.

Sobre o fato de serem mulheres e a cena do *rap* de Salvador ser majoritariamente masculina, e os obstáculos que isso acarreta, Pollyanna, mais conhecida como Suja dFato, define o lugar que ocupa na cena local como “a resistência dentro da resistência” (MENEZES, 2020). Singa define sua poesia como uma poesia preta, que resiste mesmo que atingida pela desigualdade de gênero que dificulta a entrada das mulheres no *rap*. “Existe um sistema, para além do *hip-hop*, que domina e coloca a gente nesse local. Mas eu sou uma mulher preta ativa, que produz, e independente do sexismo que existe, eu estou ativa, e não vou parar” (SINGA, 2020).

Outra convergência em seus percursos é que essas quatro artistas veem suas realidades como mulheres negras, e a da população periférica, entrelaçadas com suas produções artísticas, que são construídas, entre outros posicionamentos similares, a partir de uma perspectiva antiproibicionista.

Minhas poesias carregam muito dessa perspectiva (antiproibicionista) porque é uma experiência que eu vivo, vejo e vivencio na minha comunidade e dos meus amigos. A política proibicionista é um projeto de genocídio da população negra, que busca atuar como forma de controle social. A gente sabe que as classes média e alta também consomem (drogas ilícitas), mas a bala só atinge corpos negros e periféricos. [...] Em certa instância precisam do nosso dinheiro e nosso trabalho, mas usam a violência para nos controlar pelo medo. O *hip-hop* traz muito disso na música, e no *rap* de mensagem isso sempre vai estar presente, porque faz parte do nosso dia a dia (SINGA, 2020).

Entendendo a violência contra a população negra e periférica como uma consequência da política proibicionista, e sua arte como produto de suas vivências, as mulheres entrevistadas levam ao seu público não só crítica ao sistema genocida, mas também conscientização sobre a realidade cruel do tráfico para a própria periferia. Foi citada por Singa, Sophia e Suja uma parte da cena do *rap* que aborda a questão das drogas numa perspectiva de validação do tráfico e o abuso de drogas como uma experiência associada ao que é “viver o *hip-hop*”. Associamos esse comportamento à produção majoritariamente masculina, nas palavras de Singa (2020), motivadas pelo “[...] pouco diálogo e propriedade sobre uma política antiproibicionista e de redução de danos” entre esse grupo. Também percebemos essa perspectiva ligada à afirmação de uma identidade associada ao consumo de drogas, ausente de referência a políticas de redução de danos, e difundida pela indústria musical. Ainda segundo Singa (2020), “[...] ao mesmo tempo a galera que está no *hype* faz certa apologia às drogas, que é o que a indústria gosta, então quem quer ter o *hype* reproduz isso como um *mood* do *hip-hop*”.

Enquanto, nas músicas e poesias das mulheres que vivenciam o *rap* em Salvador, é observada a busca por informar sobre os fundamentos do pensamento antiproibicionista, e denunciar que tanto a proibição quanto o tráfico são ferramentas de controle social e extermínio do corpo negro, como ilustrado pelo trecho da video-poesia “Poesia de uma vira-lata”, escrita e recitada por Sophia Araújo:

Os olhos estão vendados/ as bocas amordaçadas, mãos e pés amarrados/
a revolta foi tomada por drogas e armas/ Mentas brilhantes trancadas em
jaulas/ dopadas pela violência do sistema/ e meus irmãos crendo que o
crime é o dilema / onde a morte veste farda, enquadra, tortura psicológica-
mente/ molesta corpo de afrodescendente/ A morte aqui abusa do
poder, pois o pacto é pela vida/ mas aquela coisa, se ficar vai morrer/ a
morte não quer nem saber/ e o próximo neguinho que passar é só des-
travar, descarregar/ corpo em qualquer lugar é lugar/ e quem viu nada
vai poder falar/ A morte foge a caminhada/ e o neguinho só voltava pra
casa/ Na mídia, história mal contada/ assalto a mão armada/ A morte
não para/ coleciona estatística na farda/ E quem tá carregando o fardo/ é
a mãe de mais um favelado.

Descrevendo a cena do *rap* soteropolitano como rica e potente, apesar da grande escassez de fomento e investimento econômico, Suja e Singa sentiram a necessidade criar espaços onde o protagonismo fosse feminino, e, assim, ambas têm sido algumas das responsáveis pela organização da Batalha das Bruxas e Slam das Minas (BA), respectivamente. O objetivo por trás desses eventos é construir um ambiente acolhedor para as mulheres que fazem *rap* e poesia na capital, que, além de servirem como focos de troca de conhecimento e experiências, incentivam jovens mulheres a se unirem à articulação auto-organizada desse grupo fundamental para a existência da cena.

Como considerações finais a partir do levantamento teórico realizado, e levando em consideração a prática e a contribuição da produção artística e cultural das mulheres ouvidas como exemplo desse recorte da cena do *rap* em Salvador, não foi possível observar sua desvinculação de um discurso antiproibicionista. Entendendo a arte como ferramenta de conscientização e transformação social, é evidente a importância do trabalho de tais artistas para um processo de reparação histórica. Assim, partindo do pressuposto de que num quadro nacional o contexto social do *rap* não seja diferente, podemos esperar que essa seja a realidade encontrada nas cenas de outros lugares do Brasil, se observadas a partir das mesmas condições. Nesse sentido, espero que este artigo possa trazer mais visibilidade à necessária observação da presença ou não do debate antiproibicionista no trabalho de outras artistas do *rap* em futuras pesquisas, contribuindo para que o viés hegemônico (artistas homens, majoritariamente do sul do país) não suprima a resistência e o debate vislumbrados no trabalho artístico das mulheres que atuam na cena *hip-hop*.

Referências

CARNEIRO, Henrique. "As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX". *Revista Outubro*, vol. 6, pp. 115-128, 2002.

COSTA, André Saldanha. *A Regra da Exceção: poder soberano e biopolítica na "Guerra às Drogas"*. Dissertação de mestrado em Ciência Política, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2007.

LUNARDON, Jonas Araújo. *Maconha, Capoeira e Samba: a construção do proibicionismo como uma política de criminalização social*. Rio Grande do Sul: 1º Seminário Internacional de Ciência Política, 2015. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/LUNARDON-J.-Maconha-Capoeira-e-Samba-a-constru%C3%A7%C3%A3o-do-proibicionismo-como-uma-pol%C3%ADtica-de-criminali>

za%C3%A7%C3%A3o-social.pdf> Acesso em 5 set. 2020.

MENEZES, Pollyanna. Entrevista concedida a Camila Negretta Moreira. Salvador, 13 set. 2020.

MISSE, Michel. "As drogas como problema social". *Revista Periferia*, vol. 3, n. 2, 2011.

MIRANDA, Rodrigo. *Ativismo artístico: a arte como protesto político*. Rio de Janeiro: pós-graduação em jornalismo cultural (Uerj), 2013. Disponível em <<https://coletivorepensado.wordpress.com/2013/07/23/ativismo-artistico-a-arte-como-protesto-politico/>> Acesso em 2 set. 2020.

MOASSAB, Andreia. *Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do Hip-Hop*. Tese de Doutorado em Comunicação. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

SINGA, Ludmilla. Entrevista concedida a Camila Negretta Moreira. Salvador, 10 set. 2020.

SOPHIA ARAÚJO. Salvador: Suco Produções, 16 ago. 2018. Disponível em <<https://youtu.be/tprdpuSZZso>>

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil*. Brasília: 2014. Disponível em <<https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/80>. Acesso em> 28 ago. 2020.

A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE A PARTIR DE VOZES-MULHERES [1]: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA ABORDAGEM DO TEMA SANEAMENTO BÁSICO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Brenda Iolanda [2]

Resumo

Por meio de vozes-mulheres, como Nilma Lino Gomes, bell hooks, entre outras, o presente texto tem como objetivo apresentar uma proposta pedagógica para se trabalhar o tema saneamento básico nas séries finais do Ensino Fundamental. Esta sequência didática busca tecer vínculos afetivos e de engajamento a partir do diálogo com vida e obra de Carolina Maria de Jesus. Assim, promovendo a problematização das desigualdades sociais e o anúncio de novas possibilidades de se aprender e ensinar Ciências e Saúde contextualizadas com as experiências de vida.

Palavras-chave: mulheres negras; comunidades pedagógicas; lei 10.639/03.

Introdução

O modelo de desenvolvimento econômico global que tem se mostrado insustentável, vem nos deixando cada vez mais vulneráveis às crises socioambientais, adoecendo não só parte da população como também levando à destruição diversos ecossistemas. Com o avanço da ciência e da tecnologia, havia uma crença de que problemas relacionados à fome, à pobreza, às doenças, entre outros, seriam solucionados. Entretanto, com o passar dos anos, o que se tem percebido é que os interesses econômicos capitalistas vêm se apropriando, cada vez mais, de contribuições científicas e tecnológicas. Os efeitos desse processo vêm sendo traduzidos, entre outras coisas, em catástrofes climáticas, crimes ambientais, disseminação de doenças e a violação de direitos humanos (STENGERS, 2015).

Isso fica bastante evidente nos países da América Latina, especialmente no Brasil – um dos países mais desiguais do mundo. Com o avanço da pandemia do novo coronavírus, as injustiças de raça e gênero ficaram ainda mais agravadas. O alto número de pessoas infectadas e mortas pelo vírus soma-se a outros problemas de saúde pública ainda não superados, como, por exemplo, a dengue, a febre amarela e outras doenças (WENHAM, 2020). Nesse sentido, a Educação em Ciências e Saúde torna-se fundamental para entendermos a dimensão dos desafios que nos assolam. No intuito de não só possibilitar a aprendizagem de conceitos específicos

1 "Vozes-Mulheres" faz referência a um poema da autora Conceição Evaristo, publicado em sua obra *Poemas de Recordação e Outros Movimentos* (2008), que evoca a luta coletiva de mulheres negras pela liberdade.

2 Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas (UFRJ). Mestranda em Educação em Ciências e Saúde (NU-TES-UFRJ). Orientadora e co-fundadora da Liga de Saúde Coletiva de Macaé (LASCOM).

da relação saúde-doença, mas também como via de construção de uma consciência crítica e engajada para a superação das desigualdades sociais.

Logo, segundo o pensamento de autoras como bell hooks (2018) – mulher negra, professora e feminista – contribui ao se pensar o processo educativo partir de uma perspectiva pedagógica feminista interseccional. Ou seja, através do olhar para as imbricações de categorias como raça, gênero e classe, podemos estruturar o aprendizado partindo da valorização das subjetividades e sua relação com os temas emergentes, de forma a confrontar o sexismo e o racismo presentes na sociedade. O que é de grande importância, visto que a atual crise sanitária nos direciona para inúmeras questões, dentre elas, a problemática acerca do saneamento básico no Brasil. É válido dizer que, mesmo antes da pandemia, milhares de pessoas já sofriam com as consequências da falta de saneamento básico, principalmente as mulheres negras, sendo as mais vulnerabilizadas (GOES, 2020). Nesse sentido, a discussão acerca desse tema se faz atual e urgente frente aos desafios que estamos vivenciando.

Em sua obra *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013), a autora bell hooks pontua a importância de se pensar a sala de aula como espaço de possibilidades para a cocriação de realidades mais inclusivas. Inspirada pelas ideias e contribuições do educador Paulo Freire, a autora aposta nas vozes subalternizadas como parte fundamental para a construção do conhecimento. Assim, o presente texto tem como objetivo partir de referenciais teóricos de mulheres como bell hooks, Nilma Lino Gomes, Giovana Xavier, entre outras, para pensar em uma proposta de sequência didática que discuta o saneamento básico a partir de uma concepção antirracista e antissexista.

Percursos metodológicos para a sala de aula engajada: a Lei 10.639/03 e a Educação em Ciências e Saúde

Fruto de intensas mobilizações do movimento negro contra o racismo estrutural e institucionalizado brasileiro, a Lei 10.639/03 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de forma a destacar a formação cidadã e o combate às práticas discriminatórias na sociedade. Há quase duas décadas que a lei tornou o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira obrigatório nas instituições de ensino do Brasil (BRASIL, 2003). De acordo com professora Nilma Lino Gomes (2012), com a Lei 10.639/03 houve possibilidades para uma mudança epistemológica e política frente à educação das relações étnico-raciais, principalmente, quando olhamos os currículos – dispositivos que privilegiam, muitas vezes, abordagens educacionais voltadas para a percepção e construção de concepções eurocêntricas do

conhecimento.

Isso é de extrema relevância para um país em que cerca de 56% de sua população é constituída por pessoas negras – pretos e pardos – (IBGE, 2019). Sendo a educação como uma das principais vias de mobilidade social para pessoas negras, como aponta Sueli Carneiro (2014), levar em consideração as contribuições históricas e culturais da África e da diáspora africana pode contribuir para que pessoas não brancas possam se desenvolver em plenitude e gozar de seus direitos. Entretanto, para que isso possa ocorrer, devemos prezar pela construção de currículos que privilegiem as vozes que historicamente foram e ainda são silenciadas.

O diálogo da Educação em Ciências com o campo da saúde tem se mostrado importante para se pensar em uma aprendizagem que vise o enfrentamento das iniquidades sociais. Apesar do campo da Educação em Ciências apresentar trajetória histórica diferente do campo da Educação em Saúde e ambos terem suas concepções e aplicações, a inserção dos temas de saúde nos currículos brasileiros possibilitou que houvesse maior diálogo e convergência entre essas diferentes áreas do conhecimento (MARTINS, 2019). Podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que visam estabelecer a saúde como tema transversal a ser trabalhado nas escolas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que, ao realizarmos uma busca acerca da palavra “saúde”, percebemos a relação com a área das Ciências da Natureza, por exemplo. Portanto, fazendo parte do desenvolvimento das competências específicas para o ensino fundamental em que enfatiza o:

Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza para tomar decisões frente a questões científico-tecnológicas e socioambientais e a respeito da saúde individual e coletiva, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2015)

Com base nisso, podemos perceber o potencial das disciplinas de ciências em discutir temas acerca da saúde para a promoção da cidadania. Isso pode ser potencializado a partir de uma perspectiva da educação das relações étnico-raciais e de gênero. Como materialização dessa discussão, busco aqui a construção de uma sequência didática que tem como objetivo abordar a problemática do saneamento básico a partir do diálogo sensível com a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, de forma a tecer diálogos entre diferentes campos de saberes acerca da temática para assim promover o desenvolvimento dos princípios éticos, sustentáveis e solidários. E por entender que a Educação em Ciências e Saúde deve levar em consideração as subjetividades subalternizadas, principalmente, de mulheres negras. Trata-se de promover uma discussão que proporcione maior engajamento, consciência crítica e

processos de humanização para o público das séries finais do Ensino Fundamental. Portanto, de forma a pautar a justiça social e a sua relação com o exercício de direitos fundamentais, tal qual o acesso ao saneamento básico e à água. Para isso, a atividade conta com tempo sugerido de dedicação de cerca de cinco aulas de cinquenta minutos. Como aporte metodológico, buscarei a partir de Delizoicov (2002), o estabelecimento de uma sequência didática com os três momentos pedagógicos que visam a problematização, organização e síntese dos conhecimentos construídos entre discentes e docentes acerca da temática (tabela 1).

Quadro 1. Proposta de atividades para sequência didática para se discutir o tema saneamento básico.

Momento pedagógico	Duração das atividades	Atividades propostas
Problematização	2 aulas	<p>Visualização do vídeo “Quem foi Carolina de Jesus?” do Canal Curta! (YouTube) – Duração de 4 min 26 s</p> <p>Leitura de trechos da obra <i>Quarto de Despejo</i> – diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.</p> <p>Sensibilização e discussão sobre os trechos do livro e o vídeo.</p>
Organização e síntese do conhecimento	2 aulas	<p>Aula interativa sobre o saneamento básico.</p> <p>Conceito e legislação; caracterização dos ambientes sem saneamento básico. Importância do saneamento básico para a saúde individual e coletiva (apontamento de doenças causadas pela falta de saneamento); panorama brasileiro e regional acerca do acesso ao saneamento básico; identificação dos grupos mais afetados pela falta de saneamento básico e acesso à água, partindo de análises acerca de raça, gênero e classe; apontamentos sobre a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) na prevenção e tratamento de doenças causadas pela falta de saneamento básico;</p> <p>relação da importância do saneamento básico para o enfrentamento da pandemia da Covid-19.</p>

Aplicação do conhecimento	1 aula	Atividade “Cartas para Carolina Maria de Jesus”. Elaboração e exposição de fanzines acerca do saneamento básico.
---------------------------	--------	---

Fonte: Os três momentos pedagógicos de acordo com Delizoicov (2002)

Devido às circunstâncias da pandemia do novo Coronavírus, muitas atividades vêm sendo desenvolvidas de forma remota. Nesse sentido, as adaptações podem ser realizadas de forma a preservar a ideia da sequência didática.

Problematizando por meio da palavra feminina e negra: o que Carolina Maria de Jesus tem a nos ensinar?

A professora e pesquisadora negra Giovana Xavier em *Você Pode Substituir Mulheres Negras como Objeto de Estudo por Mulheres Negras Contando Sua Própria História* (2019), discute em alguns momentos a ideia de intelectuais negras e suas potencialidades para a construção de uma sociedade mais democrática e justa. A autora nos convida a pensar: Como, em um país em que temos como a maioria a presença de mulheres e pessoas negras, o *status* de produção de conhecimento ainda fica confinado a uma lógica branca e masculina?

Sendo assim, inspirada em autoras como bell hooks, a professora Giovana Xavier traz à tona a necessidade de reconhecermos as contribuições intelectuais de mulheres negras, principalmente, por entender seu papel histórico na construção da sociedade brasileira. Por meio de sua prática pedagógica, a autora nos incentiva a considerar as nossas próprias narrativas de vida assim como as contribuições de pessoas como Conceição Evaristo, Elza Soares, Dona Ivone Lara, entre tantas outras, para se construir comunidades de aprendizado.

A partir disso, ao pensar neste primeiro momento pedagógico da sequência didática para entendermos mais a fundo a complexidade da temática acerca do saneamento básico, proponho que o legado intelectual de Carolina Maria de Jesus possa ser considerado. Por meio de sua história de vida, sua produção intelectual e obras notáveis, como o *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, publicado em 1960, Carolina produz importantes reflexões a partir do seu lugar social para se pensar as desigualdades sociais no Brasil. Nessa obra, Carolina narra em seu diário os desafios de ser mãe solo na antiga favela do Canindé na década de 1950. As cenas apresentadas por Carolina trazem diversos debates à tona, como a questão da fome, da falta de planejamento urbano, da luta pelo acesso à educação e aos serviços de saúde.

Inicialmente, a educadora ou educador pode perguntar aos alunos quem conhece Carolina Maria de Jesus e a sua importância para a história do Brasil. Posteriormente, a fim de motivar maior curiosidade acerca da autora, podemos apresentar aos alunos e alunas um vídeo breve sobre a biografia de Carolina Maria de Jesus, disponível no YouTube, no Canal Curta! (figura 1).

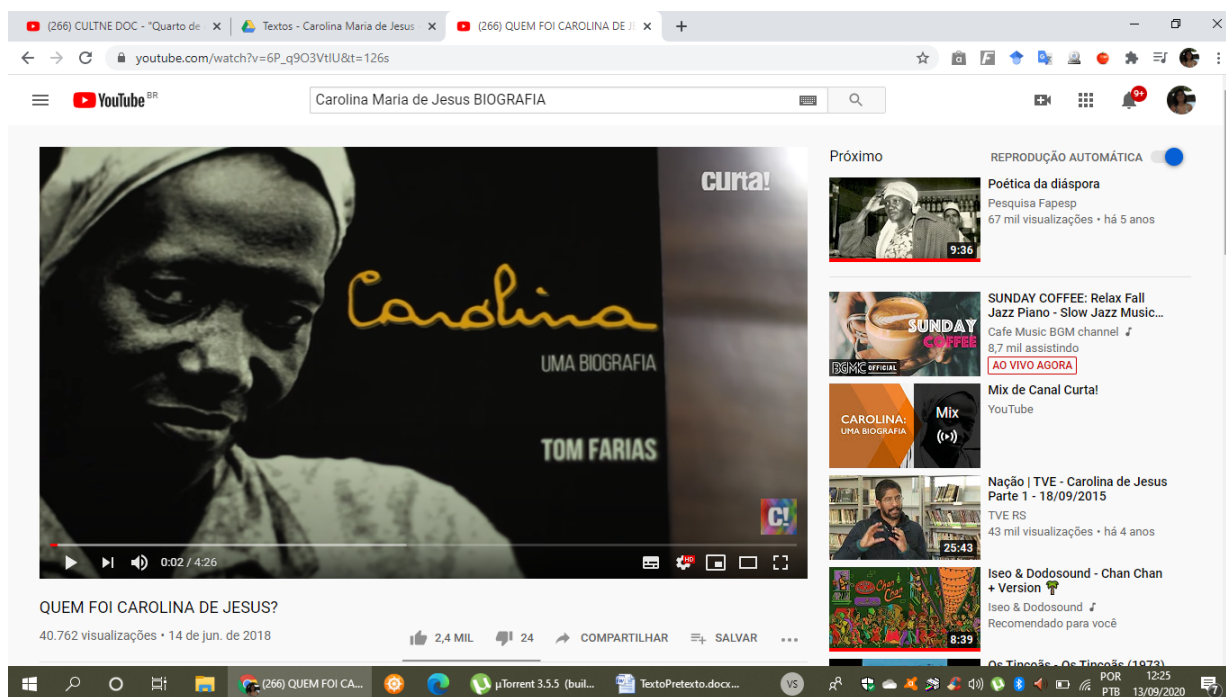


Figura 1. Vídeo “Carolina uma biografia”, de Tom Farias. Nesse vídeo, o autor expõe um breve relato sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus de forma a ressaltar sua importância para o pensamento da sociedade brasileira. Disponível no link: <https://youtu.be/6P_q9O3VtIU>

Após apresentar a trajetória de Carolina, o professor pode perguntar aos alunos suas inquietações, assim como pode motivar os alunos a pensarem sobre de quais formas suas experiências de vida dialogam com a história de Carolina. Para incentivar os alunos a falarem sobre suas experiências e inquietações, o professor pode começar fazendo esse exercício. A autora bell hooks (2013) enfatiza que o compartilhamento de experiências subjetivas de alunos e professores contribui para que se crie um ambiente problematizador ao mesmo tempo que abre possibilidades para a construção de vias de sensibilização e solidariedade entre as pessoas presentes. Esse processo é de suma importância para o estabelecimento de comunidades pedagógicas.

Em seguida, podemos apresentar aos alunos o livro *Quarto de Despejo* – diário de uma favelada e pedir para que a turma possa se dividir em grupos para a leitura compartilhada de trechos do livro. Dentre os trechos, podemos destacar aqueles que trazem imagens acerca do cotidiano de Carolina e seus familiares assim como sua relação com as questões socioambientais presentes no livro, como aponta a tabela a seguir:

Quadro 2. Propostas de trechos a serem trabalhados na sala de aula para sensibilização e problematização das condições de vida e reflexões apresentadas por Carolina Maria de Jesus (1992).

Livro	Trechos
<p><i>Quarto de Despejo – diário de uma favelada</i></p>	<p>“15 de julho... Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente sozmos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar [...]” (p. 11).</p>
	<p>“11 de junho... Já faz seis meses que eu não pago a agua. 25 cruzeiros por mês. E por falar na agua, o que eu não gosto e tenho pavor é de ir buscar agua. Quando as mulheres aglomeram na torneira, enquanto esperam a sua vez para encher a lata vai falando de tudo e de todos [...]” (p. 56).</p>
	<p>“19 de junho... A Vera ainda está doente. Ela disse-me que foi a lavagem de alho que eu dei-lhe fez mal. Mas aqui na favela várias crianças está atacadas com vermes [...]” (p. 66).</p>
	<p>“13 de julho... Estão chegando as enfermeiras do Frei Luiz que vem curar as chagas dos favelados. Elas estão ensinando as crianças a rezar. (...) Eu queria saber como é que Frei Luiz descobriu que os favelados tem chagas [...]” (p. 92).</p>
	<p>“18 de julho... Saí para catar papel. Ouvi as mulheres lamentando com lágrimas nos olhos que não aguenta mais o custo de vida [...]” (p. 94).</p>
	<p>“5 de janeiro... Está chovendo. Fiquei quase louca com as gotteiras nas camas, porque o telhado é coberto com papelões e os papelões já apodreceram. As águas estão aumentando e invadindo os quintais dos favelados [...]” (p. 150).</p>

Fonte: elaborada pela própria autora

Neste momento é importante que o educador se atente às palavras que os alunos enfatizam durante suas discussões, de forma a contextualizar com o tema da aula seguinte, que terá como intuito a abordagem científica e em saúde acerca do saneamento básico. Nesta primeira etapa, é interessante que todas as pessoas possam compartilhar suas experiências e impressões sobre o pensamento e literatura de Carolina, de forma a valorizar seu legado e seus impactos na formação humana e cidadã de cada pessoa.

Organização do conhecimento: tecendo diálogos entre experiências de vida e a problemática do saneamento básico

Compreende-se por “saneamento básico” o conjunto de medidas que tem por objetivo a preservação ou modificação das condições ambientais para a prevenção de doenças, promoção da saúde e qualidade de vida. É importante dizer que o saneamento básico é um direito fundamental e previsto na Constituição Federal determinado pela Lei nº 11.445/2007. De fato, a realidade presente no livro de Carolina Maria de Jesus nos oferece inúmeras possibilidades de reflexões. E apesar do livro ter sido escrito na década de 1950, ainda hoje é possível se deparar com muitas regiões que sofrem com a falta de acesso ao saneamento básico, à água potável e suas consequências para a saúde pública.

De acordo com os dados do instituto Trata Brasil (2020), estima-se que atualmente, no Brasil, aproximadamente de 16,38% de sua população não tem acesso ao abastecimento de água, isso representa cerca de 35 milhões de pessoas. Outro dado que o instituto aponta é que apenas 46% do volume gerado de esgoto recebe tratamento no nosso país. Segundo a plataforma digital Mulheres e Saneamento, da empresa BRK Ambiental, os dados referentes à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continuada de 2016 (PNADC) apontam o grupo das mulheres pretas, pardas e indígenas como sendo o mais afetado. De acordo com a pesquisa, cerca de 635 mil mulheres encontram-se na linha da pobreza, em que três quartos representam as mulheres negras. Sendo que em torno de 15,2 milhões de mulheres declaram não ter acesso à água tratada, e 27 milhões relatam não ter acesso à infraestrutura sanitária.

Esses dados se mostram de sua relevância principalmente para o atual contexto de pandemia da Covid-19, posto que as principais medidas de contenção e enfrentamento do vírus passam pela discussão da garantia de acesso a direitos fundamentais, como é o caso do saneamento básico e acesso à água. E, embora essa proposta não tenha como intuito abordar as questões da pandemia diretamente, esta sequência didática lança possibilidades para que essa discussão possa ocorrer em consonância.

Portanto, nesta etapa da sequência pedagógica pretende-se, a partir do cenário retratado na obra *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, juntamente com as experiências compartilhadas entre os alunos e o professor, a maior elucidação e síntese acerca dos seguintes tópicos a seguir:

- Compreensão do conceito de saneamento básico e seu acesso como direito fundamental previsto pela Constituição Federal;

- Relação da importância do acesso ao saneamento básico com a promoção de saúde e de outros direitos humanos fundamentais, como educação, moradia, trabalho, meio ambiente, lazer, acesso à água potável;
- Interpretação acerca das condições de saúde da comunidade local, cidade e do estado a partir de indicadores de saúde, tais como taxa de mortalidade infantil, incidência de doenças de veiculação hídrica, entre outros, e a sua relação com a falta de saneamento básico;
- Ressaltar a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) no tratamento e prevenção das doenças causadas pela falta de saneamento básico, tais como diarreia, esquistossomose, dengue, febres entéricas etc.;
- Compreensão acerca das populações mais afetadas pela falta de saneamento básico a partir das relações de gênero, raça e classe;
- Contextualização com a condição de pandemia da Covid-19. Os impactos da falta de saneamento básico para o controle e enfrentamento do vírus;

Como materiais de apoio para o desenvolvimento desta etapa, podemos citar:

- ✓ Documento “Mulheres e saneamento”, da BRK Ambiental, disponível na plataforma digital <<https://mulheresesaneamento.com/>>;
- ✓ Texto “Saneamento para a promoção da saúde”, Ministério da Saúde, disponível em <<http://www.funasa.gov.br/saneamento-para-promocao-da-saude>>;
- ✓ Texto “Pandemia da Covid-19 reforça necessidade de investimentos de longo prazo em saneamento”, no Portal Saneamento Básico <<https://www.saneamentobasico.com.br/covid-19-investimentos-saneamento/>>;

Aplicação daquilo que sabemos: a produção de novos saberes e sentidos a partir da comunidade pedagógica

Ao retomarmos o pensamento de bell hooks (2013), a autora defende a educação como parte fundamental para o combate às opressões estruturais. Por meio da construção das comunidades pedagógicas, é possível dialogar com temas emergentes e que atravessam as subjetividades de todos aqueles que se encontram imersos na experiência da aprendizagem engajada. A abordagem acerca da temática do saneamento básico por meio do olhar interseccional enriquece as discussões e pode fomentar a construção de vias de superação das desigualdades sociais possam.

Nesta etapa espera-se que toda a comunidade pedagógica possa aplicar seus conhecimentos após a vivência. Como proposta de formas de aplicação, podemos citar as seguintes atividades:

1. Cartas para Carolina Maria de Jesus

Esta atividade tem como objetivo incentivar que a comunidade pedagógica possa escrever cartas fictícias para Carolina Maria de Jesus. Nesse momento, tanto o aluno como o professor deverá escrever uma carta a fim de narrar a experiência de ter conhecimento do pensamento e história de Carolina. Posteriormente, essas cartas poderão ser trocadas entre os membros da comunidade pedagógica para a socialização das experiências. A narração da experiência possibilita que os alunos se sintam autores do próprio aprendizado e também de suas histórias de vida, além de poderem estabelecer vínculos afetivos acerca das contribuições da vida e obra de Carolina Maria de Jesus.

2. Produção de fanzines sobre a importância do saneamento básico

Por meio desta atividade, a comunidade pedagógica será motivada à produção de fanzines, que são folhetos informativos, de elaboração artesanal, sobre o saneamento básico (figura 3), de acordo com o que foi vivenciado nas aulas. A ideia é que todas as pessoas possam fazer e depois expor em algum veículo (blogue, Instagram, sites da turma etc.) para a socialização dos conhecimentos adquiridos.



Figura 3. Modelo de fanzine digital feito pela autora. Entretanto, o fanzine pode ser feito em folhas A4 com colagens de recortes de revistas e jornais.

Considerações finais para um futuro de engajamento

Considerar as contribuições intelectuais de vozes-mulheres para se pensar o processo educativo pode proporcionar uma aprendizagem mais solidária e compro-

metida com a justiça social. Principalmente porque a problemática do saneamento básico afeta diretamente a qualidade de vida de mulheres e de milhares de brasileiros. Pautar isso dentro de sala de aula cria possibilidades para o aprendizado em ciências e saúde a partir de uma perspectiva antirracista e antissexista. As contribuições de Carolina Maria de Jesus não se esgotam nesse trabalho. Na verdade, nos incentiva para que possamos criar cada vez mais comunidades pedagógicas engajadas com os desafios atuais. Vamos juntas?!

Referências

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, de janeiro de 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. Site da Base Nacional Comum Curricular. 2015. Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em 10 ago. 2020.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José Andrade; PERNAMBUCO, Marta Maria. *Ensino de Ciências: fundamentos e métodos*. São Paulo, Cortez, 2002.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*. Rio de Janeiro, Malê, 2017.

GOES, Emanuelle F.; RAMOS, Dandara O.; FERREIRA, Andrea J. F. "Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19". *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020.

GOMES, Nilma Lino. "Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos". *Currículos sem Fronteiras*. v. 12, n. 1, pp. 98-109, jan/abr 2012.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. 2. ed. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. *O Feminismo É para Todo Mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2019. Disponível em <<https://educaca.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>> Acesso em 10 ago. 2020.

MARTINS, I. Educação em Ciências e Educação em Saúde: breves apontamentos sobre histórias, práticas e possibilidades de articulação. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 25, n. 2, p. 269-275, abr. 2019.

STENGERS, Isabelle. *No Tempo das Catástrofes*. Cosac & Naify, 2015.

SUELI CARNEIRO. Epistemicídio. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>> Acesso em 28 ago. 2020.

XAVIER, Giovana. *Você Pode Substituir Mulheres Negras Como Objeto de Estudo por Mulheres Negras Contando Sua Própria História*. Rio de Janeiro, Editora Malê, 2019.